

# Os novos remexedores da História

**João Madeira**

Investigador do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

## 1. “a única escola do mundo, para a qual se entra a descer”

Em 1933, Manuel Rodrigues Lapa, um jovem filólogo, que se doutorara em Paris três anos antes, pronunciava uma conferência sobre *A Política do idioma e as Universidades*, fortemente crítica da qualidade de ensino superior no país.

O desassombro valera-lhe a rescisão do contrato e ainda que regressasse à faculdade, pouco depois, por concurso, não escapará à purga que se abateu em 1935<sup>1</sup> sobre a *inteligência* portuguesa liberal e democrática. O seu nome figurará entre a trintena de saneados de cargos públicos, designadamente na Universidade, ao lado de Abel Salazar, Aurélio Quintanilha, ou Adelino da Palma Carlos.

Corajoso, nesse próprio ano do saneamento, aceita dirigir o jornal *O Diabo*, onde substitui Ferreira de Castro e, apesar de censurado, perseguido, preso, desenvolverá também um trabalho editorial profícuo na *Seara Nova*, até se exilar no Brasil em 1957.

Dessa Conferência de 1933, ficará uma frase incendiária. Para Rodrigues Lapa, mordaz, aquela era “a única escola do mundo, para a qual se entra a descer”<sup>2</sup>!

No velho Convento de Jesus, onde então funcionava a Faculdade de Letras, entrava-se efectivamente através de um conjunto de degraus descendentes, cujo significado ultrapassava largamente o mero pormenor físico e que o regime, em fase de institucionalização, percebera muito bem.

A Faculdade de Letras de Lisboa vivia sob o signo da Reforma de 1930, que vigoraria ainda por mais de um quarto de século. Uma população de alunos que só a partir de 1938 ultrapassara os setecentos, frequentando os seis cursos clássicos – as Filologias, Clássica, Românica e Germânica, a História, a Geografia e a Filosofia, assegurados por um corpo de professores, que só em 1940 atingiria as três dezenas<sup>3</sup>.

Não obstante as excepções, escassas, predominava um “estendal de miséria docente”<sup>4</sup>, nas palavras de Mário Dionísio, jovem estudante de Filologia Românica que aí estudou nesses anos 30. Havia professores que “só sabiam dar aulas (de Latim, por exemplo) com edições bilingues na mão ou (de História de Portugal) lendo a sebenta que ditavam há dezenas de anos e que exigiam ver reproduzida na prova *ipsis verbis*”<sup>5</sup>.

Em Coimbra ou no Porto a situação não era significativamente diferente, ainda que, principalmente no caso de Coimbra, a Universidade integrasse nomes importantes pela erudição, como Joaquim de Carvalho; pelo esforço sistematizador como Damião Peres ou pelo empenho na actualização, ainda que muito condicionado pela ideologia do regime, como Torquato de Sousa Soares. Todavia, não era isso que amenizava a rigidez ou que rompia com a esterilidade da produção científica.

<sup>1</sup> Cf. Decreto-Lei n.º 25 317, de 13 de Maio de 1935.

<sup>2</sup> Cit. por Mário Dionísio, in *O quê? Professor?!*, Lisboa, Abril em Maio, 2001, p. 25.

<sup>3</sup> Cf. A.H. de Oliveira Marques, “Notícia Histórica da Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1961)”, in *Ensaios de Historiografia Portuguesa*, Lisboa, Palas, 1988, pp 123-161.

<sup>4</sup> Mário Dionísio, *Autobiografia*, Lisboa, O Jornal, 1987, p. 22.

<sup>5</sup> Mário Dionísio, *O quê? ...*, p. 26.



**Alexandre Cabral, António Borges  
Coelho e Orlando da Costa  
na Associação Portugal - URSS**  
Anos 70 (Séc. XX)

A institucionalização do Estado Novo, acelerando ao dobrar o meio da década, reforçava o conservadorismo intelectual e se ao regime se tornava difícil proceder a uma profunda substituição das elites académicas, tornava-se implacável na anulação persistente da tradição académica liberal e republicana, fosse através da depuração e do afastamento compulsivo da Universidade, ou fosse pela intimidação e pelo amedrontamento, a provocar retraimento e indiferentismo nos mais timoratos.

No campo da História, o trabalho de legitimação do regime fazia-se inclusivamente fora da Universidade, sem que isso significasse menor interesse ou menor importância pela questão. O regime contava com historiadores ao seu serviço, principalmente de origem integralista, como João Ameal, Caetano Beirão ou Manuel Múrias, mas também monárquicos como Alfredo Pimenta e Cabral de Moncada, embora este fosse professor universitário, em Coimbra.

O interesse do regime pela História era evidente. Salazar em 1936 dizia que “A nossa causa [...] resulta da história e da nossa formação moral”<sup>6</sup>. Daí a necessidade de apresentar o Estado Novo como redentor da História, período de viragem, de superação de um longo período de crises, tumultos e conflitualidades, que se vinha sucedendo do consulado pombalino ao golpe de Gomes da Costa, resgatando para o seu ideário épocas tornadas resplandecentes como a fundação, a organização do reino ou a Expansão.

Em 1934 Caetano Beirão passa em revisão o reinado de D. Maria I<sup>7</sup>, enquanto Alfredo Pimenta, no mesmo ano, fixa os Elementos de História de Portugal “para uso no ensino secundário absolutamente de acordo com o respectivo programa”<sup>8</sup>. Alguns anos depois João Ameal e Rodrigues Cavalheiro publicam as suas “erratas à História de Portugal”<sup>9</sup> e Ameal, logo de seguida, reafeiçoa o perfil de D. Miguel, rei<sup>10</sup>.

Ameal traz aliás a público, também em 1940, uma *História de Portugal*, que será sucessivamente reeditada, constituindo obra histórica de conjunto de referência para o regime. O seu propósito está patente desde o próprio prefácio, enunciando como objectivo superior, libertar a História de Portugal de um “sadismo negativista e demolidor”<sup>11</sup>, que a teria falsificado, conspurcado e desfeito, contrapondo-lhe “a intenção primordial de servir Deus e a Pátria”<sup>12</sup>.

Por isso, é significativo que o capítulo referente ao constitucionalismo monárquico seja titulado “Sob o signo de Caim”, a revolução de 1820 designada “Diabo à solta”, o período miguelista “Calvário da legitimidade” ou todo o período da República de “Balbúrdia sanguinolenta”, por oposição à “Reconquista da Ordem”, que o 28 de Maio inauguraria.

Outros autores, como Torquato de Sousa Soares procuram na origem, na evolução e na caracterização dos municípios portugueses a fonte histórica dos organismos corporativos<sup>13</sup>.

De fora, olhadas com suspeição e anatemizadas estavam, evidentemente, temáticas relacionadas com a história económica e social ou com uma história política que abordasse períodos malditos como o constitucionalismo monárquico ou a República.

Não admira, por isso, que na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a cadeira de Estudos Brasileiros, por exemplo, terminasse com a independência do Brasil<sup>14</sup>.

Apesar disso, na Universidade e fora dela, alguns historiadores, mais sensíveis à tradição historiográfica liberal, vão colaborar nas grandes sínteses patrocinadas ou toleradas pelo regime, como a *História de Portugal*, de Barcelos, dirigida por Damião Peres, professor na Universidade de Coimbra, cuja publicação se concluíra em 1937, ou mesmo a *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, que se publica entre 1937 e 1940 e que é dirigida por Manuel Múrias, mas também por António Baião e Hernâni Cidade.

Todavia, suficientemente prudentes e acomodados, distanciam-se de uma produção historiográfica que, pelas temáticas ou mesmo pelas metodologias, fosse susceptível de irritar o regime e atrair sobre si a sua sanha persecutória.

Nesta linha, procuravam também não arriscar a dimensão interpretativa, confinando-se à análise e descrição de fontes, ainda que ampla e rigorosa. Era também, cada um a seu modo, o caso de João Lúcio de Azevedo, de David Lopes ou de Queiroz Veloso<sup>15</sup>.

Tratava-se de uma espécie de território conveniente e prudentemente desarmadilhado, em que faziam repousar influências mais ou menos depuradas ou esgotadas de Alexandre Herculano ou de Oliveira Martins.

Hernâni Cidade, por exemplo, que mantinha com os seus alunos uma relação cordata e intelectualmente estimulante, calava-se amedrontado diante das diatribes e perseguições do regime.

Ilegalizado o *Diário Liberal*, por suspeita de envolvimento nos acontecimentos revolucionários do 18 de Janeiro de 1934, Cidade é apanhado nesse torvelinho, pois figurava como membro da Comissão Directiva do jornal, e rogava que não lhe fizessem manifestações de solidariedade.

Recorda Mário Dionísio que Hernâni Cidade, quando contactado para que contribuísse para ajuda aos estudantes presos, “mastigava em seco, olhava, receoso, para o lado, acabava por dar alguma

<sup>6</sup> Cit. por Carlos M[aurício], “História”, in *Dicionário de História de Portugal* (António Barreto e Maria Filomena Mónica, Coordenadores), Volume VIII, Porto, Figueirinhas, 1999, p. 174.

<sup>7</sup> Cf. Caetano Beirão, *D. Maria I: 1777-1792: subsídios para a revisão da história do seu reinado*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934.

<sup>8</sup> Cf. Alfredo Pimenta, *Elementos de História de Portugal: elaborados para uso do ensino secundário, absolutamente de acordo com o respectivo programa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934.

<sup>9</sup> Cf. João Ameal e Rodrigues Cavalheiro, *De Dom João V a Dom Miguel – erratas à História de Portugal*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1939.

<sup>10</sup> Cf. João Ameal, *Verdadeiro Perfil de El-Rei D. Miguel*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1940.

<sup>11</sup> Cf. João Ameal, *História de Portugal*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1962 [5ª edição], XI.

<sup>12</sup> Idem, XIII.

<sup>13</sup> Cf. Torquato de Sousa Soares, *Apontamentos para o estudo da origem das instituições municipais portuguesas*, Lisboa, s.e., 1931.

<sup>14</sup> Cf. Mário Dionísio, *O quê? ...*, p. 27.

<sup>15</sup> Cf. Vitorino Magalhães Godinho, “A historiografia portuguesa: orientações, problemas perspectivas”, Separata dos n.ºs 21 e 22 da *Revista de História*, 1955, pp 8-9.

<sup>16</sup> Mário Dionísio, *O quê?...*, p. 30.

<sup>17</sup> Cf, por exemplo, Francisco Ramos da Costa, *Esclarecendo* ou Manuel Filipe, *Sobre o valor da teoria marxista*, in *Liberdade*, n.ºs 248 e 253, de 11 de Fevereiro e 31 de Março de 1935, respectivamente.

<sup>18</sup> Academia das Ciências de Lisboa. Legado Júlio Fogaça, 61/1, 4-7, Dossier 5, s.t., s.d., mns., 1 p.

<sup>19</sup> Cf. Fernando Piteira Santos, in *Incomodidade Necessária*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 1991, p. 57.

coisa com a garantia de que ninguém o saberia, e classificava-se a si mesmo, com uma franqueza que nos desarmava: ‘Nem todos somos iguais; a coragem do [Rodrigues] Lapa é para 20, a minha não vai além de 12’<sup>16</sup>.

Entre os desafios dolorosos que a conjuntura criava a cada dia e a agressividade repressiva do regime, num quadro internacional de emergência dos fascismos, ia-se contaminando a vida cultural e científica, com efeitos pesados na própria Universidade.

No caso, a produção historiográfica esmorecia, fortemente condicionada e constringida, ao mesmo tempo que pela Europa irrompiam vigorosos movimentos de renovação historiográfica, como o que ocorreu em França, em torno da revista *Annales*.

## 2. A missão

Nas Universidades, a pequena população estudantil vinha-se radicalizando desde o início da década, melhor uma minoria da pequena população estudantil, mas activíssima. Sectores desta juventude evoluíam do republicanismo de esquerda, jacobino, maçónico, bem como da influência seareira, em direcção ao marxismo.

A segunda metade da década de 30, a Guerra Civil de Espanha que foi internamente acompanhada pela fascização do regime, pelo agravamento da crispação, da agressividade e da repressão política, suscitava emotivas urgências na solidariedade com o campo republicano.

O campo político e cultural polarizava-se acentuadamente. Essa evolução está de algum modo patente própria forma como, por exemplo, evolui a linha editorial do jornal *Liberdade – Órgão Académico Republicano* de 1928 a 1930, *Semanário Republicano* até 1933 e, por fim, *Semanário Republicano de Esquerda* até Março de 1935, quando cessa a publicação, já com forte contaminação marxista. Nesta última fase, Álvaro Cunhal, Francisco Ramos da Costa, Mário Dionísio, Vasco Magalhães-Vilhena ou Álvaro Salema integram o Grupo dos Amigos do *Liberdade*, já todos no PCP ou na sua orla mais próxima, com as páginas do jornal a acolherem sugestivos artigos de evidente cunho marxista<sup>17</sup>.

Como o *Liberdade*, outros jornais, de duração mais ou menos efémera iam por estes anos reflectindo esta radicalização de sectores intelectuais e estudantis – *Gládio*, *O Povo*, *Gente Nova*, *Humanidade*...

Multiplicavam-se os grupos de jovens, criados num ambiente de inconformismo incontido – a União Cultural Mocidade Livre, a que pertenceu Francisco Lyon de Castro; a União Fraternal Republicana, de Fernando Mougá ou o grupo *Vida Nova*, a que pertencia Júlio Fogaça e sobre o qual escrevia:

“‘Vida Nova’ encerra em si a vontade de um grupo de homens novos em rebelião contra o mundo em que vivem, um mundo de interesses mesquinhos que rebaixa e calca aos pés todos os elementos humanos e dignificadores do homem”<sup>18</sup>.

Fogaça vai aderir ao PCP em 1934 e ascender ao Secretariado no ano seguinte, tudo de modo muito rápido. Este inconformismo e espírito de revolta constitui um traço de geração naqueles anos 30.

Por essa altura, e antes, os Grupos de Defesa Académica enfrentavam nas ruas, em confronto físico corajoso, as manifestações da Associação Escolar Vanguarda. O BAAF, Bloco Académico Anti-Fascista, pouco depois, começaria a agrupar, com o espírito frentista de inspiração dimitroviana, esta juventude – jovens comunistas, republicanos radicais, socialistas de esquerda, sem partido, crescendo até 1938, altura em que seria desmantelado pela polícia.

Numa reunião de representantes do BAAF, que se realizou em 1937 na Praia da Adraga, vieram de Coimbra Armando Castro, da Faculdade de Direito, José Martins, de Letras e Joaquim Namorado, de Ciências. De Lisboa, estiveram Piteira Santos, de Letras, Hugo Batista Ribeiro, de Ciências, que integravam a direcção nacional da organização<sup>19</sup>. Ao Bloco Académico pertenciam ainda, em Lisboa, na Faculdade de Direito, Manuel João da Palma Carlos e Manuel Campos Lima, assim como Vitorino Magalhães Godinho, o seu primo Vasco de Magalhães-Vilhena, Álvaro Salema, Cândida Ventura, Judite Cortesão, Mário Dionísio, todos de Letras.

Na escola do Convento de Jesus, Alberto Araújo, um pouco mais velho, já militante comunista, que se tornara um dos principais colaboradores de Bento Gonçalves e que ascenderia ao Secretariado do Comité Central do PCP em 1936, tinha ascendência sobre este grupo, vindo a ser preso pouco tempo depois e deportado para o Tarrafal.

No claustro do convento, discutiam o dia a dia de expectativas e dramas da guerra civil que alastrava por Espanha. Vinham encontrando na Federação das Juventudes Comunistas e no BAAF o caminho da acção política, dever de compromisso, de envolvimento, de militância. Mas tratava-se ao mesmo



**Revolta e deportação de marinheiros**  
8 Setembro de 1939  
Fototeca do Palácio Foz/P.C.M.- O Século

**Tropas em Leiria após a revolta na Marinha Grande**  
18 Janeiro de 1934  
Fototeca do Palácio Foz/P.C.M.- SNI

<sup>20</sup> Cf. António Pedro Pita e Luís Augusto Costa Dias, "A imprensa periódica na génese do movimento neo-realista (1933-1945)", Vila Franca de Xira, CMVFX/Museu do Neo-realismo, 1996.

<sup>21</sup> Fernando Piteira Santos, "Cultura e Juventude", in *Sol Nascente*, 36, de 1 de Maio de 1939.

<sup>22</sup> Rodrigo Soares [Fernando Pinto Loureiro], "A missão dos novos escritores. Os escritores são engenheiros de almas", in *O Diabo*, 265, de 21 de Outubro de 1939.

<sup>23</sup> Cf. Fernando Piteira Santos, "A 'historiografia marxista' e a moderna História de Portugal", in *Jornal de Letras*, de 21 de Julho de 1992.

<sup>24</sup> Cf. Carlos Bastien, "Marxism labour movement and Culture in Portugal", in *Estudos de Economia*, XIII-2, Janeiro-Março de 1993, pp. 151-156.

<sup>25</sup> Relatório e memórias de Jules Humbert Droz sobre a sua missão e permanência em Portugal em 1923, in César Oliveira, *O Primeiro Congresso do Partido Comunista Português*, Lisboa, Seara Nova, 1975, pp. 75-76.

tempo de um grupo de capacidades intelectuais acima do comum, que aliava a prestação académica com a prestação política, com toda a coragem necessária e com todos os custos pessoais que daí resultavam.

Era a consciencialização que a função do intelectual, particularmente do jovem intelectual, passava pelo envolvimento político e social. Afirmavam-no sob a forma de artigos de opinião e ensaios numa imprensa juvenil e cultural que se multiplicava pelo país<sup>20</sup>, que tinha em *O Diabo* e no *Sol Nascente* a sua primeira linha, embora sob vigilância censória que a viria sistematicamente a proibir até 1940.

Nessas páginas ia-se definindo como que um programa cultural comum que em Maio de 1939 Fernando Piteira Santos sistematiza nas páginas do *Sol Nascente* – extinguir o analfabetismo e estudar as realidades nacionais, procurar "soluções portuguesas para os problemas portugueses"<sup>21</sup>, do ponto de vista económico, social, cultural.

Poucos meses depois, de modo ainda mais esclarecedor, Fernando Pinto Loureiro, publica a partir de Coimbra em *O Diabo*, sob pseudónimo de Rodrigo Soares, um artigo sobre a missão dos novos escritores, que deveriam ser "engenheiros de almas", recorrendo a uma expressão de Estaline.

Loureiro exorta os escritores e os poetas, os jornalistas e os tradutores, os ensaístas a estarem à altura das realidades do seu tempo, a intervirem nos combates que se travavam. Mas refere-se também aos jovens historiadores, como ele, de resto:

"Aos novos remexedores da História – que ainda não apareceram, mas já se preparam entre alguns dos mais lúcidos e cultos dos escritores jovens – caberá construir a história do nosso país com novo método e a partir de novas bases"<sup>22</sup>.

Como se de uma missão e de um combate a travar afinal se tratasse.

### 3. "Leis do desenvolvimento histórico"

O impacto das ideias de Marx em Portugal no século XIX foi muito débil, praticamente irrelevante. Apesar da passagem dos delegados da Associação Internacional de Trabalhadores pelo país, da evolução da corrente socialista em direcção ao velho Partido Socialista Português ou das influências, ténues, nos homens da Geração de 70<sup>23</sup>.

A posição semi-periférica do país e o seu profundo arcaísmo industrial não ajudavam a que a penetração do marxismo nos meios sindicais, aliás praticamente inexistentes, e entre os trabalhadores, se fizesse sentir. Apenas pequeníssimos núcleos foram tocados pelas diferentes correntes socialistas e na disputa hegemónica entre essas várias correntes, o marxismo teve dificuldades em se afirmar.

Já no início do século XX, as obras marxistas não parecem ter merecido a atenção dos meios editoriais, havendo apenas referência a algumas traduções do *Manifesto do Partido Comunista* nos últimos anos de Oitocentos e de *O Capital*, em 1912, mas cujo alcance é muito limitado<sup>24</sup>.

Mesmo as primeiras vagas de embate da revolução bolchevique não tiveram repercussões significativas. O próprio Partido Comunista Português, nos seus anos iniciais de vida legal, manifestou sérias e profundas resistências à assimilação da teoria marxista, como à aplicação dos preceitos de bolchevização.

Jules Humbert Droz, enviado pela Internacional Comunista a Portugal em 1923, pelo 1º Congresso do PCP, reconhece que o partido, "Constituído por camaradas que na sua grande maioria eram anarquistas sindicalistas que as experiências da guerra e da Revolução Russa faziam evoluir para o comunismo, não tinha ainda a clareza doutrinária e a segurança táctica de outras secções da Internacional"<sup>25</sup> e o conjunto de acções de depuração levadas a cabo em nada contribuíram para melhorar a situação.

Os primeiros esforços sérios de bolchevização do partido ocorrem depois da reorganização de 1929, sob o impulso de Bento Gonçalves, mas fortemente condicionados pela violenta repressão policial, que continuaria a limitar de modo decisivo o processo de apropriação e de educação dos quadros e militantes no marxismo, nesta altura já na versão hifenizada com o leninismo, que Estaline, através da Internacional Comunista, erigira em doutrina oficial.

As circunstâncias históricas de afirmação do marxismo em Portugal continuariam assim a ser duramente condicionadas por uma situação objectiva, política e cultural, profundamente adversa.

O que a década de 30 traz efectivamente de novo é justamente a ruptura com a tradição liberal e, fundamentalmente, com a herança seareira, exprimindo-se nos estreitos interstícios e margens de liberdade tolerados ou despercebidos pelo regime.

A polémica entre José Rodrigues Miguéis e Castelo Branco Chaves, mas na realidade com a direcção da Seara Nova, tem vindo a ser apontada como a primeira polémica consistente que, a partir de um

ponto de vista marxista, confrontou a herança da Geração de 70 enquanto concepção cultural hegemónica na esquerda portuguesa do tempo, retomando “a assumpção revolucionária da polémica entre Proudhon e Marx”<sup>26</sup>.

Emerge desta polémica um novo paradigma de intelectual, em torno do qual se vai reconfigurar a esquerda intelectual portuguesa, fazendo aí confluír a necessidade de superação da crise e dos impasses a que o republicanismo “histórico” tinha conduzido, cavando um divórcio profundo com o povo.

Clamavam por isso por reformas radicais, socializantes, como forma de regenerar e reabilitar a ideia de República, agora social e popular. Era a republicanização da República. Queriam ocupar claramente o espaço deixado aberto por um Partido Socialista que no início dos anos 30 estagnava, paralisado e decadente<sup>27</sup>.

É possível encontrar, ainda na primeira metade dessa década, referências ao marxismo através da publicação de textos de doutrina nas páginas do *Liberdade*, por exemplo<sup>28</sup>. Todavia, o percurso seguido por Bento de Jesus Caraça parece apontar no desenvolvimento de um pensamento marxista aplicado ao campo cultural, considerados dois textos fundamentais – *Cultura e emancipação*, de 1931 e *A cultura integral do indivíduo, problema central do nosso tempo*, de 1933.

Em particular este último texto, que foi apresentado em público pela primeira vez numa conferência promovida pela União Cultural Mocidade Livre, o grupo de Francisco Lyon de Castro, que, como outros e algumas associações sindicais se alinhavam com as iniciativas e os propósitos da Universidade Popular Portuguesa; espaço de encontro de várias gerações, mas também de várias extracções sociais – operários e jovens estudantes, designadamente<sup>29</sup>.

Atestando a influência de Bento Caraça, Vitorino Magalhães Godinho publica em 1934, na *Página da Mocidade*, suplemento juvenil a que a direcção da *Seara Nova* condescendia espaço, um texto sobre o conceito de homem integral<sup>30</sup>.

O impacto da reflexão de Bento Caraça era vasto, mas inscrito num plano cultural lato, muito substanciado nos seus projectos na Universidade Popular, no jornal *Globo* ou nas várias tentativas de editoriais e revistas; já a complexidade da raiz marxista em que os fundamentos doutrinários dessa reflexão entroncavam não parece ter podido ser suficientemente apreendida.

A reflexão de Bento de Jesus Caraça, centrada na problemática da filosofia da cultura, muito inspirada em Romain Rolland toma o marxismo como síntese das grandes realizações da civilização burguesa e, nessa justa medida, adquire a feição historicista que a enforma, terreno por onde questiona e se distancia das formulações deterministas e finalistas, em que assentavam as concepções prevalecentes no movimento comunista internacional, ainda que com isso pudesse conviver ao abrigo das dinâmicas da luta política concreta de que tomava parte e partido<sup>31</sup>.

Mas a difusão dessas concepções marxistas prevalecentes era fugaz e muito parcelar, mesmo nas fileiras do Partido Comunista Português. Os seus dirigentes, em 1932, reconheciam não existir literatura marxista-leninista em língua portuguesa nem a possibilidade de acesso regular às publicações da Internacional Comunista.

Era por via de edições estrangeiras, algumas editadas na Espanha republicana de então, que se traduziam e conseguiam publicar excertos de obras marxistas na imprensa legal, normalmente textos de divulgação, sínteses simplificadoras que funcionavam, entre nós, como também a nível internacional, como sebatas ou manuais de divulgação e formação elementar.

*A Teoria do Materialismo Histórico. Manual popular de teoria marxista*, de Nicolau Bukharine ou o *Materialismo Histórico e o Materialismo Dialéctico*, de Estaline circulavam, sendo publicados excertos em revistas da época, como *Liberdade*, *Sol Nascente* ou *Síntese* ao longo da segunda metade da década<sup>32</sup>.

O processo de apropriação do marxismo foi, por isso, mesmo por parte da intelectualidade, fundamentalmente baseado em obras secundárias de intenção divulgadora, sínteses orientadas para “crescimento rápido” dos que as liam, alimento para a acção política, militante.

Acrescia que a premência do combate quotidiano, duro, tantas vezes físico, dificilmente se compadecia com a concentração e a disponibilidade para o estudo, para a reflexão, para a investigação, que era, para mais, quase completamente exterior ao meio académico, praticamente individual, assente apenas num conjunto de laços e redes informais, cujo cimento era prioritariamente de natureza política, imediata.

Este imediatismo e o ambiente profundamente conservador da Universidade não facilitavam as tarefas que em 1939 alguns destes jovens elencavam; favoreciam, pelo contrário, um certo despreendimento ostensivo e arrogante em relação a tarefas puramente intelectuais.

Álvaro Cunhal em artigo publicado em *O Diabo* dissertava contra os intelectuais desligados do povo – “Qual intelectual escreveria um artigo acerca das ‘solas rotas dos sapatos’? Em compensação o intelectual mais barato sente-se capaz de escrever acerca da teoria do conhecimento”<sup>33</sup>.

<sup>26</sup> António Pedro Pita, “A recepção do marxismo pelos intelectuais portugueses”, Oficina do CES, 12, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 1989, p. 3.

<sup>27</sup> Cf. António Pedro Pita, “O marxismo na constituição ideológica e política do Partido Comunista Português”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 40, Outubro de 1994, pp. 99-100.

<sup>28</sup> Cf. Idem, p. 101.

<sup>29</sup> Cf. *Cultura e emancipação – obra integral de Bento de Jesus Caraça*, 1 (Coordenação de Luís Augusto Costa Dias, Helena Neves e António Pedro Pita), Porto, Campo das Letras, 2002, pp. 190-193.

<sup>30</sup> Cf. Luís Augusto Costa Dias, “Uma Anti-Seara em ‘Seara Nova’”, *Cadernos do CEIS20*, 3, Coimbra, 2002.

<sup>31</sup> Cf. António Pedro Pita, “O marxismo na constituição ideológica e política do Partido Comunista Português”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 40, Outubro de 1994, pp. 89-108.

<sup>32</sup> António Pedro Pita, “A recepção do marxismo...”, pp. 18-23.

<sup>33</sup> Álvaro Cunhal, “Um certo tipo de intelectuais”, in *O Diabo*, 224, de 7 de Janeiro de 1939.

<sup>34</sup> Fernando Piteira Santos, “Considerações acerca da vida pública e dos meus compatriotas”, in *O Diabo*, 244, de 27 de Maio de 1939.

<sup>35</sup> Gabriel Coutinho [José Estaline], “Leis do desenvolvimento histórico”, in *Sol Nascente*, 34, de 1 de Março de 1939.

<sup>36</sup> Manuel Campos Lima, “Marat. I: Nas vésperas da Revolução”, II: “O homem na tempestade”, III: “A ascensão para a glória e morte”, in *O Diabo*, nºs 267, 269 e 275, de 4 e 11 de Novembro e de 1 de Dezembro de 1939, respectivamente.

<sup>37</sup> Manuel Campos Lima, “Marat. III...”.

<sup>38</sup> Manuel Campos Lima, “Saint-Just. Uma atitude perante a vida”, in *O Diabo*, 238, de 15 de Abril de 1939.

Num registo semelhante e na mesma altura, Fernando Piteira Santos insurge-se contra o discurso nacionalista do regime quando o bem-estar da população está por cumprir: “Não se garante a cada português o quinhão de felicidade a que tem direito pela invocação quotidiana das glórias passadas, irremediavelmente passadas, mas ao contrário pela luta de todos os dias por um presente melhor, por um futuro desafogado, pelo alargamento a todos os portugueses dos benefícios da cultura e do progresso técnico”<sup>34</sup>.

O tom deste discurso poderia induzir a um certo pendor anti-histórico num contexto político muito tenso, que levaria, por isso mesmo, a desvalorizar a importância da História, mesmo que de uma nova História, construída a pensar no povo.

Mas sob o turbilhão da luta política e do seu imediatismo, esta geração de jovens mantinha vivo o interesse pelo conhecimento da sociedade portuguesa. No fim dos anos 30, na viragem para a década seguinte, quando terminavam os seus cursos universitários, mesmo que do ponto de vista profissional os horizontes se lhes fechassem, acabavam por não conseguir virar completamente as costas aos campos científicos em que se licenciaram, fosse a História, a Filosofia, o Direito ou a Literatura.

Todavia, as fontes doutrinárias do marxismo a que conseguiam aceder baseavam-se fundamentalmente nas “leis do desenvolvimento histórico”, como eram enunciadas nas páginas do *Sol Nascente* por um tal Gabriel Coutinho, que não era afinal senão um pseudónimo de José Estaline, para que o texto conseguisse furar as malhas da censura:

“[...] se a ciência histórica quiser ser uma ciência verdadeira, não pode reduzir-se aos feitos de “nomes” afinal circunstanciais. Em vez de história de “nomes” deve ser história de povos.

E a chave que permite abrir a porta das leis históricas, deve ser procurada no cérebro dos homens, não nas opiniões e nas ideias da sociedade, mas no modo de produção praticado por cada época histórica.

Por isso, a tarefa primordial da ciência histórica é o estudo e a descoberta das leis da produção, das leis do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção”<sup>35</sup>.

Concebido, como ciência, dotado de um corpo de leis “universais”, fundado em esquematismos de carácter determinista, o marxismo tornava-se como que um novo positivismo, apto a fornecer a grelha quer para a abordagem “científica” do real quer para a análise histórica.

Era esta a versão dominante do marxismo que acabaria por marcar a segunda metade dos anos 30, uma visão simplificada, que se tornaria por isso mesmo empobrecedora e redutora, tornando-se difícil que pudessem constituir a moldura doutrinária capaz de alimentar a jovem geração intelectual nas suas primeiras tentativas de produção historiográfica, num contexto para mais emparedado pela estrutura repressiva do regime e por uma conjuntura internacional que se tornava particularmente adversa nos últimos anos da década.

#### **4. “ao milagre das batalhas sobrepomos a consciência nacional do povo”**

Apenas a partir de meados de 1939 é que nas páginas da imprensa cultural de esquerda, designadamente em *O Diabo* e no *Sol Nascente*, começam a aparecer artigos e notas críticas de intenção historiográfica, subscritas por esta geração de jovens intelectuais engajados politicamente e fortemente influenciados pelo marxismo. Todavia, eram textos de dimensão e de consistência muito desigual.

Isso correspondia também, em boa medida, à orientação que esses jornais adoptaram por essa altura, designadamente *O Diabo* na passagem da Direcção de Adolfo Barbosa para Guilherme Morgado e, finalmente, com Manuel Campos Lima.

Manuel Campos Lima, estudante de Direito publica nos últimos meses de 1939 uma biografia de Marat, em três artigos<sup>36</sup>, que tinha um intuito evidentemente político, não ultrapassando a dimensão meramente publicista, ainda que relativamente enrobustecida pelo nível de citações. Propagandeava no fundo a figura de Marat, “O Amigo do Povo”, um dos radicais da Revolução Francesa. Com as circunstâncias da sua morte, conclui o jovem Campos Lima – “O coração parou. Parou a luta. Mas a Revolução não pára, a Revolução prossegue”<sup>37</sup>.

Campos Lima havia, aliás, meses antes publicado um primeiro artigo biográfico de Saint-Just, elogiando a sua generosidade, como a de Robespierre, engolidos por uma revolução, cujo fim, temporão, se prenunciava: “Saint-Just desaparece da luta, em plena juventude, em plena promessa de vitórias radiantes. Agora já Bonaparte tem o caminho livre. Seus sonhos imperiais podem realizar-se. O sol de Austerlitz e de Wagram já brilha ao longe”<sup>38</sup>.

Com maior consistência histórica, apenas os longos artigos de Tomás da Fonseca, mais de uma dezena, sobre “D. Afonso Henriques e a fundação da nacionalidade portuguesa”, que haveria de publicar em livro uns bons anos mais tarde<sup>39</sup> inscrevendo, na tradição de Alexandre Herculano, preocupações de erudição e de contextualização mais ampla, interligando o social e o político.

Tomás da Fonseca, ainda fortemente impregnado de anticlericalismo, juntava-se ao esforço de fazer uma História assente no rigor científico que caracterizava o labor de um punhado de historiadores maiores, praticamente isolados no tempo e no ambiente que os rodeava, como António Sérgio ou Jaime Cortesão, em quem se evidenciavam preocupações perseverantes na edição crítica de fontes, caminhando no sentido da publicação de expressivas sínteses. Mas uma historiografia que de marxista não tinha nada.

Já com Mário Seabra Novais, ou quem se esconde sob este provável pseudónimo, que publica dois interessantes artigos, um sobre a questão dinástica em 1580<sup>40</sup> e o segundo sobre as lutas da Coroa e do clero com D. Sancho I<sup>41</sup>, se é percebida a proximidade, e a simpatia, com Herculano, acrescem-se-lhe, particularmente neste, intuítos reinterpretativos que, não questionando o essencial, abrem o caminho por onde emerge a inspiração marxista, na valorização do papel da burguesia nascente, na sua aliança com o rei para combater os interesses “suseranos” da nobreza e do clero, anti-nacionais e contrários ao devir histórico.

Há, evidentemente, também aqui, um sentido utilitário. Antes do mais, porque transmite uma lição para aquele presente, de extracção doutrinária:

“Desta luta que se desenrolou mais de três anos, ficou-nos a memória desses dois grandes chefes populares, João Alvo e Pedro Feudo-tirou, que nos alvares da nacionalidade abrem o caminho para as futuras lutas populares e a lição do cuidado que é necessário haver nas alianças entre classes diferentes, lição essa que deu a seguinte magnífica página de Herculano...”<sup>42</sup>.

Viviam-se tempos difíceis, as esperanças da República espanhola esvaíam-se com a terrível vitória do nacionalismo franquista, eclodia a segunda guerra mundial e o mundo assistia perplexo ao Pacto germano-soviético. Ensoberbecido, o regime consolidava-se e numa ofensiva de grandes dimensões celebrava o império com as comemorações dos Centenários e a Grande Exposição do Mundo Português, realizações de elevada densidade simbólica, momento alto de afirmação do regime e de uma propaganda tão intensa e estridente quanto asfixiante.

O regime enformara a Exposição de um nacionalismo exacerbado e arrogante que queria afirmar a pureza da civilização nacional através da sua projecção universal, da sua unidade de base religiosa, motivo de subido orgulho nacional, factor de mobilização colectiva, ao fim e ao cabo, como se dizia, um “Resumo do Portugal de todos nós e do Portugal de cada um de nós”.

Em *O Diabo* respondia-se, como era possível, a esta euforia, à agressividade ideológica como o regime se comemorava, relegitimando-se, a si próprio. Adriano de Gusmão procede a uma abordagem crítica à Grande Exposição do Mundo Português no plano da História de Arte; Huertas Lobo debruça-se sobre os aspectos etnográficos; Jorge Borges de Macedo sobre a História, tanto mais que o regime designara o próprio espaço da exposição como “a cidade da História”.

Macedo é um jovem de 19 anos, aluno do curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa quando publica o *A História na Exposição de Belém*, com destaque de primeira página. Investe fundamentalmente contra a redução caricatural e o anacronismo, em sua opinião pouco sustentáveis pelo rigor histórico.

Mas entende também que do ponto de vista didáctico, a exposição é pouco consistente:

“A retrospectiva não é o forte da Exposição: alguns quadros respiram um ambiente de ‘histórias’ que na verdade prejudica outros aspectos interessantes como por exemplo a notável exposição dos cartógrafos, cuja continuação seria de aconselhar, ou ainda um ou outro quadro disperso [...]. Esta insuficiência retrospectiva não podia deixar de se projectar uma deficiência didáctica: numerosos quadros têm o carácter de flutuante e de irreal que não convida de modo nenhum à convicção”<sup>43</sup>.

Macedo, tal como os seus companheiros, parecia fundamentalmente preocupado em evidenciar debilidades no rigor histórico e na consistência científica da produção de intenção historiográfica, como se esse constituísse um eixo primordial da sua crítica, como se essa revelação crua pudesse configurar um primeiro e decisivo passo antes de se abalançar na escrita da História propriamente dita.

Neste estrito sentido, da crítica ao rigor e à consistência, convergiam em preocupações e objectivos com aqueles que ao tempo escreviam efectivamente uma História diferente da hagiografia nacionalista – Jaime Cortesão, António Sérgio, Duarte Leite, Veiga Simões –, cujo esforço ambicionavam prosseguir<sup>44</sup>.

Talvez por isso, mas seguramente que condicionado pela censura, Jorge de Macedo não se adianta muito pela desconstrução ideológica do conteúdo da Exposição, embora deixe suficientemente claro que o seu carácter apologetico, como a exclusão das classes laboriosas e dos seus ambientes, limitam drasticamente a amplitude e a profundidade histórica da iniciativa.

<sup>39</sup> Tomás da Fonseca, *D. Afonso Henriques e a fundação da nacionalidade*, Coimbra, Coimbra Editora, 1949.

<sup>40</sup> Cf. Mário Seabra Novais, “Um aniversário. De Almeirim à derrocada”, in *O Diabo*, 241, de 6 de Maio de 1939.

<sup>41</sup> Cf. Mário Seabra Novais, “Uma página de história portuguesa. Luta do Rei e do Povo com o bispo Martinho Rodrigues”, in *O Diabo*, 269, de 18 de Novembro de 1939.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Jorge de Macedo, “A História na Exposição de Belém”, in *O Diabo*, 325, 14 de Dezembro de 1940.

<sup>44</sup> Cf. Fernando Piteira Santos, “A ‘historiografia marxista’ e a moderna História...”.

45 Albertino Gouveia [Armando Castro], *O económico na história*, in *Sol Nascente*, 42, de 15 de Janeiro de 1940.

46 Idem.

47 Idem.

48 Rodrigo Soares [Fernando Pinto Loureiro], “Síntese da História Económica do Brasil, por Afonso Arinos de Melo Franco, Rio-1939”, in *Sol Nascente*, 36, de 1 de Maio de 1939.

49 Idem.

50 Cf. “A missão dos novos escritores. Os escritores são engenheiros de almas”, in *O Diabo*, 265, de 21 de Outubro de 1939.

51 Mário Seabra Novais, “A revolta de Évora e o 1º de Dezembro”, in *O Diabo*, 271, de 2 de Dezembro de 1939.

52 Joaquim Namorado, “Significação do passado”, in *O Diabo*, 301, de 29 de Junho de 1940.

Nesse caminho a desbravar, arriscam acrescentar, com maior ou menor desenvoltura, um nível de reflexão que decorria do contacto com a literatura marxista disponível. Albertino Gouveia, na verdade Armando Castro, publica no *Sol Nascente* justamente um artigo sobre “O económico na história”, em que, porventura dado o seu carácter mais teórico, é claro na utensilagem utilizada:

“[...] ao dizermos que as relações económicas entre os homens determinam a sua existência histórica, afirmamos apenas que de entre todas as suas actividades são as de natureza material (as de natureza económica no caso da sociedade inteira) que predominam no jogo complexo em que todas se entrecrocaram”<sup>45</sup>.

E fá-lo num tom abertamente polémico e acutilante:

“Contra estas realidades têm protestado os sociólogos idealistas de todos os matizes e ainda contra ela se têm erguido as campanhas demagógicas mais irresponsáveis e o fervor espiritualíssimo dos bem colocados na vida”<sup>46</sup>.

Todavia, Castro, na altura ainda estudante de Direito da Universidade de Coimbra, não enjeita a complexidade das interações entre os diferentes níveis de integração histórica e rebate os que se apressam a identificar determinismo com exclusivismo económico, pois, como diz, “se assim não fosse não poderíamos interpretar convenientemente a acção proselitica dos homens, a influência das atitudes morais e mentais de uns sobre os outros e no devir comum”<sup>47</sup>.

De que outro modo se poderiam colocar, aliás, ele e os seus companheiros, perante a vida e a História, quando no quotidiano e nas sociabilidades do quotidiano, tinham escolhido a trincheira, o lado do combate no país e no mundo de então.

Por esta altura, na mesma linha, Fernando Pinto Loureiro, igualmente estudante de Direito da Universidade de Coimbra, numa recensão a uma História Económica do Brasil discorre sobre a compartimentação entre história política e história económica, que a obra reflectiria, centrando aí o essencial das suas observações – “É pena que o Prof. Melo Franco não se pronuncie sobre as relações entre a História económica e a história política. Parecendo considerá-las ambas autónomas, dá-nos a impressão de que não reconhece no devir histórico a inter-relação dialéctica dos vários factores concretos”<sup>48</sup>.

O devir histórico, resultante dessa complexa teia de relações e interações, seria, uma “história humana”, que, como alvitra, “só pode ser obra colectiva de equipas de especialistas”<sup>49</sup>, numa alusão à ideia de trabalho colectivo, a que por diversas vezes alude<sup>50</sup>.

Mas também, assinale-se, na mesma linha de preocupações que a corrente de renovação historiográfica francesa, polarizada em torno da revista *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, pelo papel que atribui à interdisciplinaridade entre as ciências humanas emergentes.

A interrelação dialéctica dos múltiplos níveis de integração histórica não diminui o predomínio do económico nem a importância do político. Mário Seabra Novais, num registo estritamente político, abordando o tema da restauração de 1640, prefere associá-la à revolta de Évora de 1637, justamente o episódio de mais densa participação popular, a propósito do que se detém sobre as crises revolucionárias e as condições objectivas para que a revolução possa ocorrer.

A noção de crise revolucionária, praticamente decalcada de Lenine é usada como que para explicar o carácter revolucionário de 1640, com que encerra o texto:

“Não basta para que a revolução se produza que as massas populares tenham consciência da impossibilidade de viverem como no passado e reclamem mudanças. É preciso para que a revolução se produza, que as classes dirigentes não possam viver e governar como no passado. E somente quando as camadas inferiores não querem mais o antigo regime e quando as camadas superiores não podem continuar esse antigo regime é só então que a revolução pode triunfar.

A revolta dos povos do Alentejo e Algarve demonstra-nos claramente que não se vence apenas com uma vanguarda. Mas sem a Revolução de Évora não teria sido possível o movimento do 1º de Dezembro de 1640. A revolta de Évora foi uma etapa indispensável e decisiva para a Restauração de Portugal”<sup>51</sup>.

O papel das camadas populares na sedimentação de uma consciência nacional revolucionária, está bem patente em Joaquim Namorado que, não obstante a sua formação académica em Matemática e a sua propensão literária, de criador, poeta, não se exime a incorrer na reflexão histórica, apontando o caminho das alternativas, mais que o dos desenvolvimentos concretos, evidentemente. Era de um programa que se continuava a tratar:

“[...] preferimos ao perfil esguio das caravelas e à sua consideração em prosa, em verso, em heptassílabos ou alexandrinos, a compreensão do espírito realista que as guiou nos oceanos; preferimos à consideração dos avoengos a exaltação do maravilhoso combate contra o obscurantismo que são as navegações, como ao milagre das batalhas sobrepomos a consciência nacional do povo lutando pela independência em 1383 e em 1640...”<sup>52</sup>.

Este ponto de vista não era propriamente singular, mimetizava o discurso do PCP, que no quadro das políticas de Frente Popular da Internacional Comunista, vinha introduzindo uma componente nacional,

assente no recurso à História, tanto da valorização de determinadas épocas como de determinados episódios ou comparando, por exemplo, a perda da independência em 1580 e a conjuntura vivida em 1937, em plena guerra civil de Espanha:

“Passa agora mais um aniversário da libertação de Portugal do jugo castelhano. Bastantes nuvens cobrem o céu da nossa independência, e nunca, como hoje, desde 1560 Portugal esteve tão ameaçado. Os representantes dos fidalgos de então, hoje chamam-se fascistas. E Salazar, o traidor, é o actual Miguel de Vasconcelos”<sup>53</sup>.

Nesta fase, era Alberto Araújo, já membro do Secretariado do Comité Central, responsável pela redacção do *Avante!* e apoiava-se muito no jovem Vasco Magalhães-Vilhena, estudante de Ciências Histórico-Filosóficas em Lisboa que, na época, mesmo depois da prisão de Araújo, continua a colaborar na redacção do órgão central do PCP, designadamente com um artigo sobre a Comuna de Paris<sup>54</sup>.

Esta vertente nacional nunca mais abandonaria as tentativas de escrita de uma história marxista, independentemente do plano, da sensibilidade ou do sentido utilitário que dela queriam retirar os que a ensaiavam.

O seu enlace com o primado dos actores sociais de extracção popular confere-lhe uma marca distintiva, pois quando na interpretação corrente as classes revolucionárias não são o povo, o seu papel continua a ser determinante na mudança histórica, revolucionária, que instala, ou antecipa e prepara a instalação no poder dessas classes, designadamente da burguesia.

Mas tratam-se de ensaios muito breves, artigos de jornal, materiais esparsos, muito marcados por circunstancialismos de natureza conjuntural, política, onde ainda não é possível vislumbrar focos de interesse delineados, principalmente do ponto de vista temático. Dificilmente poderia, aliás, ser de outro modo, nesse estágio de estudantes ainda, com as licenciaturas por concluir.

O domínio do materialismo histórico é pouco desenvolvido, muito preso, por um lado, a concepções esquemáticas e, por outro, permeável a uma tradição historiográfica liberal e aos seus vultos tutelares. A própria ligação cultural a França, que desenvolvem e que virão a aprofundar, aproximá-los-á, por essa via, da grande corrente de renovação historiográfica em torno da revista *Annales d'histoire économique et sociale*.

## 5. “a inspiração de Marx e a lição dos Annales”

Vitorino Magalhães Godinho, que fizera o percurso do combate antifascista a partir da Faculdade de Letras, onde entrara já com ligações anteriores ao grupo da *Seara Nova*, que estivera, como os seus colegas e companheiros, no Bloco Académico Anti-Fascista e com eles ombreara na aventura cultural plasmada na imprensa de esquerda da época, enquanto foi tolerada, adquiria, no ensino e na investigação histórica, legítimo ascendente mesmo entre os seus pares

Godinho, termina a licenciatura em 1940 com a tese *Razão e História*, sem que lhe fossem franqueadas, evidentemente, as portas do ensino superior no ramo da Filosofia, mesmo que nessa apreciação se combinasse tanto o preconceito político como a mediocridade intelectual dos catedráticos. Compelido ao estágio liceal, será, no entanto, contratado, pela mão, e pela pressão, sobretudo, de Manuel Heleno, arqueólogo e seu professor na Faculdade de Letras.

De 1941 a 1944 constrangido a leccionar diversas e distintas cadeiras, se não estavam ainda criadas condições para a especialização, nesse sentido se acabará por encaminhar com uma preferência cada vez mais nítida pela História da Expansão. As suas preocupações não se orientam ainda para a investigação. A prática lectiva absorve-o, daí, no entanto, a necessidade acrescidamente percebida pela publicação de fontes documentais – documentos escritos, séries estatísticas, como em 1943 com o 1º volume dos Documentos da Expansão Portuguesa. Depois, à sua volta, todo um largo trabalho de divulgação, evidentemente, mas sobretudo de análise, de releitura, de crítica...

Tarefa audaciosa que o expõe, pelo estorvo que causa na mediocridade dolente e preguiçosa da casa. Em carta a Bento de Jesus Caraça, deste período, diz Godinho: “[...] ainda há dias me sobrecarregaram com o trabalho de outros professores; o que dá em resultado ter serviço até mais tarde e mais absorvente. Por outro lado, a questão do Centro de Estudos Filológicos, ainda que ligada indirectamente à dos clubs de Matemática, trouxe uma campanha entre professores contra mim, e outras complicações ainda surgiram. A cada passo se me dirigem os srs. Catedráticos por causa dos meus trabalhos – por, no entender deles, não investigar, por seguir orientação errada, etc”<sup>55</sup>.

<sup>53</sup> “1º de Dezembro de 1640”, in *Avante!*, II série, 60, 4ª semana de Novembro de 1937.

<sup>54</sup> Cf. “O exemplo da Comuna de Paris e o seu patriotismo”, in *Avante!*, II série, 77, 1ª semana de Abril de 1938.

<sup>55</sup> Fundação Mário Soares, Espólio de Bento de Jesus Caraça, 4419.003, Carta de Vitorino Magalhães Godinho a Bento de Jesus Caraça, Lisboa, 12 de Julho de 1943, [66-67].

<sup>56</sup> Cf. Joaquim Romero de Magalhães, “De Victorini Magalhães Godinho vita, scriptis et in adversis anima fortitudine”, in AAVV, *Estudos e Ensaios em Homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1988, pp. 2-4.

<sup>57</sup> Cf. Idem, p. 29.

<sup>58</sup> Cf. Fernando Piteira Santos, “A ‘historiografia marxista’...”.

<sup>59</sup> Bento J. Caraça, “Progresso. História breve de uma ideia”, por Magalhães Vilhena, in *O Diabo*, 293, de 4 de Maio de 1940.

<sup>60</sup> Maria Ivone de Ornellas de Andrade (Entrevista conduzida por), “Vasco de Magalhães-Vilhena, um pensador marxista”, in Eduardo Chitas e Hernâni A. Resende (coordenadores), *Filosofia. História. Conhecimento. Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena*, Lisboa, Caminho, 1990, p. 333.

<sup>61</sup> Cit. por António Borges Coelho, “Amava esse homem de resposta pronta”, in *Fernando Piteira Santos, Português, cidadão do século XX*, Porto, Campo das Letras, 2003, p. 116.

Com esta campanha reemergia o estigma político, a ponto de lhe quererem fiscalizar as aulas, que recusa, evidentemente, abrindo-se um período de aulas livres no Ateneu Comercial de Lisboa, em diferentes empreendimentos editoriais e em trabalho próprio, principalmente de reflexão histórica<sup>56</sup>.

Mas está a formar-se à sua volta um importante núcleo de discípulos, alguns dos quais antigos colegas, outros vindos de áreas e preocupações diferentes, que frequentam, por exemplo os cursos livres do Ateneu que lhe propõem que ministre – de História Medieval e de História Moderna, em 1944 e de História de Portugal sobre o período entre a Revolução de 1383-85 e a regência de D. Pedro, em 1945<sup>57</sup>.

A produção de teses de licenciatura será o terreno dos mais ousados para ensaiarem num trabalho académico de fundo a renovação historiográfica, demarcando-se pela inspiração doutrinária e ideológica, pelas metodologias e pelas temáticas da velha história oficial.

Alberto Araújo, por exemplo, mais velho que os seus colegas de Letras e frequentando Filologia Românica ter-se-ia abalancado numa tese sobre Damião de Góis, pouco antes de preso e enviado para o Tarrafal, pelo que permaneceu inédita<sup>58</sup>.

Magalhães-Vilhena, seu colaborador muito próximo publica em 1939 a tese de licenciatura, orientada para a Filosofia, “Progresso, História Breve de uma Ideia”, que merecerá nas páginas de *O Diabo*, extensa nota crítica subscrita por Bento de Jesus Caraça, rigorosa e directa, mas que não impede que acrescente, esclarecedor, quanto ao método utilizado:

“O autor lançou mão dum método seguro e elevou-o a uma apreciação justa e frequentemente penetrante dos passos fundamentais que a elevação da ideia de progresso apresenta, tendo sempre o cuidado de estudar, prévia ou conjuntamente, a realidade económica e social que condiciona cada um desses passos”<sup>59</sup>.

A orientação marxista que Vilhena imprime à sua tese de licenciatura assenta num esforço de contextualização histórica permanente, que é, ao mesmo tempo, parte de um grande interesse pela própria história, o que decorria aliás das próprias características do curso – Ciências Histórico-Filosóficas. Como referirá mais tarde:

“Foi o aprofundamento da ideia de história que me levou ao estudo da concepção materialista da história e dos seus fundamentos filosóficos e que fez de mim um investigador do marxismo”<sup>60</sup>.

Pelos anos 40 dentro, vão surgir novas teses de licenciatura mais ou menos próximas do marxismo, mesmo que publicadas algumas só na década seguinte, mas revelando em comum uma forte inquietação problematizadora, valorizando a diversificação das fontes históricas e a pluralidade das suas potencialidades ou a aproximação a temas contemporâneos.

Julião Soares de Azevedo com *Condições económicas da Revolução Portuguesa de 1820*, Joaquim Barradas de Carvalho com *As Ideias políticas e sociais de Alexandre Herculano*, Jorge Borges de Macedo com *A situação económica no tempo de Pombal*, Mário Soares com *As ideias políticas e sociais de Teófilo Braga*.

A outros, o envolvimento e o assumir de responsabilidades políticas toldaram o percurso académico, intercalado com prisões, reuniões e momentos de afastamento da própria Universidade. Foi o que sucedeu com Fernando Piterira Santos, aluno de Direito, primeiro e de Histórico-Filosóficas depois. Dirigente nacional do Bloco Académico Anti-Fascista, com uma primeira passagem pelas prisões de Salazar; na prática, logo de seguida, responsável pela última fase da edição de *O Diabo*.

No início dos anos 40, ainda frequenta a velha Faculdade de Letras, para depois mergulhar na clandestinidade, já membro suplente do Comité Central do PCP. Nova prisão e a expulsão do PCP, acusado de “revisionista” e “titista”. Voltará depois à Faculdade para terminar a licenciatura com uma tese sobre a Revolução Liberal de 1820.

Mas, desses tempos, dirá Fernando Piteira Santos:

“Muitos foram os que trouxeram, do ensino magistral e contra-ensino claustral, a lição dos professores completada ou contestada no debate livre e rebelde dos corredores, a decisão de, contra a corrente, operar a renovação crítica da cultura histórica e da produção historiográfica em Portugal”<sup>61</sup>.

A atracção pelo marxismo era, no momento e em maior ou menor grau, dominante, abraçada por todos eles, ainda que permeáveis e seduzidos por outras influências, principalmente da corrente que, a partir de França pulsava em torno da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* e dos seus principais animadores, como Lucien Febvre e Marc Bloch, evidentemente.

Bebendo destes dois grandes caudais, como que procurando equilibrá-los, reagiam aos fortes condicionamentos do seu tempo, fosse a rigidez do regime, os fortes intuídos de ideologização legitimadora da produção histórica ou a esterilidade tantas vezes boçal da própria Academia e tendiam para a contestação dessa situação, preocupando-se fundamentalmente com o rigor científico e crítico face a uma historiografia feita de tradicionalismo e ideologia, fortemente conservadora, pouco preocupada em actualizar-se ou em robustecer-se pelo rigor da síntese ou até em matéria de diversidade e crítica das fontes.

Queriam contrapor-lhe mais rigor, maior amplitude de horizontes, abri-la a novas temáticas, a novos contributos e perspectivas disciplinares, incorporar-lhe mais largas e fecundas dimensões de abordagem, que não se restringissem ao positivismo estreito, “até então espartilhado entre o acontecimento e a ideia”<sup>62</sup>. Queriam que a erudição significasse densidade e não suporte decorativo para repetidas e preconceituosas narrativas.

Era ainda muito cedo para pensar em grandes sínteses ou mesmo em modelos dotados de uma coerência doutrinária, ideológica que, salvo raras exceções, nunca se viria a verificar. Preocupações à volta de uma História crítica, científica, rigorosa, olhando muito para a obra de Herculano, evidentemente, e daqueles que prosseguiram o seu esforço, como Jaime Cortesão, Duarte Leite, mesmo António Sérgio, não obstante as polémicas travadas.

Fernando Piteira Santos, designaria este impulso de “ofensiva de uma nova história sociológica”, integrando “a inspiração de Marx e a lição dos Annales”<sup>63</sup>.

## 6. “uma pequena pedra desse edifício luminoso”

Na viragem da década, em Novembro de 1940, Bento de Jesus Caraça apresentava à Administração da Editorial Cosmos o plano geral de uma colecção de divulgação cultural que lhe haviam proposto que dirigisse e que ficaria conhecida como *Biblioteca Cosmos*.

São conhecidos os antecedentes da iniciativa – Manuel Rodrigues de Oliveira, militante do PCP, cumprira a parte final de uma pena de prisão por motivos políticos em Angra do Heroísmo. Cruzara-se aí com Bento Gonçalves, secretário-geral do Partido Comunista, igualmente detido, antes de embarcar para o Tarrafal, onde morreria.

Em conversa, Oliveira diz-lhe querer investir uns dinheiros que recebera em qualquer coisa útil e é aí que surge a ideia de uma editora vocacionada para a divulgação cultural, tendo-lhe Bento sugerido que quando fosse libertado e regressasse ao continente, contactasse para o efeito Bento de Jesus Caraça.

A Cosmos constituiu-se em 1938 e os primeiros contactos com Caraça para o lançamento da colecção datam de Outubro de 1940. Num intervalo de tempo curtíssimo – seis dias – o matemático apresenta um Plano Geral consideravelmente detalhado, que foi imediatamente aceite<sup>64</sup>.

O primeiro volume da colecção será editado em Junho de 1941 – *O homem e o livro*, de M. Iline, pseudónimo de Ilya Marshak, engenheiro e divulgador científico russo.

Na introdução à obra, Bento de Jesus Caraça refere, naturalmente, a necessidade da cultura geral numa perspectiva simultaneamente formativa e cívica. Era no fundo a ideia da cultura integral do indivíduo, já patente na sua conferência de 1933<sup>65</sup>, que agora se consubstanciava num instrumento concreto ao serviço dessa ideia – a *Biblioteca Cosmos*.

Diz Caraça:

“Quando [...] falamos de um humanismo novo, entendemos como um dos seus constituintes essenciais este elemento de valorização – que o homem sentindo que a cultura é de todos, participe, por ela, no conjunto de valores colectivos que há-de levar à criação da Cidade Nova.

A *Biblioteca Cosmos* pretende ser uma pequena pedra desse edifício luminoso que está por construir”<sup>66</sup>.

As metáforas de Caraça não iludem uma vigorosa afirmação da cultura como componente fundamental na construção do homem novo numa sociedade socialista – “Cidade Nova”, “edifício luminoso”!

Estavam claramente definidos os objectivos para uma colecção que se pretendia com grandes tiragens e a preço baixo, de modo a poder chegar a um público muito largo.

Entre Junho de 1941 e Julho de 1948, um mês após a morte de Caraça, foram publicados 106 títulos, em média cerca de vinte por ano, e as respectivas tiragens atingiram 800 mil exemplares<sup>67</sup>, com frequentes reedições!

Convergiam na Biblioteca vários saberes, que se construíam e afirmavam no exterior do regime, herdeiros de grandes veios culturais – a cultura liberal, a tradição seareira, a cultura anarquista, o marxismo emergente, evidentemente.

A Universidade Popular Portuguesa havia sido após a implantação da Ditadura Militar um território onde se encontravam todas estas correntes num espírito que era simultaneamente de formação cultural, de intervenção cívica e de resistência. Por aí passaram velhas e novas gerações de diversos quadrantes, sensibilidades e opções políticas e ideológicas. Caraça convidou a escrever para a colecção muitos conferencistas da UPP.

<sup>62</sup> Miriam Halpern Pereira, “Breve reflexão acerca da historiografia portuguesa no século XX”, in *Ler História*, 21, 1991, p. 10.

<sup>63</sup> Fernando Piteira Santos, “A ‘historiografia marxista’...”.

<sup>64</sup> Cf. Alberto Pedrosa, *Bento de Jesus Caraça, semeador de cultura e cidadania*, Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 341-344.

<sup>65</sup> Cf. Bento de Jesus Caraça, “A cultura integral do indivíduo – problema central do nosso tempo”, in Luís Augusto Costa Dias, Helena Neves, António Pedro Pita (Coordenadores do Volume), *Obra integral de Bento de Jesus Caraça. 1 – Cultura e emancipação (1929-1933)*, Porto, Campo das Letras, 2002, pp. 97-120.

<sup>66</sup> Bento de Jesus Caraça [introdução a] in *M. Iline, O homem e o livro*, Lisboa, Edições Cosmos, 1941, [10].

<sup>67</sup> Cf. J. Moreira Araújo, *Biblioteca Cosmos, um projecto cultural do Prof. Bento de Jesus Caraça*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 12-13.

<sup>68</sup> Idem, p. 22.

<sup>69</sup> FMS, Espólio de Bento de Jesus Caraça, 4419.010, [8].

<sup>70</sup> Idem, 4419.010, Carta de Jofre Amaral Nogueira a Bento de Jesus Caraça, Coimbra, 19 de Novembro de 1942, dact., 1 p.

<sup>71</sup> Idem, 4419.003, Carta de Bento de Jesus Caraça a Jofre Amaral Nogueira, Lisboa, 15 de Março de 1943, [124-125], mns.

<sup>72</sup> Idem, 4419.003, Carta de Flausino Torres a Bento de Jesus Caraça, Tondela, 13 de Setembro de 1943, [40-41], dact.

<sup>73</sup> Cf. Idem, 4419.003, Carta de Vitorino Magalhães Godinho a Bento de Jesus Caraça, Lisboa, 12 de Julho de 1943, [65-67].

<sup>74</sup> Flausino Torres, *Civilizações Primitivas*, Lisboa, Edições Cosmos, 1943, p. 6.

Mas preocupou-se também em auscultar a geração mais nova, os diferentes grupos que se vinham evidenciando pela sua capacidade de intervenção crítica, também pelo seu voluntarismo, pela sua coragem e que, tendo alguns também passado pela UPP, alimentaram títulos de jornais e revistas que acabavam de ver proibidos.

As obras de História a incluir na colecção só podiam ser obras de divulgação. Não tinha sentido de outro modo. No Plano Geral inicialmente apresentado, a História surge como 4ª secção e sob a designação *Povos e Civilizações*, distribuindo-se em seis subsecções temáticas – *Primitivos, Civilizações Antigas, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea, Os principais problemas do século XX e História de Portugal*.

Esta estrutura sofrerá depois alterações, ainda que de pouca monta, com a introdução, por exemplo, em 1942 de uma sétima subsecção, designada História económica, social e das instituições políticas, de que chega a ser divulgada uma lista de sete títulos:

I. Civilizações Primitivas, por Flausino Torres

II. O Próximo Oriente Antigo, por Vitorino Magalhães Godinho

III. O Mundo Mediterrânico do século XII a.C. ao século III d.C., por J. Ferreira de Almeida

IV. A Desagregação do Mundo Mediterrânico e as Origens da Europa: século III a IX, por Vitorino Magalhães Godinho

V. A Sociedade Senhorial e o Feudalismo, por Antonino de Sousa

VI. A Economia Urbana e a Desagregação do Feudalismo, por Jorge de Macedo

VII. A Formação do Capitalismo Comercial: século XIV a XVIII, por F. Piteira Santos<sup>68</sup>.

Apesar da divulgação da lista, por esta altura, Bento Caraça continua à procura de colaboradores. João José Cochofel indica quinze nomes de Coimbra para colaboradores da *Biblioteca Cosmos*, entre eles Armando de Castro e Jofre Amaral Nogueira<sup>69</sup>, nas áreas de Direito, Economia e História.

Amaral Nogueira tomará inclusivamente a iniciativa de enviar um ensaio sobre a síntese histórica<sup>70</sup>, a que Caraça só conseguirá responder três meses depois, elogiando o trabalho, mas recusando a edição:

“Quanto à publicação na Biblioteca Cosmos, não posso concordar com ela pela razão seguinte: Porque se trata de um ensaio, ou melhor, de um conjunto de ensaios, o seu lugar é uma Revista de assuntos históricos, nuns Anais duma Faculdade de Letras ou publicação semelhante. Não numa Biblioteca de divulgação destinada não a ensaios, mas à exposição de elementos de cultura geral em cada ramo do conhecimento.

Creio que concordará com este ponto de vista que é raiz do único motivo que me leva a recusar a sua inserção a Biblioteca que dirijo<sup>71</sup>.

A publicação dos livros da secção de História vão começar apenas a ser publicados a partir de 1943. Flausino Torres fora convidado a escrever dois volumes sobre civilizações e religiões primitivas e já tem o trabalho bem iniciado, quando, por indisponibilidade de Ferreira de Almeida, Caraça lhe propõe que se ocupe do tema do Mediterrâneo Antigo, nem que para isso ponha de lado o tema das religiões primitivas.

Flausino contrapõe que a solução melhor seria que Vitorino Magalhães Godinho substituísse Ferreira de Almeida, mas caso não possa, então assumiria ele também esse volume, embora com dificuldade<sup>72</sup>.

Na realidade, por sua vez, Magalhães Godinho envolvido num conjunto de problemas de natureza pessoal e profissional, com a sobrecarga de trabalho e perseguição que lhe são movidas na Faculdade de Letras de Lisboa, nem tem condições para aceitar mais trabalho e confessa mesmo a Caraça não conseguir escrever nos prazos previstos o volume entretanto anunciado sobre o Próximo Oriente Antigo, propondo a tradução de *What happened in History*, de Gondon Childe, que abarcava justamente o período sobre o qual deveria escrever<sup>73</sup>. Todavia, nem a obra proposta a Godinho nem a tradução que este propusera viriam a ser publicados.

Assim, Flausino Torres acabaria por assegurar três volumes na *Biblioteca Cosmos* – *Civilizações Primitivas* (nº 46-47) editado em 1943; *Religiões Primitivas* (nº 56-57) publicado na 3ª secção da *Biblioteca* – *Filosofia e Religiões*, em 1944 e *O Mundo Mediterrânico* (nº 94-95) em 1945.

Flausino foi o principal historiador de influência marxista a colaborar na Biblioteca Cosmos. Respondendo de modo entusiástico ao desafio de reescrever com carácter de divulgação, inevitavelmente a partir de obras já publicadas, como se impunha a esses volumes, imprime nos seus escritos a marca do seu pensamento. A divulgação, do seu ponto de vista, era isso, uma reinterpretação fundada no materialismo histórico. Na introdução a *Civilizações Primitivas*, não há propriamente rodeios:

“A história do Homem é a história das lutas sociais. O lugar que o económico e social ocupa na luta diária tem sido até hoje quase absorvente. As preocupações científicas, artísticas, religiosas, filosóficas e outras têm sido sempre condicionadas por aquelas<sup>74</sup>.

Mesmo abordando as civilizações primitivas do ponto de vista da religião, como em *Religiões Primitivas*, a mesma concepção a impor-se, a ideia de que é tanto mais forte uma religião quanto a formação social que a suporta e determina.

Todavia o espectro da censura estava permanentemente presente, pairava sobre o trabalho intelectual, apesar da forma elaborada, frequentemente indirecta e metafórica, de tratar os assuntos, de colocar as expressões e construir o discurso interpretativo.

Os militares da Censura eram olhados pela intelectualidade de esquerda de uma forma culturalmente sobranceira, como obtusos e brancos, mas os seus cortes, tornando os textos ininteligíveis ou a proibição integral das obras eram temidos. Designadamente a este propósito, Caraça escreve a Flausino Torres para lhe dizer que “As ‘Religiões Primitivas’ estão na Censura. O Rodrigues. Porém, mandou já começar a compor. Esperemos que se não arrependa...”<sup>75</sup>.

Sob a Censura publicar uma colecção como a Biblioteca Cosmos era uma aventura, um acto de coragem, por parte dos autores, evidentemente, mas também dos editores. O rol de autores, a maioria dos quais nomes conhecidos pelas suas atitudes e pelo seu envolvimento na oposição ao regime era bem conhecido da Censura e uma primeira referência para a obra submetida ao “exame prévio”.

Mas, por vezes, a ousadia tornava o discurso mais evidente. Em *O Mundo Mediterrânico do séc. XII a.C. ao séc. III d.C.*, Flausino explica, por exemplo e com algum detalhe, o conceito de luta de classes:

“Tem-se encontrado e encontrar-se-á ainda muitas vezes, a expressão luta de classes. Esta expressão deve ser explicada: É em dois sentidos que os historiadores e os sociólogos a tomam: 1.º) luta entre pobres e ricos, luta entre escravos e senhores, luta entre a miséria e a abundância; 2.º) luta entre a classe dominante e uma outra que se foi formando e crescendo no seu seio, e que aspira ao domínio político e económico ou a uma organização social em que os seus direitos sejam respeitados. A maior parte das vezes, é no primeiro sentido que os historiadores a empregam. Só os historiadores neo-realistas, chamemos-lhe assim, vêem que, por detrás dos grandes movimentos da evolução da humanidade, está a substituição da classe dirigente por outra que, muitas vezes, a primeira acalenta e cujo desenvolvimento promove mesmo”<sup>76</sup>.

Flausino Torres não era propriamente um jovem recém-saído da Universidade. Nascido em 1906, portanto doze anos mais velho que Magalhães Godinho, Piteira Santos ou Armando Castro, está por isso próximo dos 40 anos quando começa a colaborar na Biblioteca Cosmos, tendo concluído a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra em 1932.

Dirigente associativo em jovem, membro de A Revolta, a activa Loja Maçónica da Universidade de Coimbra que apoiava o Centro Republicano Académico, encerrado e extinto pelo Governo em 1935; acompanha um importante sector da sua geração no processo de radicalização que o faz evoluir do republicanismo radical, socializante, em aproximação ao marxismo e, quase inevitavelmente, do Partido Comunista, a que, no entanto, só terá aderido no dobrar da década, com o novo PCP dos “reorganizadores”.

Todavia, as influências de Flausino alargavam-se igualmente à corrente historiográfica que se desenvolvia em torno da revista *Annales*, que comprava desde Coimbra, citando os seus principais autores e seguindo as referências que traziam – a recusa da história política, a valorização da abordagem económico-social, a sedução por uma história das mentalidades, a perseguição de uma história global, que na aproximação entre as ciências sociais, não deixasse de fora nenhum terreno de análise da actividade do homem<sup>77</sup>.

Do ponto de vista profissional percorre o caminho pedregoso da intelectualidade de esquerda, perseguida, afastada dos lugares que ocupa, arredada do acesso á Universidade, do ensino liceal público, subsistindo nos colégios e escolas particulares, em Coimbra, em Lisboa ou em Tondela, donde era natural.

Pela sua idade, pela própria geração, o seu percurso é distinto dos grupos de jovens estudantes de Coimbra ou de Lisboa, este que contacta na sua passagem pela capital. Está na Universidade Livre de Coimbra, é convidado por Bento de Jesus Caraça a proferir conferências na Universidade Popular e é por essa via que chega à *Biblioteca Cosmos*<sup>78</sup>, num fio entrelaçado de amizade e respeito intelectual que os unia, a ambos.

Flausino Torres dedica mais de três anos de um esforçado labor e de muito entusiasmo à Biblioteca Cosmos, mas as importantes e acarinhadas subsecções da 4ª secção da colecção, designadamente a História económica, social e das instituições políticas não conseguia levantar voo. Dos sete anunciados títulos e respectivos autores, de Julho de 1942, só Flausino conseguira concretizar, e para além do que lhe fora inicialmente proposto.

São, evidentemente, das razões conhecidas, de ordem vária as que levaram a isso: Magalhães Godinho enredado na vida universitária e sob a mira dos catedráticos, primeiro e obrigado a ganhar sustento como podia, não dispunha de tempo ou Piteira Santos envolvido em tarefas de responsabilidade partidária crescente.

<sup>75</sup> Carta de Bento de Jesus Caraça a Flausino Torres, de 28 de Janeiro de 1944, cit. por Paulo Torres Bento, in *Flausino Torres (1906-1974). Documentos e fragmentos de um intelectual antifascista*, Porto, Afrontamento, 2006, p. 66.

<sup>76</sup> Idem, cit. p. 69.

<sup>77</sup> Cf. idem, p. 67.

<sup>78</sup> Idem, pp. 63-64 e 344-345.

<sup>79</sup> Cf. J. Moreira Araújo, *Biblioteca Cosmos, um projecto...* p. 27.

<sup>80</sup> Cf. Carlos Bastien, "A obra económica de Armando Castro", in *Separata do Boletim de Ciências Económicas*, XVI, Coimbra, 2002, p. 5.

<sup>81</sup> Cf. idem, p. 6.

<sup>82</sup> Entrevista a Vitorino Magalhães Godinho (não gravada), Lisboa, 29 de Janeiro de 2007.

<sup>83</sup> Cf. Carlos Bastien, "A obra económica...", pp. 20-22.

<sup>84</sup> Cit. por Paulo Torres Bento, Flausino Torres (1906-1974). *Documentos ...*, p. 75.

No conjunto, a *Biblioteca Cosmos* editaria até 1948 apenas 6 volumes na 4ª secção<sup>79</sup>, isto é, 6 volumes de temática mais especificamente histórica, o que representava menos de 6% do total de títulos publicados e em particular a expectativa colocada na secção que incidia sobre temas económico-sociais revelava-se com uma expressão ainda mais modesta.

Às obras de Flausino Torres, acrescentava-se, em 1947, um número duplo de Armando Castro – *Introdução ao Estudo da Economia Português*, que nunca esteve previsto, tratando-se de uma proposta do autor a Bento Caraça, prontamente aceite.

Castro terminara o curso de Direito em 1941 e a especialização em ciências político-económicas no ano seguinte, tendo depois, logo de seguida, trabalhado como bolseiro de investigação do Instituto de Alta Cultura com a equipa de Teixeira Ribeiro, que fora seu professor. Mas, a partir de 1943, regressa ao Porto donde era natural, e trabalha como advogado ao mesmo tempo que investiga<sup>80</sup>, como pode.

Neste estudo publicado na *Cosmos*, entrelaçando história e economia, foi, porventura o volume publicado na colecção que melhor reflectiu esta intenção primordial. Tratava-se de abordar a débil revolução industrial portuguesa e os seus minguados impactos no século de Oitocentos, aplicando a grelha teórica marxista do modo de produção capitalista.

Castro fora aliás, por aqueles anos Quarenta um dos poucos economistas e historiadores portugueses a estudar *O Capital* de Marx<sup>81</sup>, como aliás também Vitorino Magalhães Godinho<sup>82</sup>.

Na obra, apesar do carácter de divulgação cultural da colecção, Castro recorreu aos elementos quantitativos de que dispunha, perseguiu os impactos que as disponibilidades técnicas proporcionaram ao desenvolvimento das forças produtivas, quis, evidentemente, observar aí as relações sociais e em particular o processo de proletarização<sup>83</sup>.

Tratava-se de um estudo arrojado, que deixava descobrir as fontes doutrinárias em que se baseara o seu autor, mas que correspondeu a um momento fundador de uma historiografia económica que se apoiava, com consistência, em Marx. Talvez por isso, a *Biblioteca Cosmos* acolhesse esse volume não previsto, de iniciativa do seu autor, mas que contribuiria para consagrar a colecção, valorizando-a.

Ficavam, no entanto, por publicar, ainda que anunciados de novo em 1948 dois volumes da autoria de Antonino de Sousa (*O Próximo Oriente Antigo* e *A Sociedade Senhorial e o Feudalismo*), um de Vitorino Magalhães Godinho (*A Desagregação do Mundo Mediterrânico e as Origens da Europa: séc. III a IX*) e outro de Jorge Borges de Macedo (*A Economia Urbana e a Desagregação do Feudalismo*).

Todavia, outros projectos, de intenção semelhante foram surgindo, em rota convergente com o esforço monumental da *Biblioteca Cosmos*. Na Empresa Contemporânea de Edições Antonino de Sousa e Flausino Torres editam cinco volumes numa colecção de História designada Construção da Sociedade – *Sociedades Primitivas, Civilizações Fluviais, Civilizações de Nómadas Sedentarizados, Primeiras Sociedades Comerciais e Primeiro Império Comercial*, que compilava "textos das obras fundamentais de todas as épocas, devidamente seleccionados"<sup>84</sup>, que se publicaram apenas em 1946.

Notava-se, particularmente no pós-guerra, embalado por uma conjuntura marcada ainda pelo entusiasmo com a vitória dos Aliados, um frenesim acrescido em torno destes projectos editoriais que viam numa espécie de novo enciclopedismo o meio de intervenção cívica e de formação cultural do povo, o que num universo estreito de autores, historiadores neste caso, levou a que as solicitações se acumulassem, ultrapassando a sua capacidade de trabalho e de resposta, ficando para trás a investigação histórica propriamente dita.

Faltava aliás, fora da Universidade e para além destes projectos, um centro que reunisse e promovesse o estudo e a investigação, de modo a criar um ambiente de debate que propulsionasse a investigação e a síntese históricas.

## 7. “reunir todos os que se consagram às ciências sociais”

Em 1947, através de Pierre Hourcade, director do Instituto Francês em Lisboa, Vitorino Magalhães Godinho consegue com o interesse de Lucien Febvre e Fernand Braudel ser contratado pelo já prestigiado CNRS, Centre National de la Recherche Scientifique, que lhe permite trabalhar em França como investigador, onde permanecerá até 1960.

A chegada de Godinho a Paris coincide com a constituição da Association pour l’Histoire de la Civilisation – Association Marc Bloch, consagrando o nome do historiador francês que havia fundado com Lucien Febvre a revista *Annales d’histoire économique et sociale* e que com 53 anos adere à Resistência contra a ocupação nazi, vindo a ser preso, torturado e fuzilado pela Gestapo em 1944.

Os seus mentores eram as figuras já de referência do movimento de renovação historiográfica francês como Lucien Febvre, Braudel, Charles Mozaré ou Georges Friedman.

A revista *Annales* prosseguia o seu labor, polarizando a actividade deste movimento e o seu título evoluía, a partir de 1946, para *Annales – Économies, Sociétés, Civilisations*.

Magalhães Godinho vê na possibilidade de criar em Portugal uma associação semelhante, secção portuguesa da Association Marc Bloch, a oportunidade de criar um centro de estudos históricos, exterior à Universidade, bem escorado na filiação francesa e beneficiando do apoio do Instituto Francês de Lisboa, mais uma vez através de Pierre Hourcade. Datam logo de Fevereiro de 1947 os esforços iniciais nesse sentido, através de uma carta que envia a Jorge Borges de Macedo, Joaquim Barradas de Carvalho, Joel Serrão, Fernando Pinto Loureiro, Fernandes Martins, José de Assis Mafra, Armando de Castro, Óscar Lopes ou António José Saraiva.

Nessa carta, em que aqueles nomes são alvitados, e a que é acrescentado depois o nome de Rui Grácio para substituir Assis Mafra por desinteresse deste, Godinho apela à conjugação de esforços para constituírem a secção portuguesa, no espírito da associação francesa – “[...] reunir todos os que se consagram às ciências sociais – historiadores, economistas, etnógrafos, antropogeógrafos, sociólogos, psicólogos, linguistas, etc... - numa obra de colaboração viva para o progresso dessas ciências segundo o espírito que anima os *Annales – Économies, Sociétés, Civilisations*...”<sup>85</sup>.

A secção portuguesa, segundo ainda a carta de Magalhães Godinho, deverá elaborar um plano de actividades de investigação, que contemple iniciativas individuais e projectos de grupo, realizando sessões e debates, publicando uma revista científica que espelhe as actividades da secção e constituindo uma biblioteca própria.

Evidentemente que a sede em Paris deverá estar informada destas actividades e proporcionar o apoio que lhe for possível, designadamente em livros e revistas, na orientação que lhe for solicitada, na publicação e edição de pequenos ensaios e procurando “conseguir bolsas de estudo em Paris para membros da secção portuguesa”<sup>86</sup>.

A comissão organizadora composta pelos elementos propostos por Magalhães Godinho está constituída em Julho de 1947 e trata de elaborar uma proposta de Estatutos.

Neste processo tomavam como referência os Estatutos da Sociedade Portuguesa de Matemática, que se havia constituído em Dezembro de 1940, no quadro de um movimento de renovação da Matemática iniciado anos antes e onde são particularmente activos António Aniceto Monteiro, Bento de Jesus Caraça, Alfredo Pereira Gomes, Manuel Zaluar Nunes, Ruy Luís Gomes ou Hugo Baptista Ribeiro.

Aliás boa parte do núcleo central da SPM era composto por intelectuais que se opunham abertamente ao regime e que, estando dentro da Universidade, seriam por isso mesmo perseguidos, expulsos e obrigados a prosseguir a vida académica e científica no exílio.

A SPM pulsava de dinamismo contra um ensino arcaico, estagnado e decadente, promovendo colóquios, seminários informais, criando e disseminando uma rede de clubes de Matemática, editando publicações de qualidade, procurando o ressurgimento dos estudos matemáticos<sup>87</sup> e não podia deixar de inspirar os que se propunham levar para diante uma associação com características que queriam afinal semelhantes mas no campo da História e das Ciências Sociais.

Para além do pequeno núcleo organizador da Associação, vão sendo, numa perspectiva de alargamento, logo desde início sugeridos os nomes de Jaime Cortesão e Veiga Simões; Manuel Heleno, Mário Chicó, Artur Gusmão ou Gentil Pires da Silva vão ser admitidos como sócios. De Coimbra é também alvitado o nome de Flávio Martins e da região do Porto, Armando Castro, já em Abril de 1948, sugere os de Armando Bacelar, José Barbosa, António Ramos de Almeida e Lino Lima.

A existência da Associação é, ao mesmo tempo, divulgada junto de investigadores brasileiros em ciências sociais, como os historiadores Pedro Calmon e Olga Pantaleão ou o sociólogo Gilberto Freyre, a quem é solicitada colaboração.

<sup>85</sup> IANTT, Pide-DGS, P. 79 CI(2), Cit. in Relatório do Secretário Interino Jorge Borges de Macedo lido na reunião da I Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de História da Civilização em 3 de Abril de 1948, dact., p. 1, [646].

<sup>86</sup> Idem, p. 3, [648].

<sup>87</sup> Cf. José Morgado, “Para a História da Sociedade Portuguesa de Matemática”, [1990] in <http://www.mat.uc.pt/jaimecs/hspmv/indexspm.html>.

<sup>88</sup> IANTI, PIDE/DGS, P. 1151/47-SR, Carta de António José Saraiva a Jorge Borges de Macedo, Viana [do Castelo], 15 de Abril de 1947, mns, p. 2, [126].

<sup>89</sup> *Idem*, Carta de António José Saraiva a Jorge de Macedo, Donas, 8 de Agosto de 1947, mns, p. 1, [112].

<sup>90</sup> *Idem*, Carta de Armando Castro a Jorge de Macedo, Porto, 15 de Abril de 1948, mns, p. Iv., [74v].

Magalhães Godinho vai participar directamente neste processo de organização e ampliação, ocorrido durante todo o segundo semestre de 1947, período em que se encontra em Lisboa. Os Estatutos são finalmente entregues no Governo Civil de Lisboa para efeitos de legalização da Associação Portuguesa de História da Civilização em Março de 1948.

Apoiando-se nas jóias e quotizações dos associados, mas beneficiando de uma vasta rede de apoios e solidariedades, a começar pelo Instituto Francês de Lisboa e por várias personalidades que concedem desde aconselhamento jurídico à cedência de instalações, a situação financeira no final do primeiro ano de actividade era confortável com 45% do total de receitas a transitar como saldo para o ano seguinte.

O esforço organizativo acabou por prevalecer nesta fase e essa prioridade foi inclusivamente assumida pela própria comissão organizadora. Porém, o entusiasmo era grande e quis-se logo desde início fazer acompanhar esses trabalhos, de avanços na actividade científica propriamente dita, que constituía afinal o objectivo primordial da APHC.

Em reuniões realizadas em Coimbra e em Lisboa houve a intenção de definir um tema comum de estudo, investigação e debate, que veio a ser o fontismo, mas rapidamente se concluiu que isso representava um esforço prematuro desadequado em relação ao estágio de desenvolvimento incipiente da Associação.

Essa situação condicionava, por outro lado, os esforços para o lançamento de uma revista, como era objectivo desde início. Óscar Lopes oferece-se para propor a sua edição junto da Editora Portugal, do Porto, mas António José Saraiva refere em carta a Jorge de Macedo que “tudo isto tem de ser bem considerado. Não esqueçamos que antes de qualquer acção no sentido indicado, a Société tem de ter a consistência necessária para inspirar confiança a editores ou benfeitores”<sup>88</sup>.

Mas, por outro lado, a revista *Vértice* que, a partir de Coimbra, ganhava balanço, manifestava interesse na publicação de pequenos artigos e ensaios sobre temas históricos e é mais uma vez António José Saraiva a insistir junto de Borges de Macedo para que ponha por escrito alguns resultados da investigação que este desenvolvia sobre a economia do período pombalino ou que fizesse recensões de obras lidas, concluindo, em jeito de conselho que “[...] É preciso que V. se habitue a escrever e que não esteja à espera de concluir a investigação”<sup>89</sup>.

Aliás, nos trabalhos organizativos, uma das principais dificuldades recorrentemente identificada era a dispersão dos associados e, por mais que se desenvolvessem contactos e pequenos encontros no Porto, em Coimbra ou em Lisboa, a realização de reuniões gerais, de âmbito nacional representava um esforço enorme, já que a maior parte subsistia fora da Universidade, entregue a actividades que nada tinham que ver com a investigação histórica, que desenvolviam como amadores e em circunstâncias difíceis.

Ainda assim, os trabalhos de Secretariado estavam a cargo de Jorge Borges de Macedo, em Lisboa e António José Saraiva, ao tempo professor liceal em Viana do Castelo e que, por isso, se deslocava com alguma regularidade a Viana, fazendo a ligação ao grupo do Porto, isto é, a Armando de Castro e a Óscar Lopes e aproveitando alguma passagem por Coimbra, contactava Fernando Pinto Loureiro, o principal entusiasta local, que juntava a si Fernandes Martins, geógrafo.

Já depois da Assembleia Geral que elege os primeiros corpos sociais da APHC, numa altura em que se começavam a discutir as áreas de interesse dos associados, com vista à elaboração de um Plano de Actividades, Armando Castro, numa extensa carta a Borges de Macedo dá conta das áreas e temas em que gostava de trabalhar:

“No campo da História Económica há um assunto que muito gostaria de investigar em cooperação com os sócios que o desejarem, se o desejarem – é o problema da formação da classe assalariada em Portugal (transição da economia de tipo feudal para a capitalista); como se operou essa transformação, como se realizou (e porque causas) o abandono do campo e a expropriação que levou à formação duma classe de indivíduos dispondo apenas da força de trabalho”<sup>90</sup>.

Os esforços para manter a Associação Portuguesa de História da Civilização esmorecerão rapidamente perante feixes de dificuldades, que iam desde o estatuto de muitos dos seus associados mais entusiastas, absorvidos profissionalmente e por uma questão de sobrevivência noutras actividades; à grande dispersão dos seus principais dinamizadores, como Magalhães Godinho, eleito Presidente da Direcção na Assembleia Geral de Abril de 1948, mas na prática impossibilitado de exercer funções executivas a partir de Paris, onde continuava; ou ainda perante o mutismo do Governo Civil quanto à legalização da APHC ou à retracção do Instituto Francês face à intolerância do regime português.

Mesmo conseguindo alargar-se consideravelmente, chegando a integrar figuras ligadas ao meio universitário português, como Manuel Heleno, não teve tempo, ou condições de natureza subjectiva, para congregar numa primeira linha o pleno dos historiadores e dos investigadores que navegavam nessa área, notando-se pelo menos as ausências, porque mais evidentes, de Flausino Torres e Antonino de Sousa.

Na prática sobravam poucas condições para que um projecto como este pudesse manter-se no país, mesmo escorado em fortes apoios científicos internacionais, como no caso de França. Durou por isso, pouco mais de um ano.

No entanto, este projecto foi a iniciativa mais importante no sentido da criação de uma rede de historiadores e investigadores em ciências sociais fora da esfera de influência do regime e animado por gente identificada publicamente com a oposição.

A Associação Portuguesa para a História da Civilização enquadrava uma geração de jovens intelectuais hegemonizados pelo Partido Comunista Português, em que os seus principais animadores já eram ou estavam em vias de se tornarem militantes comunistas – Borges de Macedo, Barradas de Carvalho, Pinto Loureiro, António José Saraiva, Óscar Lopes, Armando Castro, afinal a maioria do grupo que constituía a comissão organizadora – mas que aceitavam dar corpo a uma estrutura que, do ponto de vista da corrente historiográfica que explicitamente representava, já estava a ser, ao tempo, fortemente contestada pelos historiadores comunistas do PC Francês.

Aí parecem sentir-se bem mesmo aqueles que de modo mais assumido e coerente aceitam o materialismo histórico e a economia política marxista como ferramentas do seu pensamento, como foi o caso de Armando Castro.

Mais do que o contexto político que favoreceria o projecto da Associação como uma espécie de espaço de unidade dos investigadores em ciências sociais que de modo mais ou menos declarado se opunham à historiografia antiliberal do regime e ao próprio regime, estava também patente a sedução que a corrente de renovação historiográfica francesa dos *Annales* exercia junto destes sectores de jovens intelectuais, mesmo que igualmente seduzidos e abraçados ao marxismo.

<sup>91</sup> Cf. Armando Castro, "Significado histórico da obra de Mousinho da Silveira", in *Revista de Economia*, II, 3, Setembro de 1949, pp 145-153.

<sup>92</sup> Fernando Piteira Santos, "A burguesia comercial de Lisboa e as Constituintes de 1821-22", in *Revista de Economia*, IV, 1, Maio de 1951.

<sup>93</sup> Joel Serrão, "Nota sobre o comércio do açúcar entre Viana do Castelo e o Funchal, de 1581 a 1587, e sobre a decadência do açúcar madeirense a partir de finais do século XVI", in *Revista de Economia*, III, 3, Dezembro de 1950.

<sup>94</sup> Vitorino Magalhães Godinho, "Histoire Économique et Économie Politique", in *Revista de Economia*, IV, 3, Setembro de 1951.

## **8. Buscas pela compreensão integral**

Mas, se a Associação Portuguesa para a História da Civilização seria não só efémera, como praticamente não conseguiria descolar, outras iniciativas, mais restritas, não deixaram de constituir espaços mais consistentes e duradouros onde se puderam expressar alguns dos que haviam convergido na APHC.

A criação da *Revista de Economia*, cujo primeiro número é de Março de 1948, coincide praticamente com a desagregação do projecto da APHC. Trata-se de uma revista que não obstante o seu lançamento ter sido muito apoiado por Bento de Jesus Caraça, acolhe colaboração muito diversificada – marxistas, keynesianos ou investigadores da corrente dos *Annales*.

Vamos encontrar desde início a colaboração de Armando Castro, evidentemente, mas também Fernando Pinto Loureiro. Começam, aliás, por subscrever textos sobre teoria económica. Castro, por exemplo, no terceiro número, de Junho de 1948, escreve sobre a teoria subjectiva do valor e Fernando Pinto Loureiro, em Março de 1949 sobre o percurso entre a economia neoclássica tradicional e a nova economia keynesiana.

Este seria, no entanto uma das últimas colaborações de Pinto Loureiro neste contexto, pois, pouco depois, viria a ser preso no processo de desmantelamento do sector intelectual de Coimbra do PCP e abandonaria a actividade política, afastando-se dos seus antigos companheiros e evoluindo para posições mais conservadoras.

O primeiro artigo de história económica publicado na revista de Economia é de Armando Castro sobre a importância das medidas tomadas por Mousinho da Silveira, no final do primeiro terço do século XIX<sup>91</sup>, de resto na linha das suas preocupações e dos seus interesses em torno da desagregação das estruturas económicas do Antigo Regime e da transição para o capitalismo.

Mas no início dos anos cinquenta começam a surgir novas colaborações de elementos que haviam estado na aventura da APHC – Joel Serrão, Fernando Piteira Santos, Vitorino Magalhães Godinho, assim como de historiadores estrangeiros ligados aos *Annales*, como Jean Meuvret e Albert Silbert ou de economistas marxistas, como Maurice Dobb.

Apesar do interesse na desagregação do Antigo Regime e nas revoluções liberais, manifestamente explicitado por Castro e tomado por Piteira Santos como objecto da sua tese de licenciatura<sup>92</sup> ao regressar à Faculdade já no início dos anos cinquenta, não se pode propriamente dizer que os interesses se centrassem exclusiva ou mesmo predominantemente aí. Joel Serrão escreve sobre a decadência do comércio do açúcar madeirense no último quartel do século XVI<sup>93</sup> e Magalhães Godinho começa por publicar um ensaio de teoria económica<sup>94</sup> em língua francesa.

<sup>95</sup> Cf. Carlos Bastien, “Para a história da economia marxista em Portugal”, in *Vértice*, II série, 2, Maio de 1988, pp. 67-74.

<sup>96</sup> Cf. Carlos Bastien, “A afirmação das ideias económicas marxistas em Portugal” (1945-1954), in *Contribuição para a História do Pensamento Económico em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988, 159-184.

<sup>97</sup> Cf. Carlos Bastien, “A obra económica de Armando Castro”, Separata do *Boletim de Ciências Económicas*, XVI, 2002.

<sup>98</sup> Flausino Torres, cit. por Fátima Nunes, “‘Revista de Economia’. O Discurso de uma publicação científica”, in *O Estado Novo das Origens ao fim da Autarcia 1926-1959*, Volume II, Lisboa, Fragmentos, 1987, pp. 239-240.

<sup>99</sup> Idem, p. 240.

<sup>100</sup> IANTT, PIDE/DGS, P. 1151/47-SR, Carta de António José Saraiva a Jorge Borges de Macedo, Viana [do Castelo], 5 de Novembro de 1947, mns, p. 1, [100].

<sup>101</sup> Jorge Borges de Macedo, cit. por Fernando Piteira Santos, A “historiografia marxista”...

<sup>102</sup> Cf. Idem.

<sup>103</sup> Armando Castro, “A situação económica no tempo de Pombal – alguns aspectos por Jorge de Macedo”, in *Vértice*, I série, 107, Julho de 1952, p. 381.

Mercê da colaboração de Armando Castro e de Jorge Alarcão, mas também de Augusto Sá da Costa, as ideias económicas marxistas puderam-se afirmar logo desde a fase inicial da revista<sup>95</sup>, mas de modo muito minoritário, em que nem os artigos de Maurice Dobb puderam contribuir para que assim deixasse de ser, sendo assinalada a sua influência, como a de Paul Sweezy, junto dos economistas marxistas portugueses<sup>96</sup>.

A ponte com a História, estabelecida por via da história Económica, é fundamentalmente construída por Armando Castro. As suas preocupações e o seu interesse na transição portuguesa para o capitalismo radicavam num objectivo mais geral que era o de compreender as causas do atraso português. Daí ter-se preocupado com o problema da agricultura, primeiro e, logo de seguida, com a questão da industrialização, da Revolução Industrial em Portugal, marco fundamental na sua obra, mesmo que nesse esforço de compreensão tivesse mais tarde, já nos anos 60, que voltar à evolução económica do período medieval<sup>97</sup>.

Mas Castro é um homem discreto, nada dado a polémicas, contrapondo-lhes a persistência e a tenacidade num percurso coerente e consistente, correndo por fora dos circuitos universitários. A polémica andarà aliás longe nestes anos de viragem para a década de cinquenta, ainda que aflore timidamente aqui e ali.

Dificilmente poderia ser de outro modo. Era afinal como se os próprios intelectuais comunistas tivessem alguma dificuldade em assumi-lo num contexto político marcado pela necessidade de unidade de todos os que se opunham ao regime. E neste quadro, salvo raras excepções, onde se inclui Armando Castro, evidentemente, a insuficiente autonomização de uma corrente marxista nesta fase condicionava-o. A proximidade e a evidente simpatia com que olhavam e acolhiam os pressupostos da corrente dos *Annales* tornava a demarcação difícil.

Uma das pedras de toque, aflorada com alguma timidez e sem grandes demarcações assentava na valorização dos de baixo, dos oprimidos, que os historiadores mais influenciados pelo PCP sustentavam, criticando quer os que mais se deixavam embalar pelas influências francesas quer os que vindos de outras formações disciplinares, como a Filologia, tendiam a subestimar os contextos sociais.

Flausino Torres, numa recensão crítica ao primeiro tomo da *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, publicado em 1947 por Vitorino Magalhães Godinho questiona:

“Porque não expõe a situação do escravo e da mulher? Porque é que ao falar nas regiões de gados e nas regiões agrícolas não explica a quem pertencem os gados; qual o regime de propriedade; e quais as relações entre proprietários e nas várias categorias de trabalhadores? Não haveria mais nada a dizer acerca da vida social dos trabalhadores, além da referência apressada à organização dos moços de fretes de Fez?”<sup>98</sup>.

Ainda assim, a observação crítica de Flausino Torres não extravasa muito os pressupostos reconhecidos pela própria corrente dos *Annales* ao concluir que “explicar em história é relacionar o económico, o social e o mental, o que de forma alguma pôde ser conseguido porque nem o social nem o mental nos foram dados a conhecer”<sup>99</sup>.

Borges de Macedo, por sua vez, observa a António José Saraiva a propósito do seu ensaio sobre *As Ideias de Eça de Queirós*, de 1946 sobre a pouca contextualização social e política, a que Saraiva responde: “Aguardo c/ grande interesse a s/ carta acerca do ‘Eça’. Admito que V. tenha razão na s/ crítica à minimização dos acontecimentos nacionais. Não esqueça no entanto q. o s/ ponto de observação é diverso do meu. Eu estou metido dentro de textos literário...”<sup>100</sup>.

Todavia, Borges de Macedo será porventura dos que mais assimilou a influência dos *Annales*, designadamente no prefácio à sua tese sobre *A situação económica no tempo de Pombal*, que sendo de 1945, só vem a ser publicada em 1951. Aí, seguindo uma das mais importantes linhas de demarcação da corrente dos *Annales* em relação à história marxista, esclarece que qualquer que seja o tipo de determinismo em história só pode, em sua opinião, conduzir a “hipóteses e juízos simplistas sobre o fluir da história”<sup>101</sup>.

Joel Serrão na apreciação crítica da obra que publica no jornal *Ler*, estigmatizado ao tempo pelo PCP, é justamente com a corrente dos *Annales* que relaciona a obra<sup>102</sup>.

Por isso mesmo, Armando Castro, na recensão que também faz a esta obra, depois de salientar a sua importância, pela seriedade, pelo carácter científico, pelos documentos e pela informação que disponibiliza, atendendo às condições em que foi produzida e à situação das fontes que limitam muitos dos assuntos tratados, conclui do entanto que “É necessário saber, quando se fala em defesa do poder do Estado, que Estado se estava a defender – Que classe ou classes sociais se procurava defender com esse reforço do ‘poder real absoluto’ Quais as linhas essenciais dos interesses que a classe que dominava o Estado procurava defender e que interesses se lhe opunham”<sup>103</sup>.

Ou seja, segundo Castro, Borges de Macedo desvaloriza a estrutura social, o que significa que muitos aspectos ficam mal esclarecidos, pois só o poderiam ser iluminados pelas relações económico-sociais da época.

É certo que nesta altura Macedo se afastava irremediavelmente do PCP, depois de uma fugaz passagem pela prisão e que isso poderia ajudar a explicar uma eventual inflexão, mas todavia se isso se torna mais claro, está subjacente de há muito, desde as primeiras colaborações em *O Diabo*.

Também Fernando Piteira Santos acentua a sua aproximação aos Annales depois da sua expulsão do PCP. A sua tese, tardia, concluída em 1955, sobre *Geografia e Economia da Revolução de 1820* procura basear-se nos pressupostos e orientações metodológicas dessa corrente francesa. E nesse sentido foi, na opinião de Magalhães Godinho, uma “investigação inovadora em sociologia histórica”<sup>104</sup>, combinando a análise factual dos acontecimentos revolucionários do Outono de 1820 com as correntes e forças em presença, identificando-as, caracterizando-as e largando a investigação a um inédito estudo de geografia eleitoral sobre as eleições Constituintes que se seguiram.

Este tema, com um enfoque económico já havia sido objecto da tese de licenciatura de Julião Soares de Azevedo, em 1943, que conseguirá ver editada no ano seguinte. Do seu ponto de vista, a revolução insere-se nos acontecimentos que sacudiram a Europa na segunda metade do século XVIII e no início do seguinte, mas corresponderia também “ao desenrolar da ordem nacional através dos tempos”<sup>105</sup>, ou seja, como refere logo na introdução, a um movimento de reacção contra o sistema anterior.

Mas, precise-se, que Julião Soares de Azevedo insere a revolução portuguesa de 1820 não no movimento de revoluções liberais, que evidentemente considera e valoriza, nas num contexto mais lato, que precisará logo na introdução como “movimento geral da Europa resultante dessa agitação económica e técnica a que se chama revolução industrial”<sup>106</sup>.

Azevedo negava assim a ideia corrente de que a revolução teria sido obra do dinamismo das ideias liberais, veiculadas pela Maçonaria, pela Universidade de Coimbra ou pela Academia das Ciências, mas descontextualizadas do ponto de vista económico e social, o que tornava essa explicação dominante como redutora e insuficiente.

A obra reflecte a aproximação ao marxismo do seu autor que, todavia, falecerá cedo, em 1953, com 33 anos, não que sem antes deixe ainda publicado um pequeno conjunto de ensaios, sempre de história económica, mas passando a incidir nos séculos XVII e XVIII, sobre as relações comerciais com a França e o norte da Europa.

Mas, curiosamente, as teses de licenciatura de Joaquim Barradas de Carvalho e Mário Soares não incidem sobre temas de história económica e social, mas sim sobre história das ideias, tomando Alexandre Herculano e Teófilo Braga como objecto de estudo.

Ainda que derivando do que no campo estrito da História parecia vir sendo sinalizado por este grupo como eixo de investigação prioritária, percebe-se do interesse que essas temáticas e o estudo dessas personalidades representavam no contexto político do país. Mais Herculano, todavia.

Barradas de Carvalho intentava tomar as ideias de Herculano na relação com o seu tempo, olhar o indivíduo e a sua estrutura mental em função da formação social de que participa, e de que é produto. Por outro lado, via em Herculano o “fundador” da nossa história social e o rigoroso e incansável manejador de fontes.

Se o primeiro intento não foi plenamente conseguido, como reconhece, já o segundo lhe permitiu no fundo apresentar Herculano no contraponto da mediocridade da historiografia dominante na época, tanto mais que protagonizada por um dos principais vultos do liberalismo, com vincada intervenção cívica, o que era anatemizado pelo regime.

A grelha de análise de Joaquim Barradas de Carvalho é o marxismo, como insinua com suficiente clareza na introdução à 1ª edição ao citar com considerável profusão Henri Lefebvre, o historiador marxista francês e a sua obra *Descartes*, aí inscritos como referências para a obra que abria, mas, fundamentalmente na forma como problematiza a questão em que labora.

“O nosso objectivo inicial, de há já alguns anos, foi dar uma explicação das ideias políticas e sociais de Alexandre Herculano, isto é, dar não só uma exposição das ideias de Herculano, mas também indagar, pelas relações de Herculano com a vida do seu tempo, da necessidade dessas ideias, numa tentativa de afastamento do contingente, do arbitrário, que se une sempre ao que é individual na explicação histórica. Mas em breve verificámos a impossibilidade de tal tarefa. O estado dos estudos históricos em Portugal, e especialmente no que se refere à época que para este caso nos interessa, o século XIX, é desanimador”<sup>107</sup>.

Todavia, a permeabilidade à historiografia dos Annales patenteia-se já aí bastante bem, ainda que pela via da história social, ao citar de Vitorino Magalhães Godinho um pequeno excerto de um ensaio muito considerado ao tempo<sup>108</sup> – “o todo da sua conduta só pelo todo dos círculos a que pertence vem a ser compreendido integralmente”<sup>109</sup> e ao implicitamente considerar como insuficiente uma história-acontecimento.

Mas o que Barradas observa em Herculano sobre a subestimação dos Descobrimentos e da cultura que gerou<sup>110</sup> remete para a grande área de interesse que nutria – a história económica e a questão das técnicas, que já havia originado um primeiro artigo, anterior à tese de licenciatura<sup>111</sup>, que alargaria

<sup>104</sup> Vitorino Magalhães Godinho, “Saudades de lutar pelo futuro”, in Maria Antónia Fiadeiro (Organização e Coordenação de) *Fernando Piteira Santos. Português, cidadão do século XX*, Porto, Campo das Letras, 2003, p. 156.

<sup>105</sup> Julião Soares de Azevedo, *Condições Económicas da Revolução Portuguesa de 1820*, Lisboa, Empresa Contemporânea de edições, 1944, p. 165.

<sup>106</sup> Idem, p. 12.

<sup>107</sup> Joaquim Barradas de Carvalho, *As ideias políticas e sociais de Alexandre Herculano*, Lisboa, Tip. Garcia & Carvalho, 1949, p. 15.

<sup>108</sup> Cf. Vitorino Magalhães Godinho, *A crise da História e as suas novas directrizes*, Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, [1946].

<sup>109</sup> Cit. por Joaquim Barradas de Carvalho, *As ideias políticas...*, pp. 13-14.

<sup>110</sup> Cf. Fernando António Baptista Pereira, “Para uma explicação de Joaquim Barradas de Carvalho”, in *História & Sociedade*, 8-9, Dezembro de 1981, pp. 5-6.

<sup>111</sup> Cf. Joaquim Barradas de Carvalho, *As invenções técnicas e a história económica – alguns aspectos*, Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, 1944.

<sup>112</sup> Cf. Marc Lazar, *Maisons Rouges. Les Partis Communistes français et italien de la Libération à nos jours*, Paris, Aubier, 1992, pp. 69-70.

<sup>113</sup> Cf. Idem, p. 72.

<sup>114</sup> Cf. Jeannine Verdès-Leroux, *Au service du Parti. Le Parti Communiste, les intellectuels et la culture (1944-1956)*, Paris, Fayard/Éditions du Minuit, 1983, pp. 252-256.

prolongadamente no tempo com base na História da Expansão, entrelaçando história social, cultural e das mentalidades, numa vizinhança muito próxima dos Annales.

De qualquer modo, num quadro historiográfico nacional de enormes lacunas, isso ainda era mais evidente na história contemporânea.

Será, no entanto, necessário esperar pela década de sessenta para começarem a surgir os primeiros ensaios e as primeiras obras sobre história contemporânea.

O que os anos cinquenta trazem é como que uma espécie de toque a reunir pela historiografia marxista feito soar pelo principal dirigente do PCP, Álvaro Cunhal, preso ao longo de toda essa década, na Penitenciária de Lisboa, primeiro e no forte de Peniche, depois.

## **9. Luta ideológica no domínio da História**

No segundo pós-guerra, no novo contexto de guerra fria, no movimento comunista internacional, a orientação dos partidos comunistas era determinada pelo *Kominform*, criado como “centro de informação” que reunia os partidos da União Soviética, das “democracias populares”, bem como o francês e o italiano, os mais importantes da Europa ocidental.

A luta ideológica constituía, a par das lutas sociais e da solidariedade internacional, uma frente de acção fundamental que começa a ser estruturada no interior dos próprios partidos a partir de 1948 e que adquiria relevo particularmente significativo nos partidos comunistas francês e italiano, onde se constituem então as primeiras comissões para a formação de quadros, para o educação e o ensino, para o trabalho cultural ou simplesmente para os intelectuais.

No caso do PC Francês, na sequência do seu VI Congresso, a reunião do Comité Central de Janeiro de 1948, decidiu criar três comissões com esses objectivos, sendo a comissão dos intelectuais controlada por Laurent Casanova<sup>112</sup>.

Os intelectuais comunistas, doravante soldados da grande frente cultural e ideológica, tornavam-se sob a bandeira do seu partido intrépidos defensores do realismo socialista, da teoria das duas ciências, do lyssenkismo, da linguística estalinista ou da história proletária, contra o obscurantismo, a mentira científica, a decadência cultural burguesa e toda a sorte de teorias contra-revolucionárias e pró-imperialistas.

Tratava-se de criar o que entendiam ser uma verdadeira cultura popular de extracção nacional, mas de produção ferreamente controlada pelo Partido Comunista e este pelo *Kominform*.

A revista *La Nouvelle Critique*, que Casanova lança em Dezembro de 1948 era o instrumento desta frente ideológica no campo da cultura e da ciência.

Em Itália, já em Abril de 1954, o dirigente comunista Emílio Togliatti, intervindo numa reunião da Comissão Cultural do PCI, exorta a uma “cultura socialista italiana”, “socialista pelo conteúdo” e “nacional pela forma”; praticamente ao mesmo tempo, em Junho desse ano, Louis Aragon discursa da tribuna do XIII Congresso do PCF sobre “A arte do Partido”<sup>113</sup>.

Nesta ofensiva, o combate ideológico chegou também ao domínio da História. Era um combate que assumia contornos vincadamente instrumentais e que embora longe do que se verificou em matéria de literatura e arte, foi igualmente agressivo, marcado por um fundo sectário muito forte, demasiadamente palavroso e frequentemente longe do rigor indispensável em matéria de debate científico.

Os historiadores do PCF tomavam como alvo principal os seus colegas da corrente historiográfica à volta da revista *Annales – Économies. Sociétés, Civilisations*, gente de formação liberal, alguns mesmo de convicções socializantes, mas, sem intervenção política relevante.

Lucien Febvre era criticado por não fazer, na reedição do pós-guerra do *Lutero*, a denúncia dos perigos de um novo fascismo, branqueando as responsabilidades do imperialismo e da social-democracia e escamoteando a resistência heróica dos comunistas alemães.

Em relação a *Le Problème de l'Incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle* Febvre é acusado de ter desvalorizado Rabelais e toda a linha de desenvolvimento popular e nacional, que os comunistas se consideravam herdeiros.

Fernand Braudel era zurzido porque na sua tese *La Méditerranée et le monde méditerranéen au temps de Philippe II* se tinha preocupado com as permanências em história e não com o desenvolvimento da humanidade, revelando um profundo temor da revolução proletária e prestando um grande serviço às forças imperialistas.

Ernest Labrousse era acusado de reintroduzir temas obscurantistas e reaccionários e, como invocasse o marxismo, de violar de modo anticientífico as leis do desenvolvimento histórico, isto é, o materialismo histórico e, por isso, acusado de mistificador e de traidor<sup>114</sup>.

O carácter anacrónico e mesmo caricatural destas críticas não lhes reduz a agressividade. Tratava-se de anatemizar quem não perfilhasse a teoria marxista ou mesmo os que, perfilhando-a, se mantinham fora do Partido Comunista, único lugar onde isso era possível. Era a teoria das duas ciências burguesa/proletária trazida e amplificada para o campo da História.

A corrente dos *Annales* surgia assim ao serviço dos desígnios mais obscuros, envolvida nas “tentativas de liquidação do património cultural nacional e de preparação para a guerra antisoviética”<sup>115</sup>.

Mas com esta violência nos ataques aos *Annales*, dirigidos directamente a partir do Comité central do PCP<sup>116</sup> era toda a história social construída em bases não estritamente marxistas que se pretendia atingir.

Estas concepções amenizaram-se a partir de meio dos anos cinquenta, em larga medida devido às inflexões ocorridas na União Soviética e, por extensão, no movimento comunista internacional após a morte de Estaline e o XX Congresso do PCUS.

Em Portugal não se passou na área da História, nem das ciências exactas nada de semelhante. Apenas no domínio da literatura, o modo displicente com que o débil movimento surrealista foi tratado e a polémica interna do neo-realismo representaram assomos desse clima à escala e no quadro das circunstâncias políticas existentes.

De qualquer modo, as alterações introduzidas pelo movimento comunista internacional em clima de guerra fria eram percebidas pelo PCP, num momento em que as relações com o centro comunista haviam sido restabelecidas após dez anos de afastamento, por suspensão da Internacional Comunista.

Logo a seguir à candidatura de Norton de Matos à Presidência da República, em 1949, a política de unidade antifascista desenvolvida pelo PCP contraíra-se seriamente, ficando o partido politicamente isolado, apenas com uma reduzidíssima franja de aliados políticos em torno do MND, Movimento Nacional Democrático.

Álvaro Cunhal, o principal dirigente do PCP fora preso em Março de 1949, menos de um ano depois de ter regressado de uma longa viagem pelos países de democracia popular e pela União Soviética, onde restabelecera os laços do seu partido com o movimento comunista internacional, tendo travado contacto com os partidos comunistas já em pleno período Kominformiano.

Por outro lado, Cunhal estivera antes muito ligado aos movimentos culturais juvenis nos finais dos anos trinta, em particular à redacção de *O Diabo* e polemizara em defesa de uma arte socialmente comprometida.

Na prisão, desenvolvera uma estratégia contra o isolamento e a solidão<sup>117</sup> que conduziram não só aos desenhos da prisão ou à tradução do *Rei Lear*, de Shakespeare, mas, fundamentalmente a um importante conjunto de obras quer de ficção política como *Até Amanhã Camaradas* e *Cinco Dias Cinco Noites*, inicialmente intitulado *A Mulher do Lenço Preto*, quer estudos e ensaios como *A Questão Agrária em Portugal* e *As Lutas de Classes em Portugal no Final da Idade Média* ou participando de modo esmagador na polémica interna do neo-realismo com o ensaio *Cinco Notas sobre Forma e Conteúdo*.

Estes estudos e ensaios, cumprindo essa função fundamental de manter-se ocupado, activo como forma de resistência em ambiente prisional, foram obras a que quis conferir cariz científico e tiveram igualmente um cunho utilitário directo, um objectivo concreto a atingir, olhando para dentro do seu partido e intervindo na sua acção, mesmo preso.

Com o ensaio *Cinco Notas sobre Forma e Conteúdo*<sup>118</sup> Álvaro Cunhal interfere, ainda que sob pseudónimo de António Vale, na polémica interna do neo-realismo, que se vinha desenvolvendo nas páginas da revista *Vértice* desde 1952.

A polémica havia sido desencadeada por um texto de António José Saraiva e nela se envolveriam poetas, escritores, compositores musicais e ensaístas, como João José Cochofel, Mário Dionísio, Fernando Lopes Graça e outros. O campo neo-realista dividir-se-ia irremediavelmente e o escrito de Cunhal, ainda que poucos soubessem de quem se tratava, contribui de modo decisivo para isso.

Intervindo na área onde o sectarismo e a intolerância ideológica teriam sido mais patentes entre nós, com múltiplos artigos de propaganda em matéria de literatura e arte, defendendo o conteúdismo, crispando velhas amizades e fracturando sólidas redes de sociabilidade, Cunhal sentenciava: “Não tem qualquer razão de ser a objecção de que a sobreposição do conteúdo á forma não é fecunda no acto de criação artística. No próprio processo de criação, como norma para alcançar um nível superior, como norma para alcançar uma forma superior, é válido o princípio ‘primeiro o conteúdo!’”<sup>119</sup>.

Dadas as condições políticas de rigorosa clandestinidade e sob fortíssima pressão policial em que o Partido Comunista se via constrangido a actuar, a polémica travou-se fundamentalmente num plano legal, movendo-se nos estreitos interstícios que escapavam às malhas da Censura.

Não obstante, nas restritas células de intelectuais instavam-se os que cediam ao formalismo; muitos demitiram-se enquanto outros foram expulsos, para que assim o partido marcasse bem que a iniciativa de os sancionar fora sua.

<sup>115</sup> J. Blot [Jacques Chambaz], “Le révisionisme en histoire ou l’Ecole des Annales”, in *La Nouvelle Critique*, 30, Novembro de 1951, p. 60, cit. por Jeannine Verdès-Leroux, *Au service du Parti...*, p. 253.

<sup>116</sup> Cf. Frédérique Matonti, *Intellectuels Communistes*, Paris, La Découverte, 2005, p. 252.

<sup>117</sup> Cf. José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. 3 (1949-1960). O Prisioneiro*, Lisboa, Temas e Debates, 2005, pp. 181-218.

<sup>118</sup> António Vale [Álvaro Cunhal], “Cinco Notas sobre Forma e Conteúdo”, in *Vértice*, 131-132, Agosto-Setembro de 1954, pp. 466-484.

<sup>119</sup> *Idem*, p. 484.

<sup>120</sup> “Direcção Central da Organização Regional do Norte do PCP, Contra as manobras provocadoras dos inimigos do Partido”, Novembro de 1952, cicl. p. 2.

<sup>121</sup> Cf. “Direcção da Organização Regional e Lisboa do Partido Comunista Português”, Circular a todos os militantes do Partido no sector, Setembro de 1952, cicl. p. 4.

<sup>122</sup> Cf. João Madeira, *Os Engenheiros de Almas*, Lisboa, Estampa, 1996, p. 305.

<sup>123</sup> Cf. Livros apreendidos, IANTT, PIDE-DGS, PC 14499/1949, 7<sup>o</sup> Vol.

<sup>124</sup> Cf. José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. 3...*, p. 201.

Perante o lançamento do jornal *Ler*, fora da área de influência do PCP, onde muitos dos que eram acusados de formalistas passaram colaborar, o PCP decidiu que “qualquer forma de apoio que se possa dar, directa ou indirectamente à divulgação de LER significa uma forma de cooperação com elementos corruptos e provocadores, significa uma forma de concordância com os objectivos do fascismo, que pretende esfacelar a Unidade dos democratas portugueses e atacar e destruir o nosso P...”<sup>120</sup>. O PCP chegou a proibir que os seus colaborassem inclusivamente na *Enciclopédia de Vida Corrente*, só porque era dirigida por Antonino de Sousa, expulso do PCP nos primeiros anos cinquenta<sup>121</sup>.

A intervenção de Cunhal insere-se nesta ofensiva reguladora, que continua bem presente em 1954 e que entendia que deveria prosseguir ao enviar novo texto para a redacção da *Vértice*, intitulado *Problemas do Realismo*, já em 1955, mas que não viria a ser publicado<sup>122</sup>.

As suas obras literárias, principalmente o *Até Amanhã Camaradas*, bem como os desenhos da prisão constituiriam assim, objectivamente, o exemplo alternativo a essa arte decadente que, do seu ponto de vista, estava a minar o campo cultural progressivo português.

## 10. Um novo impulso da historiografia marxista?

Um dos primeiros escritos da prisão, logo após o julgamento, teria sido *As Lutas de Classes em Portugal no Final da Idade Média*, em 1950. Escrito na Penitenciária de Lisboa, no período de regime prisional mais duro, pois sujeito a um isolamento total. Com a preparação da sua defesa e depois disso pôde beneficiar de melhores condições, ainda que o isolamento se mantivesse. Passou assim a poder receber material de escrita, papel, lápis, canetas, mas também algumas obras. Essas condições nunca deixariam de ser extremamente limitadas, mas ter-se-ia apoiado em leituras anteriores e nas poucas que conseguiu sob prisão.

É interessante verificar como entre a volumosa documentação que lhe foi apreendida na casa do Luso, no momento da prisão se encontra um conjunto de obras históricas, designadamente *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, de Vitorino Magalhães Godinho (1943) e *A Revolução Social Portuguesa*<sup>123</sup>, que poderá bem ser *O Carácter Social da Revolução de 1383*, de Joel Serrão.

Mas a grande fonte primária era, evidentemente a *Crónica de D. João I de Fernão Lopes* e toda uma série de obras de tradição historiográfica liberal que haviam tratado directa ou indirectamente o assunto, mesmo que se tivessem mantido a montante ou na periferia do tema, designadamente Alexandre Herculano (1810-1877), Rebelo da Silva (1822-1871) ou Henrique da Gama Barros (1833-1925)<sup>124</sup>.

O tema da Revolução de 1383 vinha-se revelando caro aos historiadores portugueses que trabalhavam fora dos círculos do regime. António Sérgio aborda o tema no Prefácio ao 1<sup>o</sup> volume da *Crónica de D. João I*, de 1945 e no ano seguinte publica *Sobre a Revolução de 1383-1385*, incluído no VI volume dos Ensaios. A obra de Joel Serrão, editada pela Labor, era, por sua vez de 1946. E já antes, em 1930, Jaime Cortesão abordara o tema em *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal*.

As suas teses tinham em comum a valorização da dimensão social do período. Cortesão enfatiza justamente o seu carácter social, urbano e popular, mas tanto Sérgio como Serrão, concordando com esse carácter social, especificando, sem se distanciarem em absoluto de Cortesão, consideram-na uma revolução burguesa, independentemente da participação popular.

Escrevendo ou fazendo ressoar as suas palavras naquela conjuntura específica do pós-guerra, em que, após a vitória dos Aliados, ainda não tinham morrido todas as expectativas quanto ao derrube próximo do regime, essas obras tinham uma dupla leitura. Antes do mais a que lhes era conferida pelo rigor de análise e pela abertura das conclusões a que chegavam num meio historiográfico subdesenvolvido e atávico no seu conservadorismo e, depois, porque de algum modo, alimentavam o apelo implícito ao derrube do próprio regime por uma vasta coalizão popular, mas com o controlo e a contenção das camadas intermédias mais esclarecidas.

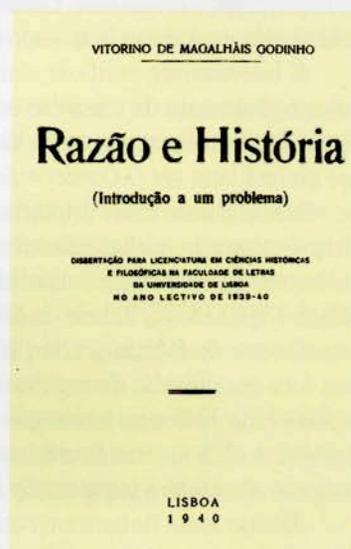
É justamente neste contexto que Cunhal, apesar de preso se lança a escrever *As Lutas de Classes em Portugal no Final da Idade Média*. Responde assim a essa dupla leitura.

Em primeiro lugar contrapõe-lhes uma outra interpretação historiográfica, como que querendo mostrar a esses autores, mas também aos seus camaradas do PCP que eram historiadores e que oscilavam, procurando o equilíbrio, entre o marxismo e os *Annales*, que faltava uma interpretação marxista da História de Portugal.

No entanto, percebe bem como essas interpretações historiográficas, principalmente a de Sérgio, rompem com a visão nacionalista e milagreira do regime, ao introduzirem elementos fundamentais de análise de incidência económico-social.



**Arquimedes da Silva Santos  
e Joaquim Namorado**  
Figueira da Foz, 1945-46



**Passeio no Tejo**

1941  
Em 1º plano (da esqª p/ a dtª): Fernando Lopes Graça, Virgínia Redol, Alves Redol, Augusto Sá da Costa, Cândida Ventura, Inácio Fiadeiro e Zaluar Nunes  
Em 2º plano (da esqª p/ a dtª): Correia Guedes, Ferreira Marques, Bento de Jesus Caraça, Alfredo Pereira Gomes, Hugo Ribeiro, Manuel da Fonseca, Fernando Piteira Santos, e outros

Vitorino Magalhães Godinho  
**Razão e história: introdução  
a um problema**  
Lisboa, [s.n.], 1940  
Tese de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1940



**Passeio no Tejo**

5 Julho de 1942  
(da esqª p/ a dtª) Pulido Valente, Vitorino Magalhães Godinho, Humberto Morgado, Rui Grácio, Joaquim Barradas de Carvalho  
Reprod. do orig. cedido por Maria Lucília Estanco Louro

125 Cf. Idem, p. 427.

126 Cf. Armando Castro, "Plano Geral da Obra", in *A Evolução Económica de Portugal dos séculos XII a XIV*, Lisboa, Portugália Editora, 1964, pp. 393-404.

Vai ser, portanto, na "desmontagem" desses elementos à luz duma grelha de análise marxista sobre a composição, estratificação e arrumação das classes face aos acontecimentos políticos que Cunhal traça a linha de demarcação face aos historiadores burgueses, incapazes de compreender, já para finais do século XIV, o papel progressivo da burguesia, dos artesãos e das massas camponesas contra a aristocracia reaccionária. Que aqueles defendam Portugal e estes Castela coloca o problema de saber quem verdadeiramente defende a independência nacional.

A revolução de 1383 constitui por isso, na perspectiva de Cunhal um momento histórico fundamental para perceber o modo de passagem de uma ordem feudal decadente para uma ordem capitalista em ascensão, utilizando para o efeito o acervo doutrinário marxista, a que recorre citando Marx e Engels.

Do ponto de vista interpretativo, abria-se um largo caminho para questionar do papel pioneiro de Portugal com a sua revolução burguesa em finais do século XIV, que lhe teria permitido antecipar-se na gesta comercial da expansão marítima.

As teses de Cunhal sobre um período longínquo não perdiam de vista o contexto do presente que se vivia. É evidente que Cunhal, através do exemplo histórico da Revolução de 1383, aproveitava para repetir aos sectores da oposição não comunista que o derrube de Salazar não podia ser obra de um qualquer movimento de todos os que se opunham ao regime, mas antes obra de uma vasta aliança social que tinha por base a unidade das forças sociais de vanguarda, no presente, o proletariado e o seu partido, não podendo haver contemplanções ou cedências em relação aos que queriam destruir mediante a submissão ao estrangeiro, a independência nacional do país.

Em finais de Julho de 1956, Álvaro Cunhal é transferido da Penitenciária de Lisboa para o forte de Peniche onde continua a escrever e onde, em contacto com um grupo de quadros comunistas interessados na discussão de temas de História, como António Borges Coelho, teria discutido e retocado a versão de 1950 de *As Lutas de Classes*. ... 125.

Várias versões dactilografadas da obra circulavam entre os dirigentes e quadros superiores do partido, tendo o texto sido editado pela primeira vez, só em 1967, em França pelo CERM, Centre d'Études et de Recherches Marxistes, ligado ao PCF.

Dois anos antes, Borges Coelho edita *A Revolução de 1383* Portugália Editora, cujos pontos de vista se aproximam bastante dos de Cunhal e que reflectem um período de convívio e de troca de opiniões sobre o tema, quando ambos se encontravam presos em Peniche e que acabaria por se tornar na primeira grande obra impressa e em língua portuguesa sobre o tema, segundo uma visão abertamente marxista, o que lhe permitiria ainda desenvolver alguns aspectos que na obra de Cunhal, dado o seu carácter tinham tido menor expressão na economia da obra.

Em 1964, Armando Castro havia iniciado a publicação da *Evolução Económica de Portugal dos séculos XII a XIV*, que dedica "Aos Camponeses de Portugal", apresentando com o primeiro volume um detalhado plano da obra.

Em que dedicava dois capítulos à "crise de 1383-85" com um exame crítico às concepções de alguns historiadores sobre aquela "grande revolução nacional e popular" e com a análise das "classes populares portadoras do facho da Independência Nacional" 126.

Todavia, Armando Castro ao utilizar uma malha mais fina de análise ensaia a caracterização detalhada das principais categorias da economia feudal em Portugal, teoriza sobre as principais leis económicas do período e sistematiza os traços característicos da evolução económico-social, que o conduzem ao papel incipiente da burguesia comercial e à forte permanência das estruturas feudais mesmo depois da revolução de 1383.

Desta forma, segundo Castro, a afirmação burguesa é asfixiada e bloqueado, e em boa medida revertido, o aprofundamento das rupturas revolucionárias, o que permitiu a reorganização e crescimento da aristocracia e o reforço do papel e da importância da Casa de Bragança.

Se é verdade que tanto Cunhal como Borges Coelho admitiam quer a recuperação da aristocracia sob a égide de Nuno Álvares Pereira, quer a debilidade da burguesia para se tornar numa força capaz de destruir a ordem feudal, a leitura de Castro representava uma posição de contenção face ao entusiasmo de Cunhal e Borges Coelho em verem na revolução de 1383 o surto ascendente do capitalismo.

Parece todavia evidente que se estava em presença de um expressivo impulso por parte da historiografia marxista em Portugal, cujo dinamismo e autonomia atingiam um estágio de desenvolvimento como até aí não se havia verificado.

Isto é particularmente importante, quanto a corrente neo-realista em matéria de literatura entra, precisamente nesta altura, numa fase decadência e de diversificação que lhe retiram a pujança e a coerência relativa que haviam cimentado o seu impacto junto de sectores da população.

O alargamento da escolarização da população permite que a História crítica adquira espaço e possa de algum modo competir quer com o que sobrevivia e derivava da literatura neo-realista quer com as novas correntes estéticas emergentes nos consumos culturais à escala do país nos anos sessenta.

Mas esta História crítica, apesar do impulso marxista, continua longe de uma hegemonia marxista. Magalhães Godinho, que terminara o doctorat d'État em 1959, regressa a Portugal a convite de Adriano Moreira para leccionar no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Experiência, no entanto fugaz que salpicada pelo apoio do historiador aos estudantes na crise académica de 1962 e pela demissão e recusa do trabalho que lhe fora encomendado para as Comemorações do 5º Centenário da Morte do infante D. Henrique mas que, apesar disso será editado ainda nesse ano<sup>127</sup>.

No ano seguinte Godinho inicia a publicação em língua portuguesa da sua tese de doutoramento – Os Descobrimentos e a Economia Mundial. E neste ano de 1963 inicia-se a publicação do Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão e que vai contar com a colaboração fecunda de Godinho e de dezenas de outros historiadores<sup>128</sup>.

A agregação de tão vasto número de colaboradores seria só por si suficientemente significativa para conferir importância ao Dicionário; todavia a qualidade de muitos desses historiadores, onde se encontram praticamente todos os que desde finais dos anos trinta, desde os bancos da Universidade, vinham perseguindo o movimento de crítica à historiografia “oficial” e propugnando por um movimento de renovação historiográfica conferem-lhe importância acrescida.

Por outro lado, também do ponto de vista da própria orientação do Dicionário, a valorização dos temas de história económica e social, procedendo a importantes sínteses à escala do objectivo da obra e dilatando o seu âmbito até à História Contemporânea, puxando-a até inícios do século XX, o que marca um ponto alto do movimento de renovação historiográfica.

Emerge ainda uma geração mais nova de historiadores, designadamente com Oliveira Marques, que sedimentará até ao final da década e inícios da seguinte este movimento.

No campo da historiografia mais aberta a uma maior influência marxista, dão-se passos significativos na História Contemporânea. Victor de Sá e Flausino Torres polemizam nas páginas da *Vértice* a propósito da publicação por aquele de Amorim Viana e Proudhon.

A concluir a recensão que Flausino dedica à obra de Sá vem ao de cima a situação dos estudos históricos contemporâneos em Portugal: “O século XIX está longe de estar estudado, embora tenhamos de ficar agradecidos a Joel Serrão, Barradas de Carvalho, Mário Soares, César Nogueira, Armando de Castro e a gora a Victor de Sá. Mas (e terminemos com umas perguntas indiscretas) onde se meteu a maior parte destes que, tendo começado tão prometedoramente, se entregaram depois à “glória” de outras actividades? Não teremos ainda possibilidades de coordenar todos estes esforços dispersos? Não será mesmo indispensável uma grande obra de conjunto dos séculos XIX e XX em Portugal?”<sup>129</sup>.

Victor de Sá não enjeará publicamente o desafio<sup>130</sup> e até ao final da década irá ainda publicar várias obras sobre o século XIX, designadamente um volume de ensaios ou *A Revolução de Setembro de 1836*, em 1969 e no mesmo ano ainda *A crise do Liberalismo em Portugal e as primeiras manifestações de ideias socialistas em Portugal*.

À volta de temas contemporâneos outros autores ensaiarão publicações como o próprio Flausino Torres, Augusto Costa Dias ou José Manuel Tengarrinha com a *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, inicialmente publicada em 1965.

Todavia a capacidade de concretizar o repto de Flausino andarão longe, não obstante a explosão destes temas à medida que se caminha para os anos setenta e com eles, a desagregação e o fim da ditadura.

Menos procurada pelos historiadores assumidamente inspirados nos Annales, ainda assim a destacar os dois volumes de ensaios de Joel Serrão sobre *Temas Oitocentistas* editados em 1962, os artigos publicados por Oliveira Marques na revista *O Tempo e o Modo* sob a designação genérica de *Estudos sobre Portugal no Século XX* ou a primeira síntese moderna sobre a República – *A Primeira República Portuguesa. Para uma visão estrutural*, de 1970.

Com o marcelismo e a ilusória liberalização, mas também sob o impacto do Maio de 1968, com um renovado contacto com a Europa, por via do exílio em muitos casos, irrompeu uma ainda mais nova geração de historiadores, com estudos marcantes, como, para o século XIX, Miriam Halpern Pereira, que publica em 1971 *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico*.

Mas há uma geração de jovens marxistas ou de influência marxista, porém em ruptura ou à margem do PCP, como César Oliveira ou José Pacheco Pereira, que entram pela história do movimento operário, que a procuram escrever, procurando resgatar dos velhos jornais, de outra documentação conservada no estrangeiro, o não dito pela versão legitimada, “oficiosa” veiculada pelo próprio partido.

“Procuravam fazer e reconstituir a ‘memória’ da história do movimento operário português”<sup>131</sup>, como diz César Oliveira, referindo-se à actividade desenvolvida na Cooperativa Confronto, do Porto, cujo espírito era afinal o mesmo com que procuravam editar os seus estudos nos últimos anos de ditadura.

<sup>127</sup> Vitorino Magalhães Godinho, *A Economia dos Descobrimentos Henriquinos*, Lisboa, Sá da Costa, 1962.

<sup>128</sup> Cf. Miriam Halpern Pereira, *Breve reflexão acerca da historiografia...*, pp. 5-15.

<sup>129</sup> Flausino Torres, “A Propósito do ‘Amorim Viana e Proudhon’ de Victor de Sá”, in *Vértice* Cf. Victor de Sá, in *Vértice*, 209, de Fevereiro de 1961, p. 110.

<sup>130</sup> Cf. Victor de Sá, “Sobre o método para a compreensão do nosso século XIX”, in *Vértice*, 211, Abril de 1961, pp. 253-260.

<sup>131</sup> César Oliveira, *Os anos decisivos*, Lisboa, Presença, 1993, p. 96.

132 Fernando Piteira Santos,  
 "A 'historiografia marxista' e a moderna  
 História de Portugal...".

## 11. "actualizar a herança de Fernão Lopes e de Alexandre Herculano"

O movimento de renovação contra a historiografia do regime e contra a esterilidade académica atravessou praticamente todo o período de ditadura. De finais dos anos trinta até 1974 diferentes gerações, em diferentes ritmos e diferentes contextos, mas praticamente sempre fora da Universidade e num quadro político geral muito difícil, emparedado pelos constrangimentos de carácter repressivo impostos pelo regime, quiseram escrever uma outra História.

Esse movimento nasceu cosido, como parte integrante, de um movimento mais geral de renovação cultural, que foi simultaneamente político e que se começou por afirmar no campo da literatura e da arte através do que se convencionou designar de movimento neo-realista.

Ambicionou alargar-se a vários domínios, mas tratou-se de um empreendimento desigualmente conseguido. Na História com dificuldades bem maiores que na literatura e arte, afirmando-se de modo mais lento, porventura mais eclético, ganharia ritmo, balanço, quando o neo-realismo literário e o neo-realismo visual decaíam, abrindo mais espaço para novas correntes estéticas.

Numa fase inicial foi com a sofreguidão ditada pelos ventos turbulentos que então sopravam que se quis alimentar do marxismo possível no país que dobrava a década; por isso os seus efeitos foram minúsculos, ainda que moldando solidariedades que resistiram e sobreviveram às agruras do tempo.

O grande esforço comum foi, como sublinhou Fernando Piteira Santos, "o esforço imenso, rigoroso e probo, de actualizar a herança de Fernão Lopes e de Alexandre Herculano"<sup>132</sup>.

Nessa herança couberam várias formas de olhar e de escrever a História, que juntaram desde muito cedo novos caudais à matriz marxista abraçada. O movimento de renovação historiográfico francês, que se vinha afirmando em torno da revista *Annales* exerceu um fascínio e uma influência poderosa, mesmo sobre muitos, praticamente todos, os que se afirmavam marxistas e que militavam inclusivamente nas fileiras do PCP.

A continuada política de unidade desenvolvida pelo Partido Comunista ter-se-ia traduzido nos militantes intelectuais que se dedicavam à História em concepções que procuravam o equilíbrio entre o marxismo e a "história sociológica" dos *Annales*, como no campo da Literatura muitos dos escritores neo-realistas foram acusados de não ter sido capazes de verter no conteúdo literário criado o reflexo depurado da ideologia marxista.

Todavia esse foi o preço pago pelas condições adversas para o contacto, o estudo e a assimilação do marxismo em Portugal, como foi também o custo de uma "política de unidade", que sendo instrumental, se tornaria linha estratégica de consistência doutrinária em ambientes politicamente fechados, onde a discussão ideológica era praticamente inexistente como sucedia no aparelho partidário do PCP.

Na discrição e persistência do seu trabalho, Armando Castro firmou-se como o principal historiador marxista, assim considerado pelo seu interesse em matéria de História Económica, já que a sua obra teve um âmbito bem mais vasto, de cariz económico.

Deste modo, a produção intelectual marxista teve sérias dificuldades em autonomizar-se, perdendo no campo da História a disputa pela hegemonia para sectores não comunistas, de influência socialista ou socializante, que assumiam abertamente a influência dos *Annales* e de que o principal expoente era Vitorino Magalhães Godinho.

Será de novo num quadro político muito determinado e em condições específicas particularmente adversas que, a partir da prisão, Álvaro Cunhal dá um forte impulso à historiografia marxista, como que querendo mostrar como a indistinção com a historiografia dos *Annales* em que laboravam muitos dos historiadores que se reclamavam do marxismo e que militavam no PCP constituía uma fonte de desvio político na ofensiva ideológica determinada pelo movimento comunista internacional em contexto de guerra fria.

A desagregação do regime, os exílios e o impacto de acontecimentos internacionais como o Maio de 1968 deram lugar à explosão de novas correntes historiográficas, de novas gerações de historiadores e de novas temáticas que ajudaram a compor um quadro historiográfico plural, convergente na necessidade de renovação, mas hegemonizado pelos historiadores que se reclamavam da corrente dos *Annales*.

Deste modo a renovação historiográfica ocorrendo em Portugal num período dilatado de tempo, foi-se consolidando a partir dos anos sessenta e foi o resultado de vários caudais convergentes engrossando no sentido de dar outro rumo à História em Portugal.

Os "novos remexedores da História" chegaram assim à democracia, mesmo com as suas querelas internas, mesmo na sua relativa diversidade, mesmo no reconhecimento das grandes insuficiências e lacunas por preencher, com o processo de renovação historiográfico suficientemente escorado e travejado.



**CATÁLOGO**

**NEO-REALISMO** MOVIMENTO LITERÁRIO, SURGIDO EM PORTUGAL, NO TERCEIRO DECÊNIO DO SÉC. XX, QUE, INSPIRADO NA LITERATURA NORTE-AMERICANA DE PREOCUPAÇÕES SOCIAIS E NO ROMANCE REGIONALISTA BRASILEIRO, PROCUROU INSTAURAR UMA LITERATURA COMPROMETIDA COM OS PRINCÍPIOS DO REALISMO SOCIALISTA, TEMATIZANDO SOBRETUDO AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS CAMPONESES.

*DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, LISBOA, CÍRCULO DE LETORES, 2003*

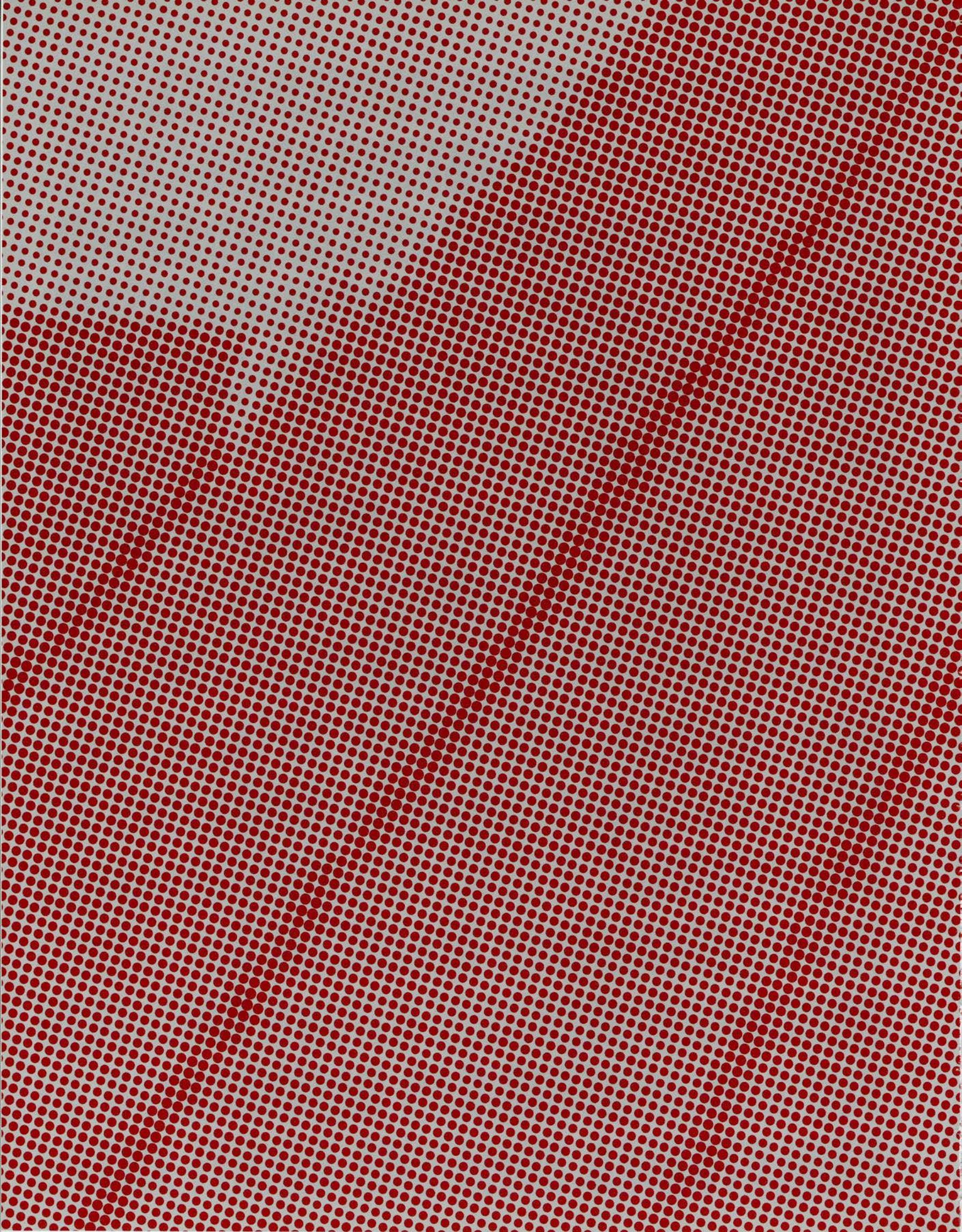
**O NEO-REALISMO LITERÁRIO** PODE DEFINIR-SE COMO UM MOVIMENTO QUE SE DESENNROLOU APROXIMADAMENTE ENTRE FINAIS DOS ANOS 30 E FINAIS

**DOS ANOS 50 DESTE SÉCULO [XX],  
NUM CONTEXTO PARTICULAR,  
CORRESPONDENDO A PARTE DO TEMPO  
HISTÓRICO-POLÍTICO DO SALAZARISMO  
E SOB O SIGNO IDEOLÓGICO E CULTURAL  
DO MARXISMO.**

*BIBLOS, ENCICLOPÉDIA VERBO DAS LITERATURAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA, LISBOA, EDITORIAL  
VERBO, 1999*

**S.M. (DE NEO- + REALISMO) MOVIMENTO  
ARTÍSTICO, LITERÁRIO  
E FILOSÓFICO QUE FLORESCEU NO  
PÓS-GUERRA, PROPONDO UMA  
REVALORIZAÇÃO DO REALISMO  
TRADICIONAL E QUE, INSPIRADO  
NO MATERIALISMO DIALÉCTICO,  
PROCURAVA REPRESENTAR E DAR  
VOZ AOS ANSEIOS DAS CAMADAS  
PROLETÁRIAS.**

*DICIONÁRIO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS  
DE LISBOA, LISBOA, EDITORIAL VERBO,  
2001, VOL.2*



# **GÊNESE DO MOVIMENTO**



**I**NSPIRADO pelas teorias marxistas do materialismo histórico e dialéctico, divulgadas nos meios políticos e intelectuais portugueses em meados dos anos 30, o movimento cultural do neo-realismo começa a desenhar-se a partir de importantes polémicas literárias então publicadas em periódicos como *O Diabo*, *Sol Nascente* e, alguns anos mais tarde, a revista *Vértice*, afirmando uma firme oposição ao subjectivismo presencista, ao defender uma “arte útil” virada para os problemas reais da sociedade, fazendo assim a ruptura com o ideário romântico e positivista do século XIX. Na verdade, as condições político-sociais de uma década marcada não só pela crescente oposição entre fascismo e comunismo, como pelos ecos de sofrimento da Guerra Civil Espanhola e o início da II Guerra Mundial, exigiam a uma nova geração de escritores maior intervenção cívica e cultural, solidarizando-se desde logo com os desígnios progressistas da esquerda europeia, desde a Revolução Russa à *Front Populaire*, em França, ou à defesa da ética republicana, em Espanha.

Neste contexto, obras como *Ilusão na Morte* (novelas, 1938) de Afonso Ribeiro, *Sinfonia da Guerra* (poemas, 1939) de António Ramos de Almeida ou, logo depois, *Gaibéus* (romance, 1939) de Alves Redol, *Rosa dos Ventos* (poemas, 1940) de Manuel da Fonseca, e *Esteiros* (1941) de Soeiro Pereira Gomes, vêm reforçar uma nova tendência na literatura portuguesa, traduzida desde cedo por um forte espírito *engagé*, isto é, politicamente empenhado na transformação das condições sociais do País, desenvolvendo temas como os conflitos de classe, a elevação moral dos oprimidos ou a esperança no futuro do Homem, identificando-se assim, de imediato, com o movimento de oposição ao regime salazarista do Estado Novo. *David Santos e António Mota Redol*

**Quando esta geração, dos vinte anos, chegou à idade das primeiras leituras enchia toda a literatura europeia o subjectivismo, levado ao extremo em Proust, James Joyce, André Gide, Thomas Man, etc., e profundamente enraizado em Dostoïeswki. Literatura intimista, por vezes psico-patológica, profundamente individualista, não correspondia, de modo algum, às necessidades positivas da juventude que nascia no post-guerra cheia de vitalidade, marcada com o desejo de viver plenamente a vida, sequiosa de claridade, de compreensão e comunhão humanas, buscando ansiosamente a verdade e a realidade.**

Joaquim Namorado, "Do Neo-Realismo: Amando Fontes", in *O Diabo*, Lisboa, 1938.

**Os neo-realistas afirmam que só a desmistificação da consciência pode conduzir a uma arte humana que, sendo arte, seja também humana, isto é, exprime os interesses e problemas dos homens que estão destinados a continuar a História.**

Rodrigo Soares, "Carta a um pintor sobre o Neo-Realismo", in *O Diabo*, Lisboa, 1939.

**O Neo-Realismo não é uma escola, é o novo estado da arte que corresponde ao advento de uma nova consciência, de uma nova cultura, de uma nova vida.**

António Ramos Almeida, "Notas para o Neo-Realismo", in *O Diabo*, Lisboa, 1940.



**Bento de Jesus Caraça,  
1901-1948**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b.  
Reprod. de orig. dos anos 30 (Séc. XX),  
cedido pelo Prof. João Caraça



**José Rodrigues Miguéis,  
1901-1980**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b.  
Reprod. de orig. dos anos 30 (Séc. XX)



**Afonso Ribeiro,  
1911-1993**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b.  
Reprod. de orig. dos anos 30 (Séc. XX)



**António Ramos de Almeida,  
1912-1961**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b.  
Reprod. de fot. de 1953

Quando esta palavra se aplica a toda a literatura de Jooz, André Gide, Literatura infantil, correspondia, de da juventude que de estar plenas.

buscando, buscando, buscando a verdade e a realidade.

O neorealismo afirma que se a desmistificação da realidade, se para a uma arte humana que, sendo arte, seja também humana, isto é, exprime os interesses e problemas dos homens que estão destinados a a história.

O Neo-Realismo não é uma escola, é o novo estado de arte que corresponde ao estado de uma nova consciência, de uma nova cultura, de uma nova

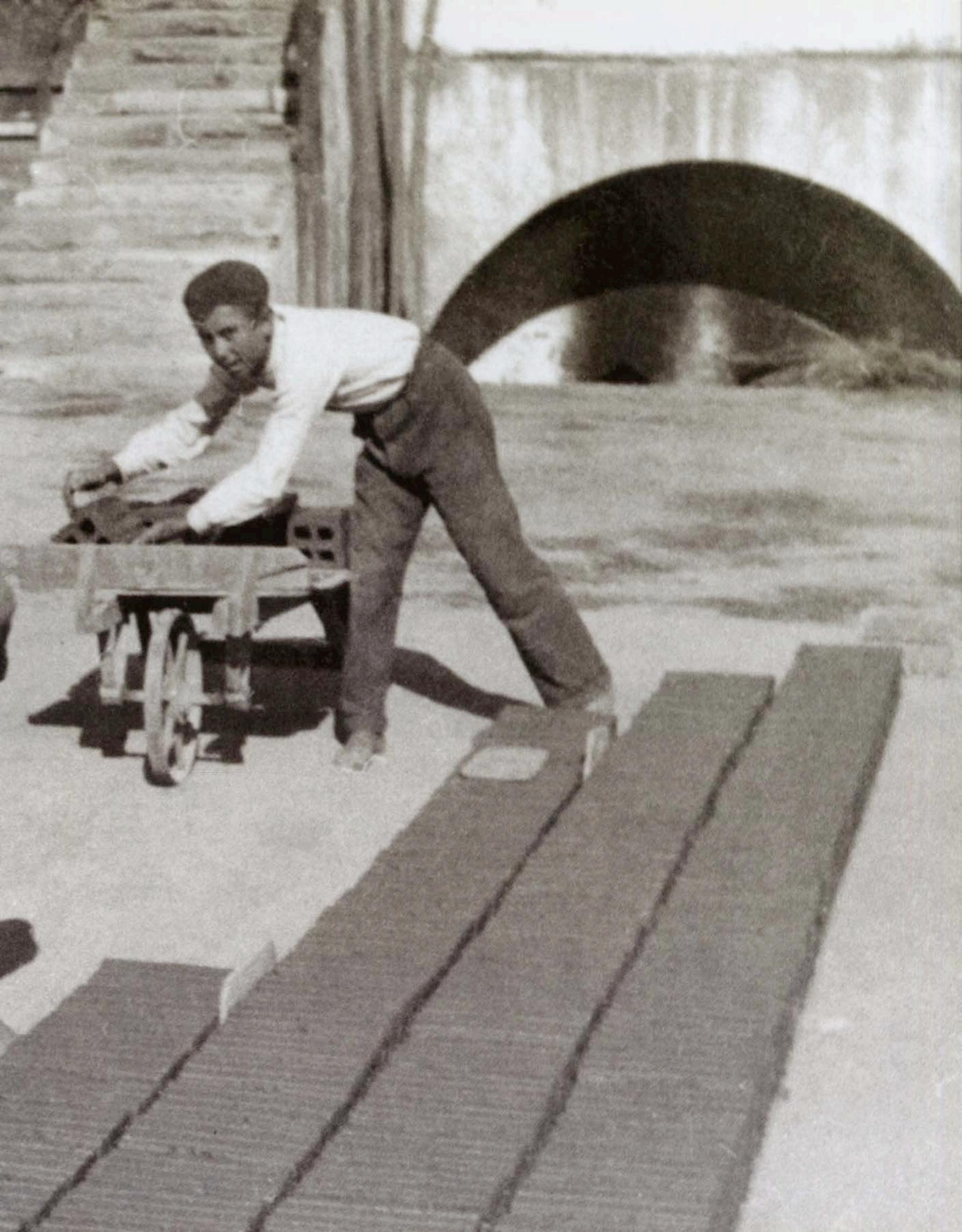
**Cefeiras**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de orig. dos anos 30, região da Lezíria (Séc. XX)











página 344:

**Telhal do Dejean**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. a partir do original dos anos 30 (Séc. XX)  
cedido pelo Museu de Alhandra

**EISENSTEIN, Sergei Mikailovitch, 1898-1948**

Outubro 1917/Arg. e mont. Sergei Mikailovitch Eisenstein; prod. Sovkino; fot. Edouard Tissé; act. Nikandrov, Grigori Alexandrov, John Reed. – URSS: [S.n.], 1927; Paris: Films Sans Frontières, copy 2002; (Madrid: Producciones JRB). – 1 DVD (99+73 min.): p&b, son. – (Collection Hommage)

Reconstrução dos factos ocorridos durante a revolução de Outubro de 1917 na qual o Partido Bolchevique, liderado por Vladimir Lenin, derrubou o governo provisório e impôs o governo socialista soviético  
Excertos: dos 10m e 27' até 12m e 29'  
Contém também "A Greve" com arg. de V. Pletniev e montagem de Eisenstein, de 1924



**Discurso de Salazar:  
Comemoração  
do 10º aniversário  
da instauração  
da Ditadura Nacional,  
Braga, 1936**

In "Deus, Pátria, Autoridade"  
/Arg., prod. e realiz. Rui Simões;  
texto e narração Rui Paulo  
da Cruz; imag. Gérard Collet,  
Acácio de Almeida, José  
Reynes, Francisco Henriques;  
mont. Dominique Rolin; ed.  
Paulo Trancoso; colab. RTP.  
- Lisboa: Rui Simões, copy 1975;  
Costa do Castelo Filmes, copy  
1999. - 1 videocassete [VHS]  
(110+135 min.): p&b, son.  
A partir deste célebre discurso,  
o filme procura mostrar  
os alicerces do regime fascista,  
durante os seus 48 anos até  
ao 25 de Abril de 1974  
Contém também o filme  
"Bom Povo Português" de 1980,  
com arg., prod. e realiz. de Rui  
Simões

**Cadernos de Cultura Vanguardista**

---

**N.º 1**

**A Cultura**  

---

**Integral**  

---

**do Indivíduo**  

---

**problema central  
do nosso tempo**

**POR**

**BENTO DE JESUS CARAÇA**

**LISBOA**

**MODERNIDADE  
EDICÇÕES  
LIVRO**

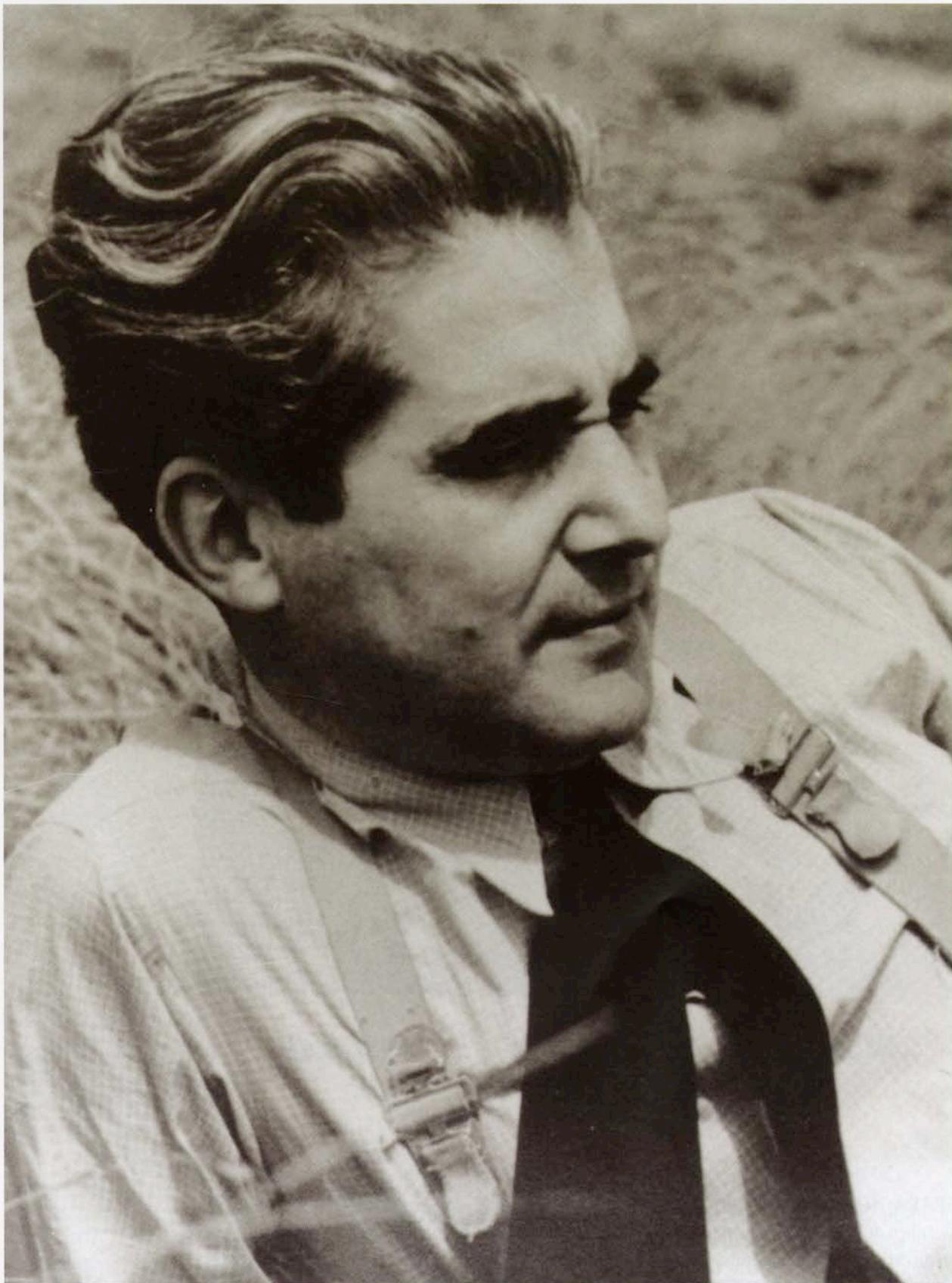
página anterior:

**CARAÇA, Bento de Jesus**

A cultura integral do indivíduo: problema central do nosso tempo/, - [1ª ed.] - Lisboa: Mocidade Livre, 1933 - 43, [4] p.; 19 cm. - (Cadernos de cultura vanguardista; 1) Conferência lida por Bento de Jesus Caraça na Universidade Popular Portuguesa em 25 de Maio de 1933 e promovida pela União Cultural "Mocidade Livre" (Brochado); compra MNR CRÇ/Ens/3127

**Bento de Jesus Caraça**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 30 (Séc. XX), cedido pelo Prof. João Caraça



No plano do pensamento filosófico e científico, Bento de Jesus Caraça aparece nos anos 30 como uma referência incontornável, sobretudo após a publicação do volume *A Cultura Integral do Indivíduo: problema central do nosso tempo* (1933) e da direcção, alguns anos mais tarde, da colecção *Biblioteca Cosmos* (1941-1948). Já no plano do ensaísmo sobre literatura e arte, José Rodrigues Miguéis, Rodrigo Soares, Álvaro Salema e Vasco Magalhães-Vilhena, protagonizam algumas das principais polémicas desses anos, na defesa de uma arte de teor intervencionista e politicamente empenhada num "novo humanismo".

# SEARA NOVA

revista de  
doutrina  
e crítica

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## S U M Á R I O

*Do Estado absoluto e do Estado liberal (Carta ao Sr. Carlos Bana, da Liberdade), Raul Proença. — O espólio de Raul Brandão, Vitorino Nemésio. — Uma carta, José Miguéis. — Sobre uma crise de consciência, António Sérgio. — José Miguéis, Câmara Reys. — Panorama Musical Português, Rojão Nobre.*

231

1\$50

**SEARA NOVA** Revista quinzenal de doutrina e crítica fundada em Lisboa, no dia 15 de Outubro de 1921, atravessou parte significativa do século XX português, pela capacidade de envolver interpretações ensaísticas díspares num espaço de diálogo e crítica intelectual. Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Jaime Cortesão, Raul Brandão, Raul Proença, Câmara Reys ou António Sérgio, foram alguns dos seus mais destacados directores. Entre a referência primeira ao ideário republicano e as muitas polémicas que protagonizou entre saudosistas, presencistas, neo-realistas, existencialistas e outros, *Seara Nova* manteve-se durante seis décadas como referência no nosso País de intervenção cívica, política e cultural. A 1ª série prolongou-se até ao nº duplo 1598/1599, datado de Dezembro de 1978/Janeiro de 1979; de Outubro de 1980 a Dezembro de 1984, publicaram-se anualmente números simbólicos, exclusivamente para manter o título (n.ºs 1600 a 1604). No Verão de 1985, veio a lume uma 2ª série, que ainda hoje se publica.

**MIGUÉIS, José Rodrigues**

Uma carta: Meu querido Câmara Reys /  
In "Seara Nova", a. X, nº 231  
(29 Dez. 1930), p. 228-231  
MNR PP/2/V

**SÉRGIO, António, 1883-1969**

Sobre uma crise de consciência /  
In "Seara Nova", a. X, nº 231  
(29 Dez. 1930), p. 232-233  
MNR PP/2/V

**REYS, Câmara, 1885-1961**

José Miguéis /  
In "Seara Nova", a. X, nº 231  
(29 Dez. 1930), p. 233  
MNR PP/2/V



1 escudo ■ Porto, 15 de Abril de 1940 ■ Ano IV, N.º 45

# SOL nascente

revista cultural de literatura e crítica



**Director:** Carlos F. Barroso

**Editor e proprietário:** Dilermando Marinho.

**Redacção e Administração:** R. do Bom-Jardim, 433 — P o r t o

**Comp. e Impres. nas ofic. O Primeiro de Janeiro**

**Publica-se Hoje:** CAFÉ — fresco do pintor brasileiro Portinari ■ CRÓNICA MENSAL — de Albertino Gouveia ■ SÍRIA DE ONTEM E SÍRIA DE HOJE ■ REVISTA DAS IDEIAS: A ESTRUTURA DA MATÉRIA — (conclusão) por J. D. Bernal ■ ABC — ACERCA DO IDEALISMO — de Alves Moura ■ NA LINHA QUEBRADA DA NOSSA ÉPOCA... ■ DUAS CONCEPÇÕES DO DESPORTO — por Fernando Seabra ■ O DR. VIEIRA D'ALMEIDA FALOU... — de R. S. ■ LEIS DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO — por Gabriel Coutinho ■ FILÓSOFOS DE MEIA TIOÉLA — de Pedro Vilar ■ LIVROS DE ONTEM — LEITURAS DE HOJE — por Alvaro Marinha de Campos ■ CINEMA — de Manuel de Azevedo ■ AMOR DA REALIDADE: A-PROPÓSITO DUM LIVRO — por Carlos Serra ■ CRÍTICA — por Carlos Relvas e Rui Monteiro ■ SOL DE AGOSTO — poemas de João José Cochofel ■ INVERNO — poema de Manoel Agra Sol ■ PARA UMA LITERATURA INFANTIL REAL E HUMANA — por Lígia Carvalho ■ DE SOL A SOL, etc. ■ Ilustrações de João Alberto e Somar.

**café**

fresco do pintor

brasileiro PORTINARI

**Sol Nascente**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. — 1 fot. ampl.: color.  
Reprodução de "Sol nascente", A.IV, nº 45 (15 Ab. 1940)

página seguinte:

**Sol Nascente.** Porto, 1937  
Sol nascente: quinzenário cultural de literatura e crítica / Prop. e ed. Dilermando Marinho; adm. Manuel Azevedo; dir. Carlos F. Barroso, Lobão Vital, J. Soares Lopes; sec. red. Afonso de Castro Senda. — A. I, nº 1 (30 Jan. 1937). — Porto: D. Marinho, 1937  
Publicado a 15 e 30 de cada mês. — Visado pela Comissão de censura. — Existe a coleção completa no MNR  
MNR PP/123/V

**SOL NASCENTE** Quinzenário de ciência, arte e crítica, publicou-se na cidade do Porto, sob inspiração ideológica marxista, de 30 de Janeiro de 1937 a 15 de Abril de 1940. Foram editados 45 números, sob a direcção de Carlos Barroso, Lobão Vital e Soares Lopes. A partir do nº 6, Lobão Vital deixa de fazer parte da Comissão Directiva, o mesmo acontecendo a Soares Lopes a partir do nº 28. Editor e proprietário: Dilermando Martinho. No editorial intitulado "Fundamento", afirma-se: "A obra que Sol Nascente pretende realizar reveste-se de aspectos claros e de finalidades amplas. Guiado por um desamor profundo às paixões e às cegueiras, orientar-se-á pela mais serena visão crítica, nos problemas que seja levado a tratar em suas páginas; tendo como fim contribuir para o elevamento do nível cultural português, juntando os seus esforços aos outros nobres esforços que se afirmam, Sol Nascente não esquece a frase límpida do nosso Eça: 'o fim de toda a cultura humana consiste em compreender a humanidade'".

# SOL nascente

COMISSÃO DIRECTIVA:  
CARLOS F. BARROSO  
LOBÃO VITAL  
J. SOARES LOPES

EDITOR E PROPRIETÁRIO:  
Dilermundo Marinho

Redacção e Administração:  
Rua do Paraíso, 56 - Porto

Composto e impresso na  
— Tipografia Civilização —  
T. de Cedofeita, 56 - Porto

TICA — 30 de Janeiro de 1937 — NÚMERO 1

QUINZENÁRIO DE CIÊNCIA, ARTE E CRÍTICA

## FUNDAMENTO

A OBRA QUE «SOL NASCENTE» PRETENDE REALIZAR REVESTE-SE DE ASPECTOS CLAROS E DE FINALIDADES AMPLAS. GUIADO POR UM DESAMOR PROFUNDO ÀS PAIXÕES E ÀS CEGUEIRAS, ORIENTAR-SE-Á PELA MAIS SERENA VISÃO CRÍTICA, NOS PROBLEMAS QUE SEJA LEVADO A TRATAR EM SUAS PÁGINAS; TENDO COMO FIM CONTRIBUIR PARA O ELEVAMENTO DO NÍVEL CULTURAL PORTUGUÊS. JUNTANDO OS SEUS ESFORÇOS AOS OUTROS NOBRES ESFORÇOS QUE SE AFIRMAM, «SOL NASCENTE» NÃO ESQUECE A FRASE LÍMPIDA DO NOSSO EÇA: O FIM DE TÔDA A CULTURA HUMANA CONSISTE EM COMPREENDER A HUMANIDADE.

SENTINDO O VALOR DA SERENIDADE, NO MUNDO DESVAIRADO, APERCEBENDO-SE DE QUANTO VALE O AUTO-DOMÍNIO, NO MUNDO QUE NÃO SE DOMINA, «SOL NASCENTE» MANTERÁ UMA FEIÇÃO DE EDUCATIVA ANÁLISE DOS VALORES E DOS FACTOS, NÃO SE ENTREGANDO DE LEVE ÀS APRECIACÕES INFUNDAMENTADAS E IMPRECISAS. QUERE TER UMA NORMA, QUE ENCONTRA NUM PENSAMENTO DE CONCÓRDIA, ASSENTE NUMA FÓRMULA MORAL DE IDÊNTICOS DIREITOS E DE MÚTUO RESPEITO.

ASSIM, EM POUCAS PALAVRAS, CRÊ DAR A PRIMEIRA DEFINIÇÃO DO QUE PRETENDE; A SUA OBRA DIRÁ DO SEU VALOR.

SOL NASCENTE.

**PUBLICA-SE HOJE:** FUNDAMENTO □ A RESSURREIÇÃO DOS DEUSES GREGOS — por Luiz de Sanjusto □ VIDA E MORTE — poema de José Régio □ POEMA DE UM DIA DE SOL — por André Valmar □ CONFISSÃO DE FÉ — por Abel Salazar □ MIGUEL UNAMUNO JUGO — por João Alberto □ INTRODUÇÃO A UM ESTUDO DA PINTURA MODERNA — por Pierre de La Rue □ DIA DE CAVA — conto por Afonso Ribeiro, com um MOTIVO de Azevedo □ FINALIDADE — Soneto de Lygia □ PIRANDELLO — por Paulo Pombo, com uma gravura de Azevedo □ O HOMEM — por Carlos de Sousa Estrada □ DE SOL A SOL, etc. —

U M E S C U D O



**Foz do Guadiana** Vila Real de Stº António, 1936  
 Foz do Guadiana: periódico literário e noticioso / Dir. António Vicente Campinas; red. princ. Manuel Clemente. — A. II, nº 28 ( 23 Jan. 1936). — Vila Real de Stº António: A. V. Campinas, 1936 MNR PP/74/P

ANO II—Número 28

Vila Real de Santo António, 23 de janeiro de 1936

Meio Escudo

# FOZ DO GUADIANA

co literário e noticioso

Director **A. Vicente Campinas**

Editor: A. VICENTE CAMPINAS Administrador: GUILHERME PADESCA Redacção e Administração: Rua Miguel Bombarda, 45	Redactor Principal: MANUEL CLEMENTE Secretário da Redacção: LUIZ PISTONE Publicidade: D. CARDOSO e M. BAPTISTA Composição e Impressão: TIPOGRAFIA SOCORRO — Vila Real de S. António	Assinaturas—Série de 6 números . . . . . 3,000 * * * 10 * . . . . . 5,000 Estrangeiro—um ano . . . . . 30,000 (Pagamento adiantado)	Publicidade—Por linha (1.ª página) . . . . . 1,250 * * * (outras páginas) . . . . . 1,000 Para anúncios permanentes: CONTRACTOS ESPECIAIS
---	---	--	--

## NESTA DATA FESTIVA... Tomaz Morus canonizado UMA NOVA IDADE MÉDIA?

por A. Vicente Campinas

por Jaime Brasil

por Abel Salazar

ESTE jornal, que mantemos com a força da nossa juventude, com a convicção dos que sabem lutar a peito descoberto, confiantes no seu valor, com o entusiasmo da nossa mocidade e a força sagrada da nossa consciência, completou, agora, um ano de vida.

Um ano de existência para um periódico provinciano que nasceu de cabeça erguida, olhando o alto sem temer a luz, confiante em si próprio e na dedicação dos seus amigos, sem tórcas ambíções e de mentarem a sua própria orientação, sem forças ocultas e sinistras a manobrem os cordeiros do seu destino, puxando-o da direita porque teria um risinho viver ou esticando-o da esquerda para conseguir um melhor porvir, e um triunfo difícil, digno da admiração de todas as pessoas conscientes!

Vencer uma jornada com a nobreza de carácter que sempre manifestamos desde que este periódico apareceu pela primeira vez é já um esforço que nos orgulha sinceramente. Mas o nosso orgulho não é polvilhado pela imaginária posse dum valor que não temos, não. Somos suficientemente sinceros para sabermos o grau em que o possuímos e como o devemos utilizar, graduando-o e anulando-o à nossa consciência. E não devemos ser apenas nós a disfrutar essa satisfação.

A nossa terra— porque não dizermos a nossa provincial—deve compartilhar conosco da alegria deste primeiro aniversário. E os homens conscientes, de ideias sãs e aspirações legitimamente humanas também sentem o nosso entusiasmo, estamos certos disso. Porque o nosso desejo de Bem e de Equidade não se resume apenas para a nossa terra ou para a nossa provincia. Abrange mais vastos horizontes, numa visão de Paz, de Harmonia, de Amor e de Solidariedade entre todos os homens, nossos companheiros, nossos irmãos na curta passagem pela vida...

Nos sabemos muito bem que não temos agradação a todos com a nossa atitude clara de contemplar a luz sem receio de cegarmos... Se isso por um lado nos desagrada—como é natural—por outro leva a convencer-nos de que o nosso jornal não foi feito para lançar nãe sementes baldias e pódes de favoritismos idiotas e discordias prejudiciais.

O nosso desejo era que todos, conungando conosco na mesma sede insatisfeita de humanismo e de bem-estar para a colectividade, tivessem recebido a nossa iniciativa de braços abertos, em ansias de amplo fraternal. Assim não aconteceu, porque nos animos sempre o desejo de pararmos ao alto das teias da politiquice baratucha, de pataco e meio...

Felizmente, poucas vezes temos falado de nós. Mas não julgemos os nossos prezados leitores-amigos, por isso, que temos navegado em mar de rosas... Não. Para podermos chegar aonde chegamos foi necessária uma soma enorme de sacrificios, nem sempre compreendidos, de todos nós, fortalecidos uns pelos outros numa solidariedade digna de admiração e pouco vulgar nos tempos de feroz egoísmo que vão correndo...

Não é tarefa fácil, esta de manter um jornal independente com nobreza de ideias e de legítimas aspirações. Em geral, os jornais provincianos que se governam são aqueles que recebem uma quantia X para dizerem bem disto e mal d'aquilo, embora pe-se a Verdade e façam da Razão um frangalho imundo... Nos, porém, preferimos capitular na luta, com honra, do que aviltarmos a consciência para sairmos facilmente triunfantes.

E a disposição que nos encontra o momento do primeiro aniversário deste periódico. E será sempre esta a nossa conduta, libertada das peias dum materialismo egoísta que nos barre o caminho da luz que desejamos alcançar, do bem que ambicionamos ver reflectir-se na terra, contribuindo com o nosso humilde esforço para a conquista racional duma Humanidade Nova.

QUATRO séculos após o crime político que o levou ao cadafalso, Tomaz Morus ou Moro, o erudito humanista amigo de Erasmo, o autor genial da «Utopia», foi canonizado pela Igreja Católica. O pretexto foi ter sido vítima do furor anti-papista do torvo Henrique VIII, mas o objectivo foi chamar o catolicismo a si essa glória das letras renascentistas, esse espirito liberto, precursor de quantos, depois e graças a sua criação portentosa, se chamaram utopistas. Bom será esclarecer, contudo, que Tomaz Morus não foi executado por ser católico. Foi vítima do poder pessoal do rei. O caso refero-se em poucas palavras, para elucidação dos que ignorem o sangrento episódio.

Quando Henrique VIII deu conta do prestígio de que Tomaz Morus gozava, entre a burguesia de Londres, quiz nomeá-lo membro do seu Conselho Privado. Isto passava-se em 1517 e Tomaz Morus recusou. Em carta a Erasmo, explicou por que o fizera, nestes termos: «No caso de, entre os burgueses e Sua Alteza, surgir uma discordância a respeito dos privilégios—o que pode acontecer,—eles poderiam desconfiar de mim se eu estivesse a soldo do rei».



Jaime Brasil

Dois anos mais tarde, talvez para servir os interesses da burguesia, então digna e prestigiosa, aceitou o alto cargo de Chanceler. Não conseguiu realizar os seus desígnios e quando o rei pretendeu divorciar-se da primeira mulher, Catarina de Aragão, Tomaz Morus não concordou com esse divórcio. O Papa não o autorizou não porque não estivesse nos costumes da Igreja fazê-lo, sobretudo quando se tratava de cabeças coroadas, mas para não desagradar a Espanha, então toda poderosa. Henrique VIII aproveitou o ensejo para romper com o Papado, não somente por desejar ter como mulher Ana Bolena,—que, depois, havia de mandar executar no cadafalso,—mas para se apoderar dos bens eclesiásticos que cobijava. A oposição de Tomaz Morus foi principalmente contra essa cobiça, pois sabia que o rei ia, assim, despossar o povo, os camponeses que viviam nas terras da Igreja e lançar as massas numa cruciante miséria com exigências tributárias.

Henrique VIII, sem o empecilho que era a presença desse homem honrado na Chancelaria, afirmou, pelo Acto da Supremacia de 1533 a sua independência de Roma e proclamou-se chefe da Igreja Anglicana, que não traduzia uma reforma religiosa como a de Lutero, mas apenas uma transmissão de poderes. Feito Papa, para a Inglaterra, o torvo rei autorizou logo o próprio casamento com Ana Bolena e foi só por Tomaz Morus se recusar a tomar parte na cerimónia da boda régia, que o rei o fez condenar pelo parlamento, como reu do crime de alta traição. Estes é que são os factos históricos e, portanto, o catolicismo de Tomaz Morus contribuiu em pequena parte para o seu bárbaro julgamento.

A sentença que o condenou traduz a crueldade do rei da época, pois dizia que Tomaz Morus devia ser arrastado através da City ate Tyburn, onde seria enforcado, até ficar semi-morto. Ser-lhe-ia cortada a corda quando estivesse ainda vivo, arrancadas as suas partes sexuais, rasgado o ventre, extraídas e queimadas as entranhas. Em seguida, seria esquartejado e colocada cada uma das quatro partes nas portas da Cidade e a cabeça na Ponte de Londres.

O rei «magnanimamente», agradeceu Tomaz Morus e poupou-o a estas torturas em atenção à sua idade e serviços prestados a Coroa, mas não o dispensou de ser decapitado na Torre de Londres. Tinha, então, 57 anos o genial autor da «Utopia».

Eis, a largos traços, as causas do martirio do ho-

HÁ QUEM se tenha feito esta pergunta. Mas não, a Europa não deve ter entrado numa fase medieval, mas sim em novo período da sua curva histórica. Este período, se a minha técnica é exacta, e os meus cálculos estão certos, é uma fase de declínio, um período europeístico, homólogo do período helénistico.

Mas o período de declínio de qualquer civilização, embora fundamentalmente seja diferente do seu período arcaico ou medieval, tem, com este, superficialmente, pontos de semelhança, a velhice, como diz o ditado, e uma segunda meninice, e é isto que causa confusão em certos espiritos, fazendo-nos supor que a crise actual e o início de uma nova Idade Média, um regresso ao passado. Na história não há retrocessos, nem recuos, o que é impossível em face da mecânica da história; há pontos homólogos, movimentos sinusoidais; mas o pêndulo oscilando, se volta ao mesmo ponto em relação a Terra, já não volta a ele em relação ao Sol—a história é um pêndulo em translação. E assim combinada a oscilação e o ritmo com o progresso, não há possibilidade de retrocesso.

Todas as civilizações históricas são homólogas como forma de curva; mas em cada curva os períodos são diferentes, sem recuo a uma forma do passado. Superficialmente, ou fraccionariamente, há, porém, como dissemos, semelhanças.

Assim, nos períodos arcaico ou medieval, e nos períodos de decadência verificam-se fenómenos análogos. Um dos mais característicos é a fusão da Razão e da Mística, mas esta fusão, nos períodos arcaicos, como na mentalidade pre-lógica tem o valor de uma *indiferenciação*, enquanto nas fases de declínio pelo contrario tem o valor de uma *desdiferenciação* (1) a aparência exterior é a mesma, mas o fenómeno é diferente.

Assim, a-pezar de todos os numerosos sintomas de tipo medieval que apresenta a crise europeia, estamos em face não de uma nova Idade Média, mas de uma fase europeística, que apresenta, como sintomas, fenómenos variados pseudo-medievais.

A neo-escolástica, o neo-tomismo, as neo-místicas são apenas pseudo-medievais; fazem parte de um syndroma de degenerescência intelectual da Europa e não de um syndroma medieval.

Durante a fase helénistica a mentalidade grega dissolveu-se por completo na mística, e com ela morreu; é possível que o mesmo venha a suceder na fase europeística da Europa, e a crise actual parece indicá-lo.

Mas assim como, durante a dissolução helénistica, a Experiência se manteve, e transpondo o corpo desagregado do complexo grego, se transmitiu no futuro, assim a actual totalização de experiência, transpondo a fase europeística, vai transmitir-se no futuro, e com esta o Espírito da civilização europeia.

mem, que Roma santificou agora. Muitos dos dados que acima ficam foram extraídos do ensaio de Pedro Merin, sobre o novo santo. Merecem, todavia, ser divulgados para edificação dos crentes. Saibam quantos, amanhã, genuflectirem nos altares, ante a imagem do santo Tomaz Morus,—que por certo reproduz os traços inmortais fixados por Holbein para a eternidade,—que a memória desse homem genial merece, na verdade, ser venerada, não, apenas, por ser vítima de odios políticos, martirizado pelo capricho dum tirano, mas principalmente, por ser um homem de génio, um pensador de rara intuição, que na «Utopia» deixou normas sociais, que hão-de servir à Humanidade futura.

(1) Abel Salazar—Indiferência e Colectividade. Edição Mediana «Ensaio sobre a mecânica evolutiva do pensamento greco-europeu». Mediana. «Reflexão sobre a História».

CENTRO DE  
 PP 74 P  
 DOCUMENTAÇÃO

Gazeta de Coimbra, de 26 de Março de 1938

# PÁGINAS LITERÁRIAS

Organizadas por Campos de Figueiredo

## P O R T A F É R R E A

**P**ÁGINAS Literárias não apresentam programa. Tal nome constitui, por si, um programa completo. Esta secção, aparece, não para imitar o *Diário de Lisboa*, mas para inscrever nas colunas da *Gazeta*, ao lado de nomes já conhecidos, os de alguns jovens a que falta meio de comunicação com o público interessado nas letras.

Coimbra, como centro universitário, a pesar das suas publicações académicas, (para consagrados) não possui revista nem jornal em que possa revelar-se o valor dos estudantes.

*Páginas Literárias* vêm com esse fim.

Serão a *Porta Férra* aberta para os que tiverem talento, mas fechada para os audaciosos sem valor. O que se publicar aqui submeter-se-á a juízos críticos tanto quanto possível desapaixonados e cautelosos.

Não venham críticos de sádica maledicência acusar-nos de darmos pouzada a uma ou outra produção ainda sem a devida personalidade. O problema da influência exige estudo mais demorado.

Defendemos a independência literária e aconselhamos os mais novos a *bebem das águas do seu poço*.

Os que tiverem real valor saberão abrir caminho para a grande conquista de si mesmos.

**MORREU** Gabriel D'Annunzio. Esgotaram-se os adjetivos laudatórios dos dicionários do mundo para exaltar o seu valor.

Os nomes de Esquilo, Homero, Dante, Shakespeare, Camões, Goethe e de todos os gigantes da poesia universal ficaram apagados com o fumo dos turbulões que necessaram a glória excelsa do *novo Sol*.

*Páginas Literárias*, do seu cantinho humilde, erguem também hossanas de louvor à memória do poeta. Mas com mais restrições... Reconhecem que D'Annunzio foi, como poeta, um grande actor e a sua obra uma *Grande Parada* literária.

**O** VELHO lirismo português tem a desvantagem de não personalizar ninguém... — Vitorino Nemésio, 1.º n.º da *Revista de Portugal*.

Na mesma revista, no mesmo número, escreve Ramos de Almeida:

«Marques Matias está condenado à morte literária se não tiver forças para vencer as «tremedáveis influências» e coragem para fazer auto de fé dos versos dos Régios, dos Torgas, e de todos os poetas que ainda o possam contaminar.»

Pelo que se lê, também o *novo lirismo* tem as mesmas desvantagens do velho.

A personalidade não é dada pelas escolas literárias... Ou é instada ou uma conquista da inteligência e da paciência.

**«**HA emoções que as formas tradicionais da métrica repelem.» João Gaspar Simões, in *Diário de Lisboa*.

«João:

Al vai o nosso protesto:

Discordamos, discordamos, discordamos!

Inferno, 26 de Março de 1938.

Dante, Camões, Antero, António Nobre, Baudelaire, Racine, Shakespeare, Sá Carmo e todos os que se serviram das formas tradicionais da métrica.»

**L**ACIO é uma publicação aparecida em Lisboa, dirigida por Marques Matias, Alvaro Salema, Magalhães Filho e Frederico George, com esplêndido aspecto gráfico e sob o rótulo de panfleto de arte.

Pretendendo apresentar-se como uma mensagem da juventude, a verdade é que a sua maneira de encarar os problemas em nada corresponde às ideias que sobre eles tem a parte verdadeiramente jovem da mocidade. Antes tudo se apresenta encoberto mas lírico e palavroso, destituído de todo o conteúdo humano.

O panfleto de abertura, «*lirismo de circunstâncias*», é uma mistura de «lirismo delirante» e Nietzsche engarrado. Distinguem-se ainda na colaboração as «Notas» finais, invertebradas, contraditórias, sem o mínimo interesse ou novidade. Os desenhos de Magalhães Filho não conseguem distinguir-se dos de Jálilo, Mário Eloy ou Almada.

De bom, apenas os poemas da secção antológica, «Poesia Viva», e alguns quadros, bem reproduzidos, de Frederico George e Magalhães Filho.

**N**o próximo numero publicaremos uma poesia inédita de Isaac del Vilar.

**S** há algum género literário em que a tradução seja particularmente difícil e, sem dúvida, a poesia. Nela, as palavras, no seu encadeamento, representam, mais do que o sentido lógico e gramatical da frase, um ritmo integrado na personalidade do artista. Vem isto a propósito de algumas belas traduções de poemas de D. H. Lawrence e de Rainer M. Rilke que Paulo Quintela publicou na *Revista de Portugal*.

Trabalho ingrato — (e muito mais neste país em que qualquer sujeito com meia dúzia de ideias se propõe criticar mesmo o que não entende) — não podia ninguém apresentar-se com maiores qualidades para realizá-lo do que P. Q., especialista das literaturas saxónicas, espírito crítico, aberto e compreensivo, intelectual profundamente honesto.

Veio P. Q. revelar à maior parte do público dois grandes poetas contemporâneos. Não podemos de maneira nenhuma regatear-lhe os aplausos que a sua obra de divulgação nos mereceu.

Por todos, o nosso reconhecimento e o desejo de que continue.

**N**A Arte, como na vida, existe o charlatanismo e a verdade; o ouro falso e o ouro de lei. É preciso separar a verdade da mentira, o verdadeiro valor, do charlatanismo literário imposto e aceitação do público por meia dúzia de atrevidos.

**B**EM sabemos que a Arte é um meio e não um fim; «a aplicação dum princípio e não esse princípio». (Sutter).

Mas o desprezo da forma, o desleixo com que se trata o meio de expressão não prejudica o fim?

**A**PRESENTA-NOS Carlos Ramos 48 trabalhos, a óleo e a pastel, depois do seu falado êxito na Exposição de Artes Coimbrãs em Lisboa.

Os pintores de Coimbra, novos e velhos, teimam em nos dar a lastimável ideia de não sentirem a vida. Isto é: a vida, para eles (velhos que continuam lambendo paisagens, agarrados a temas inúteis e cansados; novos que chegam para repisar o já feito), o que pode impressionar a sua sensibilidade, não vai além das paisagens bonitinhas, das flores, das jarras, das couves, das cebolas — e nesses motivos mesmo não alcançam o relativo interesse que outros lhe conseguem dar. Pintam quadros para salas de visitas.

Carlos Ramos, para não fugir à triste regra, apresenta-nos uma exposição como as outras: os mesmos motivos, a mesma indiferença pela vida.

Quere-nos parecer que o mal vem da grande parte dos nossos pintores — para não dizer a totalidade — não possui uma cultura ao nível das suas necessidades artísticas.

No entanto, a exposição de Carlos Ramos, encarada no limitado campo da sua expressão, revela apreciáveis qualidades. Deve salientar-se o à vontade e a técnica de largueza de pincelada do artista, pouco vulgares em pintores de Coimbra. Os seus quadros: «Amendoieiras em flor», «Outono», «Tarde Outonal» e alguns outros são bons, no género. A artificialidade de cor e a crueza de tons prejudicam alguns quadros.

As suas figuras são pouco expressivas e mal desenhadas.

Os trabalhos a pastel muitíssimo inferiores aos óleos.

**NOTA** — Carlos Ramos é um artista feito por si, como a maioria dos artistas coimbricenses.

Se a sua exposição se nos afigurasse destituída de interesse, de significação, apenas poderia merecer o silêncio das *Páginas Literárias*.

Não são só os pintores de Coimbra que se agarram aos temas gastos. Os de fora de Coimbra, a pesar de estudados nas Belas Artes (salvo poucas excepções) não têm erguido o voo a maior altura...

**«**A MEMOS y cultivemos, — en el sector que sea — las mejores cualidades clásicas: la claridad, la simplicidad — no directa — la economía de medios expresionales, la cuadratura de la obra y el equilibrio del estilo.» — *Guilherme de Torre*.

**Q**UEM não quiser ressentir-se facilmente da influência dos mestres procure antes a sua fonte. Desça ao fundo de si mesmo, que lá encontrará o verdadeiro mestre.

### UMA CARTA INÉDITA DE JOÃO DE DEUS

Comp.º .....

O teu filho foi hontem baptizado com o nome de José do Esp.º S.º por ser a festa do dia e o sobrenome do teu representante. Está gordo e não parece doente. Ao chegar-lhe a água à nuca torceu-se e chorou. A culpa foi do ministro sagrado q. lhe podia ter poupado aquella impressão. Recebi o teu presente de que passei recibo ao simpatico G... e q. agradeço em nome do Josesinho, assim como a mãe que se confessa m.º penhorada. Não sei q. do te resolverás a apparecer. Seja q. do for imagina se estimaremos. Da-me s.º a tua Irmã e os meus compr.º a tua Ex.º Fam.

Do c.

João de Deus

Lx.º 17-5  
75

página anterior:
Gazeta de Coimbra.
Coimbra, 1938
Gazeta de Coimbra. Páginas
literárias/Org. Campos de
Figueiredo. - N.º [1] (26 Mar.
1938). - Coimbra: [s.n.], 1938
Mensal
Coleção formada apenas
pelas "Páginas literárias",
existem no MNR os n.ºs [1],
[3] (21 Mai. 1938), [4]
(18 Jun. 1938). - A coleção
completa é formada apenas
por 6 n.ºs: N.º [1] - n.º [6]
(17 Nov. 1938)
MNR PP/90/P

Jornal da Figueira.
Figueira da Foz, 1938
Jornal da Figueira. Crónica
/Prop., ed. e dir. José da Silva
Ribeiro. - A. l. n.º 12 (21 Mai.
1938). - Figueira da foz:
J. S. Ribeiro, 1938. - (Jornal
da Figueira. Crónica mensal
das artes, ciência, literatura
e crítica/org. Jorge Mesquita,
Vitor Veres)
MNR PP/95/P

fachada

Cont. "O Duelo e
a História dum desce-
ndimento", e editor Vasco
Rodrigues da Silva, editor
a publicação de "O Duelo",
muito volumosa, apareceu
em português.
A edição é apresentada
de que Casa, Monteiro no
prólogo de "O Duelo",
muito volumosa, apareceu
em português.
A edição é apresentada
de que Casa, Monteiro no
prólogo de "O Duelo",
muito volumosa, apareceu
em português.

DESENCONTRO

poesia de Fernando Namora
para a Antónia Aguiar Abrantes
... no entanto,
nos longos dias perdidos,
de olhos gastos, amidos,
em que nos buscamos sem descanso,
noite e dia,
de terra em terra,
de mar em mar,
Que horizontes vastos
para além
da linha conquistada do horizonte
que do nosso desejo, inutil, vai desbravar!

crítica

Alma de Almeida e o mundo do livro de versos de António
... Alma de Almeida e o mundo do livro de versos de António
... Alma de Almeida e o mundo do livro de versos de António
... Alma de Almeida e o mundo do livro de versos de António

mensal das artes, ciência, literatura e crítica

musica e das ar-
tes mais espontâ-
neas, mais huma-
nas, mais bonitas. Ra-
ção de sobejo para
que se não despreze tanto.

VIAGENS POLARES ANTÁRTICAS

por Fernandes Martins (fred)

As descobertas de Cook
e de Ferris - que
... As descobertas de Cook
e de Ferris - que
... As descobertas de Cook
e de Ferris - que
... As descobertas de Cook
e de Ferris - que

As três pessoas

romans de Pedro Gomes dos Santos
... As três pessoas
romans de Pedro Gomes dos Santos
... As três pessoas
romans de Pedro Gomes dos Santos

Caminhos Magnéticos

de António Mafalda
... Caminhos Magnéticos
de António Mafalda
... Caminhos Magnéticos
de António Mafalda

cinema americano, cinema europeu

por Jorm
... cinema americano, cinema europeu
por Jorm
... cinema americano, cinema europeu
por Jorm

BEETHOVEN

através duma página de
ROMAIN ROLLAND
... BEETHOVEN
através duma página de
ROMAIN ROLLAND
... BEETHOVEN
através duma página de
ROMAIN ROLLAND

Beethoven

... Beethoven
... Beethoven
... Beethoven
... Beethoven

Beethoven

... Beethoven
... Beethoven
... Beethoven
... Beethoven

Beethoven

... Beethoven
... Beethoven
... Beethoven
... Beethoven

PP 38 P

DO NEO-REALISMO

AMANDO FONTES

por Joaquim Namorado

ACONTECIMENTO mais saliente da última temporada literária foi, sem dúvida, a descoberta do Brasil realizada através dos seus jovens romancistas. Até então o Brasil era um país distante onde se falava um português de vogais abertas e para onde iam pessoas conhecidas, arrastadas pelo sonho da árvore das patacas; era julgado e visto nos portugueses, quasi sempre meio-analfabetos, que de lá voltavam pobres de dinheiro e ridículo. Isto exceptuando meia dúzia de pessoas conscientes e bem intencionadas que sempre trabalhavam por uma íntima compreensão luso-brasileira e alguns deliciaes académicos que não falavam do Brasil através das reformas ortográficas.

Mas hoje os portugueses descobriram o Brasil: Jorge Amado, Erico Veríssimo, Graziiano Ramos, Amando Fontes, José Luis do Rego, e tantos outros, trouxeram até nós a gente, as ruas, os aldeões e as cidades do Brasil; a inquietação, o desespero e a anedonia, as esperanças, a vida dos brasileiros.

Os romancistas do Brasil saltaram as fronteiras do seu país: o interesse profundamente humano das suas obras arranca os personagens ao ambiente regionalista em que a acção decorre.

Estivadores, marinheiros e pescadores dos casis da Baía; trabalhadores dos engenhos; seringueiros do Amazonas; mulheres que trabalham nas fabricas de fumo ou engolem algodão nas fabricas de tecidos; toleradas da rua do Siriry; mezinhas abandonadas que roubam para comer; reflexos na paisagem brasileira dos estivadores, dos marinheiros e dos pescadores de todas as castas; dos trabalhadores de todas as latitudes; das mulheres que trabalham em todas as fabricas; das toleradas de todas as ruas; dos mezinhas que roubam para comer em todas as cidades.

A compreensão haviada do novo romance brasileiro em Portugal, e, particularmente, da parte das camadas mais jovens constitui uma das atitudes mais significativas quanto à sua posição perante a vida e a arte.

Quando esta geração, dos vinte annos, chegou à idade das primeiras leituras enschie toda a literatura europeia o subjectivismo, levado ao extremo em Proust, James Joyce, André Gide, Thomas Mann, etc., e profundamente enraizado em Dostoiévski, literatura intimista, por vezes psico-patológica, profundamente individualista, não correspondia, de modo algum, às necessidades positivas da juventude que nasce no post-guerra cheia de vitalidade, marcada com o desejo de viver plenamente a vida, sequiosa de clareza, de compreensão e comunhão humanas, buscando ansiosamente a verdade e a realidade.

Encontrou-se a presente geração, não só no nosso país como em toda a parte, num período de crise, em plena confusão de valores e de termos, frente a uma problemática complexa de cuja solução o seu sentido de solução depende, inclusivamente o seu direito a viver. É porque o seu destino se joga que a sua attitude perante a vida é essencialmente intervencionista, e, portanto, de conquista — conquista de condições que lhe permitam solucionar os seus problemas vitais.

A esta opposição perante a vida corresponde em literatura a necessidade dum arte realista e social.

Só as forças ascendentes amam a realidade e a verdade, exactamente porque são de conquista; os que defendem um equilibrio estabelecido, temendo as consequências da sua desconhecimento, refugiam-se nas mentiras nefebilitas, ou no intellectualismo puro e estéril: são os de «La trahison de clerics» e de certos lemas da arte contemporânea.

Portem aqueles que, como os de depois de 1914, nasceram para a conquista dum mundo, reivindicam com Argon «a volta à realidade»: «En digo: ¿quem então se opõe a não ser os que têm um interesse a cobrir, a mascarar a nossa victa?»

Esta necessidade de realidade gerou um vasto movimento neo-realista que cresce em todos os continentes e se pode

Julgar iniciado em Gorki e na linha de certo realismo e naturalismo francês, embora se devam afirmar diferenças profundas.

O novo romance brasileiro enquadra-se, na sua melhor parte, dentro deste movimento, respondendo por isso às necessidades orgánicas (espiritivas, também) da mais jovem geração portuguesa. Eis o ponto de encontro nesta relação simpática que se estabelece entre os dois países, — o, pela primeira vez realizado, intercâmbio luso-brasileiro.

Amando Fontes não pode ser esquecido quando se fala do neo-realismo: dos escritores que escrevem em lingua portuguesa é ele o que mais se identifica com este sentido do romance moderno. Os seus livros (conheço «Os corumbas» e a «Rua do Siriry») são de facto a vida contada simplesmente, com as suas lutas mequinhas, as victórias e as derrotas, as alegrias, as tristezas, os heroísmos que enchem os dias sempre iguais e diferentes.

Ao lê-lo, tantas vezes me lembrou o apelo de Romain Rolland, no seu «Jean Christophe»: «aos homens de todas as dias mostra a vida de todos os dias; ela é mais profunda e mais vasta do que o mar. O menor de entre nós traz em si o infinito». «Escreve a vida simples destes homens simples, escreve a tranquilla epiphania dos dias sempre iguais e diversos...» Os seus livros são isto.

É frequente encontrar, nos livros que se reclamam de tendência, a parangona e o ditirambo como processos. Em Amando Fontes, não; há, pelo contrario, uma simples exposição da acção, uma exposição, — em que o autor não toma partido —, das contradições existentes. Aqui creio estar a verdadeira estrutura do romance social, neste apresentar de contradições onde se encontra implícita uma solução necessária: já o afirmava um extraordinário pensador do século XIX, «a tendência sai da situação e da acção sem que seja explicitamente formulada», e, ainda, «um romance de tendência social cumpre perfeitamente a sua missão, quando, por uma pintura fiel das relações reais, destrói as illusões convencionaes sobre a natureza destas relações». («Textos sobre arte e literatura», vol. I. «O realismo afirma-se mesmo fora das opiniões do autor»); daí que Balcas, o monárquico e estético Balcas, o monárquico e estético Balcas, seja considerado um dos precursores do neo-realismo.

No romance de Amando Fontes pode dizer-se que não existem heróis (pelo menos no sentido classico do termo); os seus personagens são o «toda a gente» e os nomes nada mais do que simples referências ao correr da vida — Drama dos Corumbas igual ao das outras familias do bairro; Mariana, Almerinda, Neném, significam apenas que o tempo não parou na rua do Siriry.

A vida, esta é a verdadeira figura central, quem impõe o ritmo do romance jogando os personagens e criando as situações.

Em «Os Corumbas» e em a «Rua do Siriry» passa a vida dos pobres dos engenhos e das fabricas.

Em «Os Corumbas» é a familia que vem, arruinada, pelas sterc e na esperança de arrumar as filhas, procurar na cidade o pão de cada dia. Instala-se no bairro pobre, perto das grandes fabricas de tecidos, onde vivem, em casa miserável, os operários. Trabalha-se muito e ganha-se pouco, e ainda por cima, apparecem de vez em quando as doenças impossibilitadoras. O trabalho nas fabricas é pesado (escrupim sangue, ela diz que é modo de algarido que enguliu durante vinte annos de trabalho nos tecidos, toma todos os dias um vomitório, em vomitando tudo, volta). Há ainda o capote... Entre protistas das rapirigas que nem têm para os seus sapatos ou uma blusa de stin, a vida vai correndo: mas um dia, Pedro, «que subiu de ordenado todas as semanas e já ganhava 180 mil réis por mês», é preso. Foi o sinal, não a adversidade encaminhou-se sobre o lar dos

Corumbas, e até Ciquilinas que andava no 2º ano da Normal e queria ser professora foi cair na «degraca», levada por um novo bom mas esboto. As outras duas já lá estavam.

Então os velhos Corumbas resolvem voltar ao engenho a enterar as suas viduas com a tristeza de ver as filhas desgraçadas na rua do Siriry.

A «Rua do Siriry», mandou o de, delegado, seria a única onde se poderia exercer o metrefício. Numa noite, as mulheres de todas as bandas, como combinadas, resolvem fazer as mudanças. A rua encheu-se de gritos, de pragas, de cantigas e de risos: «um movimento assim nem nas noites de S. João».

Depois a vida tombou no ramerício de sempre, com os mesmos frequeres, os mesmos períodos de furtura pelas altas do cascu, as mesmas difficuldades: esperando os navios que iam e vinham em viagros.

Mariana, Almerinda, Neném, ... simples nomes, marcos do correr da vida. Hoje vai-se uma, para o hospital, para o cemitério, para o Rio, ou como Letícia, a apaixonada, seguindo um homem: mas logo o seu lugar se preenche.

Romance dos pobres das fabricas, luta permanente por um bem que se não alcança: para uma é o vestido de setins ou a chinelas de verniz; para outros, como Pedro Corumba e Zé Afonso, é a claridade dum vida mais ampla — luta feita de derrotas... Mas, a esperança não morreu no coração dos homens.

Exposições

W. Hasbun-Little, no Instituto Britânico, e Edgar Bohlman, no S. P. N.

Eis dois artistas estrangeiros que procuram interpretar a paisagem e o povo portugueses. Um e outro nos dão uma reportagem pictural de vários recantos do mundo, destacando-se, em todo este amalgama de emoções colhidas pelo viajero impetuoso, o lirismo delicado que diminua as pequeninas obras referentes ao nosso país.

E se os aproximamos nestas ligeiras notas, não é porque entre os dois artistas haja afinidades de técnica ou pontos de vista comuns. Simplesmente pela coincidência das suas exposições, em Lisboa. Aliás, por outros motivos, adiante apontados, ainda a aproximação seria legitima. Um e outro conhecem Marrocos e o sul da Espanha, a costa algarvia e o norte de Portugal. Os certames a que nos reportamos são disso documento. Daqui, o interesse de os aproximar numa análise, se bem que breve, das obras expostas, para melhor as definir e compreender.

Hasbun-Little há já uns poucos de annos que expõe em Lisboa. O publico deve, pois, estar familiarizado com este artista. Os seus desenhos, as suas aguarelas, os seus pequeninos oleos, as suas gravuras em madeira e pontas-sedas já não constituem novidade. De tão graciosas, as suas obras hão-de por força agradar. Têm um suave poder de suggestão, quando admiravelmente à mentalidade pacata, à quietude das casas sem grandes sobressaltos. De facto, é apreciável a segurança de desenho, a homogeneidade do traço em lápis como «Cusca de Pedra — Braga», (n.º 51), «Alto da Costa da Moura», (n.º 52) ou «Meinho — Albufeira», (n.º 33). Desenho pelo desenho? Evidentemente, mas raffine, pouco. Imobilidade de bilhete postal. E estas aguarelas, tão distantes, formalmente suggestivas, de brilhante execução: «Arbes — Quinta Nova — Carcavelos», (n.º 11), «Aveiro», (n.º 12). Vêde: são no fundo um fileamento do real. Boa composição, esquisita colocação. Mas essas aversões e esse traço têm lirismo em excesso e realidade a menos. A arte não pode apoiar desequilibrios entre técnica e emoção, entre emoção e realidade. De contrario, existimos em admitir:

O Pensamento Metafísico Contemporâneo

Berdiaev:

a síntese do Olimpo e do Calvário

por Abel Salazar

BERDIAEV é talvez o mais característico representante do neo-cristianismo da Rússia. «Necessário da religião, declara, porque desejo a vida eterna, porque quero afirmar a minha personalidade nesta vida. Quero identificar-me com o mundo livremente, não pela força de uma necessidade fatal».

Mas Berdiaev, como Merezkovsky e Rozanov, não se conforma com a concepção acética da vida, que rompe a harmonia entre o corpo e o espirito, entre o individuo e a sociedade. Assim Berdiaev põe as suas esperanças no segundo advento de Cristo, que considera sob um ponto de vista místico. Cristo virá estabelecer a harmonia do corpo e do espirito, do individuo e do colectivo, e virá libertar os impulsos criadores do homem, oprimidos actualmente por um falso determinismo materialista e uma ordem social errada.

«Creio que é possível uma aristocracia espirital em uma sociedade democratica e que não há-de quadrar sendo escassas relações com as tendências da organização social e politica. Esta aristocracia deverá elevar-se acima das moralidades de classe e de clan e proporcionar novas forças para o futuro progresso. Sem tal aristocracia iremos parar a um estagnamento e a um governo pregatório».

Para isso, segundo Berdiaev, é necessário libertarmos-nos das tradições filiaes, celestias e morais que possam sobre o homem. O ideal ético deve ser libertado do controle social. A condição fundamental para o progresso espirital e moral é a liberdade.

A moralidade comum e quotidiana deve ser substituída por uma regeneração religiosa que por sua própria natureza terá de elevar-se acima de qualquer código moral.

«Deus-nos, diz Berdiaev, não somente o Deus dolorido que morreu na Cruz, mas também o Deus Paiz, Deus das alegrias terrestres, Deus da alegria de viver, assim como a antiga divindade Afrodite, deusa da beleza glástica e do amor terreno».

A concepção de Berdiaev, diz Hecker, procura a síntese do Olimpo e do Calvário, deseja uma vida completa, procura unir religião apastor, a do sofrimento e a da alegria e beleza.

Segundo Berdiaev tal síntese viria a realizar-se na Igreja Messianica, que seria uma theocracia livre dirigida por Cristo, a quando de seu retorno à terra.

«Bucamos nossa Igreja que abraque a plenitude da Vida, tudo o que a experiência terrestre tem provado que possui na história um valor real. Nada, com excepção do não ser, ficara fora das paredes desta Igreja. Tudo o que para nós tem valor, tudo o que temos conquistado pelos nossos sofrimentos na terra, há-de nela ter entrada. Tudo o que amamos, todos os nossos pensamentos, a nossa poesia, todas as nossas forças criadoras, por tanto tempo reprimidas pela Igreja tradicional: todos os nossos grandes sonhos, todos os nossos entusiasmos, todas as nossas visões de ordem superior, que antes eram consideradas como do dominio puramente transcendental...»

Em Berdiaev, diz o autor citando, encontramos uma encarnação da tragédia da alma russa, que aspira a conciliar os desejos carnaes e espirituais, que em tal abundância possui».

É o caso de «Mulheres de Pescadores (Nazari)», (n.º 12), de «Fado (Pávio)», (n.º 5), de «Rancho da Meada (Vianna do Castelo)», (n.º 6). Composição mediterranea. E, no entanto, certo gosto no pormenor, mesmo delicado por vezes. E, por vezes, também um pouco de caricatura, um quê de pitoresco nas expressões e nas attitudes: assim, em «Músicos ambulantes», (Vianna), (n.º 15) e em «Descanso dos Pescadores (Lisboa)», (n.º 11).

Sevilla e Marrocos foram também focos dos por Bohlman. A primeira, no meio da guerra, «Cibretes» e «dancings». Aguarelas estas, porém, que a partir de suas realizações de colorido (tons mais escuros e densos obtidos com gouache, jogando com tons claros de aguarela), são tão forte bastante para não parecerem geometricas. Impressionante recepção de attitudes, gestos e expressões fisiológicas. Marrocos, vestígios da dominação portuguesa: apenas três aguarelas, Sali e Mizgala.

Com alto sentido decorativo, pela leveza, pela composição (agora teliz) e pelo conjunto gracioso de obras, são estes dois quadros: «Mercado das Flores», (Tanger), (n.º 30 e 31).

Nos oleos, Bohlman apresenta um retrato (n.º 40), que, certamente, não foi ainda acabado, e, entre outros, «Cusca do Porto antigo», (n.º 41), onde é notável a tonalidade averdinhada e aere, mas em que toda a perspectiva se cavela para deixar imenso e pesado um ranque de casas desenhadas de expresso e de vida.

Dois desenhos de «Um café de Montmartre», (n.º 35 e 36), são pela espontaneidade e pela viveza uma arte afortunada neste certame.

Para terminarmos os «Pavões em traje de festa», (n.º 43 e 44) constituem duas peças de grande coesão. Oleos de fundos apropriados, desenho e coloração eminentemente fluidificadas.

BENTO JANEIRO

página anterior:
NAMORADO, Joaquim
Do Neo-Realismo. Amando
Fontes /
In "O diabo", a. V, n.º 223
(31 Dez. 1938), p. 3
MNR PP/17/P

DIONÍSIO, Mário
S.O.S geração em perigo /
In "O diabo", a. VI, n.º 248
(24 Jun. 1939), p. 1, 12
MNR PP/17/P

Ano 11 Número duzentos e quarenta e oito

Lisboa, 24 de Junho de 1939

Um século

O Diabo

Semanário de literatura e crítica

Director

Guilherme Morgado

EDITOR, Ernesto de Barros

Proprietário e gerente: ... Lisboa, ...

COISAS DE "O DIABO"

ALVORADA DO ANO SEXTO

Sim, querido companheiro, sim, é verdade: mais um ano. A tua alegria é a nossa. Os teus pensamentos e as tuas aspirações são também os nossos pensamentos e as nossas aspirações. O Diabo vive e corrêdo da tua presença e da tua amizade. Por isso vive, por isso quer viver. Tu, amigo dedicado, és a razão de ser da nossa existência. Tu, leitor, tu - intelectual ou trabalhador, és a nossa alegria, a nossa coragem, as nossas mãos. Os nossos sonhos, as nossas convicções, as nossas idéias: um único sonho, um único coração, um único corpo e todo o nosso idealismo.

e reflectisses nos problemas que te sugerimos. Sim, Amigo, tu tens sido a nossa grande força. Na sua "Introdução à leitura de O Diabo", escreveu aqui Rodrigues Lapa, em Junho de 1936: "O Diabo procura apagar a fome de cultura que se nota nas camadas do nosso povo, no caixeiro da loja, no empregado do escritório, no operário da oficina, no trabalhador do campo, que não podem adquirir livros nem têm quem lhes ensine. Muitos dos nossos leitores e assinantes são recrutados nestas classes; e nós firmes desse facto um verdadeiro orgulho". Agora, acrescentaríamos: esse facto basta para que "O Diabo" não perca o sentido e a consciência da sua missão. Esse facto basta para que "O Diabo", como aqui foi dito numa hora de exatidão dos próprios métodos de trabalho, vá a toda a parte em que

haja alguém que pense ou que sofra, em que haja um grito ou um braco de um homem. Quero dizer: a toda a parte em que o Homem desentrola a sua luta por uma vida diferente daquela que na realidade vive. É essa luta do Homem com a Vida que hoje mais nos interessa. É a Ciência, a Literatura, a Arte, serão, nas nossas mãos, simples meios indispensáveis para servir essa luta eterna e sempre nova. (Passagem de nível, 25 de Fevereiro de 1939).

mais diversas e heterogêneas: isto é, "O Diabo" tem procurado ser, através de toda a sua acção passada, um jornal de cultura, sempre preocupado que das suas palavras resulte alguma utilidade para o povo a quem se dedica, para a acção em que vive. E é neste tradição que "O Diabo" filia, também, toda a sua acção presente. Um jornal de cultura

o esforço de pensador. Um jornal de cultura tem de ser o reflexo desse caldeamento radical em que o Homem transforma toda a sua sensibilidade, em que o Homem medita sobre todos os seus recursos e procura traçar um modo de viver diferente daquele cuja organização até então o linha abrigado. Os mil caminhos que solicitam a atenção do pensador, são as mil reflexões em que o Homem se concentra nesses momentos de génese de um novo Homem. São os mil problemas que surtem do pensamento diário - da ida para o emprego, da hora precária e incerta do almoço, da consideração e do respeito pelo concidadão, da simpatia pelo desprotegido, da perplexidade ante um sem número de factos que se afirmam injustos e desumanos mas que estão confundidos com a própria existência da organização das coisas. Viver é todo este apercebimento de problemas e interrogações, viver é todo este combente por uma ampla compreensão desses mesmos problemas e interrogações.

S. O. S. geração em perigo

por Mário Dionísio

"O Diabo" Tu, que há cinco anos seque a nossa leitura, não necessitas que te recorde o que representa em Portugal a existência de um grande semanário como "O Diabo". Não necessitas que te recorde, também, que por estas páginas têm passado os nomes mais notáveis do pensamento e das letras do nosso país. E menos necessitas que te lembres que homens como Artur Lages, Ferreira de Castro e Rodrigues Lapa deram a este jornal todo o seu esforço e atraíram para ele a simpatia dos amigos e o respeito dos adversários, e que outros, como Braz Barilhy e Adolfo Barboza, asseguraram a continuidade dessa obra. Menos ainda te esquece, certamente, que, sem o concurso desses nomes, sem a acção desses homens, "O Diabo" teria perecido rapidamente e hoje mais não seria que uma iniciativa há muito falhada, uma bela iniciativa perdida como tantas outras, uma prova mais da nossa incapacidade tradicional para a realização de um honesto e eficaz trabalho colectivo. Tu, Amigo, como nós, não podias esquecer esses factos. Mas há ainda uma outra coisa, e essa é natural, que dela te não apercebes, uma outra coisa que só nós podemos dizer: é que todos esses esforços de que falamos teriam sido inúteis sem ti, teriam sido inúteis se tu, nos intervalos do trabalho, não procurasses a leitura do nosso jornal, se tu, na aldeia, não meditasses um pouco nas nossas palavras, se tu, curvado à banca de estudo, não pensasses

Querido camarada: Apresso-me a responder à tua carta. É necessário que o faça assim, sem demora, por vários motivos, dos quais não é certamente o menos importante o facto de não ser preocupado com semelhantes problemas. - A Voz, tem longe de Lisboa e que parecia sem longe também, de te assustar que eles julgam não poderem executar o mínimo interesse em pessoas como Vós, um homem inteiramente vulgar, sem nada de palpavelmente diferenciado, um homem cujo vida se cifra numa tarefa monótona de trabalhar hoje para comer amanhã. Focimo mais grata a tua carta do que uma notícia de "sorte grande". Mas há outro motivo porque também me apresso a responder-lhe: é porque vejo que não há "lugar" nenhuma, que todos continuam nos seus postos, que a luta não é só a acção esperantista de duas instituições que se aboletaram no meio da rua. Pelo contrário. Não é quem mais grata que mais vejo com. Li algumas umas palavras não sei de quem que dizem assim: ninguém precisa melhor do que a formação e ela está sempre salada. Interpretar isto à letra seria um erro, diz Voz que é um homem sem por cento de acção. Eu o que penso também, mesmo sem ser um homem sem por cento de acção. Sucedo, porém, querido camarada, que há a necessidade dum mínimo de entendimento para que as pessoas possam discutir qualquer problema. Suponho o que querias um registo e um

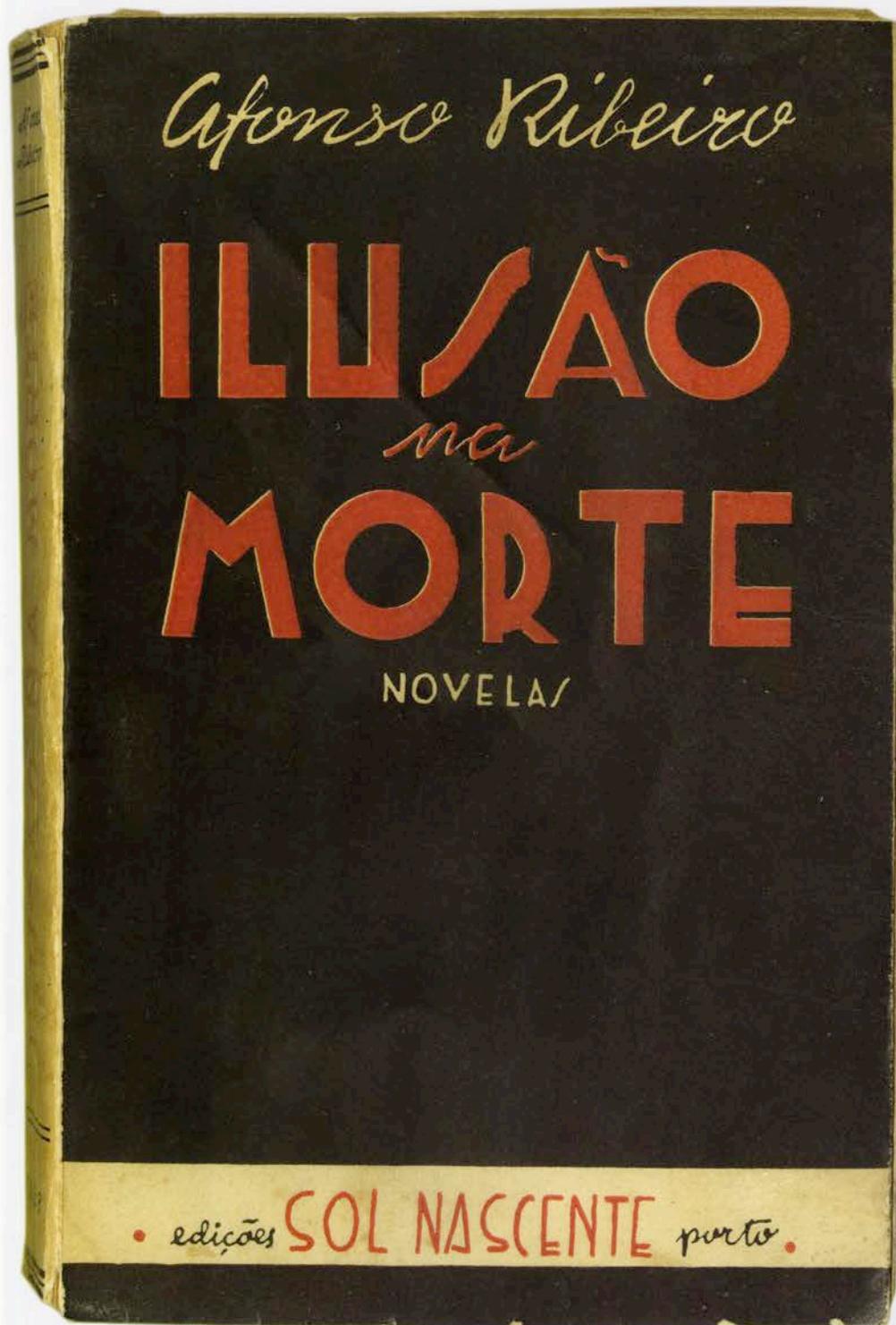
chando a discutirem um com o outro, separados por um muro, sem sequer poderem ver os gestos, as expressões do contrário. Mas, aqui a impossibilidade é ainda maior. O inglês ainda poderia interpretar as tonalidades vocais do chinês, e vice-versa. Aqui não. Tudo é inteiramente diferente, tudo é inteiramente outra coisa. Se lhes dissermos, por exemplo, "esta cadeira é brava" não há possibilidade de nos entendermos, não só porque não sabemos para nós uma coisa e para eles outra, como a própria cadeira que julgamos ser um objecto que serve para nos sentarmos e que se reveste de determinadas formas, como pé, fundo, costas, é para eles não sabemos o quê, mas certamente outra coisa, uma entidade metafísica qualquer. V. j. bem: o exemplo é caricatural, mas, justamente por isso, não se afasta muito da realidade. Sucede às vezes que as questões são de poucas montes. Mas quando tocam problemas fundamentais?.. Ah, então é impossível, impossível chegar a qualquer conclusão. Suponho o problema da humanidade na Arte, da utilidade da Arte, etc. Impossível. "Homem" para eles é uma palavra distorção, e "sutil" é uma palavra que, com a melhor das boas vontades, tirariam da discussão. A primeira condição de valor de qualquer coisa, cifrada, para aqueles intelectuais a que se se refere, em não ser útil e, mais francamente, em não servir para nada.

Os escritores têm a sua utilidade na evolução da nossa literatura, na criação da nossa literatura moderna. A sua utilidade? Mas que isso foi indispensável. Certo, porém, fôrme e desconhecidamente que se esperassem se embossem que o peso. E creio também que não seria só isso, que seria a morte, se ouzasse dizer, que não obstante a utilidade que as suas obras tiveram e o belo documento artístico dessa época que elas representam, que o seu período passou. Isso não. Isso não admito. É até muito curioso ouvi-las dizer, com certo ar de descoberta, esta coisa sabida que todos, que eu muitas vezes tenho dito como Voz e dita a partir a determinada época literária sucede sempre uma antagónica, inteiramente antagónica. Curioso ouvi-las dizer isto e, em seguida, algumas linhas após, ler os seus espantos, as suas exclamações indignadas ao verem o desportar duma geração que lhes é superior dos pés à cabeça. Quando vêm que um momento renegou inteiramente um classicismo, que um realismo renegou inteiramente um romantismo ou que um simbolismo renegou inteiramente um parnasianismo, concentram com calma esse estagnamento de geração e que se deve a própria existência da literatura, a que se deve o seu não estagnamento, a sua continuidade. Chamam a essa repetição mais ou menos periódica de antagonismos: revolução, andar para a frente. Mas quando o caso

de ser um apanhado de toda esta querela que o Homem discorre consigo próprio. Porque a cultura é precisamente, como já aqui foi escrito, um conjunto de ideias e a realização prática desses ideais, uma regra normativa e a sua própria execução, um panorama social, determinado pelos dados materiais da existência, e a sua efectivação nos quadros da sociedade ("Eutropelização", 24 de Dezembro de 1935). Essa harmonização entre os problemas e as resoluções que para eles se entolham justas e o objectivo da cultura. Uma cultura viva será a que ultrapassou o simples carácter do "arquivo" e se encarrrega, embora a custa de todas as lições do passado, do trabalho de laboratório - estudo, preparação e construção - de novas ideias, de uma nova ética, determinadas pelos imperativos da vida corrente, e da sua concretização no quadro das realidades dessa mesma vida corrente. Um jornal de cultura tem de ser, segundo entendemos, tomar parte nesse trabalho de laboratório. Por isso "O Diabo" quer ser um obreiro anónimo - dos milhares e milhares que se espalham por todos os cantos do mundo - de uma cultura em que os problemas surjam, sim para serem resolvidos, nunca para ficarem sem resolução.

Continua na página seguinte

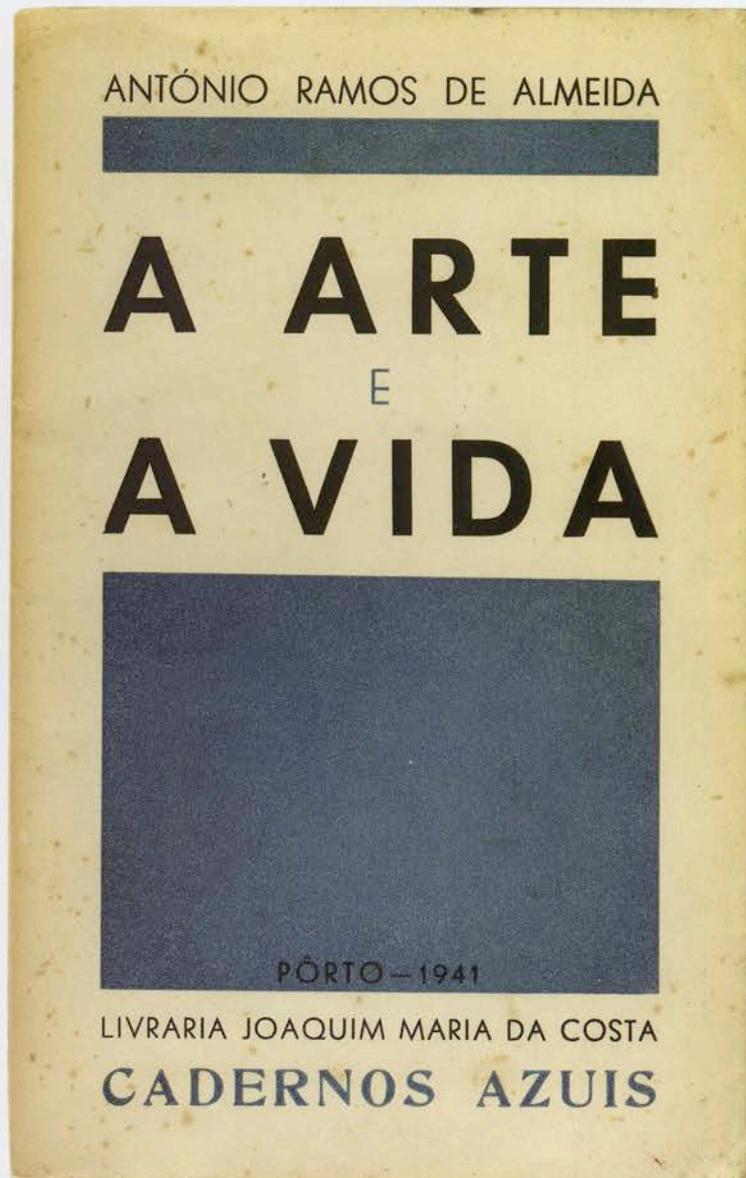
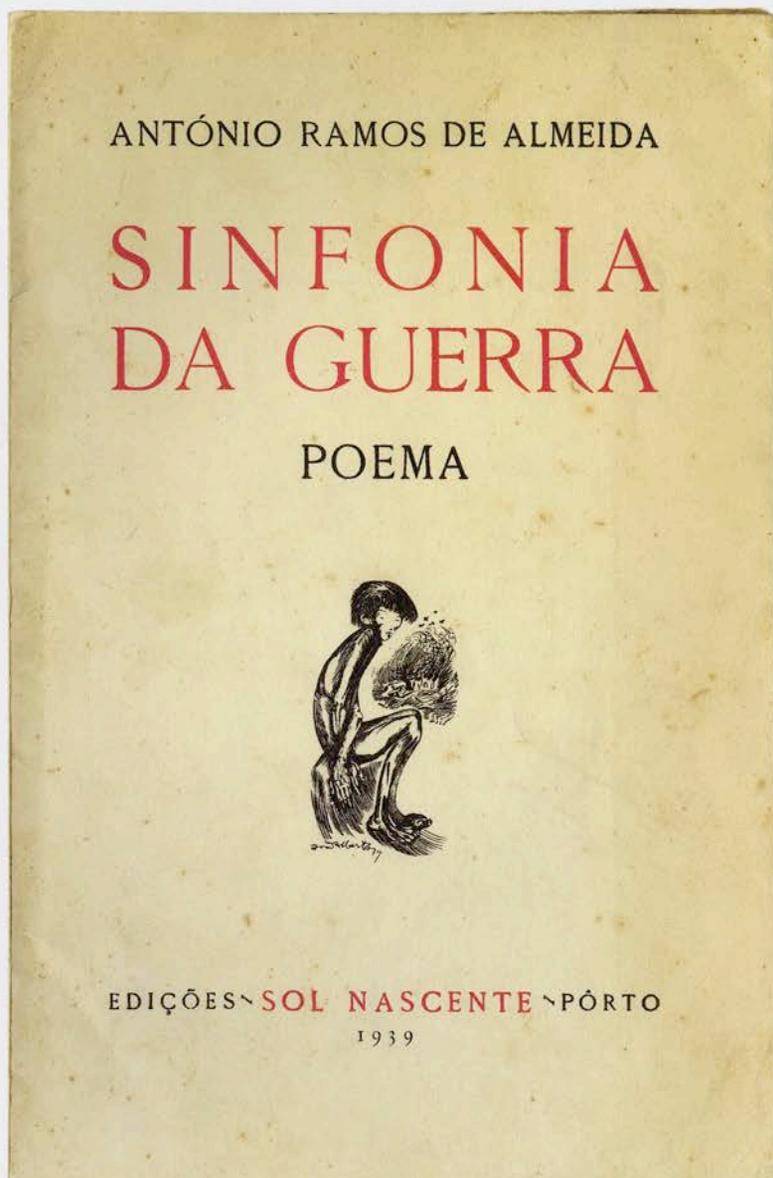
PP 17 P DOCUMENTAL 10



**RIBEIRO, Afonso**

*Ilusão na morte: novelas /*  
– [1ª ed]. – Porto: Sol  
Nascente, 1938. – 254,  
[1] p.; 19 cm  
Contém dedicatória:  
Para Joaquim Namorado,  
ao amigo, ao companheiro,  
ao escritor – com o melhor  
abraço do Afonso Ribeiro  
(Brochado): oferta  
MNR RBR/Lit/3423

Para além dos artigos críticos publicados nos muitos periódicos culturais dos anos 30, a reunião de novelas *Ilusão na Morte* de Afonso Ribeiro e os livros de poemas de António Ramos de Almeida (*Sinal de Alarme*, de 1938, e *Sinfonia da Guerra*, 1939), bem como, do mesmo autor, a 1ª edição de *A Arte e a Vida* (textos teóricos), tornar-se-ão os primeiros volumes que projectam alguns dos sinais estilísticos do neo-realismo.



**ALMEIDA, António Ramos de**

Sinfonia de guerra: poema / prefácio de Rodrigo Soares; post-fácio de Joaquim Namorado. – Porto: Sol Nascente, 1939. – 32 p.; 25 cm  
Desenho da capa de João Alberto. – Exemplar autografado. – Contém referências ms. de críticas s/ a obra  
(Brochado): oferta  
MNR LMD/Lit/3693

**ALMEIDA, António Ramos de**

A arte e a vida /. – [1ª ed] – Porto: Livraria Joaquim Maria da Costa, 1941. – 60, [3] p.; 19 cm. – (Cadernos Azuis /dir. Manuel de Azevedo; 2)  
Esta conferência foi pronunciada na "Associação Cristã da Mocidade", no Porto, em Março de 1941"  
(Brochado): oferta  
MNR LMD/Ens/2009

***A Cultura e a Arte são elementos da Vida, emanam da Realidade. E porque a Cultura e a Arte são Vida, é que todo o logicismo formal que surge para as separar, além de demonstrar a agonia daqueles que ainda o usam como expressão dialéctica, se apresenta superficial, caricato e até ridículo perante a seriedade do momento que vivemos.***

António Ramos de Almeida, in *A Arte e a Vida*, Porto, Cadernos Azuis, 1941.





# **PREVALÊNCIA DO CONTEÚDO**

**U**M dos grandes debates introduzidos pela estética neo-realista dizia respeito à dialéctica “forma” vs “conteúdo”, dando ênfase à mensagem simples e directa comunicada pela obra de arte (quer fosse literária, artística, ou outra). Abordada de modos distintos por alguns dos intelectuais então interve-nientes, como Mário Dionísio (mais moderado, defensor de uma “osmose” entre “forma” e “conteúdo”) ou Rodrigo Soares e Álvaro Cunhal (defensores de um maior protagonismo conteudista no resultado criativo), esta questão manteve-se actuante ao longo dos anos 40, levando a tomadas de posição mais ou menos radicais que definiam o contexto crítico e intelectual do nosso País. Para isso, muito contribuiu o momento político do segundo pós-guerra, a memória do Holocausto e ainda a esperança de democratização do regime que significou esse momento de viragem no século XX. Da ilusão do MUD no imediato pós-guerra, que conduziu à candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República, em 1949, ao esfriamento das reivindicações progressistas, já no início dos anos 50, um clima de esperança invadiu a acção política oposicionista, arrastando a produção literária e cultural para uma dimensão mais empenhada e interventiva ao nível dos seus resultados sociais. Aos artistas foi então exigida uma espécie de prevalência do conteúdo, buscando assim uma maior consciencialização política e social dos receptores da obra de arte. No ímpeto congregador desse desígnio colectivo, escritores como Alves Redol, Soeiro P. Gomes, Manuel da Fonseca, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, João José Cochofel, Mário Dionísio, Sidónio Muralha, Armindo Rodrigues, Faure da Rosa, Mário Braga, Antunes da Silva ou Vergílio Ferreira, e artistas plásticos como Júlio Pomar, Manuel Filipe, M. Ribeiro de Pavia, Lima de Freitas, Cipriano Dourado, Vespeira, Rogério Ribeiro, Querubim Lapa, Alice Jorge ou José Dias Coelho, procuraram com as suas obras traduzir uma mensagem de liberdade e solidariedade social, esperançados num despertar de consciências que conduzisse à transformação política de um país que caminhava para a mais longa ditadura europeia. *David Santos e António Mota Redol*

***Este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem.***

Alves Redol, Epígrafe à 1ª ed. de *Gaibéus*, 1939.

***Para os filhos dos homens que nunca foram meninos, escrevi este livro.***

Soeiro Pereira Gomes, Epígrafe-dedicatória da 1ª edição de *Esteiros*, 1941.

***Formas novas podem conter um significado velho; da mesma maneira que formas velhas – ainda que excepcionalmente – podem conter um significado moderno e progressista.***

Álvaro Cunhal, “Acerca da Gênese e da Universalidade da Arte Moderna”, in *O Diabo*, 28 de Abril de 1939.

***Os valores estéticos são valores. São elementos sem os quais não existe arte. Simplesmente, pensa-se agora que os valores estéticos não existem em si próprios, que há qualquer coisa de mais vivo e mais profundo para que o artista deve viver.***

Mário Dionísio, in *O Globo*, Lisboa, 1945.

***Confusão da Arte com política? Nada disso.***

***Numa sociedade em que, cada vez mais, tudo é político, apenas exigimos do artista que tenha consciência do papel político e social das suas obras, dos efeitos que não podem deixar de ter, qualquer que seja a sua índole, sobre um público mais ou menos restrito, de uma ou de outra classe. Não queremos que, como artistas, façam política, mas sim Arte; apenas lhe pedimos Arte, não descarnada e abstracta, mas interessada e concreta, despida de preconceitos estéticos e integrada na vida e comunhão com os homens.***

Armando Bacelar, “A arte e o público”, in *Vértice*, 44, Coimbra, 1947, p. 269.



**Alves Redol,  
1911-1969**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 30 (Séc. XX)

**Joaquim Namorado,  
1914-1986**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Francisco José Tenreiro,  
1921-1963**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Vergílio Ferreira,  
1916-1996**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40 (Séc. XX)

**Manuel da Fonseca,  
1911-1993**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**João José Cochofel,  
1919-1982**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Arquimedes da Silva Santos,  
1921-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Antunes da Silva,  
1921-1997**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40 (Séc. XX)

**Soeiro Pereira Gomes,  
1909-1949**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Álvaro Feijó,  
1917-1941**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Políbio Gomes dos Santos,  
1911-1939**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**José Gomes Ferreira,  
1900-1985**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40 (Séc. XX)

**Fernando Namora,  
1919-1989**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Carlos de Oliveira,  
1921-1981**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Mário Braga,  
1921-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**José Ferreira Monte,  
1922-1985**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40 (Séc. XX)

**Mário Dionísio,  
1916-1993**

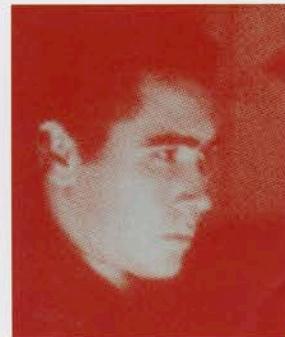
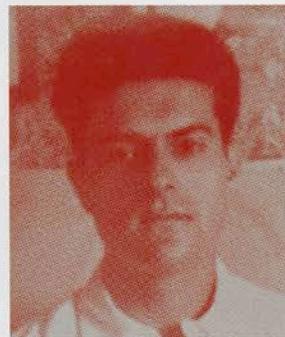
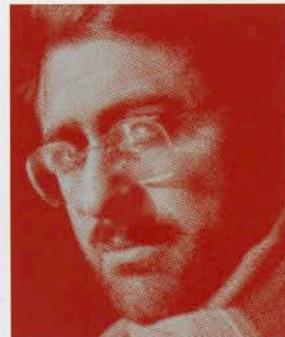
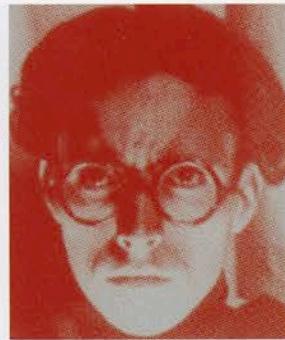
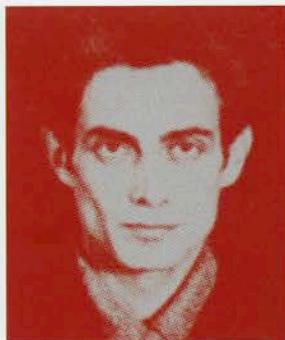
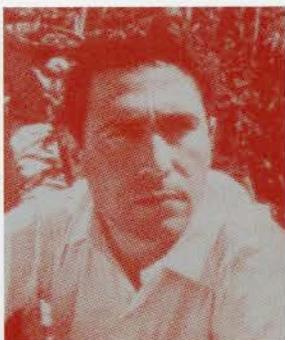
Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Sidónio Muralha,  
1920-1982**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Joaquim Ferrer,  
1917-1994**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)



**José Dias Coelho,  
1923-1961**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Manuel Filipe,  
1908-2002**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Manuel Ribeiro Pavia,  
1910-1957**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Álvaro Cunhal,  
1913-2005**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Augusto Gomes,  
1910-1976**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Júlio Pomar,  
1926-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Cipriano Dourado,  
1921-1981**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Alice Jorge,  
1924-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Rogério Ribeiro,  
1930-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**José Farinha,  
1912-1979**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Victor Palla,  
1922-2006**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Marcelino Vespeira,  
1925-2002**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Lima de Freitas,  
1927-1998**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Querubim Lapa,  
1925-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)



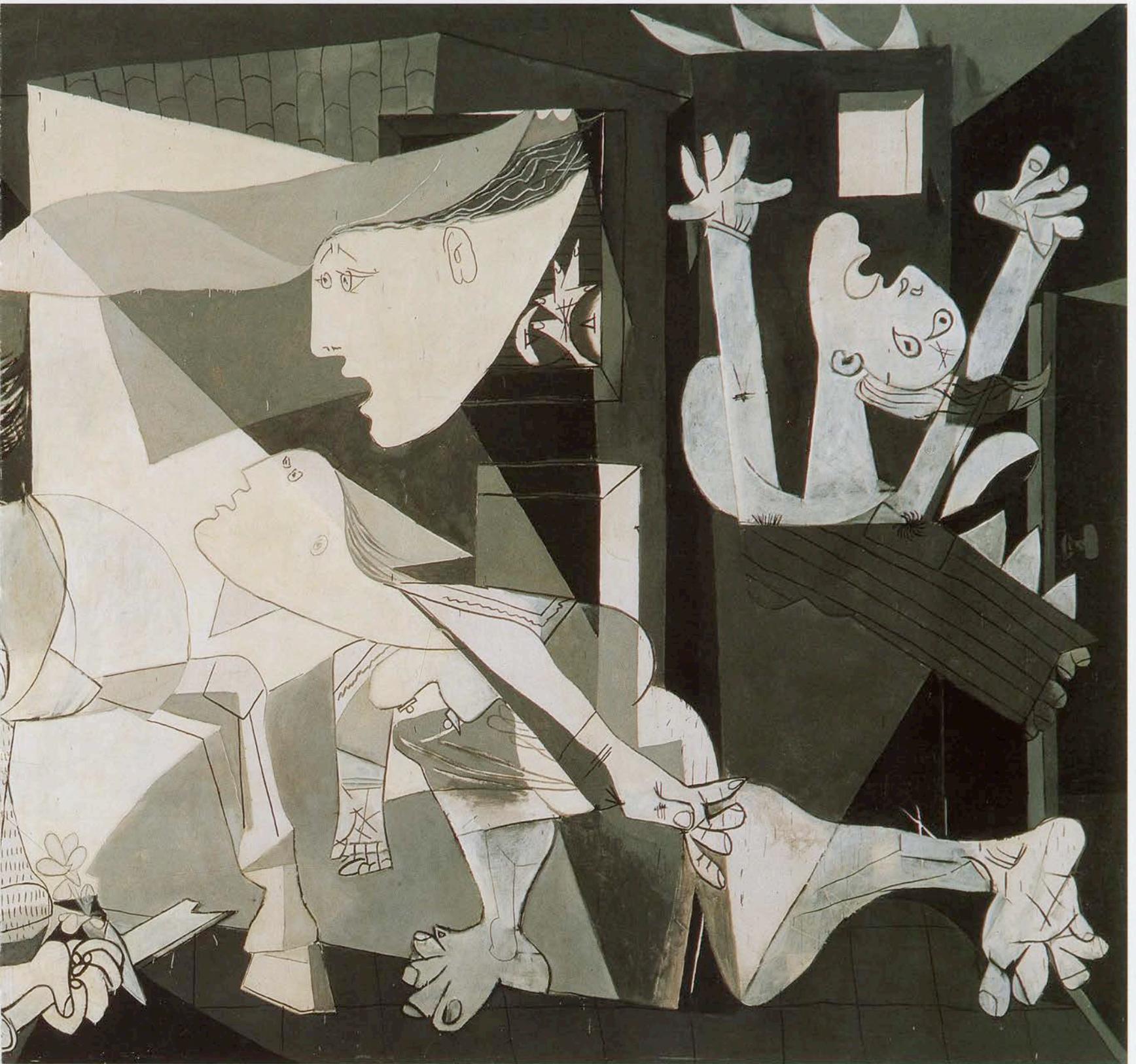
Guernica, 1937, óleo sobre tela, 349 x 776 cm. Museu de Arte de Nova York, Nova York, Estados Unidos.

Este trabalho de Pablo Picasso, intitulado 'Guernica', é uma obra-prima do expressionismo abstrato. A obra retrata a devastação causada pelo bombardeio da cidade de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola. A composição é extremamente dinâmica, com formas geométricas e linhas angulares que criam um senso de caos e dor. A paleta de cores é predominantemente monocromática, utilizando tons de cinza, preto e branco, o que intensifica o impacto emocional da obra.

Na obra, podemos observar a presença de vários elementos simbólicos. O touro, no canto superior esquerdo, representa a brutalidade e a violência da guerra. O cavalo, no canto inferior direito, simboliza a dor e o sofrimento dos civis. O sol ou lua com um rosto no canto superior direito, sugere a presença de forças sobrenaturais ou a ideia de um mundo em ruínas. A obra é uma poderosa declaração política e social, que denuncia os horrores da guerra e a destruição da cultura e da vida humana.

Além disso, a obra é caracterizada por sua complexidade e riqueza de detalhes. Cada elemento da composição parece ter um significado específico, contribuindo para a narrativa geral de sofrimento e resistência. A obra é considerada uma das mais importantes do século XX e é uma referência obrigatória para qualquer estudo de arte moderna.

Em suma, 'Guernica' é uma obra de arte que transcende as fronteiras da linguagem visual e se torna um poderoso instrumento de comunicação e crítica social. Sua linguagem abstrata e expressiva é capaz de transmitir a dor e a angústia de uma maneira que ressoa profundamente no espectador, tornando-a uma obra que permanece atual e relevante até os dias atuais.



### **Guernica**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: color.

Orig. de Pablo Picasso, Óleo s/ tela, 351 x 782 cm, Paris, 1937. – Obra cuja temática é a Guerra Civil de Espanha, inspirado no bombardeamento de Guernica (País Basco). – Reprodução a partir do negativo cedido pelo Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid

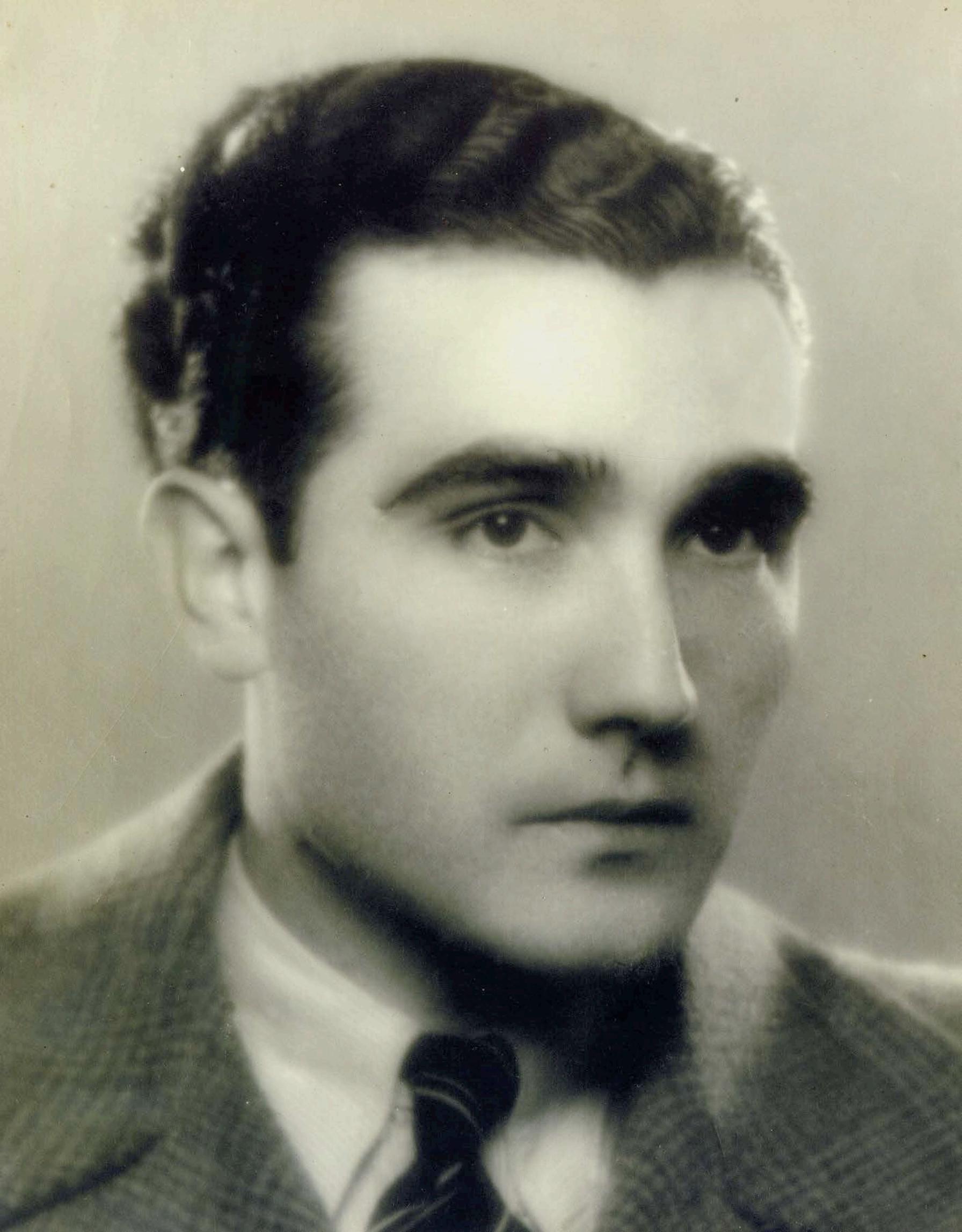




página anterior:  
**Ocupação de Paris  
pelas tropas alemãs,  
14 de Junho de 1940**  
Vila Franca de Xira:  
Museu do Neo-Realismo, 2007.  
- 1 fot. ampl.: p&b

**Exposição do Mundo  
Português**  
Grupo presidencial no dia  
da inauguração da Exposição  
do Mundo Português,  
23 Jun.1940. - Vila Franca  
de Xira: Museu do  
Neo-Realismo, 2007. - 1 fot.  
ampl.: p&b  
Comemoração do duplo  
centenário da Fundação  
(1140) e da Restauração  
da Independência (1640)  
de Portugal

Inaugurada em Belém, em Junho de 1940, poucos dias depois da invasão da cidade de Paris pelas tropas alemãs, a *Exposição do Mundo Português*, sob a coordenação de Duarte Pacheco e António Ferro, significou a maior demonstração pública de carácter nacionalista realizada pelo Estado Novo, onde se comemoravam, numa evidente colagem ao presente, as duas principais datas da história do País: a da Fundação de Portugal (1140) e da Restauração da independência nacional (1640).







página 372:

**Alves Redol**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. baseada no orig. de 1936, dos Estúdios Amer, Lisboa

página 373:

**JOSÉ FARINHA**

S/ título

Busto de Alves Redol  
n.d., n. d.  
Bronze e pedra mármore  
37 x 24 x 21 cm  
Reproduzido a partir do orig. em gesso por ?  
Col. António Redol

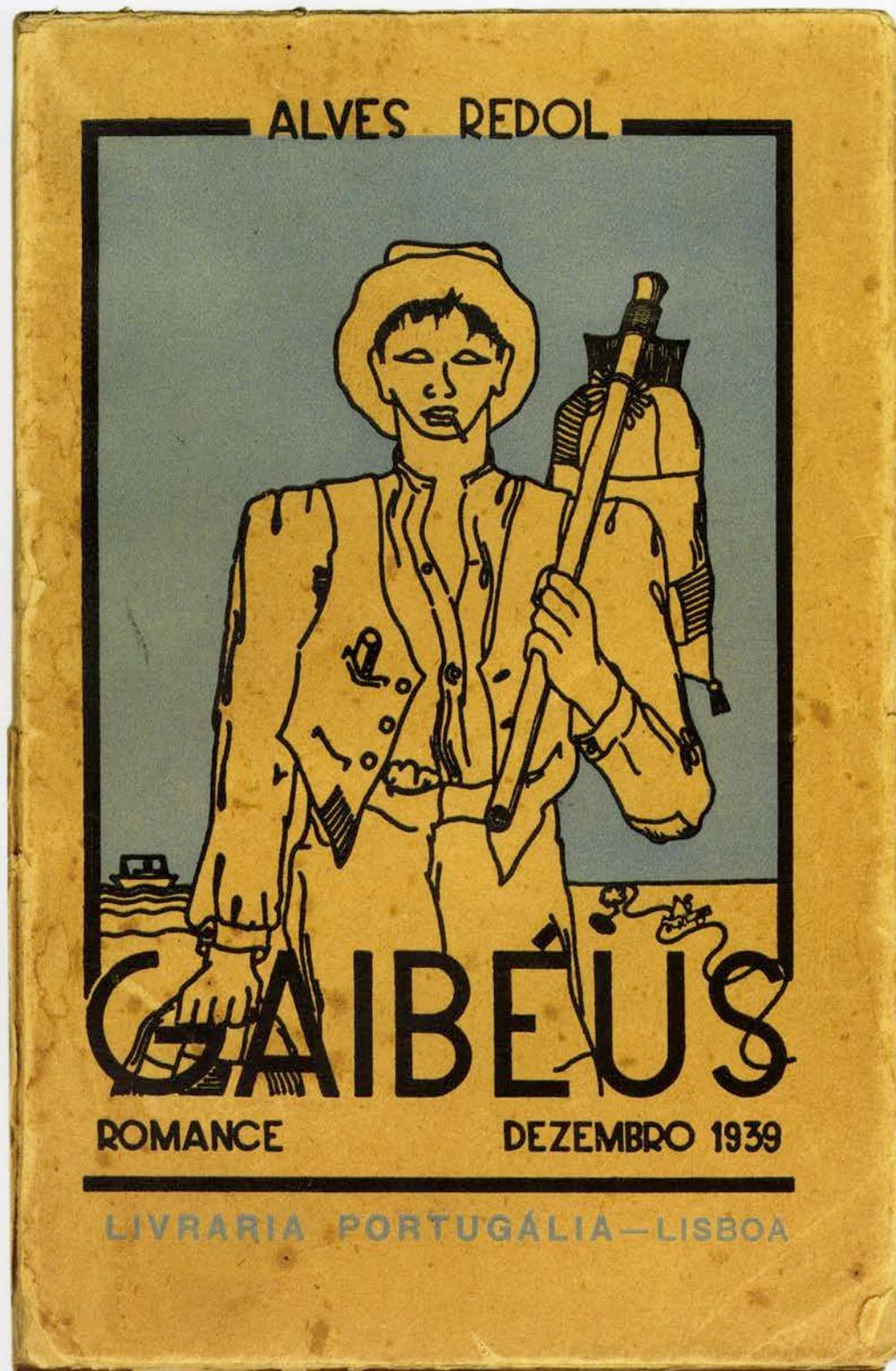
página anterior:

**Redol, Alves**

Gaibéus /. – [S.L.]: [s.n.], [193?]. – 83 fl; 23,4 x 16,9 cm  
Orig. ms. a grafite. – Editado pelo autor em 1939  
MNR/Legado Júlio Goes

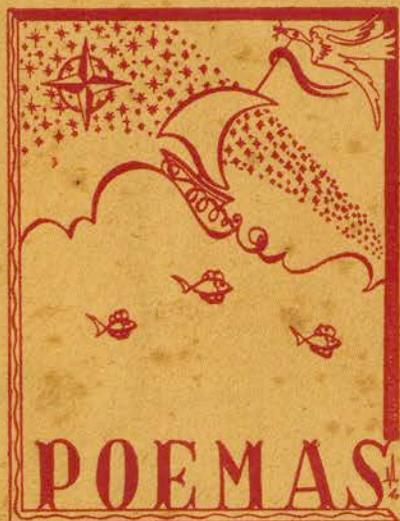
**Redol, Alves**

Gaibéus: romance /. – [1ª ed]. – Lisboa: Ed. do Autor (Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1939). – 275, [5] p.; 20 cm  
Distribuição da Livraria Portugália  
(Brochado): oferta  
MNR RDL/Lit/3427



manuel da fonseca

# ROSA DOS VENTOS



VERÃO // 1940

**FONSECA, Manuel da**

Rosa dos ventos: poemas /  
- [1ª ed.]. - [S.l.: s.n.], 1940  
(Lisboa: Imprensa Baroeth).  
- 71, [2] p.; 26 cm  
Desenho da capa de Manuel  
Ribeiro de Pavia, [19]40.  
- Contém dedicatória:  
Ao Alves Redol, ao romancista  
e ao amigo, este primeiro livro  
do Manuel da Fonseca [.]  
Lx 15-8-[1]940  
(Brochado): oferta  
MNR BIB  
Alves Redol

**GOMES, Soeiro Pereira**

Esteiros: romance /. – [1ª ed].  
 – Lisboa: Sirius, 1941. – 297, [4]  
 p.: il.; 20 cm. – (Romance; 2)  
 Capa e desenhos de Álvaro  
 Cunhal. – Oferecido por Soeiro  
 Pereira Gomes a Júlio Graça  
 em 3 Jul. 1942. – Assinado  
 por Júlio Graça  
 (Brochado): oferta  
 MNR GMS/Lit/170

página 378:

**GOMES, Soeiro Pereira**

Esteiros... Para  
 os filhos dos homens que  
 nunca foram meninos, escrevi  
 este livro /. – Alhandra, Out.  
 1940. – Mai. 1941. – [6], 101  
 fl.; 22,9x17,5 cm  
 Orig. ms. a grafite  
 MNR A2/2.1/A

página 379:

**Soeiro Pereira Gomes**

Vila Franca de Xira: Museu  
 do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
 ampl.: p&b  
 Reprod. de orig. dos anos 40  
 (Séc. XX)

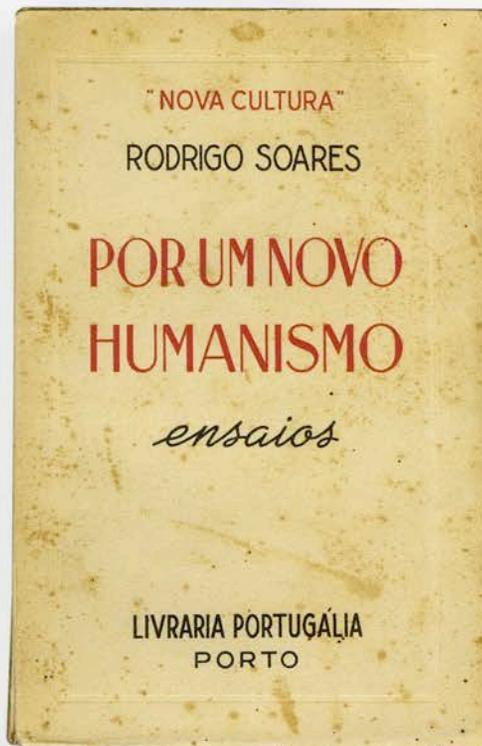
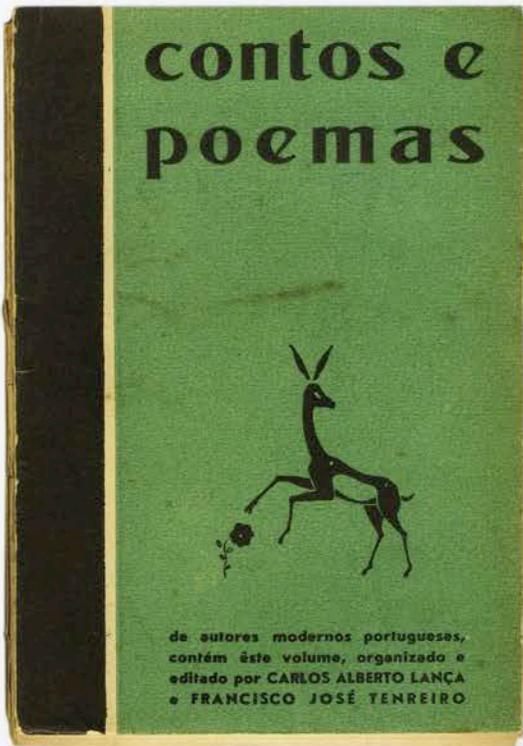


I

Começado em out. de 1940

Os telhais fecharam com os promineiros de outono.  
 Vieram as primeiras chuvas molhar de fumeiros  
 e lodacal negro dos esteiros, e o vento agreste  
 abriu buracos nos ~~telhais~~ dos garstos. Surto de águas  
 e de corpos. Também sobre os fumeiros e enxada  
 perpassou luzada desoladora, que não deixava o  
 fumeiro sequer-se para o alto. Nem a indústria  
 com aquela, queria ventos, e certo. Mas, est. Tam  
 bem. - Vento pra enxugar e sol pra calcinar.  
 diziam os mestres. Mas ~~o~~ sol andava  
 baixo e não calcinava o tijolo, nem as carnes  
 ficavam se molta. Apenas por isso que pela fra  
 quiza das vendas, os patrões não queriam arri  
 ar o maior dinheiro das jornadas. - Ano mau...  
 Todos os anos, o ~~que~~ ~~se~~ ~~passava~~. Desde que  
 apareceu a telha francesa, e o bloco de cimento  
 levou tudo de mal a pior.  
 - Indústria pobre, senhor Castro - chorava.  
 - e o Sr. Vicente ao pagar a renda do terreno.  
 - Indústria pobre... E era. Desde os garstos mol  
 trapilhos dos reladores que vinham de quini  
 to longe - sete horas de caminho - a portar jo  
 cas de pau. Por isso agora, o dia sete de  
 setembro passava sepulchro, sem festa.  
 Santos, era sagrado. Recebia-se a féria, pa  
 garavam-se os fiados de três vices e festejava  
 - se a despedida. Os moços quem deviam o ponto  
 das energias na ornamentação de telhas, ~~eram~~  
 arranjavam instrumental de lutas e água-pau  
 e se dilavava em artejo. E enquanto o canhão  
 verde dos esteiros andava no alto dos fumeiros,  
 as canas secas nos foguetes subiam ao céu.





#### Contos e poemas

Contos e poemas:  
de autores modernos  
portugueses/Org. e ed.  
por Carlos Alberto Lança  
e Francisco José Tenreiro.  
– [1ª ed]. – Lisboa: C. A. Lança,  
F. J. Tenreiro (1942). – 155,  
[3] p.; 19 cm

Contos: Noite de guarda-cabeça  
/Teixeira de Sousa; Baía  
adormecida/Manuel Campos  
Lima; Um conto/Soeiro Pereira  
Gomes; Dia de carepa  
/Garibaldi de Andrade;  
A torre de má-hora/Manuel  
da Fonseca; Chico do Canto  
/Fernanda Barreira; João  
Pitôrra/Manuel Terra; Valado  
/Carlos Pato; A quinta saída  
/Ruy D'Ávila; Chico Arruda  
/Faure da Rosa; Vila/Fernando  
Rebelo; Penumbra na alvorada  
/Tomaz da Costa Roque

– Poemas: Maninho di nha  
noca, Moça do sobrado, Titina  
/António Nunes; Dum nocturno  
para o poeta/Tomaz Kim;  
Três poemas do Natal  
/Armando Ventura Ferreira;  
Dois poemas de "Passagem  
de nível": Beethoven, Canto  
da prisioneira grávida/Sidónio  
Muralha; Vidas secas/Hélio  
Quartin; Três poemas/António  
Lourenço; 3 rimances ribatejanos  
/Arquimedes da Silva Santos;  
O caminheiro/Maria Só;  
Três poemas/Fernando Mouga;  
Fogo, Nha codé/Pedro Cardoso  
Capa e vinheta de Costa Martins  
(Brochado): oferta  
MNR CNT/Lit/2232

#### SOARES, Rodrigo, Pseud.

Por um novo humanismo:  
ensaios/. – Porto: Livraria  
Portugália, 1947. – XVI, 271 p.;  
19 cm. – (Nova Cultura)  
Rodrigo Soares é pseudónimo  
de Fernando Pinto Loureiro,  
191?–  
(Brochado): oferta  
MNR SRS/Ens/1103

#### Grupo de Coimbra

Anos 40 (Séc. XX)  
Em 1º plano (da esqª p/ dtª): ?,  
Fernando Namora e João José  
Cochofel  
Em 2º plano: Ferreira  
de Castro, ?

**GRUPOS NEO-REALISTAS** Entre a década de 30 e o fim dos anos 50, assiste-se à organização mais ou menos informal de diversos grupos de intelectuais neo-realistas um pouco por todo o País, com destaque para os grupos de Coimbra, Lisboa, Porto, Vila Franca de Xira, Ponte de Sôr e Santiago do Cacém.

**GRAÇA, Fernando Lopes**

Bases teóricas da música/.  
- [1ª ed]. - Lisboa: Cosmos  
(1944). - 127 p.; il.; 20 cm.  
- (Biblioteca Cosmos  
/dir. Prof. Bento de Jesus  
Caraça; N.º 61. 2ª Secção; N.º 8:  
Artes e Letras - f) Música)  
(Brochado): oferta  
MNR BIB  
Alves Redol

**CARAÇA, Bento de Jesus**

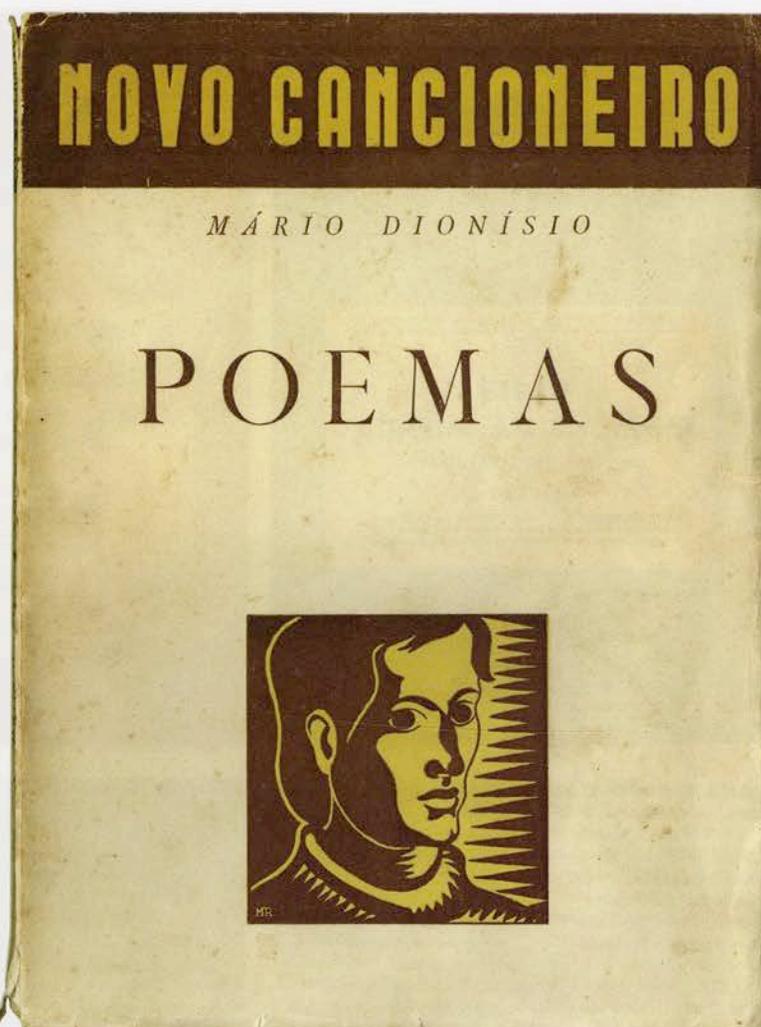
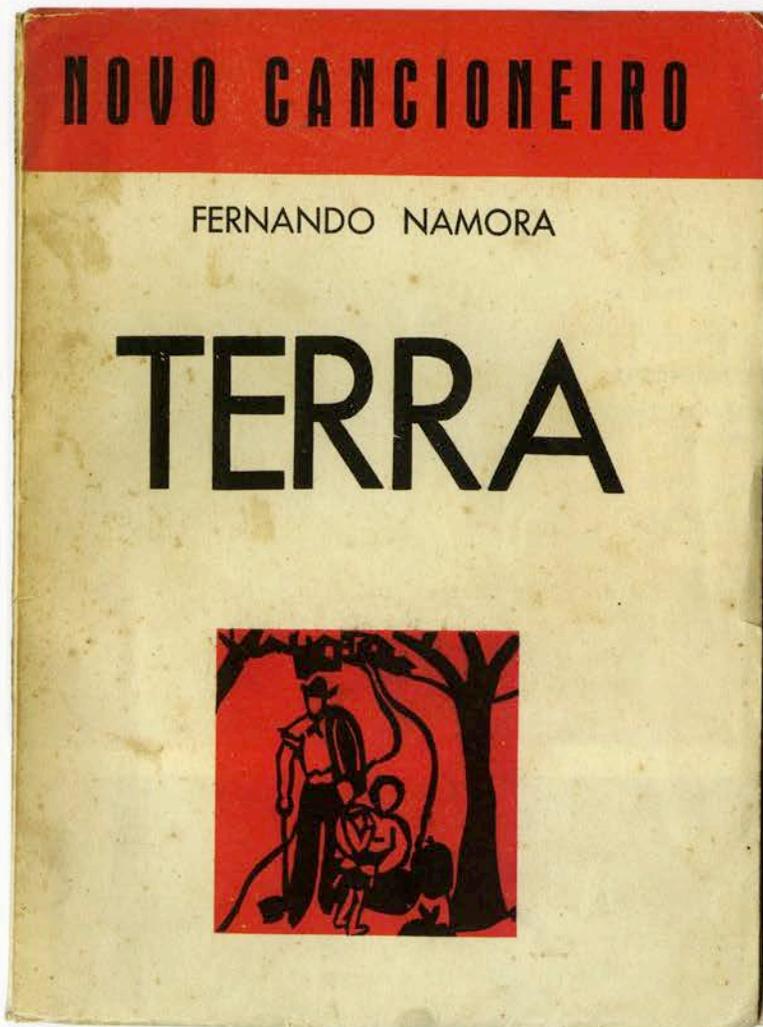
Conceitos fundamentais  
da matemática/. - [1ª ed].  
- Lisboa: Cosmos (1941).  
- Vol. 1, 126, [2] p; 20 cm.  
- (Biblioteca Cosmos/Bento  
de Jesus Caraça; 2. Ciências  
e Técnicas a) Matemática  
e Cosmologia; 1)  
Do 1º vol. foram efectuadas  
quatro impressões: Junho  
de 1941 - Junho de 1944.  
- Vol. 2: Conceitos Fundamentais  
da Matemática, 1942  
(Brochado): oferta  
MNR CRÇ/Ens/2343

**SALAZAR, Abel  
1889-1946**

A crise da Europa/. - [1ª ed].  
- Lisboa: Cosmos (1942). - 142  
p.; il.; 20 cm. - (Biblioteca  
Cosmos/dir. Prof. Bento  
de Jesus Caraça; N.º 31.  
4ª Secção; N.º 2: Povos  
e Civilizações - d) Idade  
Moderna e Idade  
Contemporânea)  
(Brochado): oferta  
MNR SLZ/Ens/2372



**BIBLIOTECA COSMOS** Importante iniciativa editorial ao nível de uma ampla divulgação popular da cultura, a *Biblioteca Cosmos* (1941-1948) foi dirigida do início ao fim por Bento de Jesus Caraça, tendo por base uma ideia conjunta de Bento Gonçalves e Manuel Rodrigues de Oliveira. Aí se publicaram, ao longo de quase uma década, mais de uma centena de títulos de carácter ensaístico (das ciências às artes, da técnica aos estudos literários), atingindo tiragens médias que rondavam os 7.500 exemplares por volume, o que atesta bem do seu alcance junto dos leitores.

**Namora, Fernando**

Terra: poemas /. – [1ª ed].  
 – Coimbra: [s.n.], 1941  
 (Tipografia da Atlântida).  
 – 38, [1] p.; 24 cm.  
 – (Novo Cancioneiro; 1)  
 Desenho da capa de Augusto  
 dos Santos Abranches  
 (Brochado): oferta  
 MNR NMR/Lit/4069

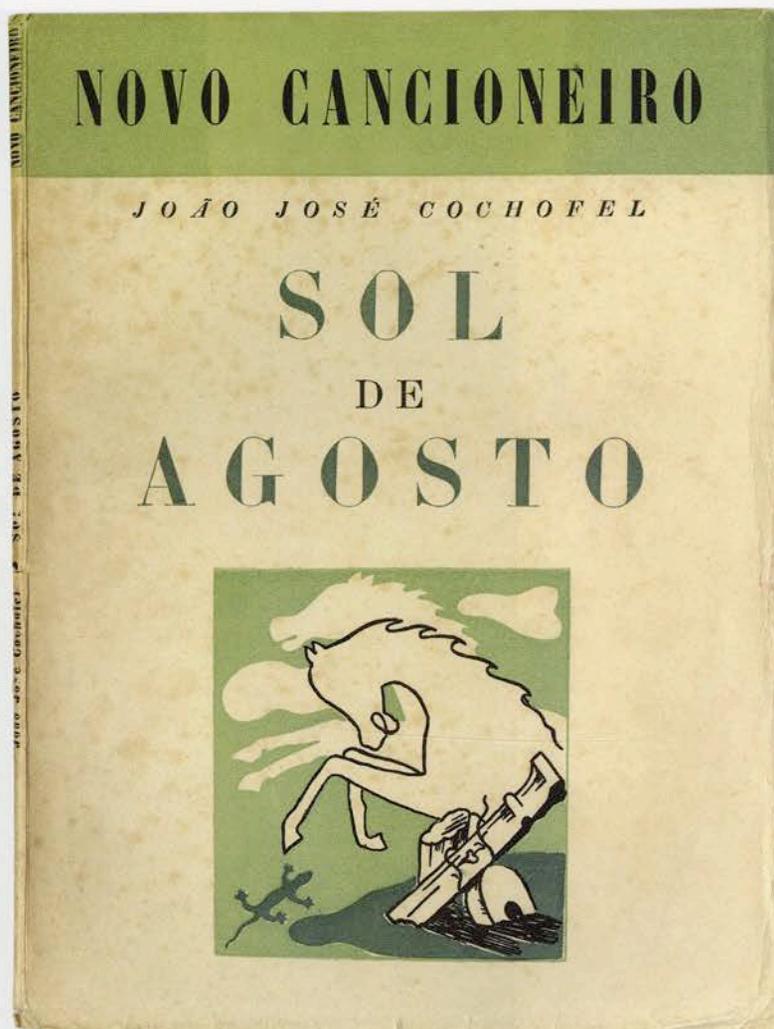
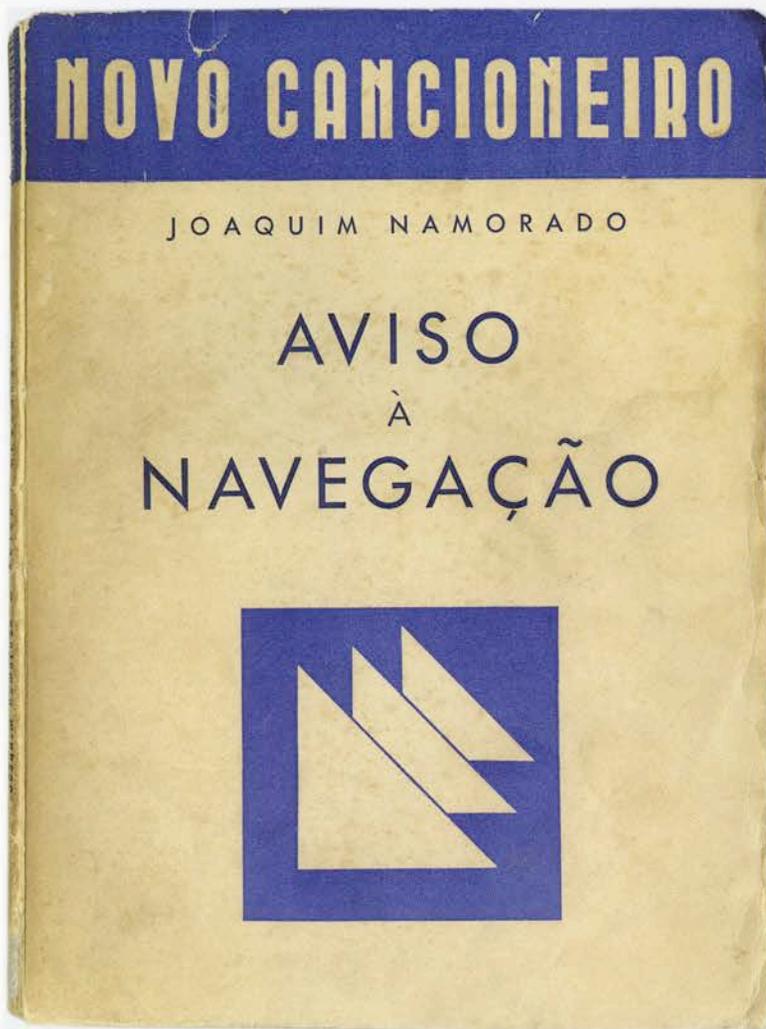
**DIONÍSIO, Mário**

Poemas /. – [1ª ed]. – Coimbra:  
 [s.n.], 1941. – 62, [1] p.; 23 cm.  
 – (Novo Cancioneiro; 2)  
 Desenho da capa de Manuel  
 Ribeiro de Pavia, ass. MR  
 Ass. na pág. de rosto: José  
 Ferreira, Coimbra, IV 1941  
 Poemas publicados pela  
 1ª vez na "Revista de Portugal",  
 "Altitude", "Sol Nascente",  
 "Seara Nova", "Presença",  
 "Diário de Lisboa", "Esfera",  
 assumem nesta edição  
 a sua forma definitiva  
 (Brochado): oferta  
 MNR DNS/Lit/4440

**NOVO CANCIONEIRO (POESIA) – COIMBRA** Editada entre 1941 e 1944, a colecção *Novo Cancioneiro* publicou dez volumes de poesia de outros tantos autores da nova geração, com destaque para *Terra* de Fernando Namora, *Poemas* de Mário Dionísio, *Sol de Agosto* de João José Cochofel, *Turismo* de Carlos de Oliveira, *Aviso à Navegação* de Joaquim Namorado, ou *Passagem de Nível* de Sidónio Muralha, surgindo assim no panorama editorial português com o objectivo de divulgar a poesia portuguesa neo-realista.

**Fernando Namora**  
Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007.  
- 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40  
(Séc. XX)



**NAMORADO, Joaquim**

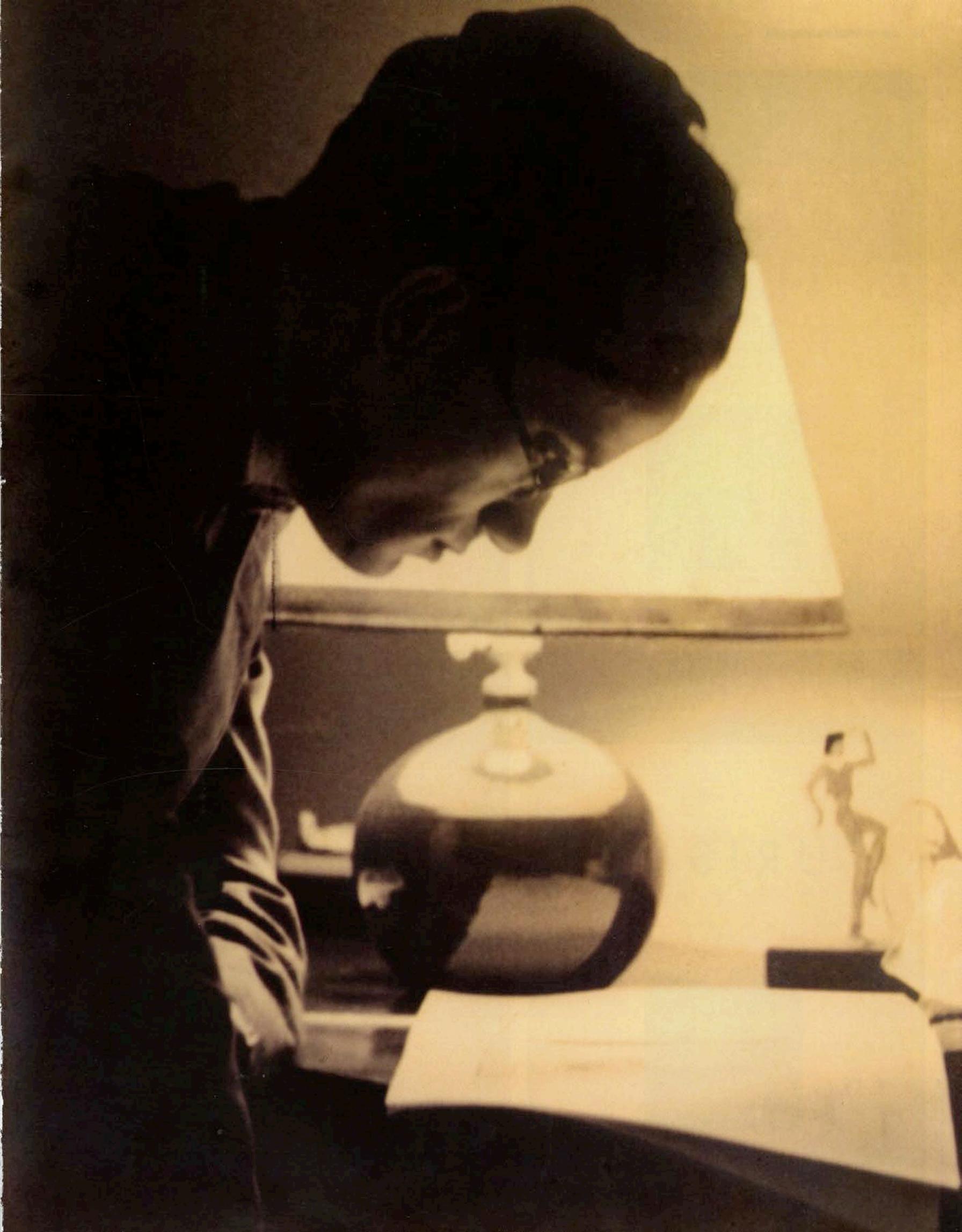
Aviso à navegação: poemas /  
 - [1ª ed]. - Coimbra: [s.n.],  
 1941 (Tipografia da Atlântida).  
 - 70, [1] p.; 24 cm.  
 - (Novo Cancioneiro; 4)  
 (Brochado): oferta  
 MNR NMR/Lit/4442

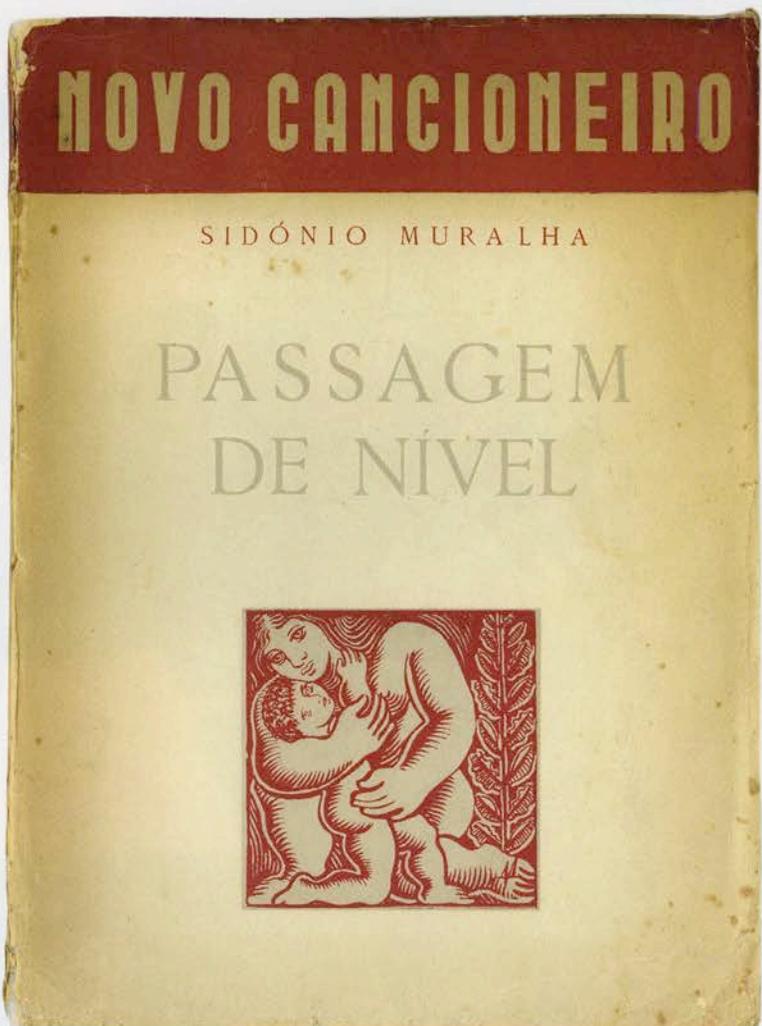
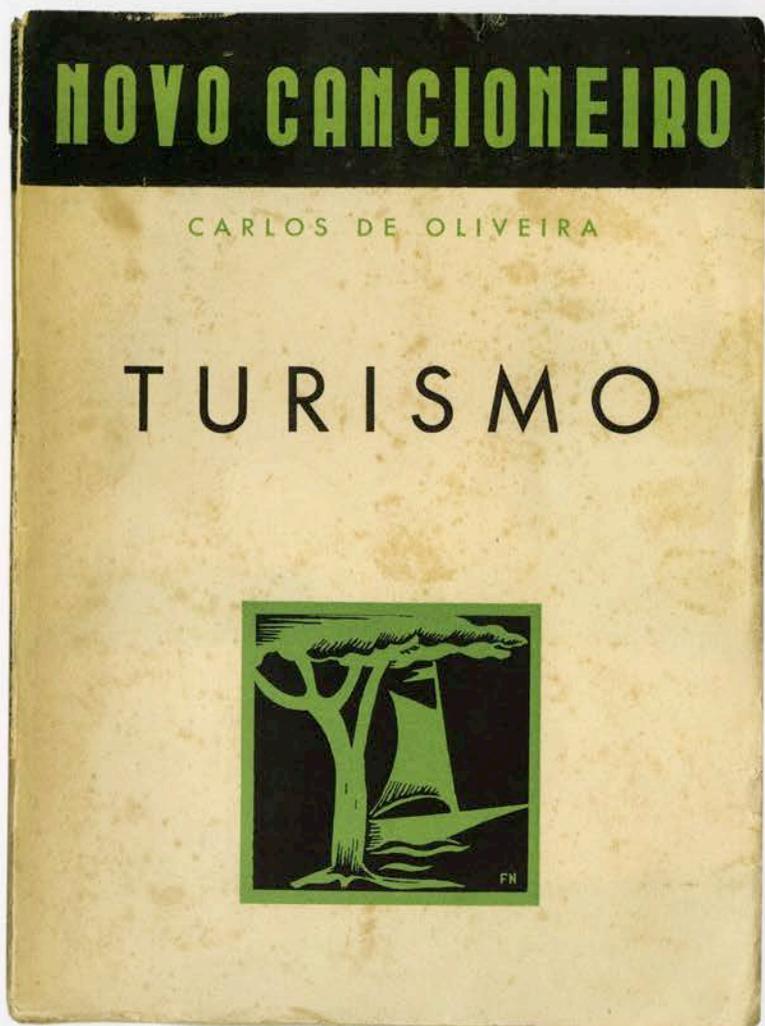
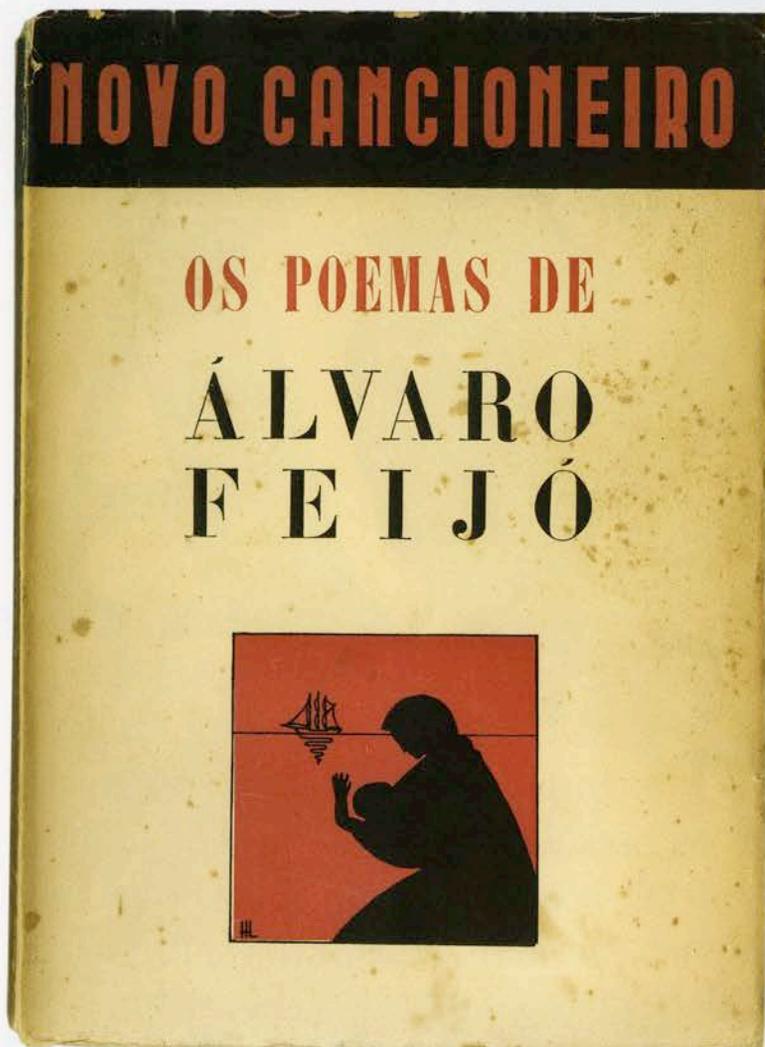
**COCHFEL, João José**

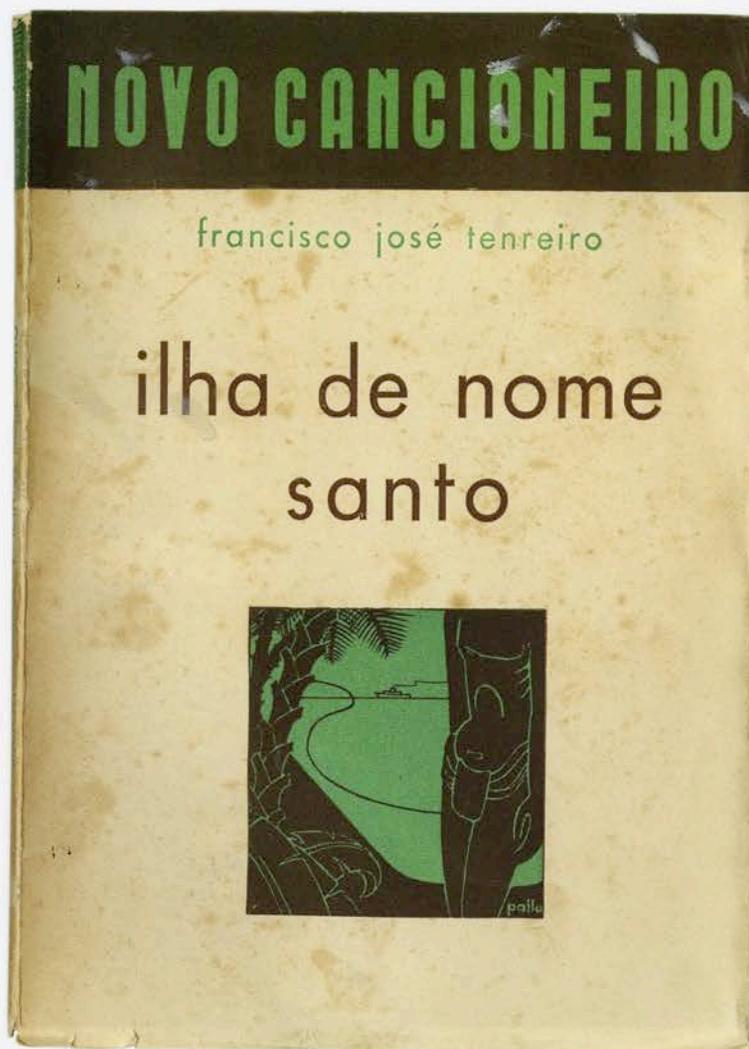
Sol de Agosto: poemas /  
 - [1ª ed]. - Coimbra: [s.n.],  
 1941 (Tipografia da Atlântida).  
 - 27, [1] p.; 24 cm. - (Novo  
 Cancioneiro; 3)  
 Desenho da capa de Joaquim  
 Namorado. - Contém  
 dedicatória: Ao José Ferreira  
 Monte, com um abraço do João  
 José Cochofel, Coimbra, 25  
 de Fevereiro - 41  
 (Brochado): oferta  
 MNR NMR/Lit/4441

página seguinte:

**João José Cochofel**  
 Vila Franca de Xira: Museu  
 do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot.  
 ampl.: p&b  
 Reprod. de orig. dos anos 40  
 (Séc. XX)







página anterior:

**FEIJÓ, Álvaro**

Os poemas de Álvaro Feijó: Primeiros versos, Corsário, Diário de bordo. – [1ª ed]. – Coimbra: [s.n.], 1941 (Tip. da Atlântida). – 159, (2) p.: il.; 24 cm. – (Novo Cancioneiro; 5)  
Desenho da capa de Huertas Lobo. – Contém reprodução de retrato em madeira de Álvaro Feijó efectuado por S.(Somar). – Desenhos de Nita Queiroz, Ares e Fernando Namora. – Obra publicada a título póstumo. – Foram seleccionados os poemas que aparentavam carácter definitivo e um cunho mais pessoal do autor, tendo sido apenas a pontuação alterada pelos responsáveis pela selecção, quando se justificava. (Brochado): oferta  
MNR FJ/Lit/2199

página anterior:

**FONSECA, Manuel da**

Planície: poemas /. – Coimbra: [s.n.], 1941 (Tipografia da Atlântida). – 57, [1] p.: il.; 24 cm. – (Novo Cancioneiro; 6)  
Capa de M[anuel Ribeiro de Pavia], 41. – Contém vinhetas e estampas "Hors-texte" sobre motivos alentejanos desenhadas por Manuel Ribeiro de Pavia. – Contém dedicatória: Ao Nuno Gonçalves, com a camaradagem [,] afectuosamente of. o Manuel da Fonseca Lx. Maio de 1942. – Foi efectuada uma tiragem especial de cem exemplares, com três estampas a duas cores em Hors-texte". – Distr. de Portugalíia (Brochado): oferta  
MNR FNS/Lit/3586

página anterior:

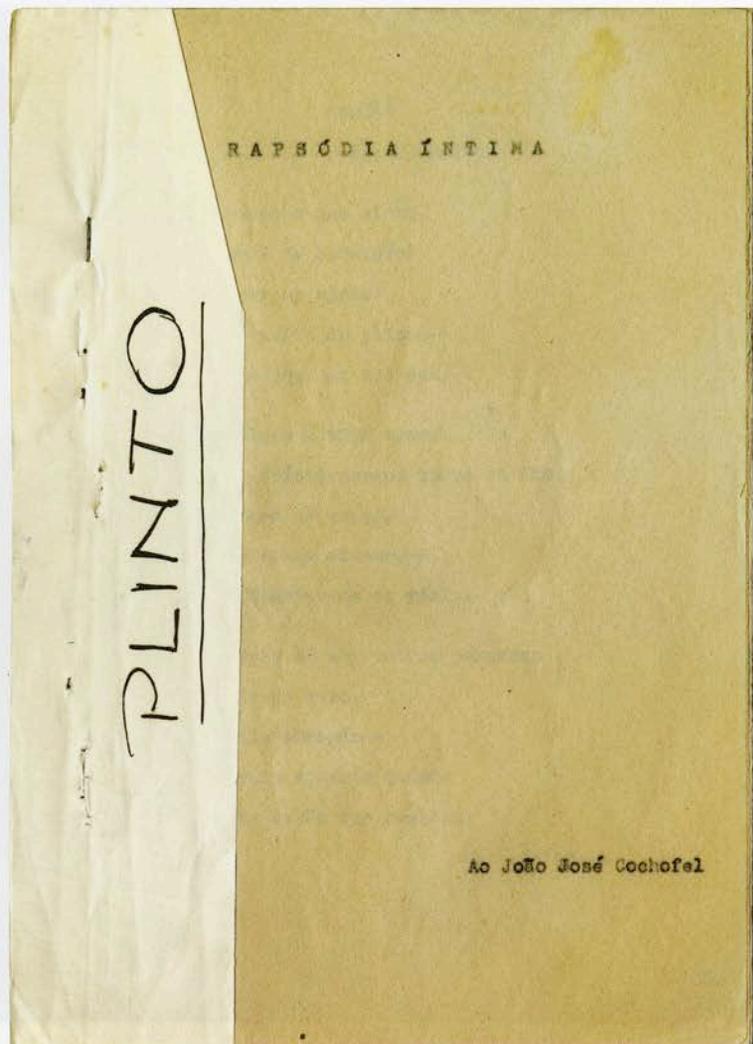
**OLIVEIRA, Carlos de**

Turismo: 1 – Amazónia; 2 – Gândara: poemas /. – [1ª ed]. – Coimbra: [s.n.], 1942 (Tipografia da Atlântida). – (Novo Cancioneiro; 7)  
Ass. na pág. de rosto: José Ferreira Monte, Coimbra, IV 1942. – Vinheta da capa e desenhos do texto de Fernando Namora (Brochado): oferta  
MN LVR/Lit/4445

página anterior:

**MURALHA, Sidónio**

Passagem de nível: poemas /. – [1ª ed]. – Coimbra: [s.n.], 1942 (Tip. da Atlântida). – 33, [1] p.; 24 cm. – (Novo Cancioneiro; 8)  
Desenho da capa de Manuel Ribeiro de Pavia. – Contém dedicatória: Para o escritor Aleixo Ribeiro – estes poemas do amigo Sidónio Muralha [,] Abril de 1943. – Distrib. Portugalíia (Brochado): oferta  
MNR MRL/Lit/5875

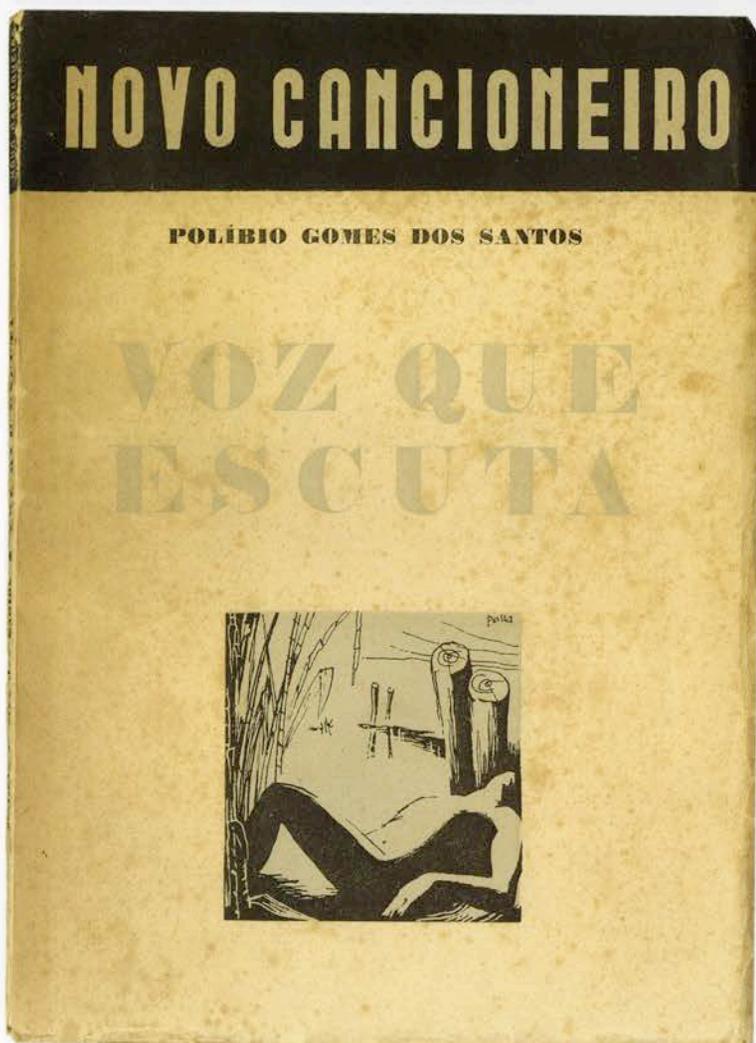


**TENREIRO, Francisco José**

Ilha de Nome Santo: poemas /. – [1ª ed]. – Coimbra: [s.n.], 1942 (Tipografia da Atlântida). – 55, [1] p.; 24 cm. – (Novo Cancioneiro; 9)  
Ass. na pág. de rosto: José Ferreira Monte, Coimbra, 6 de Agosto 1942. – Capa de Victor Palla (Brochado): oferta  
MNR TNR/Lit/4447

**SANTOS, Arquimedes da Silva**

Plinto: Rapsódia íntima, Beija-Tejo, Cântico da Beira-Atlântico, Odes rubras /. – [Coimbra, Senhor da Serra], Casa do Pinhal: [A. S. Santos], 1944. – Cópia dact.; [1], 41, [1] fl.; 22 x 16, 4 cm  
"Plinto" esteve para ser o 11º volume da colecção "Novo Cancioneiro", mas divergências entre os responsáveis editoriais, nomeadamente Mário Dionísio e Manuel Campos Lima que acusam a obra de ser "demasiado formalista", impedem a sua publicação, levando inclusive ao termo da colecção. – Estes poemas foram publicados à posteriori  
MNR  
Legado Mª. Lucília E. Louro



**Políbio Gomes dos Santos**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40 (Séc. XX)

**SANTOS, Políbio Gomes dos**

Voz que escuta: poemas / – [1ª ed]. – Coimbra: [s.n.], 1944 (Tipografia da Atlântida). – 32, [5] p.; 24 cm. – (Novo Cancioneiro; 10)  
Desenho da capa de Victor Palla. – Poemas póstumos (Brochado): oferta MNR SNT/Lit/4448

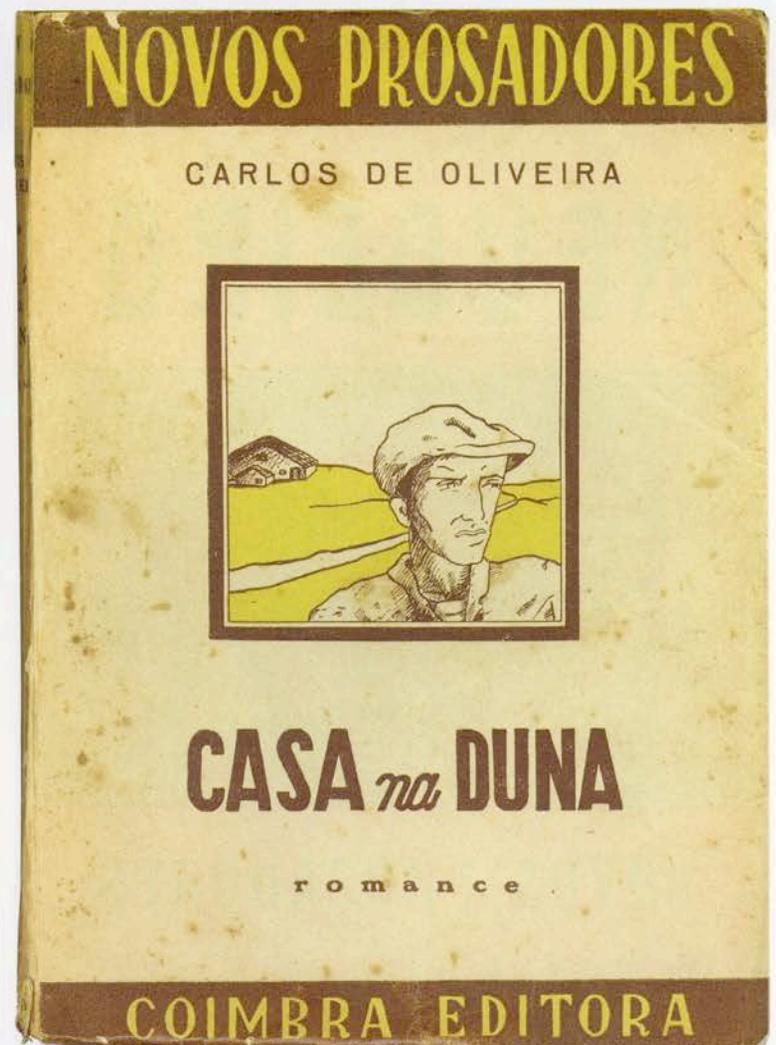
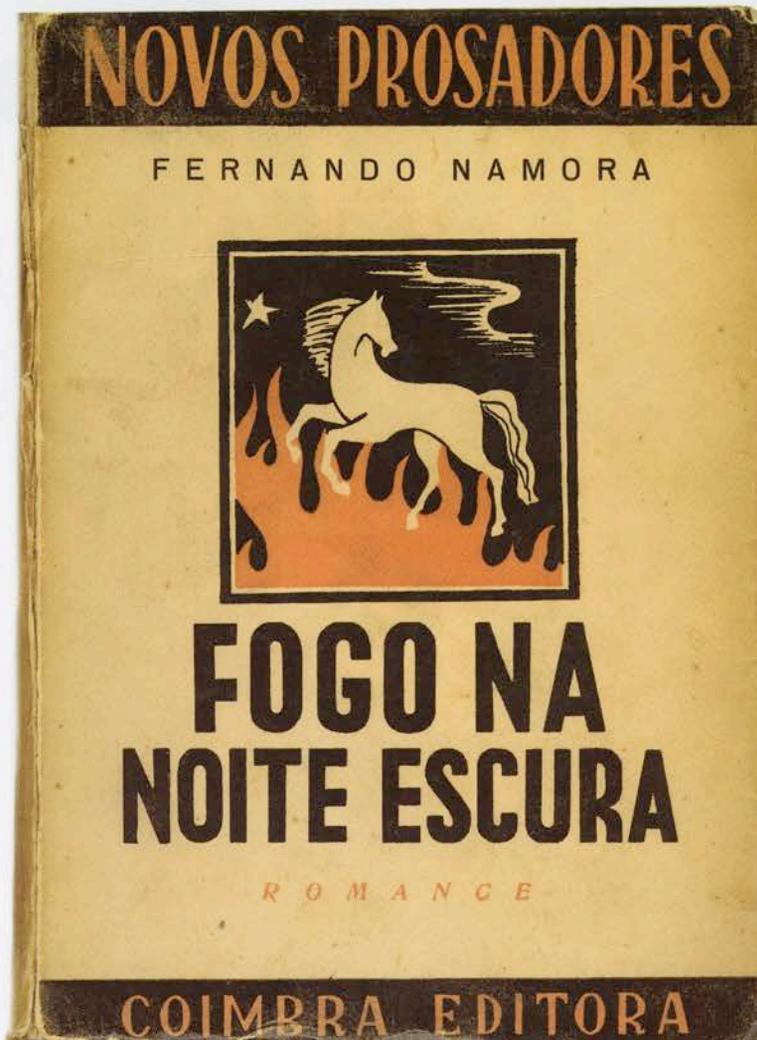
**NAMORA, Fernando**

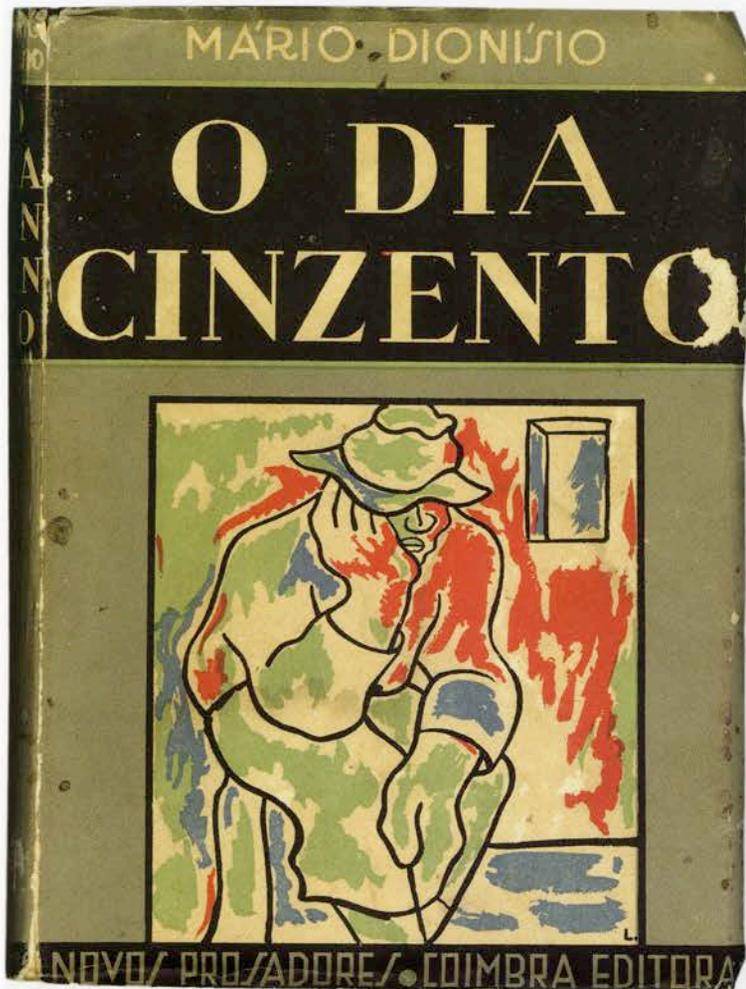
Fogo na noite escura: romance / . – [1ª ed]. – Coimbra: Coimbra Editora, 1943. – 328, [2] p.; 19 cm. – (Novos Prosadores; 1) (Brochado): oferta MNR NMR/Lit/2251

**OLIVEIRA, Carlos de**

Casa na duna: romance / . – [1ª ed]. – Coimbra: Coimbra Editora, 1943. – 213, [2] p.; 19 cm. – (Novos Prosadores; 2) – Desenho da capa de Nita Queiróz. – Contém dedicatória: Para o Joaquim Namorado – pela amizade e camaradagem que me tem dado – e pela sincera admiração que me merecem as suas qualidades de poeta e lutador, Carlos Coimbra, 28 de Junho de 1943 (Brochado): oferta MNR LVR/Lit/6135

**NOVOS PROSADORES (FICÇÃO) – COIMBRA** Como iniciativa editorial complementar de *Novo Cancioneiro*, a colecção *Novos Prosadores* procurou dar voz à produção literária do neo-realismo em ascensão, publicando obras hoje referenciais como *Fogo na Noite Escura* de Fernando Namora, *Casa na Duna* de Carlos de Oliveira, ou *O Dia Cinzento* de Mário Dionísio.



**DIONÍSIO, Mário**

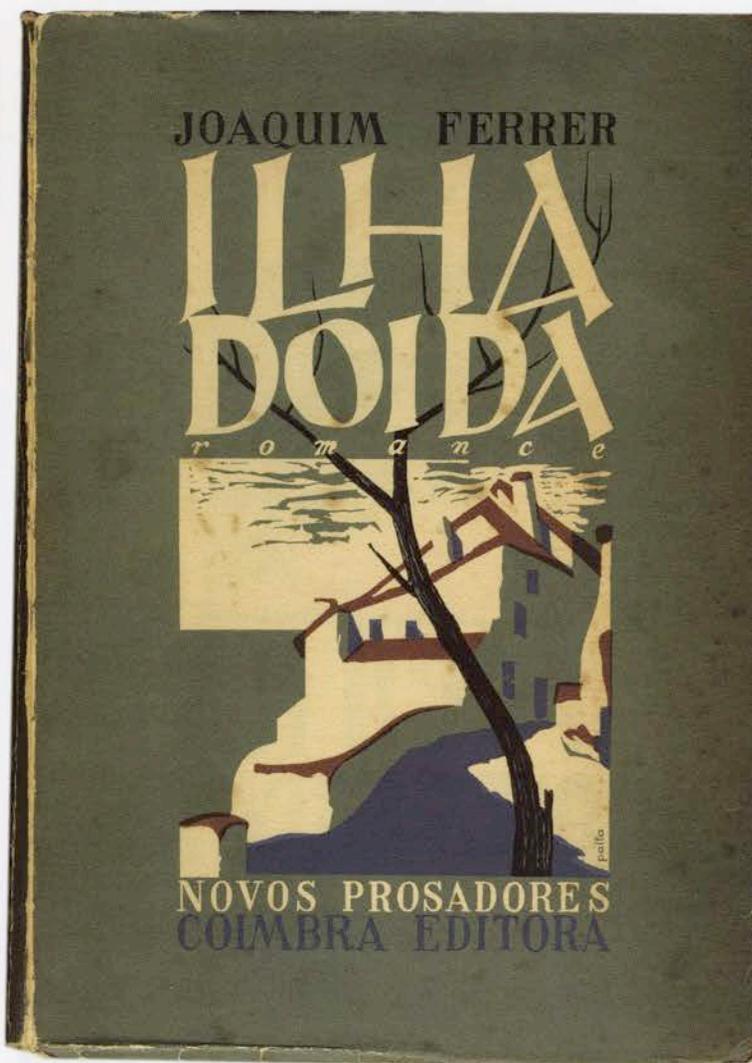
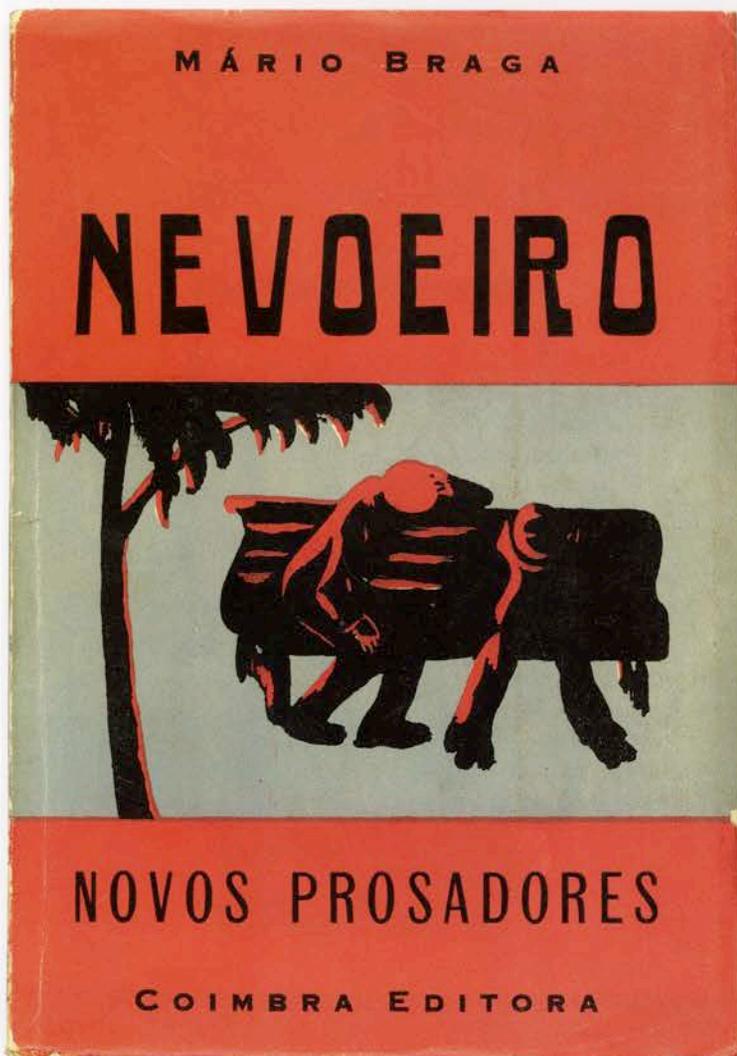
O dia cinzento: contos /.  
 - [1ª ed]. - Coimbra: Coimbra Editora, 1944.-215, [4] p.; 20 cm. - (Novos prosadores; 5)  
 Desenho da capa de Leandro Gil, ass. L.  
 (Brochado): compra  
 MNR DNS/Lit/3174

**BRAGA, Mário**

Nevoeiro: contos /. - 1ª ed.  
 - Coimbra: Coimbra Editora, 1944. - [1], 181 p.; 19 cm.  
 - (Novos Prosadores; 4)  
 Capa de Maria Barreira  
 (Brochado): oferta  
 MNR BRG/Lit/841

**FERRER, Joaquim**

Ilha doida: romance /.  
 - [1ª ed]. - Coimbra: Coimbra Editora, 1945.-394 p.; 20 cm.  
 - (Novos Prosadores; 8)  
 Capa de Victor Palla  
 (Brochado): oferta  
 MNR FRR/Lit/2213





**Mário Dionísio**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40  
(Séc. XX)

# CENSURA

# A

CENSURA e a repressão política estiveram desde cedo associadas à praxis do regime salazarista. Dos famosos “exames-prévios”, ainda hoje associados à memória do “lápiz azul”, resultavam as autorizações ou proibições formais sobre a manifestação de ideias no nosso País. Os cortes parciais, ou por vezes totais, de

artigos, ensaios, romances, peças de teatro, ou a apreensão de obras de arte “subversivas”, faziam parte da ameaça criativa aos artistas e intelectuais portugueses, bastando para tal que o produto do seu trabalho implicasse, ou sugerisse apenas, qualquer espécie de sentido crítico em relação ao Estado Novo. Dessa forma “avaliados”, ficavam condenados ao obscurantismo ou, na melhor das hipóteses, à clandestinidade. A censura generalizada, muitas vezes até a auto-censura, caracterizava assim o regime e, por consequência, quase toda a sociedade portuguesa, tendo os intelectuais e artistas neo-realistas sofrido de perto o estigma de uma repressão diminuidora da liberdade de pensamento. *David Santos*

**Carimbos da Comissão de Censura**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: color.  
Carimbos usados para aprovação, censura ou corte parcial das obras que iriam ser editadas



Alves Redol

CICLO PORT-WINE

II

Direcção dos Serviços de Censura

AUTORIZADO *C. Costa*

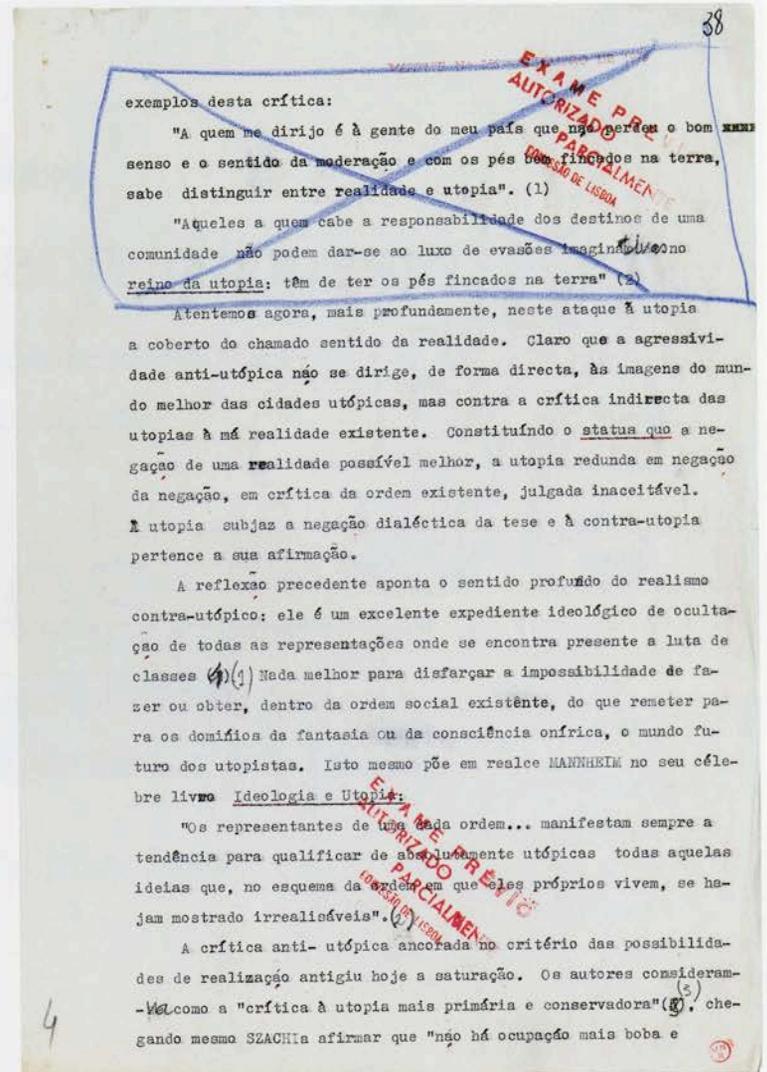
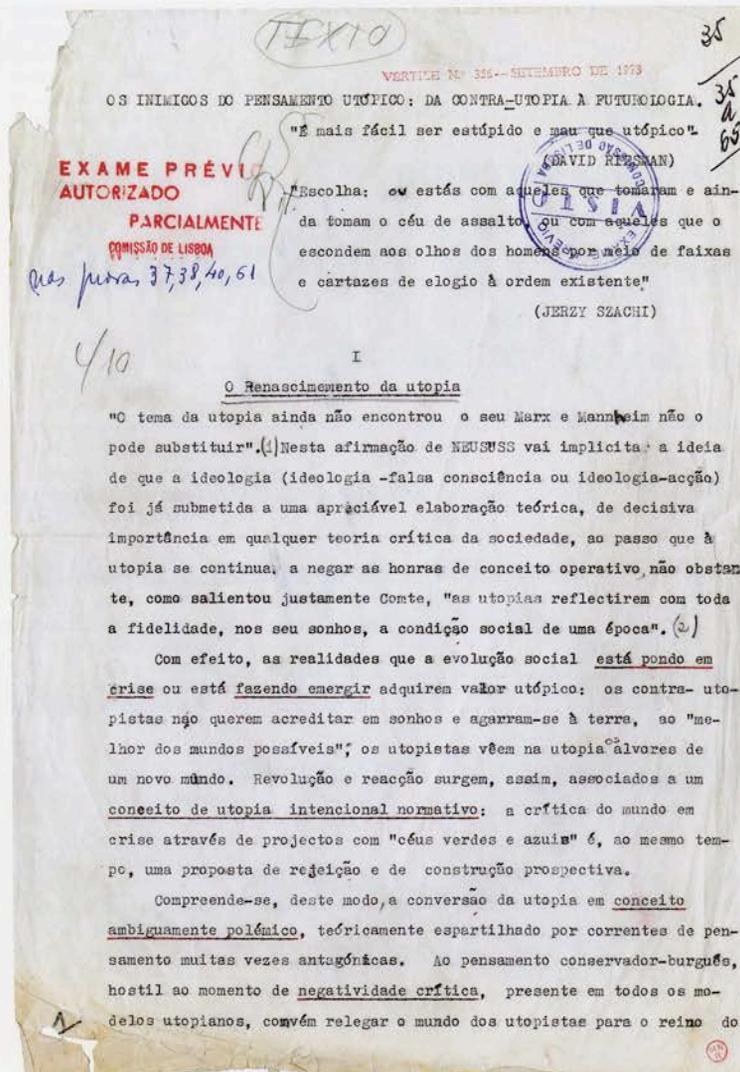
Em 3 de Janeiro de 1950

Deverá entregar nestes Serviços  
um exemplar, depois de impresso,  
para controle e arquivo.

O Secretário  
*S. Costa*

TERRA - MÁRTIR

Romance

**REDOL, Alves**

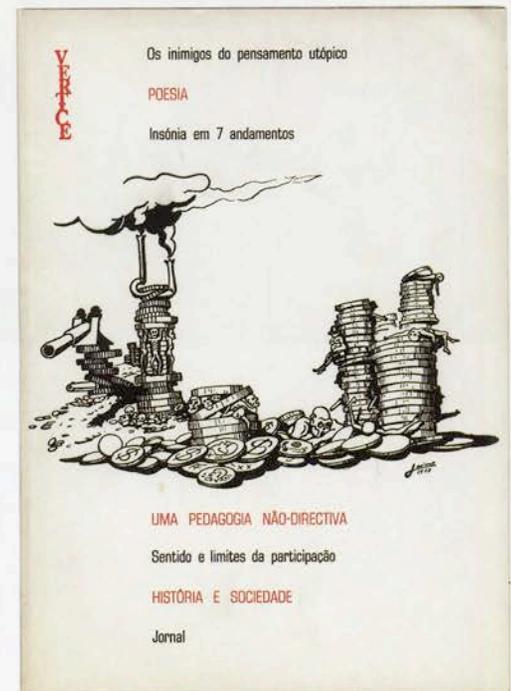
Terra Mártir: Romance: Ciclo Port-Wine II /. - [S.l.: Alves Redol, [ant. 3 Jan. 1950]. - Cópia dact. c/ ems., 75 fl.; 27 x 21 cm  
Com carimbo da censura: "Autorizado com cortes" e no interior cortes a lápis azul  
Espólio Alves Redol/Col.  
António Mota Redol

**GOMES, J., 1941.**

Os inimigos do pensamento utópico: Da contra-utopia à futurologia /. - [Coimbra]: Vértice, Set. 1973. - 4 fl.; 30, 2 x 21,3 cm  
J. Gomes é um dos nomes abreviados de José Joaquim Gomes Canotilho. - Orig. dact. incompleto com vistos de exame prévio e exame prévio autorizado parcialmente, emitidos pela Comissão de Censura de Lisboa  
MNR B2

**GOMES, J.**

Os inimigos do pensamento utópico: da contra-utopia à futurologia /  
In "Vértice", vol. XXXIII, nº 356 (Set. 1973), p. 698-723  
J. Gomes é um dos nomes abreviados de José Joaquim Gomes Canotilho



S.  R.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

## DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CENSURA

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do jornal "SOL NASCENTE"

Rua do Bomjardim 453

PORTO

N.º 172

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1940.

O Ex.<sup>o</sup> Director encarrega-me de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que o jornal "SOL NASCENTE" fica suspenso até nova ordem.

A Bem da Nação

O SECRETARIO



Afonso de Carvalho  
tenente

**Direcção dos Serviços  
de Censura, Lisboa**

Ex.<sup>o</sup> Sr. Director do Jornal  
"Sol Nascente"/Ministério do  
Interior, Direcção dos Serviços  
de Censura [de] Lisboa,  
Afonso de Carvalho. - Lisboa,  
13 de Fev. 1940. - Ofício n.º 172:  
orig. mst.; 18, 2 x 21, 4 cm  
Col. Georgina Azevedo

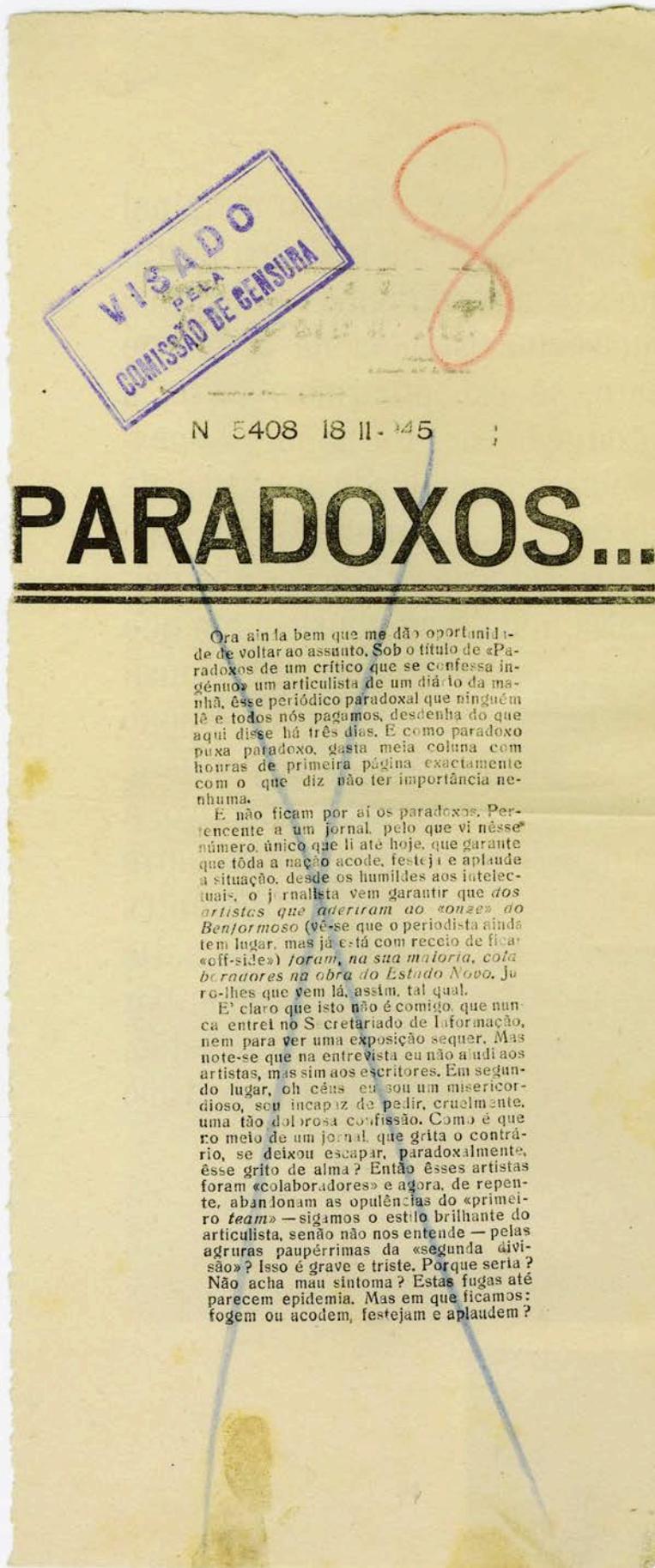
**RODRIGUES, Armindo,  
1904-1993**

Paradoxos.../. - Lisboa:  
República, 18 Nov. 1945. - 4 fl.;  
29 x 12,2 cm  
Contém ref<sup>a</sup> à prova: N 5408.  
- Prova tipográfica com o  
carimbo "Visado pela Comissão  
de Censura" e cortado na  
íntegra pelo "Lápis azul"  
MNR A3/4.18

**JAIME,  
1944-**

[Agrilhoados]  
a.d., 1973  
Serigrafia (?) s/ papel  
49,5 x 32,1 cm  
Jaime é o nome artístico de  
Jaime Alberto Couto Ferreira,  
n. 1944. - Pertence ao Espólio  
Editorial da Vértice B2. Este  
desenho tinha sido proibido  
pelo 'Exame prévio' da  
Comissão de Censura e foi  
publicado no primeiro número  
da Vértice após o 25 de Abril  
de 1974. - Trabalho pertencente  
à série "denúncia e combate"  
(1973-74). - Capa da revista  
Vértice, n.º 363, Abril 1974  
MNR R.000316-06

**Vértice.** Coimbra, 1974  
Vértice: revista de cultura  
e arte/Prop. Vértice; dir. Raul  
Gomes. - Vol. XXXIV, n.º 363  
(Ab. 1974). - Coimbra:  
Vértice, 1974  
Desenho da capa de Jaime  
[do Couto Ferreira] cortado  
integralmente pela Comissão  
de Censura  
Mensal  
MNR PP/1/A



Ora ainda bem que me dão oportunidade de voltar ao assunto. Sob o título de «Paradoxos de um crítico que se confessa ingénuo» um articulista de um diário da manhã, esse periódico paradoxal que ninguém lê e todos nós pagamos, desdenha do que aqui disse há três dias. E como paradoxo puxa paradoxo, gasta meia coluna com honras de primeira página exactamente com o que diz não ter importância nenhuma.

E não ficam por aí os paradoxos. Pertencente a um jornal, pelo que vi nesse número, único que li até hoje, que garante que toda a nação acode, festeja e aplaude a situação, desde os humildes aos intelectuais, o jornalista vem garantir que dos artistas que aderiram ao «onze» do Benfamoso (vê-se que o periodista ainda tem lugar, mas já está com receio de ficar «off-side») foram, na sua maioria, colaboradores na obra do Estado Novo. Juízo-lhes que vem lá, assim, tal qual.

É claro que isto não é comigo, que nunca entrei no Secretariado de Informação, nem para ver uma exposição sequer. Mas note-se que na entrevista eu não ajudei aos artistas, mas sim aos escritores. Em segundo lugar, oh céus eu sou um misericordioso, sou incapaz de pedir, cruelmente, uma tão dolorosa confissão. Como é que ro meio de um jornal que grita o contrário, se deixou escapar, paradoxalmente, esse grito de alma? Então esses artistas foram «colaboradores» e agora, de repente, abandonam as opulências do «primeiro team» — sigamos o estilo brilhante do articulista, senão não nos entende — pelas agruras paupérrimas da «segunda divisão»? Isso é grave e triste. Porque seria? Não acha mau sintoma? Estas fugas até parecem epidemia. Mas em que ficamos: fogem ou acodem, festejam e aplaudem?



# MÚSICA

# A

MÚSICA tem ocupado um lugar marginal nos estudos sobre o neo-realismo português. Antes de mais por uma razão óbvia: a sua quase inexistência na órbita do movimento, se exceptuarmos, claro, a vasta produção de Fernando Lopes-Graça, única personalidade musical a ele associada de forma coerente. Mas mesmo

o percurso do autor das *Marchas, Danças e Canções* não deixou de ser uma aventura solitária, num meio musical em que praticamente não encontrou interlocutores e em que a música erudita de intervenção política sempre foi um fenómeno raro e mal considerado. Não existiu em Portugal, por isso, nada que se assemelhasse a um *corpus* musical colectivo, a uma corrente estilística, a um debate técnico e estético entre músicos progressistas, como os que existiram em diferentes momentos na União Soviética, na Alemanha ou em França. De tal forma que a figura de Fernando Lopes-Graça acabou por dominar, absorver e mesmo resolver por completo a questão, aparecendo invariavelmente como o compositor do neo-realismo português. *Manuel Deniz Silva*

CENSURA

**Fernando Lopes Graça**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007.  
- 1 fot.: p&b  
Reprod. de orig. de 1966

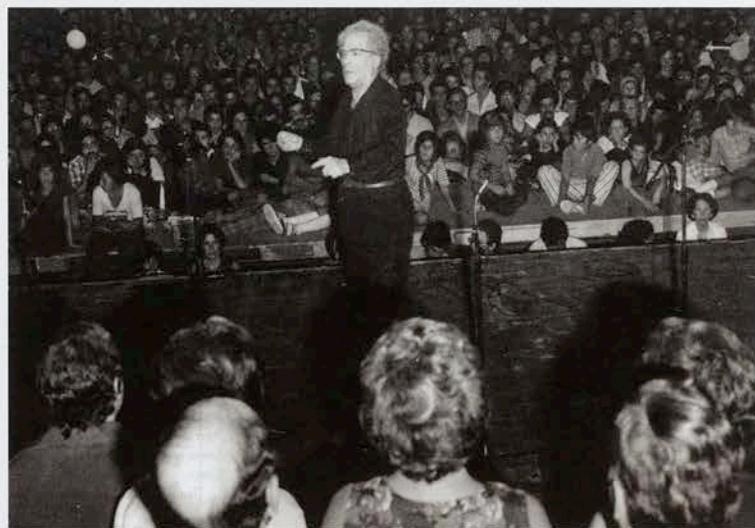
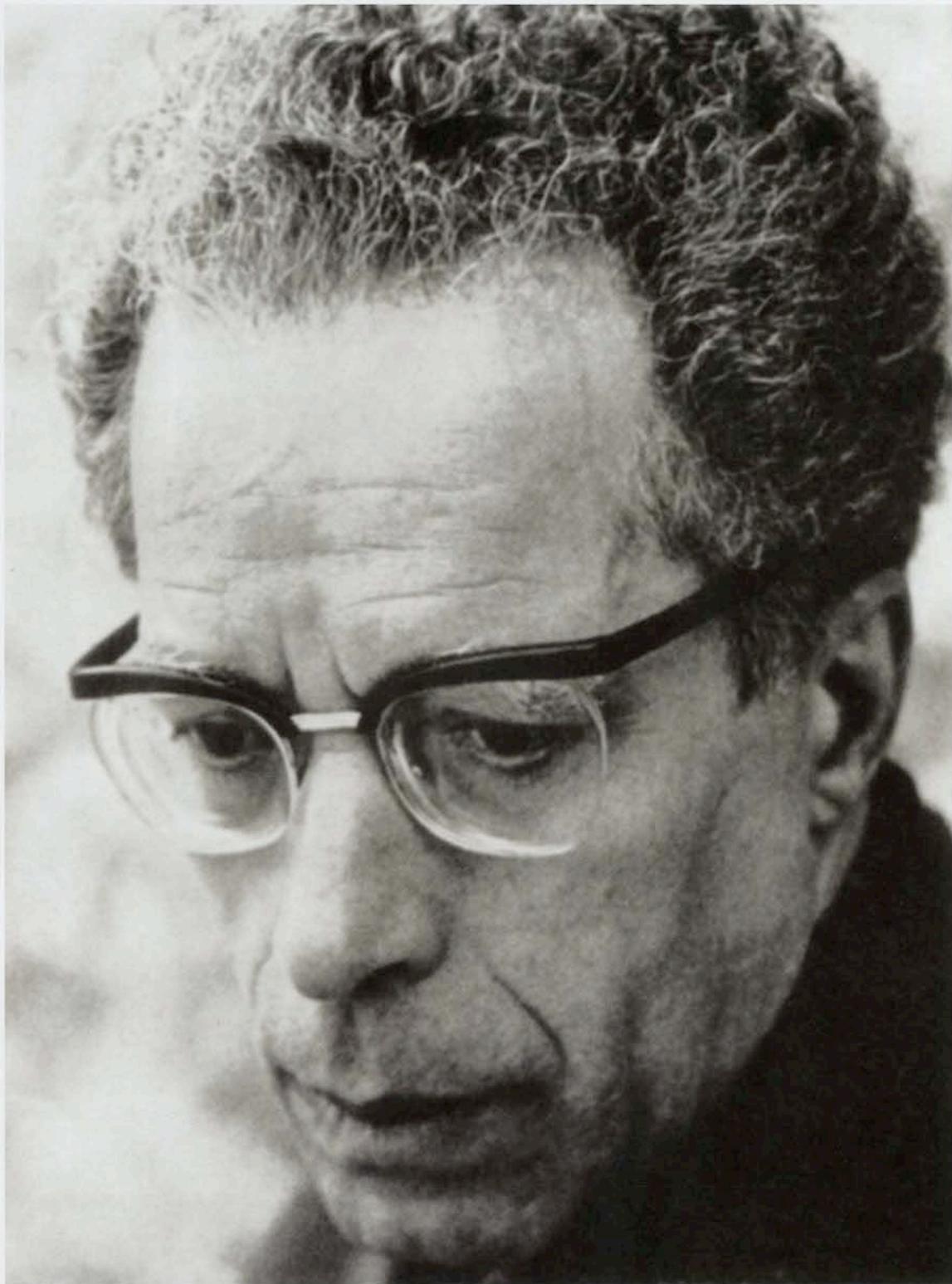
**Fernando Lopes Graça  
a dirigir o Coro da  
Academia de Amadores  
de Música na 1ª Festa  
do Avante, 1976**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007.  
- 1 fot.: p&b

em exposição:

**Fernando Lopes Graça  
dirigindo o Coro  
da Academia dos  
Amadores de Música,  
Festa do Avante,  
Setembro de 1976**

1 videocassete [VHS]  
(45 min.): p&b; son.







página anterior:

**José Afonso**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007.

– 1 fot.: p&b

Reprod. de foto dos anos 70 (Séc. XX)

em exposição:

**Zeca Afonso ao vivo no Coliseu dos Recreios: 29 de Janeiro de 1983**

Dir. Luís Filipe Costa; prod. Garcia Rosado. – Lisboa: Costa do Castelo, copy 1997.

– 1 videocassete [VHS]

(60 min.): color; son.

– (Os vídeos RTP. Concerto ao vivo; 1)

Integraram também

o concerto: Octávio Sérgio, Lopes Almeida, Durval Moreirinhas, António Sérgio, Rui Pato, Francisco Fanhais, Fausto, Júlio Pereira, Janita, Serginho, Guilherme Inês, Rui Júnior e Rui Castro

**Carlos Paredes no Teatro S. Luiz, 1992**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007.

– 1 fot.: p&b

em exposição:

**Carlos Paredes [.] Uma guitarra portuguesa: no Teatro S. Luiz, 1992**

Real. e prod. Nuno Teixeira.

– Lisboa: RTP, copy 1992;

(Lusomundo [dist.]).

– 1 videocassete [VHS]

(49 min.): color; son.

– (Os vídeos RTP)

# ARTES PLÁSTICAS

**M**OVIMENTO cultural de expressão maioritariamente literária, o neo-realismo português teve nas artes plásticas um momento de eufórica utopia, como afirmação voluntária de uma nova geração que aí se ancorava no intuito de contribuir para a prometida mas nunca concretizada democratização do regime. Com efeito, o movimento do neo-realismo significara para uma parte significativa dos jovens artistas da terceira geração modernista não só uma mais forte e arrojada opção estética face ao modernismo academizado da segunda geração, como uma rara oportunidade de reflexão humanista que alimentaria a esperança de uma verdadeira transformação progressista da sociedade portuguesa. De Júlio Pomar a Rogério Ribeiro, ou do teor polemista do suplemento “Arte”, publicado ao longo de 1945, à divulgação de uma prática artística pluridisciplinar nas “Exposições Gerais de Artes Plásticas” (1946-1956), o neo-realismo visual afirmou-se sobretudo na proporção das esperanças oposicionistas do imediato pós-guerra. Se com elas se projectou como espécie de vanguarda artística, logo se desvaneceu nas desilusões políticas que o final dessa década trouxera à soturnidade da vida portuguesa. *David Santos*

**(...) pintar hoje uma natureza-morta para um senhor bom freguês é uma atitude demasiado sórdida (...) A nossa pintura tem de ser útil, servir todos os homens, tratar os seus problemas que há tanto gritam por resolução... Fazamos pintura para todos, que todos nos olhem como homens. É este o nosso dever.**

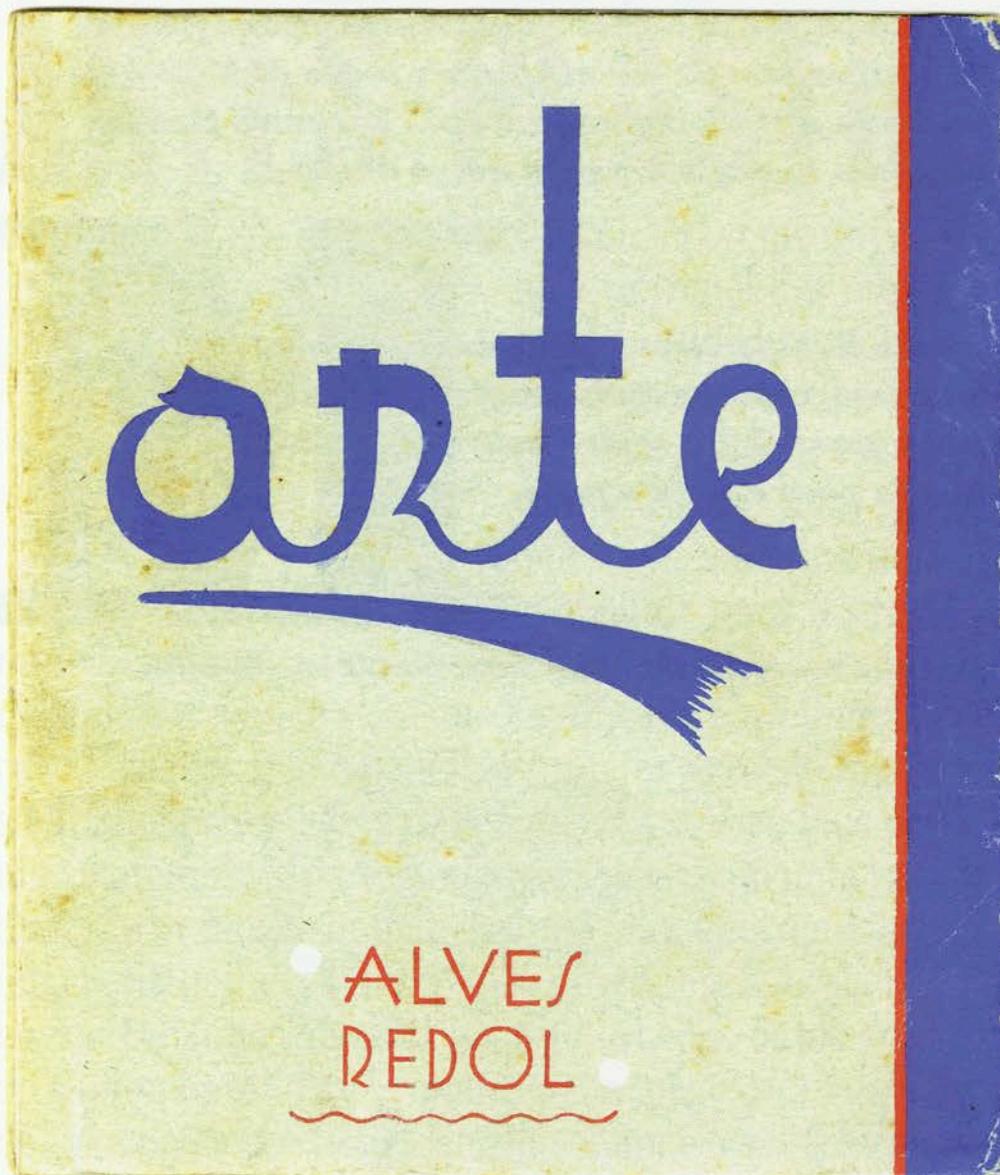
Vespeira, "Carta aberta aos pintores portugueses", «Arte», in *A Tarde*, n.º 9, 1945.

**Tanto os interesses imediatos, como os objectivos gerais dos artistas agrupados em torno do novo realismo, visam a mais ampla e socialmente proveitosa utilização da arte pelas massas. Ou seja: a arte neo-realista tende a tornar-se – uma arte do povo, pelo povo e para o povo.**

Júlio Pomar, "O pintor e o presente", in *Seara Nova*, n.º 1015, 1947.

**Não se tratava apenas de pintar, mas também de abrir bem os olhos, de agir.**

Ernesto de Sousa, *Pintura portuguesa neo-realista (1943-1953)*, Lisboa, Artis, 1965.

**REDOL, Alves**

Arte /. – [Vila Franca de Xira: Alves Redol, 1936]. – Orig. dact.; 18,1 x 15,6 cm  
 Palestra proferida no primeiro serão de arte, organizado pelo Grémio Artístico Vilafranquense, na noite de dezassete de Junho – ano de mil novecentos e trinta e seis (texto retirado da 1ª pág.). – O Grémio Artístico Vilafranquense é o actual Ateneu Artístico Vilafranquense)  
 (Brochado)  
 Espólio Alves Redol/Col. António Mota Redol

**SALAZAR, Abel**

O que é a arte? /. – [1ª ed]. – Coimbra: Arménio Amado, 1940. – 224 p.; 19 cm.  
 – (Coleção Studium)  
 (Brochado)  
 Casa Museu Abel Salazar /Biblioteca

página seguinte:

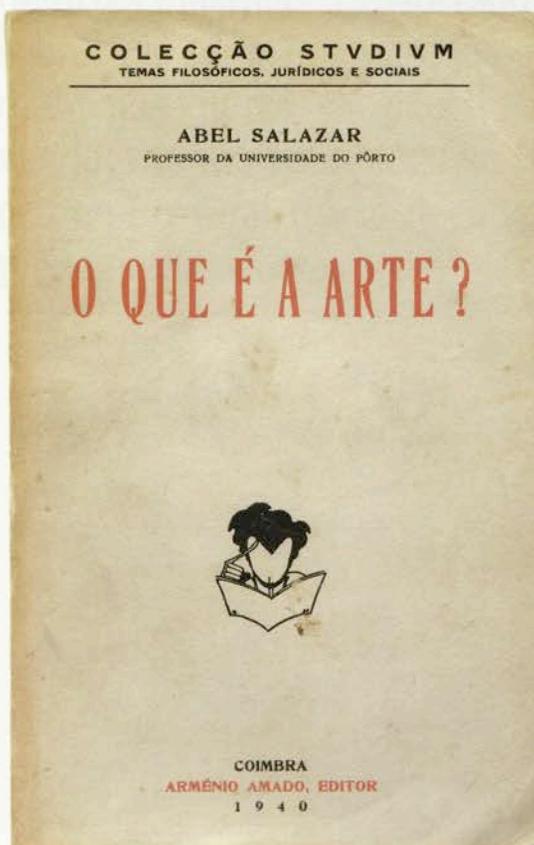
**VESPEIRA, Marcelino**

Aos pintores portugueses: carta aberta /  
 In "A Tarde. Arte", Lisboa, nº 9 (4 Ag.1945), p. 6-7  
 A pág. "Arte" era coordenada por Júlio Pomar. – Pág. integrante do jornal "A tarde", a. I, nº207. – Oferta de Alexandre Pomar ao MNR

página seguinte:

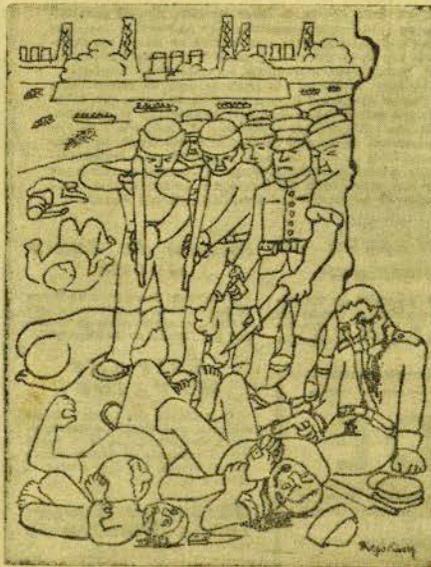
**OOM, Pedro, 1926-1974**

O artista e a guerra /  
 In "A Tarde. Arte", Lisboa, nº 9 (4 Ag.1945), p. 6  
 Nome abrev. de Francisco Pedro dos Santos Oom do Vale



# ARTE

PÁGINA COORDENADA POR JULIO POMAR — N.º 9



Desenho de RIVERA

## O Artista e a Guerra

O artista de hoje, não é aquê-  
le ser lunático que muita gen-  
te julga. Ele tem os mesmos an-  
seios que qualquer pessoa vul-  
gar. Qualquer manifestação do  
mundo em que vive, por peque-  
na que seja, tem para ele o mes-  
mo significado que para os ou-  
tros homens. Assim esta guerra,  
terminada há pouco na Europa  
e viva ainda na Ásia, não lhe  
podia ser indiferente — e não o  
foi.

Quando já se acentuavam as  
discordâncias entre as grandes  
potências da Europa, muitos ar-  
tistas clamaram contra a guerra  
que se preparava. Apologistas da  
paz, não podiam apelar, nem fi-  
car indiferentes ao formidável  
poder militar que certas nações  
desenvolviam. Não podiam ficar  
indiferentes às ambições territo-  
riais, despóticas, dessas mesmas  
nações.

Desenhadores, pintores, poetas  
e romancistas, clamaram contra  
essas nações, que trazavam en-  
volver a Europa e o Mundo, em  
mais uma guerra sangrenta.

Mas quando a guerra era já  
inevitável, e depois quando ela

foi um facto, esses artistas—muitos  
deles originários das nações  
agressoras—fizeram intensa pro-  
paganda; em cartazes, em jor-  
nais e revistas, contra todas as  
atrocidades que se iriam comer,  
principalmente contra a  
guerra dos gases, que felizmente  
não se verificou.

Mais tarde, quando as nações  
agressoras dominavam outros  
países, os artistas desses países  
oprimidos, formaram movimen-  
tos de resistência contra o inva-  
sor.

Na França, Polónia, Suécia,  
Bélgica, Holanda, Noruega, for-  
maram-se esses movimentos com  
artistas como George Proe, Gyula  
Zilzer, Normand Macleod, Pierre  
Jean Jouve, Saint-Paul-Roux,  
Pierre Emmanuel, Paul Eluard,  
Aragon, Malraux, etc...

El hoje, mesmo com a guerra  
scabada na Europa e já quasi  
scabada na Ásia, esses artistas  
não se calam, eles clamam con-  
tra as atrocidades dos campos de  
construção, e todas as misérias  
que o final da guerra mostrou á  
luz, contra todas as potências  
que por ambiciosos interesses  
imperialistas e comerciais podem  
precipitar o Mundo em novas  
guerras.

PEDRO OOM

... Mas bastante me desagrada tal pompa,  
pois o homem não deve rir-se quando o mundo  
inteiro chora.

MIGUEL ANGELO

## Um mistério para os pintores portugueses: Os desenhos animados

Para os pintores portugueses os desenhos animados são um mistério. Não vamos, nem isso interessa agora, atribuir culpas. Apenas procuraremos mostrar a situação em que os nossos pintores se encontram em face dos desenhos animados e tentaremos explicá-la.

Temos, por isso, de definir posições. As neutralidades mais ou menos ambíguas não nos agradam.

Não aceitamos os artistas que trabalham na sua arte por puro deleite pessoal. Uma arte que não seja mensagem para os outros homens não interessa a ninguém, excepto ao próprio autor. Ora este, em vez de pintar, poderia passar o tempo a resolver palavras cruzadas ou a pescar a linha.

Um pintor é todo aquele que trabalha intelectual e materialmente, para a colectividade-pintando. Impõe-se-lhe assim a obrigação de usar as técnicas que melhor sirvam esse fim, isto é, que ofereçam as melhores garantias de tocar as massas, segundo as suas características de divulgação.

Não podem negar-se essas características aos desenhos animados. Um filme de desenhos animados é normalmente visto por dezenas de milhões de pessoas, coisa impossível para qualquer tela, ou mesmo pintura mural em lugar público.

Mas a verdade é que, até agora, os pintores portugueses não usam o cinema como meio de se exprimirem.

Recordamos, a propósito uma conversa com um jovem pintor já falecido, durante a qual ele defendeu a seguinte tese: «O único processo digno de um pintor é a pintura a óleo. A tela pintada constituiria, em si mesma, a obra do artista. A pintura va-

leria por si, independentemente da acção que pudesse ter sobre o público.

Esta attitude reflete a mentalidade aristocrática de certos pintores portugueses que atribuem à sua arte uma qualidade divina.

Compreende-se que aqueles olhem com desprezo para os desenhos animados e considerem Walt Disney um efizador de bonecas. Não é desses deuses da pintura que poderemos esperar obras capazes de nos transmitir uma mensagem humana.

Será, pelo contrário, dos pintores conscientes da sua missão estética, intelectual e humana que nos virão obras verdadeiramente do nosso tempo. Do nosso tempo não só como fonte de inspiração (reflexo dos seus problemas e aspirações) mas também como campo de acção das mensagens que contiverem essas obras.

Seja qual for a opinião que se possa ter de Disney, uma coisa é incontestável: ele é o pioneiro dos desenhos animados, como forma de expressão artística de extraordinárias possibilidades.

Cabe aos artistas ultrapassá-lo e não limitarem-se a encolher os ombros.

Em Portugal ainda se não principiou. Há notícias de que se fizeram duas ou três tentativas, já há muitos anos, mas nenhuma coisa se concluiu.

Os artistas plásticos nacionais não têm procurado desenvolver o mistério dos desenhos animados, estudar a sua técnica e usá-la.

O país encontra-se mal aparelhado e a técnica cinematográfica entre nós está na infância do americano. Apesar disso é evidente que há necessidade de começar. É preciso que os pintores portugueses desenvolvam o mistério. — Continua na 7.ª página



Uma Hígrota de ZILZER



**2ª Exposição Geral  
de Artes Plásticas: SNBA**  
Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
ampl.: p&b  
Reprod. de orig. de 1947

**EGAP** Apesar da heterogeneidade estilística e disciplinar dos seus participantes, as “Exposições Gerais de Artes Plásticas” (EGAP), realizadas no salão da S.N.B.A, em Lisboa, entre 1946 e 1956, afirmariam sobretudo o predomínio do imaginário e da produção estética neo-realista.

**DIONÍSIO, Mário**

A paleta e o mundo: uma introdução à pintura de hoje/. – [1ª ed]. – Lisboa: Europa-América, [1956]. – 1º fasc.; 40 p. + 16 p. total. il. + 1 retrogravura; 24 cm  
Publicação em fascículos mensais, constituindo dois volumes e com direcção gráfica de Maria Keil. – O 1º vol. ficou concluído em 1957, coincidindo com a I Exposição Geral de Artes Plásticas organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, o 2º vol. em 1960. – Em 1962 surgiu uma nova edição constituída por 5 volumes  
MNR DNS/Ens/4081

**DIONÍSIO, Mário**

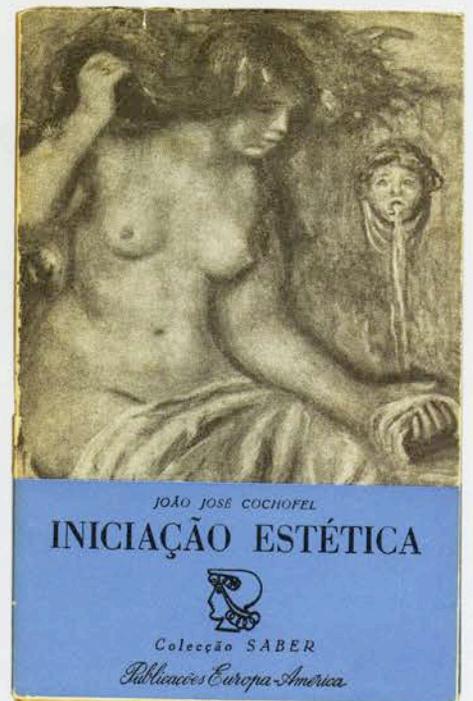
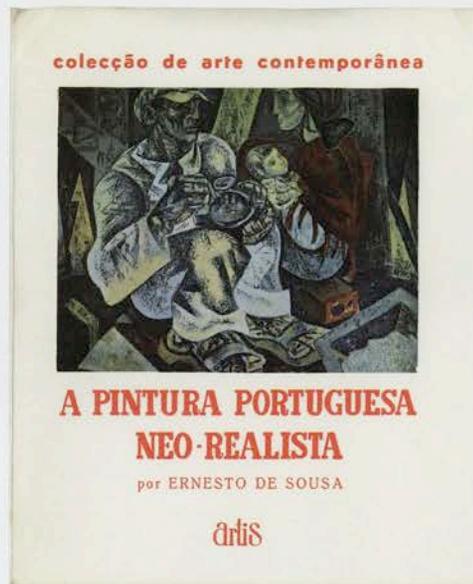
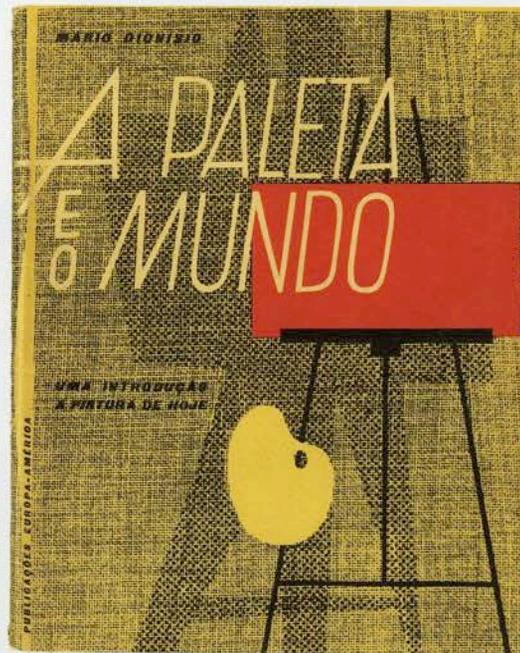
Conflito e unidade da arte contemporânea/. – [Lisboa]: Iniciativas Editoriais (1958). – 34, [3] p.; il.; 19 cm  
Conferência pronunciada por Mário Dionísio na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, integrada na Exposição de Artes Plásticas que a Fundação Calouste Gulbenkian ali realizou em Dezembro de 1957, repetida no Museu Machado de Castro, por iniciativa da F. C. Gulbenkian e da Associação Académica de Coimbra e em Castelo-Branco, no Cine-Teatro Avenida, em Março de 1958. – Contém reprodução de ilustração para "Le Chef-d'œuvre inconnu de Balzac" de Picasso (Brochado): oferta  
MNR DNS/Ens/1695

**COCHOFEI, João José**

Iniciação Estética/. – Lisboa: Europa-América (1958). – 165, [2] p.; il.; 18 cm. – (Saber; 36)  
Contém il.: O homem da enxada/Portinari; Adão e Eva/Léger; Nu/Picasso; Pág. da Sinfonia per orchestra/Fernando Lopes Graça; A guerra/Portinari; Esboço/Manuel Ribeiro de Pavia (Brochado): oferta  
MNR CCH/Ens/7006

**SOUSA, Ernesto de, 1921-1988**

A pintura portuguesa neo-realista: 1943-1953/ fotografias de Ernesto de Sousa e Mário Novais. – [Lisboa]: Artis (1965). – 20 p.; il., 18 gravuras; 25 cm. – (Arte contemporânea; 15)  
Contém fotografias de: O almoço do troia – 1947/Júlio Pomar; Conjunto de um dos frescos... Cinema Batalha no Porto – 1946/Júlio Pomar; Apertado pela fome – 1945/Vespeira; Resistência – 1947/Manuel Ribeiro de Pavia; Retrato de José Cardoso Pires – 1951/Victor Palla; Banco – 1945/Moniz Pereira; Ceifeira – 1945/Rui Pimentel (Arco); Fantoques, s.d./Júlio Resende; Cansaço – 1946/Moniz Pereira; Ribeira do Tejo – Tapeçaria – 1953/Mário Dionísio; Sargaço – 1953/Rogério Ribeiro; Desenho – 1951/João Abel Manta; Mulher com candeeiro – 1948/Lima de Freitas; O ritmo da construção – 1953/António Alfredo; Mulheres na praia, s.d./Augusto Gomes; Fábrica – 1946/Manuel Filipe; Plantadoras de arroz – 1953/Cipriano Dourado e Fábrica, s.d./Jorge de Oliveira – Tiragem especial de 110 exemplares numerados e rubricados por Ernesto de Sousa (Brochado, com pasta de cartão): oferta  
MNR SS/Art/7092



**JOSÉ DIAS COELHO**  
Maternidade  
1961  
Gesso pintado  
Col. Museu do Neo-Realismo





**CUNHAL, Álvaro**

Desenhos da Prisão/.

- II série, 1ª ed. - Lisboa:

Edições Avante, 1989.

- 1 album: 17 desenhos;

49 x 35 cm

Reprodução de desenhos a grafite s/ papel. - Foi editada uma I série em 1975, a qual foi reeditada em 1989. - Esta edição é a 1ª de uma II série de desenhos, numerados e datados de 1951 a 1959, realizados na Penitenciária de Lisboa e no Forte de Peniche, de onde se evadiu em 3 de Janeiro de 1960.

MNR



**CIPRIANO DOURADO**

Jovem camponesa  
n.d.  
Litografia  
Col. Dr. Jorge  
de Mendonça Torres

página seguinte:

**JOSÉ FARINHA**

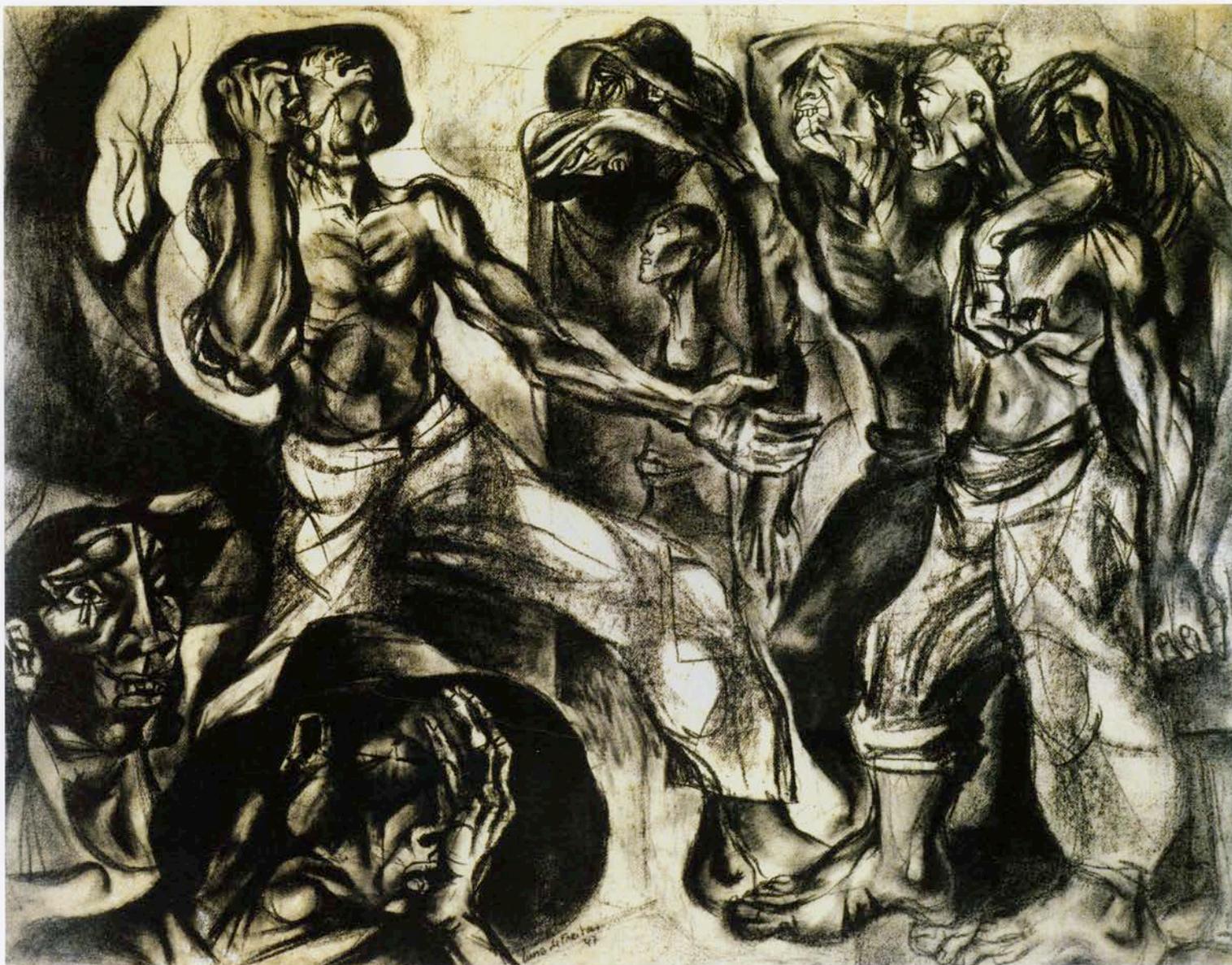
Ceifeira  
Painel em bronze  
67 x 48,5 x 3,5 cm  
Reprodução do orig. em gesso  
por José Venâncio, executado  
em bronze pela Cosme,  
Fundição de Arte,  
em 2006 sob encomenda  
da APMNR  
Col. Associação Promotora  
do MNR





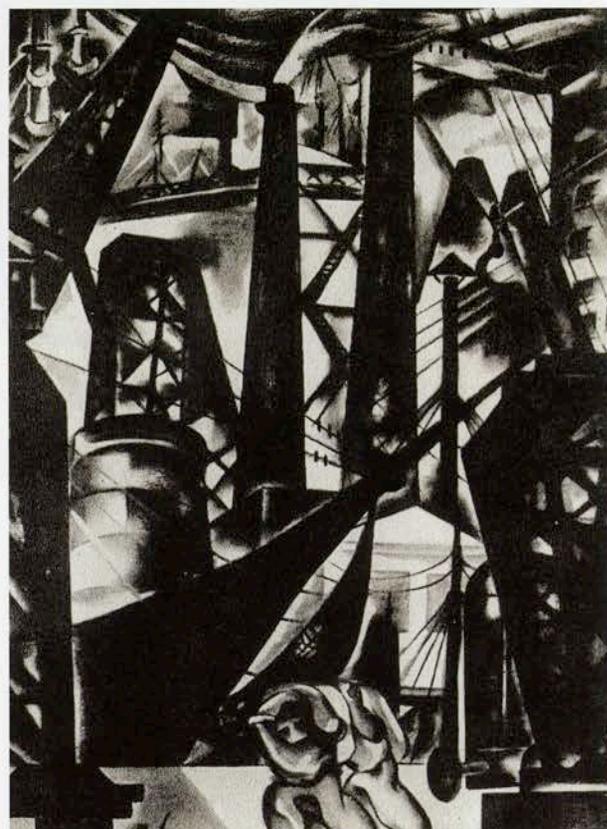
**Lima de Freitas**

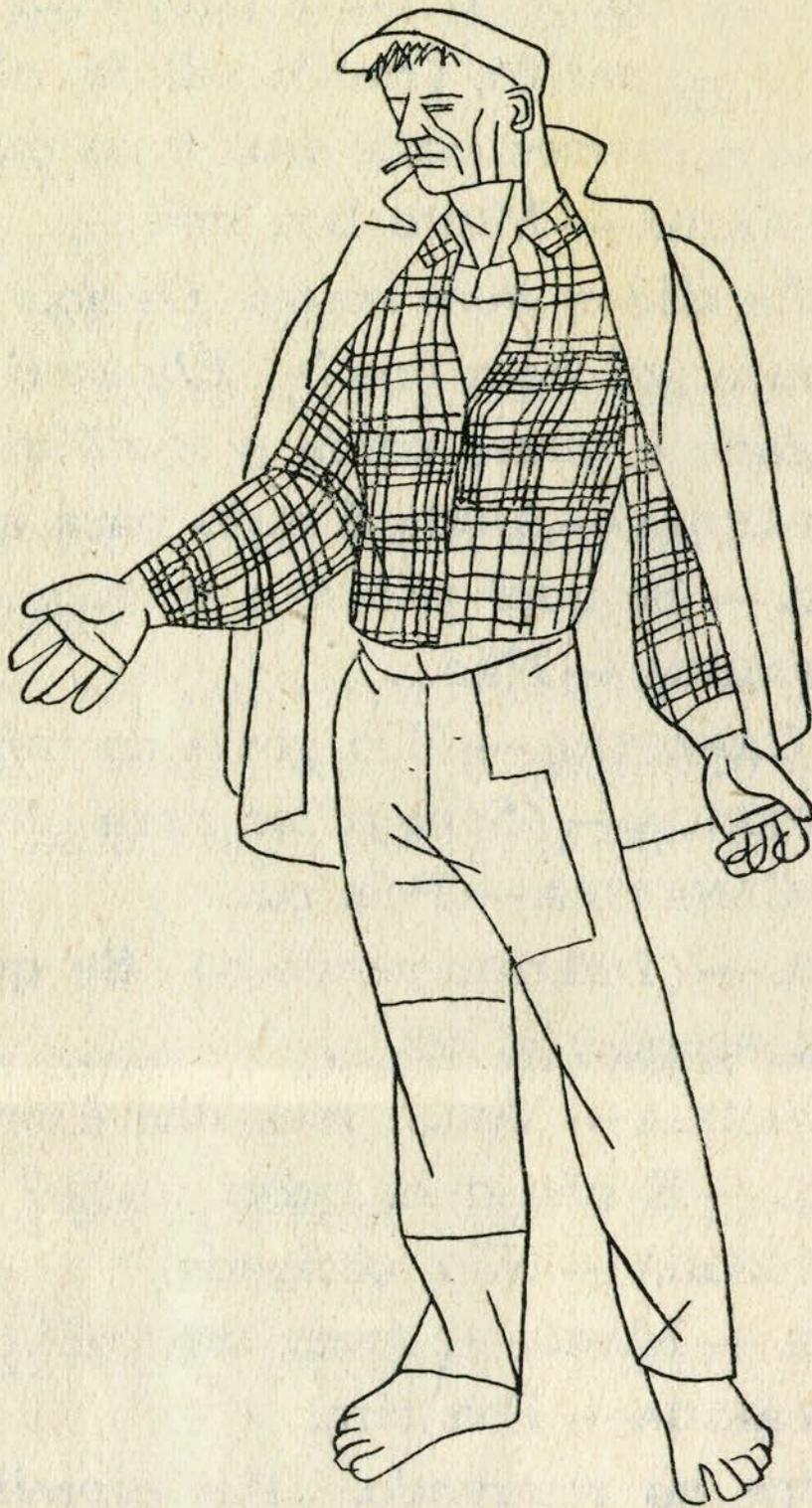
Nos anos 60, em frente à sua obra, "Um Mundo de Loucos", óleo s/ tela, 1961  
Col. Museu do Chiado  
- Museu Nacional de Arte Contemporânea



**LIMA DE FREITAS**  
Guerra, 1947  
Carvão s/papel  
Exposto na II EGAP  
Col. Assoc. Promotora do MNR

**MANUEL FILIPE**  
Painel do tríptico O homem  
e a máquina, 1943  
Carvão s/ papel (?)  
Integra a Fase Negra  
de M Filipe 1943-45  
Col. CAMJAP/FCG





**AUGUSTO GOMES**  
S/ título  
Desenho representando  
um pescador, publicado  
na *Vértice*, vol. 14, nº 125  
(Fev. 1954), p. 75. – Serviu  
de cenário para a peça  
"Noite de nevoeiro"  
de Correia Alves

Augusto Gomes



**AUGUSTO GOMES**  
S/ título  
matriz da zincogravura  
madeira e zinco  
9,4 x 6,5 x 2,3 cm  
MNR B2

**AUGUSTO GOMES**  
Mulher com vides  
Óleo s/ tela  
Col. C. M. Matosinhos





**ALICE JORGE**  
Mulher com filho  
1958  
Xilogravura

**VÍTOR PALLA**  
 Retrato de José Cardoso Pires  
 1951  
 Óleo s/ tela  
 Col. da Família Cardoso Pires

**LAPA, Querubim**  
 Descanso/  
 Vila Franca de Xira: Museu  
 do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
 ampl.: color.  
 Reprod. do orig.: Têmpera,  
 1952. – Exposto na VII EGAP,  
 1953. – Col. Museu  
 do Neo-Realismo





**MANUEL RIBEIRO**  
**DE PAVIA**  
[Camponesas], n.d. [1947]  
Serigrafia  
Col. Museu do Neo-Realismo

**MANUEL RIBEIRO  
DE PAVIA**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007.

– 1 fot.: p&b

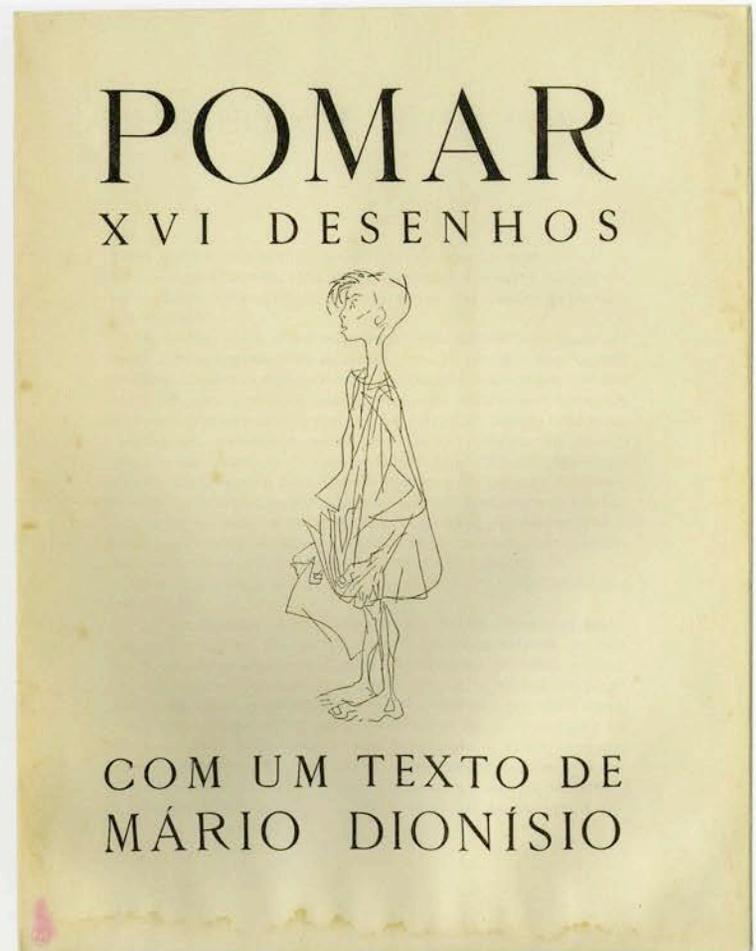
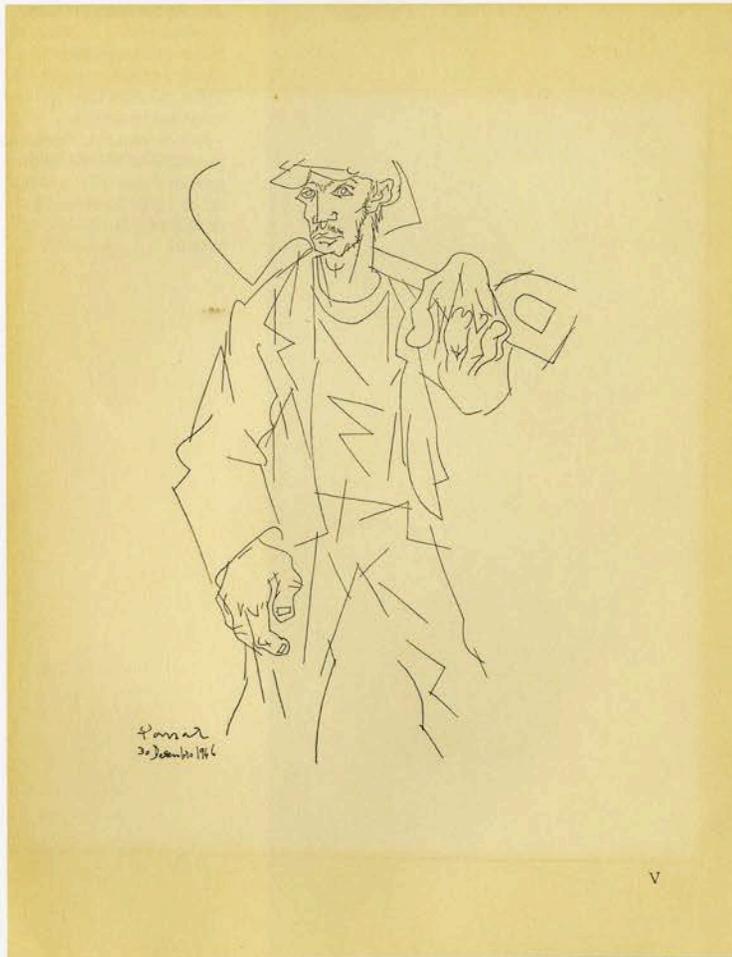
Reprod. de orig. dos anos 40  
(Séc. XX)





**JÚLIO POMAR**  
Resistência, 1946  
Óleo s/ aglomerado  
Exposto na II EGAP  
Col. C. M. Lisboa

**JÚLIO POMAR**  
O Almoço do Trolha/  
– Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
amp.: color.  
Reprod. do orig.: Óleo s/ tela,  
1947. – Col. Manuel Torres



**POMAR, Júlio**

Pomar XVI desenhos/  
 texto de Mário Dionísio.  
 - [S.l.]: Júlio Pomar (Coimbra:  
 Tip. da Atlântida, 1948).  
 - 1 álbum (1 caderno: 2 f. dobr.  
 em 2; 28 x 43 cm) + (XVI il.  
 + 1 f.); 28 cm  
 Contém: I Mãe e filho, 22 Dez.  
 1946; II O velho do sacco,  
 22 Dez. 1946; III A pedra,  
 22 Dez. 1946 [pub. na *Vértice*,  
 vol. III, nº 45 (Ab. 1947)  
 extra-texto]; IV O miúdo  
 da água, 29 Dez. 1946;  
 V Cabouqueiro, 30 Dez. 1946  
 [pub. na *Vértice*, vol. III, nº 45  
 (Ab. 1947) extra-texto]; VI  
 A farrapeira, 12 Jan. 1947; VII  
 O estivador II, 25 Mai. 1947;  
 VIII Jovem, 1947  
 - 1948 ?; IX A onda, 2 Jul.  
 1947; X Choro, 22 Jul. 1947;  
 XI Meninos dormindo, 21 Jul.  
 1947; XII Menina com um cão,  
 22 Jul. 1947; XIII O eixo  
 corrido, 24 Jul. 1947 [pub. na  
*Vértice*, vol. IV, nº 52 (Nov.  
 -Dez. 1947), extra-texto], XIV  
 A confidência, 24 Jul. 1947  
 [pub. na *Vértice*, vol. IV, nº 52  
 (Nov.-Dez. 1947), extra-texto],  
 XV Menina com um galo, 14 Ag.  
 1947; XVI Meninos. - No fim  
 do texto de Mário Dionísio  
 contém o desenho "Os meninos"  
 MNR



**JÚLIO POMAR**

O ardina  
Matriz da zincogravura  
Madeira e zinco  
13,6 x 13,5 x 2,3 cm  
Prod.: Belfranco, Lisboa.  
- No verso nota ms.: "Caminhos  
da juventude". - Desenho da  
capa de "Pomar XVI Desenhos",  
Ed. de Autor, (Coimbra: Tip.  
da Atlântida, Ab. 1948)  
MNR B2

**ROGÉRIO RIBEIRO**  
Sargaceira/. – Vila Franca  
de Xira: Museu do  
Neo-Realismo, 2007.  
– 1 fot.ampl.: color

**ROGÉRIO RIBEIRO**  
Família, 1951  
Óleo s/ contraplacado  
Exposto na VI EGAP  
Col. FCG/CAM





**MARCELINO VESPEIRA**  
Descanso, 1946  
Tinta da china s/ papel  
Col. da Família Cardoso Pires

página seguinte:  
**MARCELINO VESPEIRA**  
Apertado pela Fome, 1945  
Óleo s/ tela  
Col. CAM-JAP





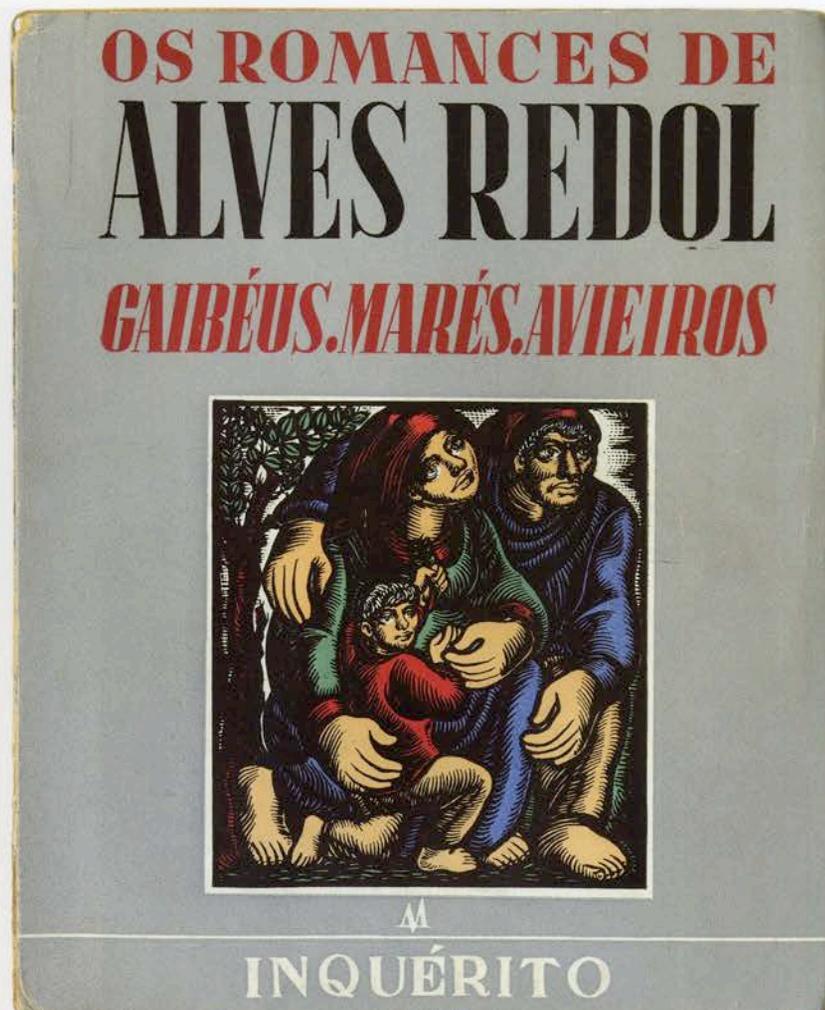
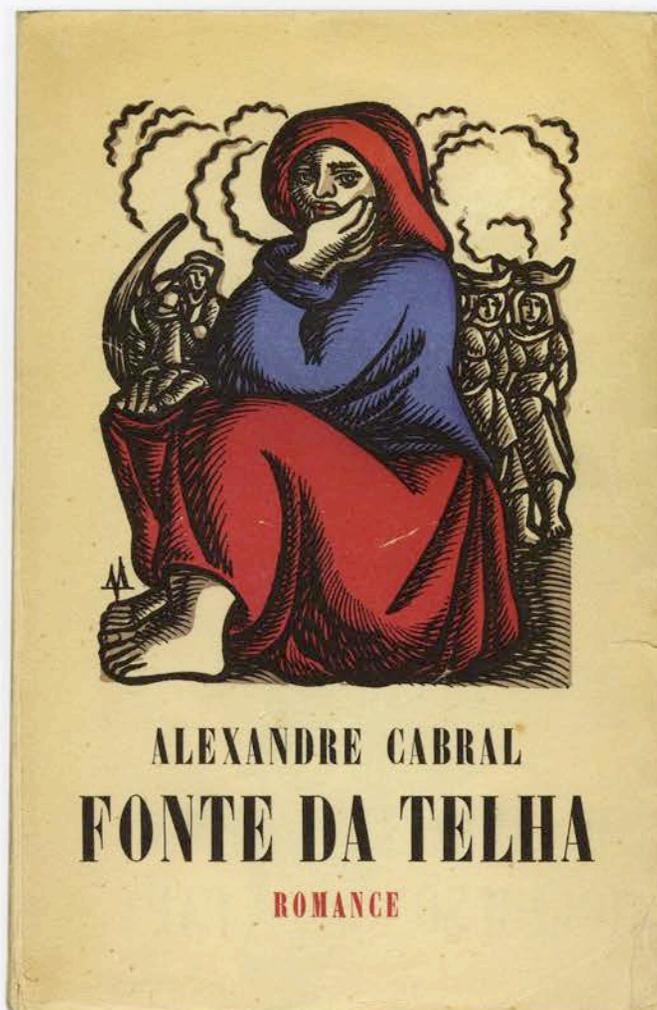
# CERRROMAIOR

ROMANCE · DE  
MANUELA · FONSECA

INQUÉRITO

**FONSECA, Manuel da**  
Cerrromaior: romance /  
- 2ª ed. - Lisboa: Inquérito  
(1943). - 302, [2] p.; 19 cm  
Capa de Manuel Ribeiro  
de Pavia. - Contém  
dedicatória: Para o Ferreira  
"Monte", com o abraço  
de parabéns da praxe.  
Cª. 11 de Maio de 1944  
Rui Feijó  
(Brochado): oferta  
MNR FNS/Lit/4568

**ILUSTRAÇÃO NEO-REALISTA** Pela sua maior projecção social ligada ao mercado editorial, o livro significou para o neo-realismo visual português uma espécie de meio privilegiado, onde mais facilmente se podia apresentar o desenvolvimento desse trabalho de ilustração que teve nessa época uma produção profícua e bastante decisiva na divulgação da estética neo-realista, com destaque para artistas como Júlio Pomar, Manuel Ribeiro de Pavia, Vítor Palla ou Cipriano Dourado.

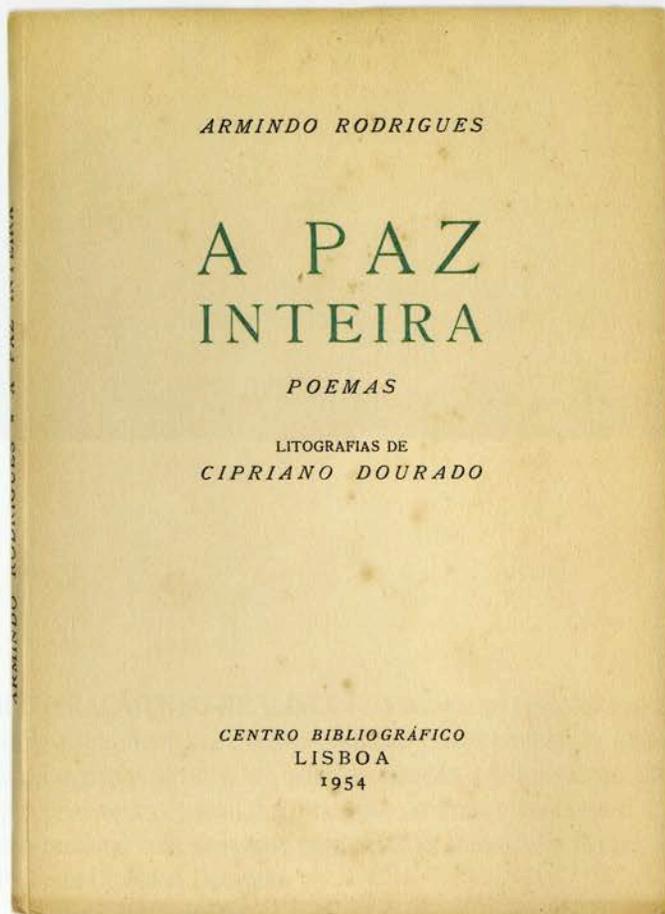
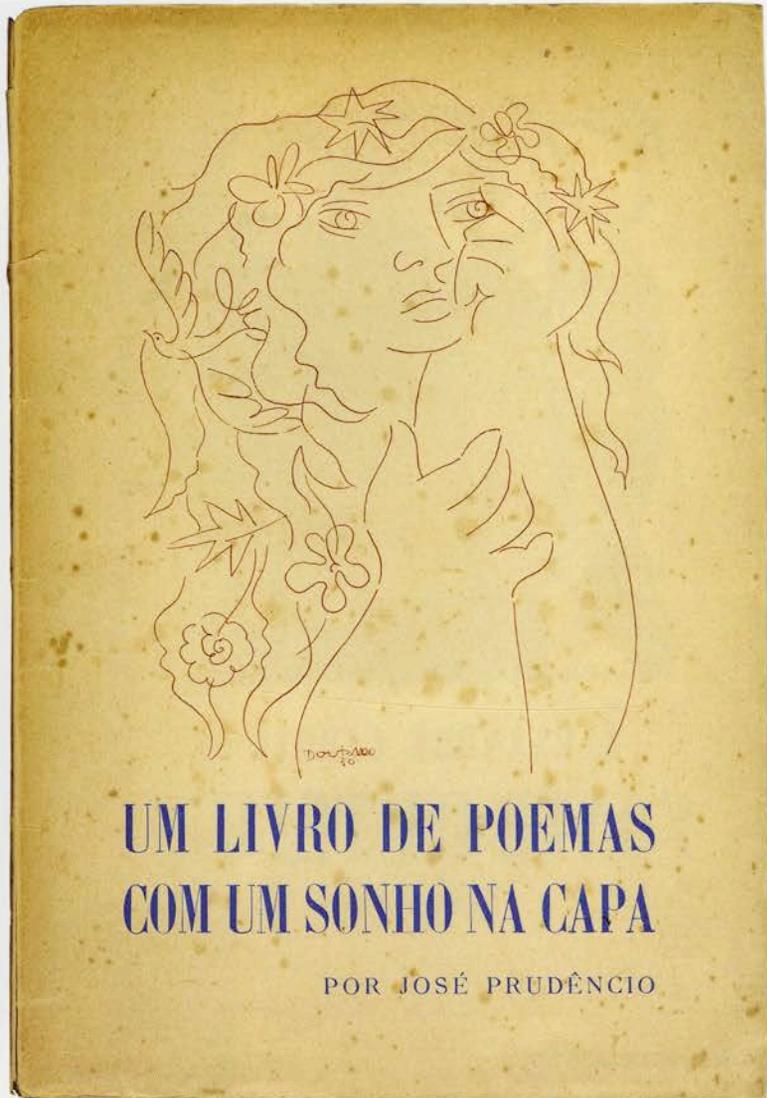
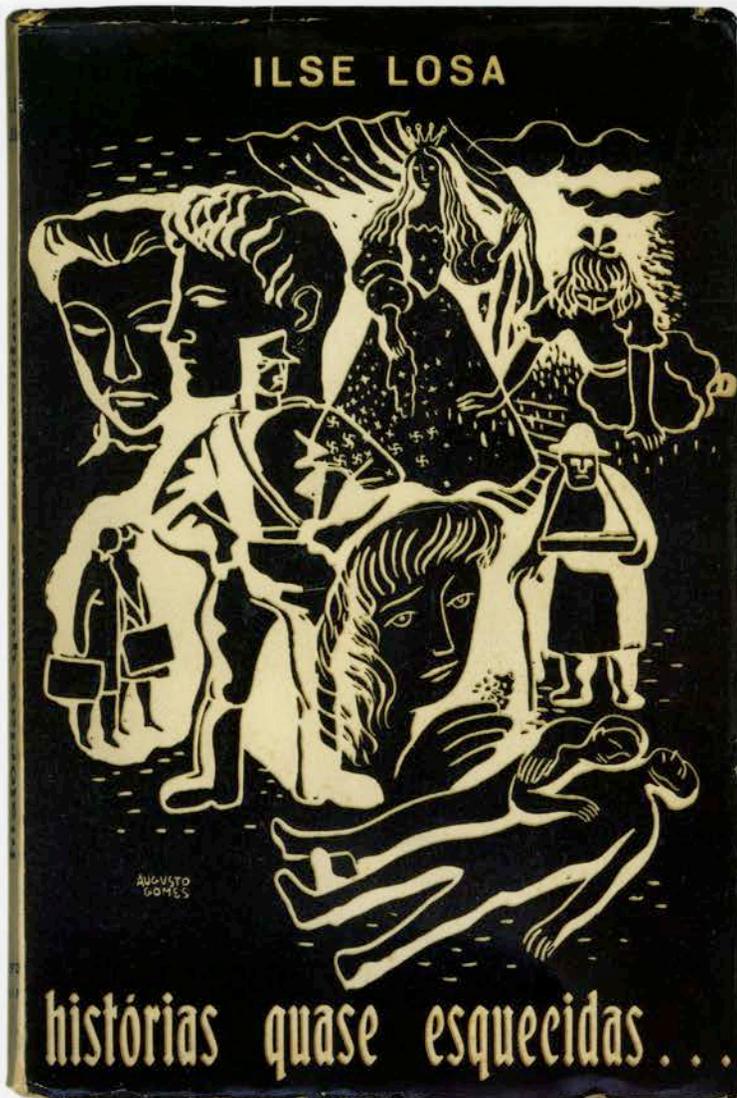


**CABRAL, Alexandre, pseud.**

Fonte da Telha: romance/.  
 - Lisboa: [s.n.], 1949  
 (Tip. Garcia & Carvalho).  
 - 256, [2] p.; 20 cm.  
 - (Trilogia da Terra; 1)  
 Desenho da capa de Manuel  
 Ribeiro de Pavia. - Alexandre  
 Cabral é um dos pseudónimos  
 de José dos Santos Cabral,  
 1917-1996  
 (Brochado): compra  
 MNR CBR/Lit/509

**REDOL, Alves**

Gaibéus ; Marés ; Avieiros/  
 [1ª ed.]. - Lisboa: Inquérito,  
 [1945?]. - 550, [5] p.: il. color:  
 3 il.; 24 cm. - (Os romances  
 de Alves Redol)  
 Capa e ilustrações de Manuel  
 Ribeiro de Pavia  
 (Brochado): compra  
 MNR RDL/Lit/3376

**LOSA, Ilse**

Histórias quase esquecidas...: contos/. - [1ª ed.]. - Porto: Marânus, 1950. - 101, [2] p.; 20 cm  
Capa de Augusto Gomes (Brochado): oferta  
MNR LS/Lit/3481

**PRUDÊNCIO, José**

Um livro de poemas com um sonho na capa: poemas/. - [1ª ed.]. - Lisboa: [s.n.], 1952 (Tip. Ideal). - 46, [1] p.; 20 cm  
Desenho da capa de Cipriano Dourado. - Contém dedicatória: Ao Alfredo Augusto, com um aperto de mão do José Prudêncio, Lx, 12/4/52 (Brochado): oferta  
MNR PRD/Lit/3559

**RODRIGUES, Armindo**

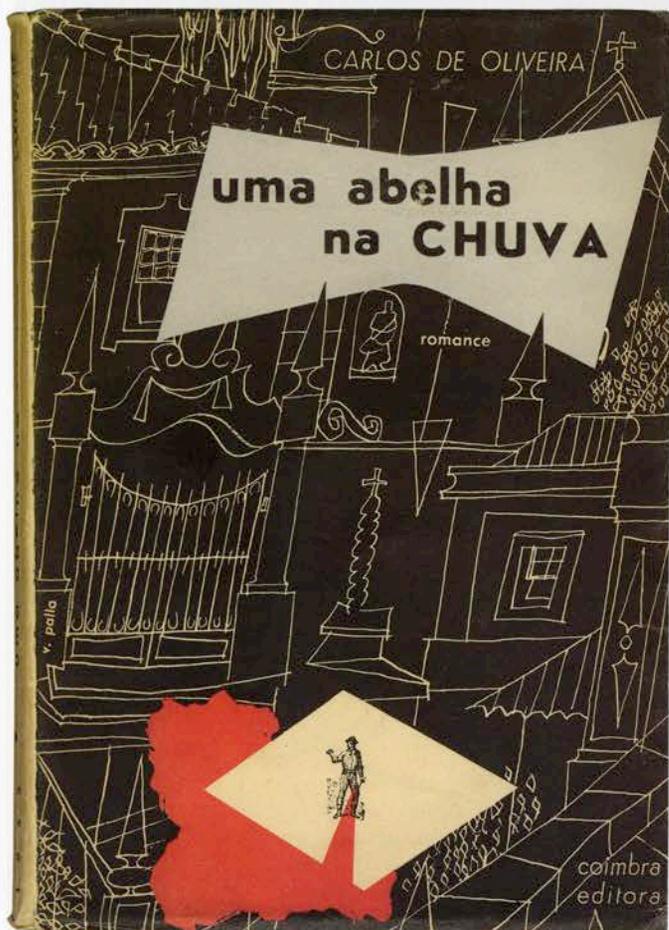
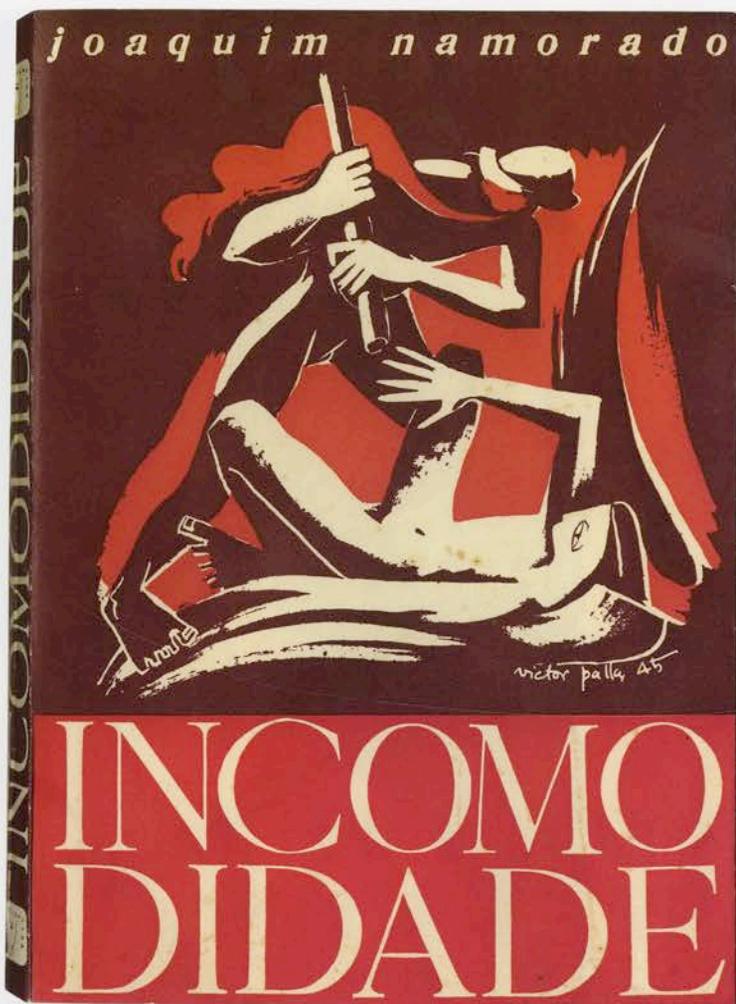
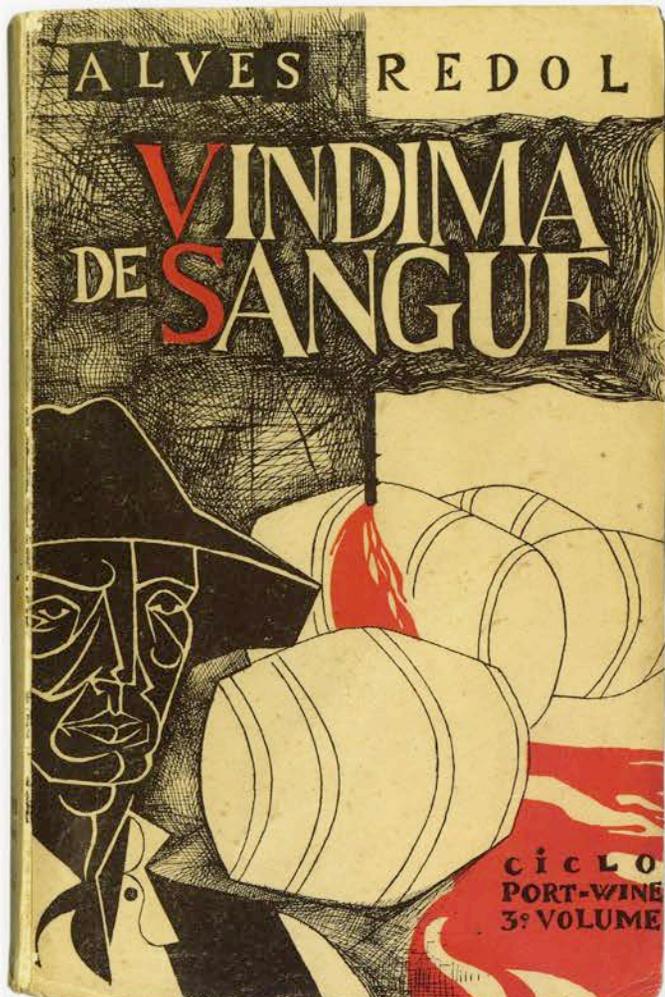
A paz inteira: poemas/. - [1ª ed.]. - Lisboa: Centro Bibliográfico, 1954. - 60, [1] p.; il., 4 litografias; 20 cm  
Contém dedicatória: Ao Alves Redol, ao esplêndido amigo e camarada de letras, com um bom abraço do Armindo[.]  
Out. 1954. - Edição original de "A paz inteira", ilustrada com quatro litografias a três cores, de Cipriano Dourado, de 300 exemplares, dos quais 30 são em papel fabriano, numerados de I a XXX, 240 em papel offset, numerados de 1 a 240, e 30 neste papel, fora do mercado, marcados "Exemplar de Autor" e numerados de 1 a 30.  
- Exemplar de Autor nº 30 (Brochado): oferta  
MNR BIB. Alves Redol

página seguinte:

**CIPRIANO DOURADO**

S/ título, n.a, n. d.  
Reprodução de litografia  
18,6x13,3 cm  
Ilustração para "A paz inteira",  
1954, correspondente à pág. 29



**REDOL, Alves**

Vindima de sangue: romance /.

– [1ª ed]. – Lisboa:

Publicações Europa-América

[dist.], [1953]. – 386,

[2] p.; 20 cm

Capa de Lima de Freitas

Vol. 3 do Ciclo Port-Wine.

– O ciclo Port-Wine é composto

por: 1º vol. Horizonte Cerrado,

1949; 2º vol. Os Homens e as

Sombras, 1951; 3º vol. Vindima

de Sangue, 1953

(Brochado): oferta

MNR RDI/Lit/605

**NAMORADO, Joaquim**

Incomodidade: Invenção

do poeta; Aviso à navegação;

Viagem ao país dos nefelibatas;

Agora /.. – [1ª ed].

– Coimbra: Atlântida, 1945.

– 219, [1] p.; 21 cm

Desenho da capa e sobrecapa

de Victor Palla, 1945. – Contém

dedicatória: Ao José Ferreira

Monte com a muita amizade

e admiração do Joaquim

Namorado, Coimbra,

30 de Junho de 1945

(Brochado): oferta

MNR NMR/Lit/4361

**OLIVEIRA, Carlos de**

Uma abelha na chuva:

romance /.. – [1ª ed].

– Coimbra: Coimbra Editora,

1953. – 211, [1] p.; 20 cm

Capa de Victor Palla.

– Contém dedicatória:

Ao Joaquim Namorado,

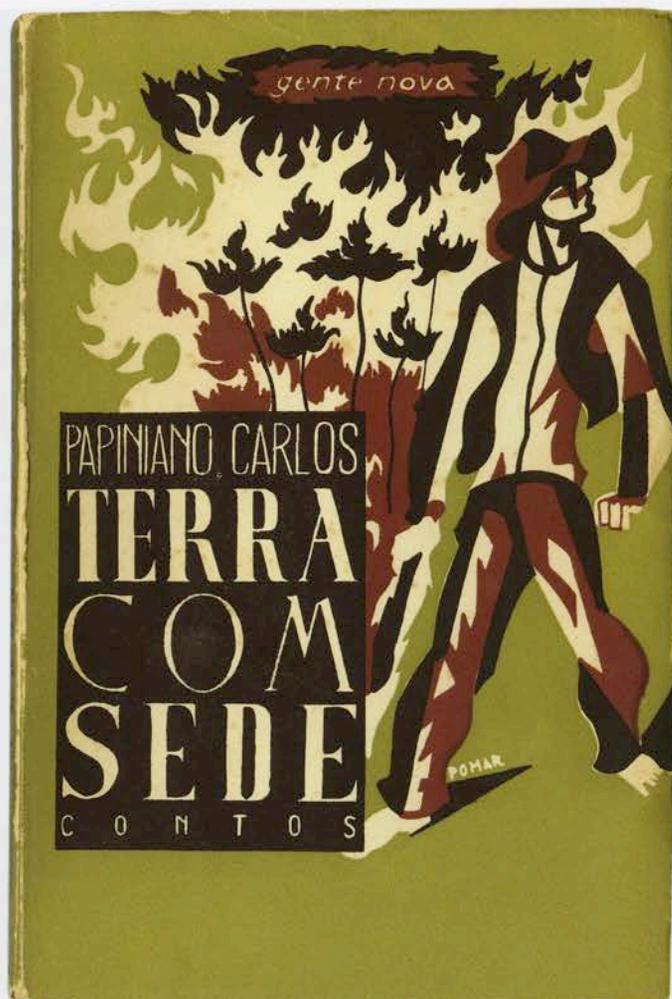
admirável amigo e poeta, com

um grande abraço do Carlos[.]

Lisboa, Verão de 1953

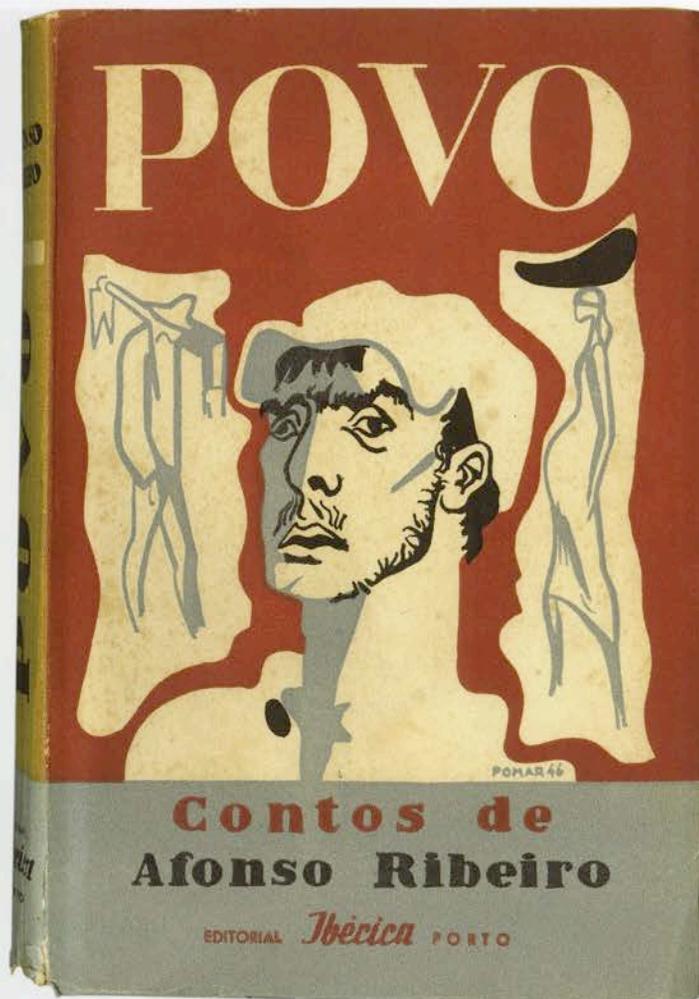
(Brochado): oferta

MNR LVR/Lit/3439



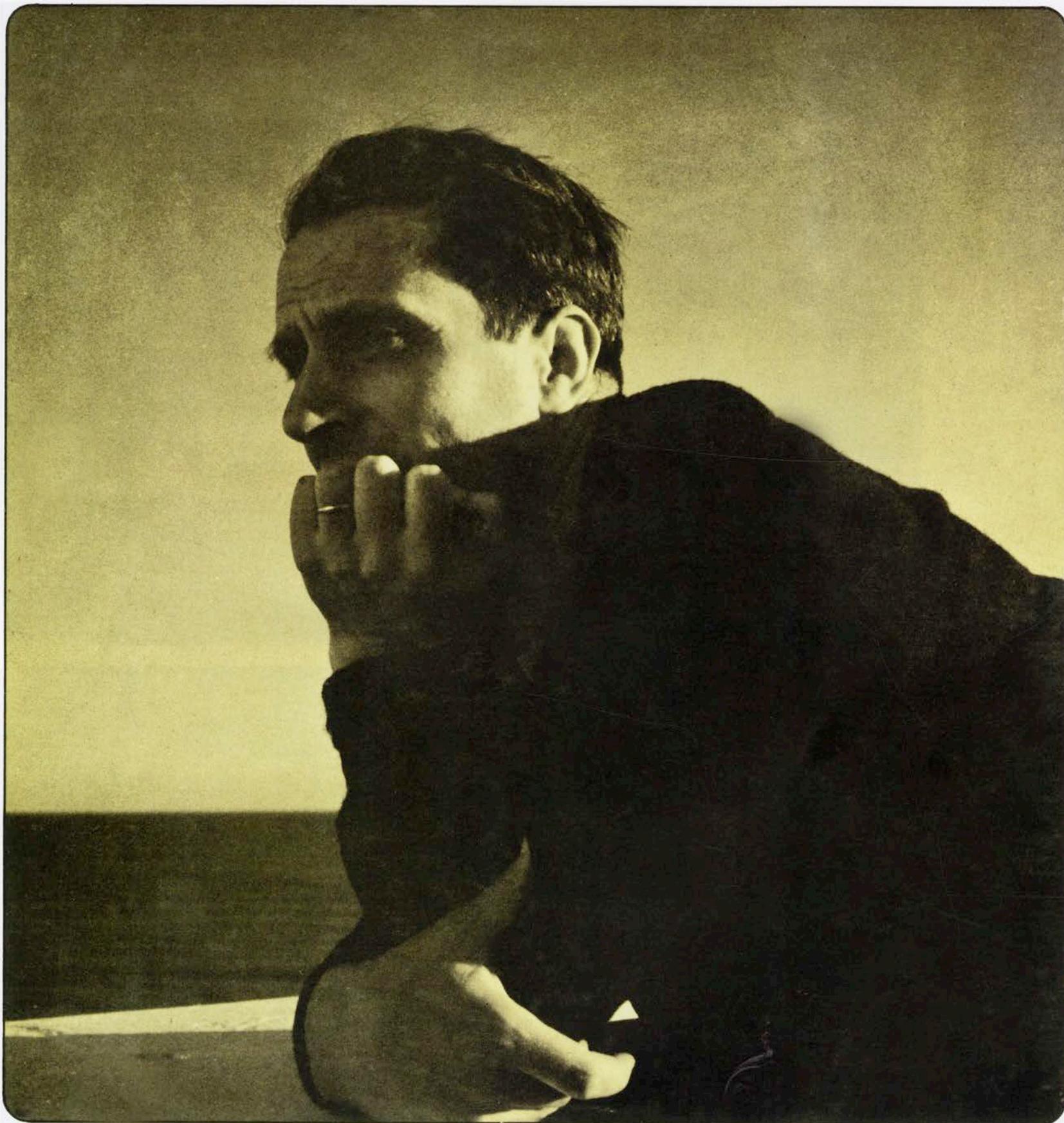
**CARLOS, Papiniano, 1918-**

Terra com sede: contos /.  
 - [1ª ed.]. - Porto: Livraria  
 Portugália, 1946. - 264,  
 [2] p.; 20 cm.  
 - (Gente Nova)  
 Desenho da capa  
 de Júlio Pomar  
 (Brochado): oferta  
 MNR CRL/Lit/1783

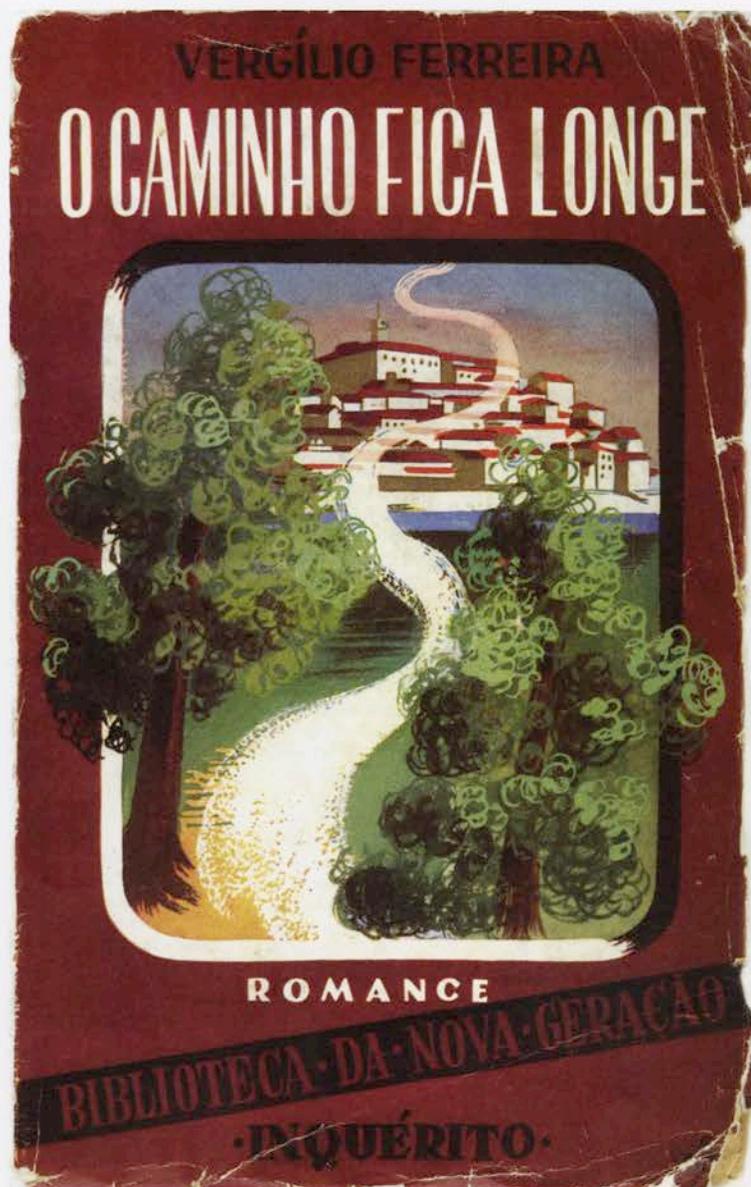


**RIBEIRO, Afonso**

Povo: contos /. - [1ª ed].  
 - Porto: Ibérica (1947).  
 - 267, [1] p.; 20 cm  
 Desenho da capa de [Júlio]  
 Pomar, [19]46  
 (Brochado): oferta  
 MNR RBR/Lit/4623

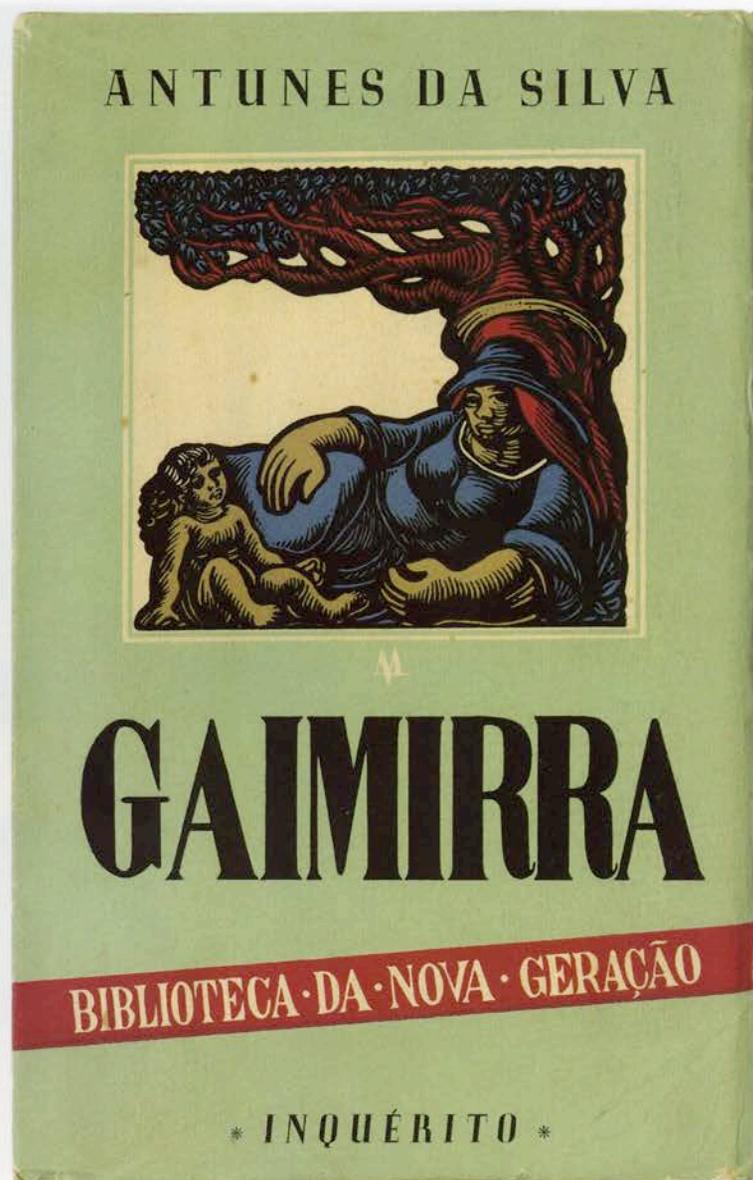


**Vergílio Ferreira**  
Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot.  
ampl.: p&b  
Reprod. de orig. dos anos 40  
(Séc. XX)

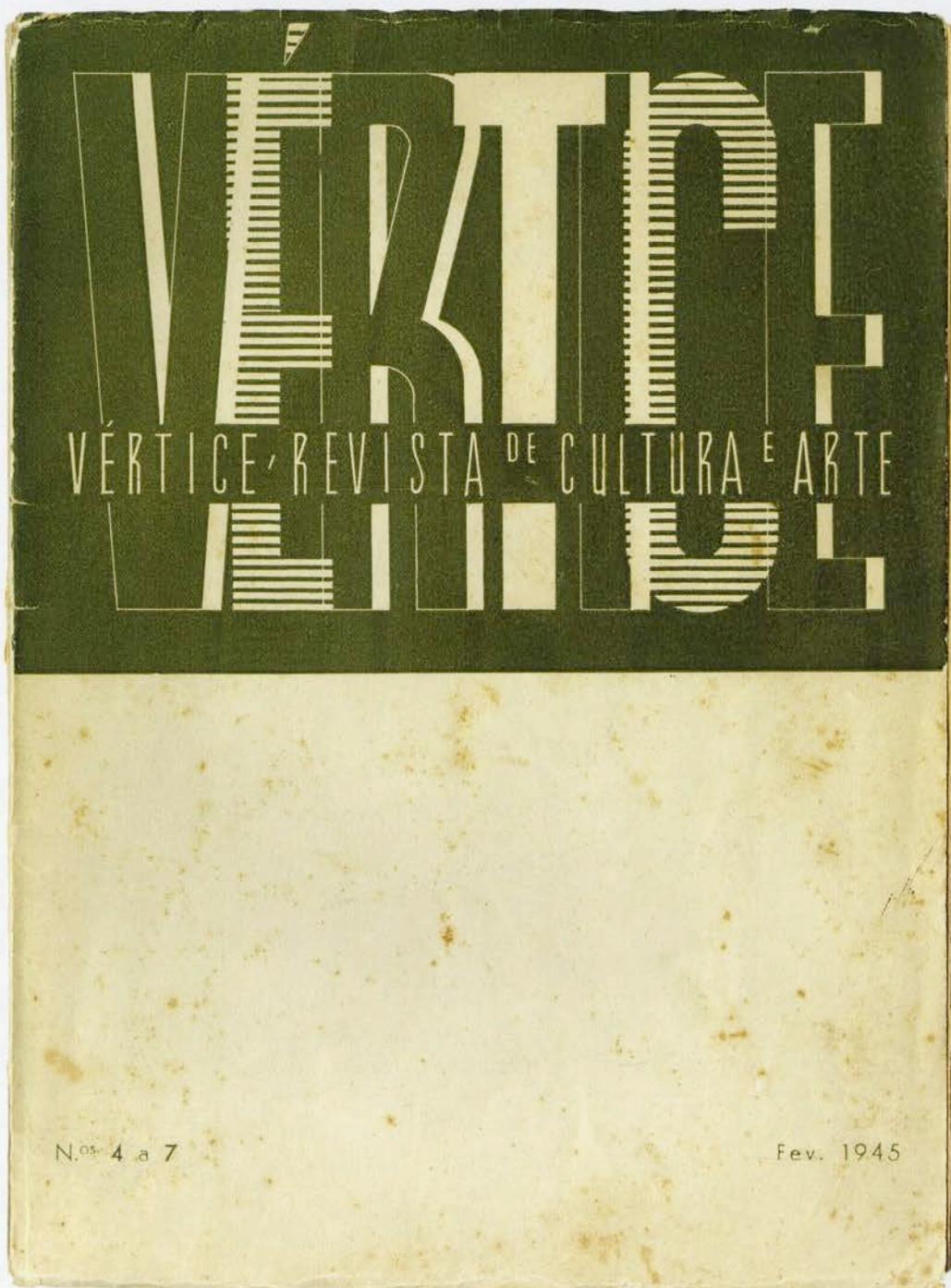


**FERREIRA, Vergílio,**  
O caminho fica longe: romance  
/. – [1ª ed]. – Lisboa: Inquérito  
(1943). – 316,  
[2]; 19 cm. – (Biblioteca  
da nova geração)  
MNR FRR/Lit/1252

**SILVA, Antunes da**  
Gaimirra: contos /. – [1ª ed].  
– Lisboa: Inquérito (1945).  
– 238, [2] p.; 19 cm.  
– (Biblioteca da Nova  
Geração)  
Desenho da capa de Manuel  
Ribeiro de Pavia  
(Brochado): oferta  
MNR SLV/Lit/490



**BIBLIOTECA DA NOVA GERAÇÃO – (FICÇÃO) – LISBOA** Editado pela “Inquérito”, em Lisboa, a colecção *Biblioteca da Nova Geração* deu a conhecer desde 1943 alguns dos novos nomes da literatura portuguesa, como Vergílio Ferreira e Antunes da Silva, que nesse período revelavam uma nítida filiação estética no movimento literário do neo-realismo.



**Vértice.** Coimbra, 1945  
 Vértice: revista de cultura e arte/Prop. e dir. Raul Gomes.  
 – N.º 4-7 (Fev 1945).  
 – Coimbra: Vértice, 1945  
 N.º 1 (Mai. 1942), n.º 2 (Fev. 1943), n.º 3 (Fev. 1944), n.º 4-7 (Fev. 1945) – n.º 473-75 (Jul.-Dez. 1986)  
 Mensal  
 MNR PP/1/A

**VÉRTICE** Revista de cultura e arte fundada em Coimbra, por Carmo Vaz e Raul Gomes, em Maio de 1942. A partir do n.º 4-7, de Fevereiro de 1945, sob a direcção de um grupo de jovens neo-realistas, constituirá tribuna essencial do movimento, afirmando-se ao mesmo tempo como palco privilegiado da resistência à ditadura. Prolongou-se a publicação da 1.ª Série até Julho/Dezembro de 1986, data do n.º triplo 473/475. Adquirida pela Editorial Caminho em 1988, passou a publicar-se em Lisboa, iniciando-se em Abril a 2.ª Série, que está em curso de publicação. Tendo em consideração a extensa longevidade e o valor intrínseco da sua intervenção, faz parte do património cultural português do século XX. Em paralelo com a *Seara Nova*, contribuiu decisivamente para a formação de várias gerações de intelectuais, sendo a sua análise obrigatória para o estudo dos vectores que determinaram a cultura portuguesa de Novecentos.



### O Galo Flamejante

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: color  
Desenhado por Júlio Pomar, em 1948?, segundo informação em apontamento inédito de Joaquim Namorado, que deu origem ao símbolo da colecção "Sob o signo do galo"

### Homenagem poética a Gomes Leal no primeiro centenário do seu nascimento

Colaboração de Afonso Duarte... [et al.]; organização de Armindo Rodrigues e João José Cochofel. – [1ª ed]. – Coimbra: [s.n.], 1948 (Casa Minerva). – 126, [1] p.; 20 cm. – (Sob o Signo do Galo; [5])  
Contém: In memoriam/Afonso Duarte; Gomes Leal/Alfredo Guisado; Ode a Gomes Leal/António de Navarro; A Gomes Leal/António Nunes; Lembrança de Gomes Leal/António de Sousa; As sete luas do poeta Gomes Leal/Armindo Rodrigues; Evocação/Arquimedes da Silva Santos; Pátio da Bemposta/Augusto Casimiro; Miserere mei/Aureliano Lima; A Gomes Leal/Carlos de Oliveira; Gomes Leal em nós/Edmundo de Bettencourt; À memória de Gomes Leal/Eugénio de Andrade; No centenário do nascimento de Gomes Leal/Hélio Martin; Memória a Gomes Leal/João de Barros; A Gomes Leal/João José Cochofel; Invocação a Gomes Leal/Joaquim Namorado; Auto-epitáfio de Gomes Leal/Jorge de Sena; Gomes Leal, companheiro e Elegia adiada/José Fernandes Fafe; Sonho à memória do autêntico Gomes Leal/José Ferreira Monte; Lápide para colocar no Largo [...] e Grito de Gomes Leal no céu/José Gomes Ferreira; Ode insólita a Gomes Leal/Mário Dionísio; Gomes Leal/Miguel Torga; Versos do povo a Gomes Leal/Raul de Carvalho; Nocturno/Tomaz Kim. – Foi efectuada uma tiragem especial de 55 exemplares, em papel de linho, com um retrato e a reprodução de um autógrafo de Gomes Leal: 25 fora do mercado (Exemplar Especial de Autor) e 30 para o público, numerados de 1 a 30  
Brochado): oferta  
MNR HMN/Lit/3890

### FERREIRA, José Gomes

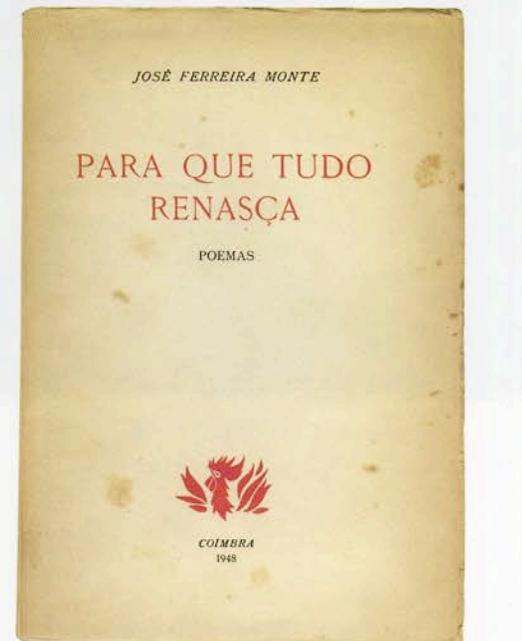
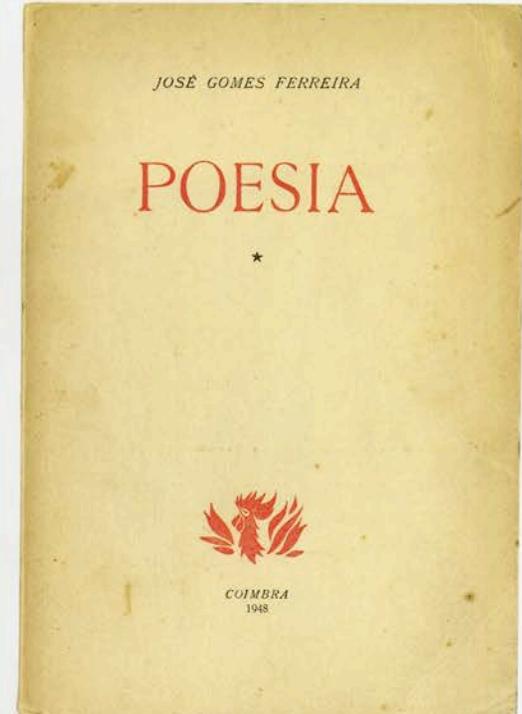
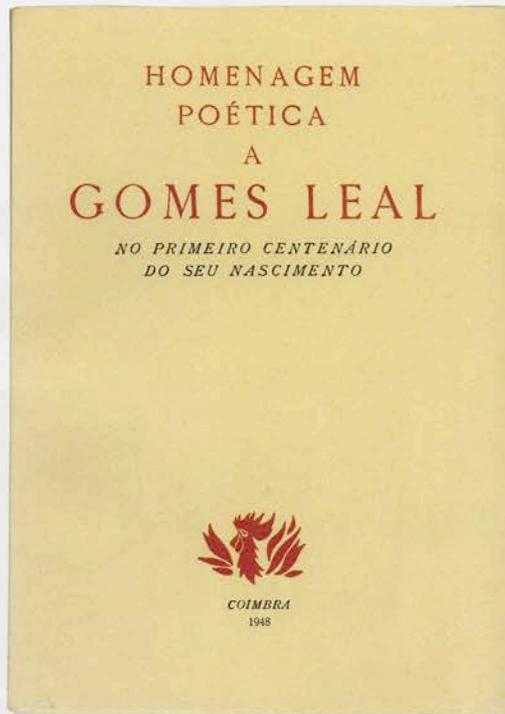
Poesia I/José Gomes Ferreira. – [1ª ed]. – Coimbra: José Gomes Ferreira, 1948.-152, [2] p.; 20 cm. – (Sob o Signo do Galo; [2])  
"Sob o Signo do Galo": 1º vol.: A esperança desesperada/Armindo Rodrigues. – 2º vol.: Poesia I/José Gomes Ferreira. – 3º vol.: Para que tudo renasça/José Ferreira Monte – 4º vol.: Colheita perdida/Carlos de Oliveira. – 5º vol.: Homenagem poética a Gomes Leal. – 6º vol.: Post-Scriptum de um combatente/Afonso Duarte. – 7º vol.: Poesia II/José Gomes Ferreira. – 8º vol.: Dias íntimos/João José Cochofel. – 9º vol.: Tempo do silêncio/José Ferreira Monte.  
– Edição a partir da qual se fez uma tiragem especial de 30 exemplares, numerada, em papel de linho, com um poema autógrafa e um retrato do autor  
(Brochado): oferta  
MNR FRRLit/499

### LIMA DE FREITAS

José Ferreira Monte a.d., Set. 1953  
Tinta da China, à pena e a pincel s/ papel 29,2 x 22,8 cm  
Pertence ao Espólio de José Ferreira Monte  
MNR-R.000274-06

### MONTE, José Ferreira,

Para que tudo renasça: Poemas /. – [1ª ed]. – Coimbra: Edição do autor, 1948. – 83, [1] p.; 19 cm. – (Sob o Signo do Galo; [3])  
Foi feita uma tiragem especial de 30 exemplares numerados, em papel de linho, com um poema autógrafa e um retrato do autor  
(Brochado): oferta  
MNR MNT/Lit/2489



**COLECÇÃO SOB O SIGNO DO GALO** Colecção organizada por Joaquim Namorado e Carlos de Oliveira ao longo de 1948, *Sob o Signo do Galo*, como o nome e o próprio símbolo (desenhado por Júlio Pomar) sugerem, apresentava-se com o objectivo de editar títulos de poesia que fizessem despertar a sensibilidade e a consciência social dos leitores, apostando em poetas como José Gomes Ferreira ou José Ferreira Monte.



**Racionamento de alimentos em V.F. Xira**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Fila para aquisição de alimentos, que neste caso, seriam batatas. – Reprod. de orig. dos anos 40 (Séc. XX)

***Os meses não são longos,  
nem os dias, nem as noites.  
Longa, sim, é a guerra.***

Guillaume Apollinaire



***Final da II Guerra Mundial: 8 de Maio de 1945: Manifestações populares, celebrando a vitória frente às embaixadas dos países aliados em Lisboa***

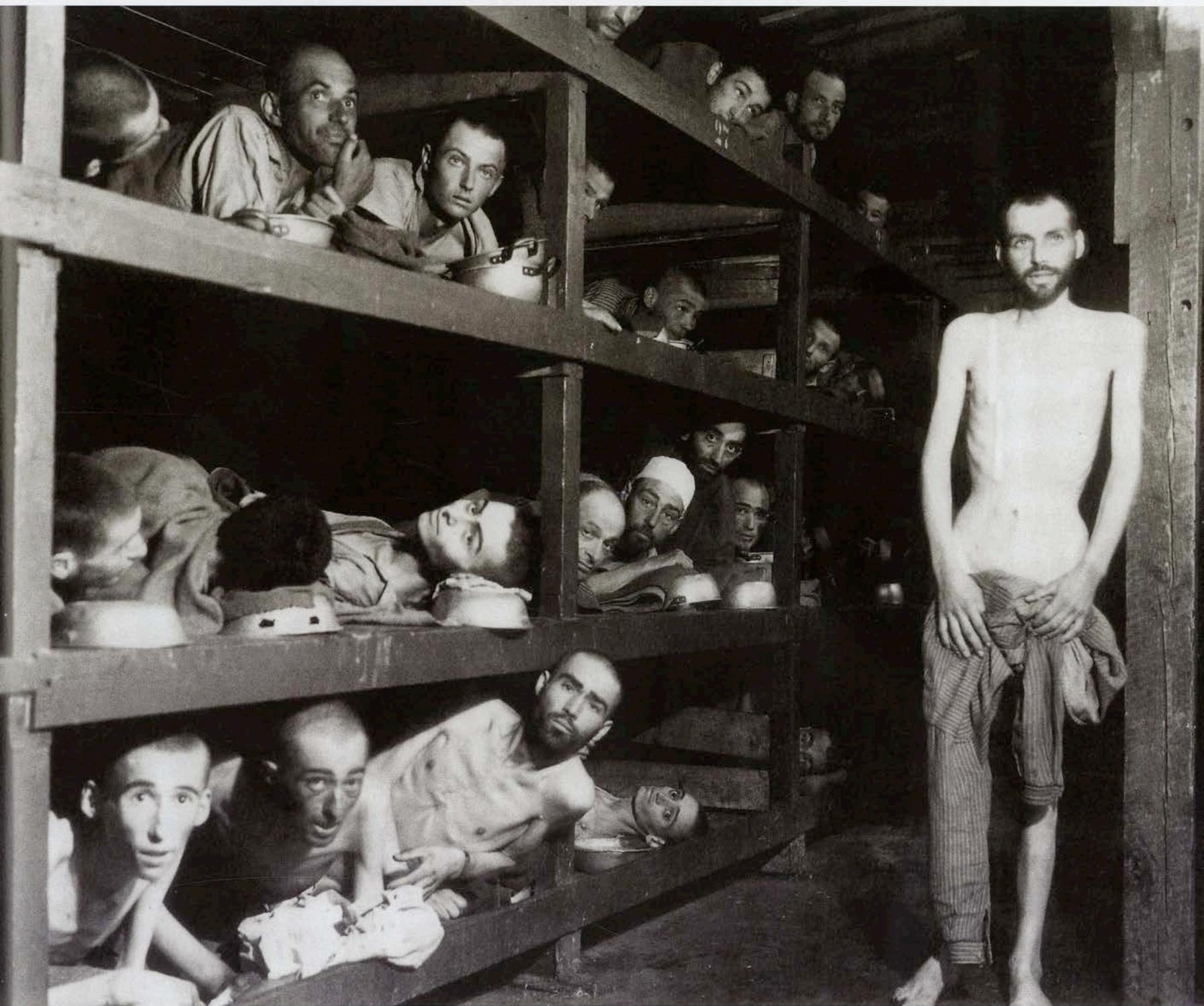
Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. do orig. de 8 Maio de 1945  
 Fototeca do Palácio Foz, Arquivo O Século

**PORTUGAL E A II GUERRA MUNDIAL** Durante os últimos anos da II Guerra Mundial, Portugal sofreria ainda, apesar da sua neutralidade oficial, os feitos inerentes a um período de grandes privações em toda a Europa. As filas de racionamento dos géneros de primeira necessidade passaram a fazer parte do quotidiano de muitos portugueses. Porém, anunciado o final da guerra a 8 de Maio de 1945, Lisboa assistiu a diversas manifestações populares espontâneas que celebraram a vitória junto às embaixadas dos países aliados.



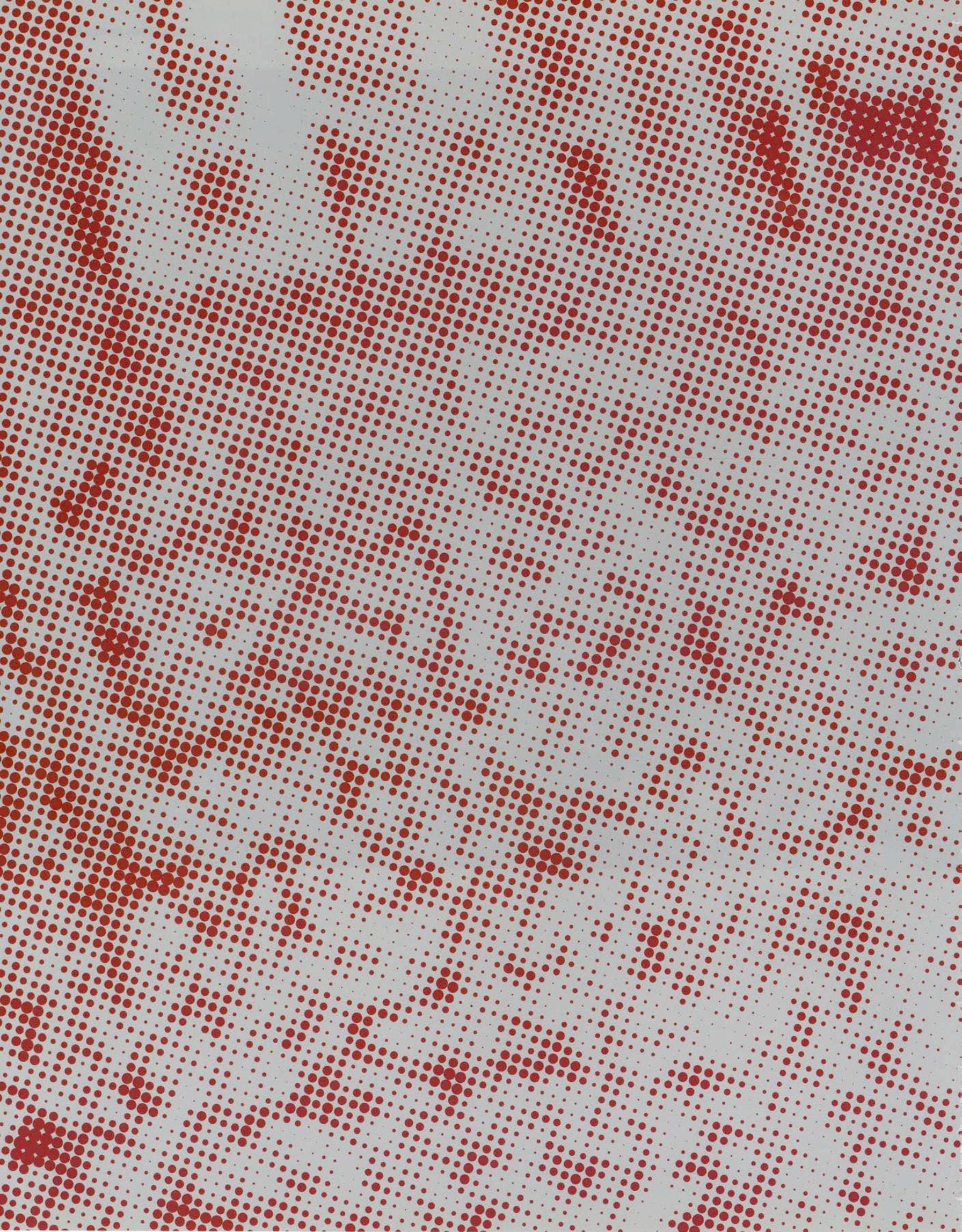
**Conferência de Ialta,  
1945**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
ampl.: p&b



**Prisioneiros  
num campo  
de concentração,  
durante a 2ª Guerra  
Mundial**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
ampl.: p&b





**PROCURA DA FORMA**



**A**

PÓS um período marcado pela tendência conteú-  
dista, fundadora do movimento, as preocupações  
dos escritores neo-realistas centrar-se-iam, cada  
vez mais, num mais amplo investimento estilístico  
em torno da obra literária, coincidindo com uma  
fase de plena maturidade da sua primeira geração,  
daí resultando alguns dos títulos maiores, como  
*Seara de Vento* (1958) de Manuel da Fonseca,  
*Barranco de Cegos* (1961) de Alves Redol, ou a revisão de *Uma  
Abelha na Chuva* (1969) de Carlos de Oliveira, que deu origem à sua  
4ª edição. Por outro lado, assiste-se desde o final dos anos 40 e até  
princípios da década de 60 a um alargamento de interesses temáticos  
e perspectivas poéticas ou narrativas trazidos por uma vaga de escri-  
tores mais novos, como José Cardoso Pires (primeiro com *Os  
Caminheiros e Outros Contos*, de 1949, e anos depois com uma obra  
plena de maturidade estilística como *O Hóspede de Job*, de 1963), Ilse  
Losa (*O Mundo em que Vivi*, 1949), Orlando da Costa (*A Estrada e a  
Voz*, 1951), Urbano Tavares Rodrigues (*Uma Pedrada no Charco*,  
1957) ou Augusto Abelaira (*A Cidade e as Flores*, 1959). Porém, apesar  
da diversificação e enriquecimento estético-formal então verificados,  
as preocupações político-sociais manter-se-iam como matriz de uma  
produção cultural que não abandonara o seu propósito de consciencia-  
lização junto de uma comunidade de leitores que, mesmo perante a  
malha da censura e da perseguição política, não parara de aumentar,  
observando-se inclusive, nessa época, um acréscimo de popularidade e  
reconhecimento crítico entre os principais nomes do movimento neo-  
realista. *David Santos e António Mota Redol*

***Eu insisto e chamo a atenção para este facto importante muitas vezes esquecido: um romance não é um assunto, como não é também a forma em que esse assunto nos é apresentado. Pode um assunto ser óptimo – não chega para ser um romance. Pode a forma por que se dá um assunto ser óptima (entenda-se: gramaticalmente correcta, floreadamente equilibrada, até) – não chega para ser um romance.***

Mário Dionísio, "Ficha 5", in *Seara Nova*, 765, 1942.

***Forma e conteúdo são elementos só artisticamente separáveis, constituem uma unidade na qual a forma só se pode realizar através do conteúdo, e este só pode atingir o seu objectivo através da forma (...) Não há 'altas intenções' metidas em 'formas pobres', nem pelo contrário 'formas ricas' vestindo 'pobres intenções.***

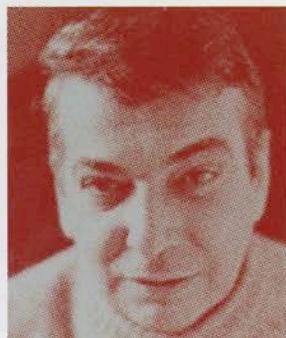
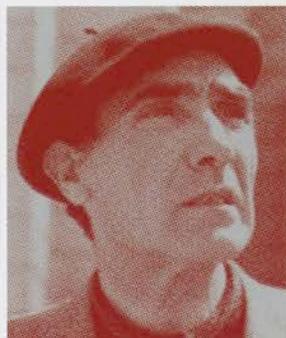
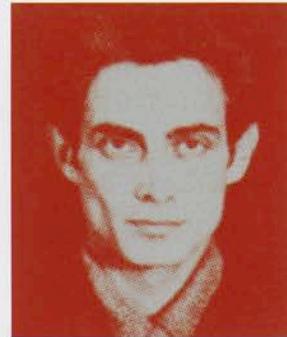
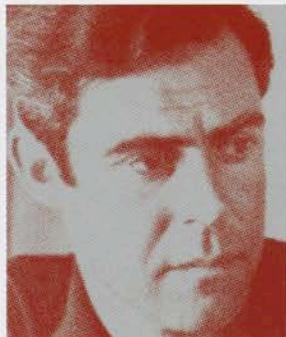
Júlio Pomar, in *Portucala*, Setembro-Dezembro, 1949.

***O compromisso poético assenta a sua mão também, queiram-no ou não, nas horas aparentemente menos comprometidas que vivemos, nos sentimentos mais escondidos de cada um de nós, nos dias íntimos.***

Mário Dionísio, "Os dias íntimos, Poesia de João José Cochofel", in *Vértice*, 85, 1950.

***Entre aqueles que se afirmavam dentro dos princípios da corrente, alguns perigosos caminhos começaram a desenhar-se. Um lirismo, complacente, tende a substituir a agressividade dramática das primeiras tentativas. A procura de soluções formais começa a sobrepor-se ao vigor do conteúdo; e isto não reflecte senão um alheamento dos problemas realmente vivos.***

Júlio Pomar, in *Comércio do Porto*, Porto 1953.



**José Cardoso Pires, 1925-1998**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Ise Losa, 1913-2006**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Armindo Rodrigues, 1904-1993**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Orlando da Costa, 1929-2006**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Júlio Graça, 1923-2006**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Alexandre Cabral, 1917-1996**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Augusto Abelaira, 1926-2003**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Urbano Tavares Rodrigues, 1923-1923**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**António José Saraiva, 1917-1993**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Álvaro Cunhal, 1913-2005**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Manuel da Fonseca, 1911-1993**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Alves Redol, 1911-1969**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Carlos de Oliveira, 1921-1981**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Luís Francisco Rebelo, 1924-**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 40 (Séc. XX)

**Romeu Correia, 1917-1996**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Bernardo Santareno,\* 1920-1980**  
 Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.: p&b  
 Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)



***Campanha de  
Humberto Delgado  
para as eleições  
Presidenciais. Discurso  
no comício do Porto,  
1958***

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot.  
ampl.: p&b

**Assinatura do Tratado de Roma, 25 de Março de 1957**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b  
 Tratado assinado após a 2ª Guerra Mundial e que instituiu a Comunidade Económica Europeia - CEE

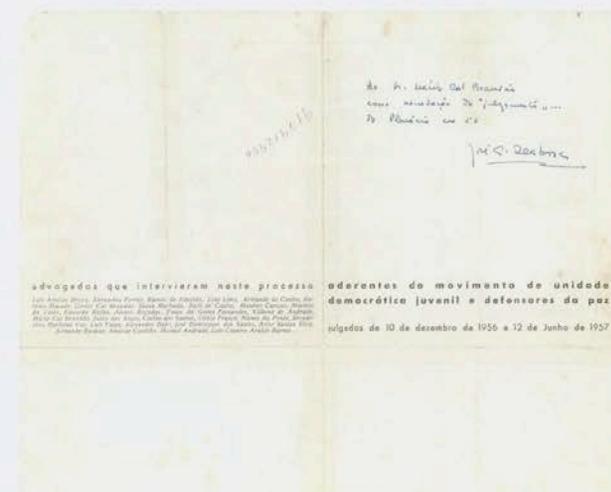
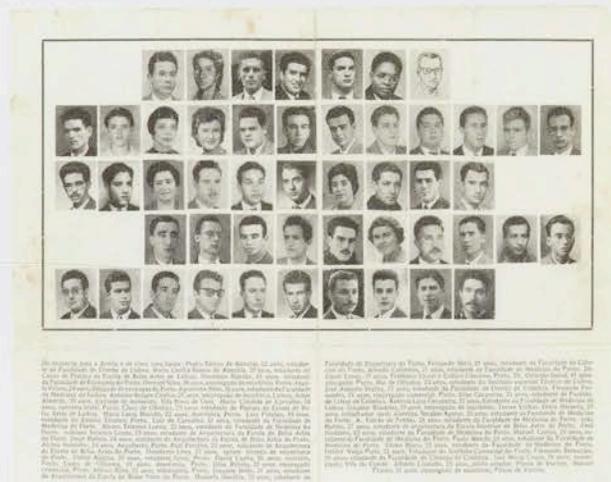
**Julgamento dos "51" Porto, 12 de Junho de 1957**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b  
 Termina no 1º Juízo Criminal do Porto, o "julgamento dos 51", jovens do MUD Juvenil, que determinou a ilegalização formal do movimento

página seguinte:

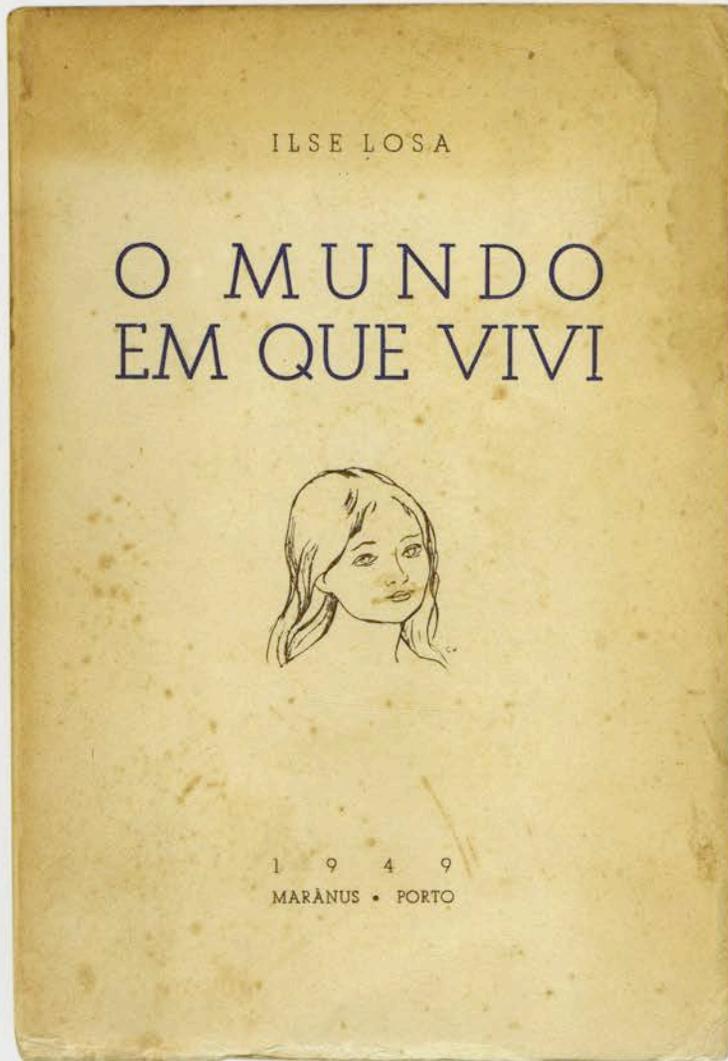
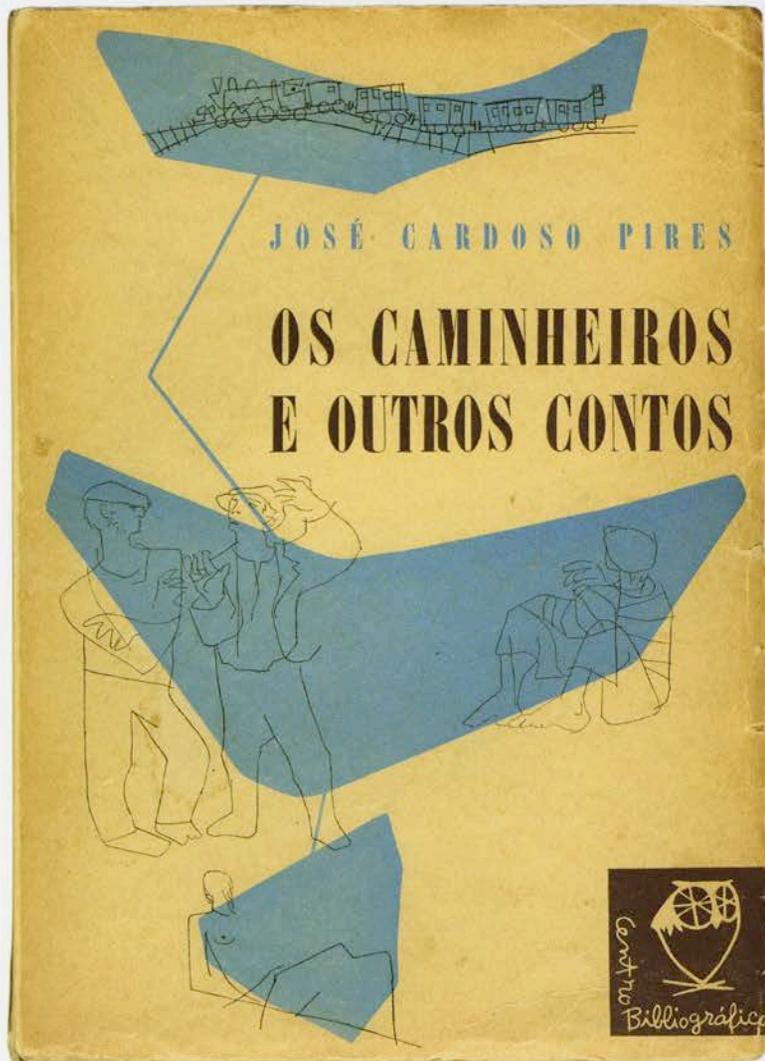
**Invasão da Hungria durante a Guerra Fria Tanques dos países do Pacto de Varsóvia, 1956**

- Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b



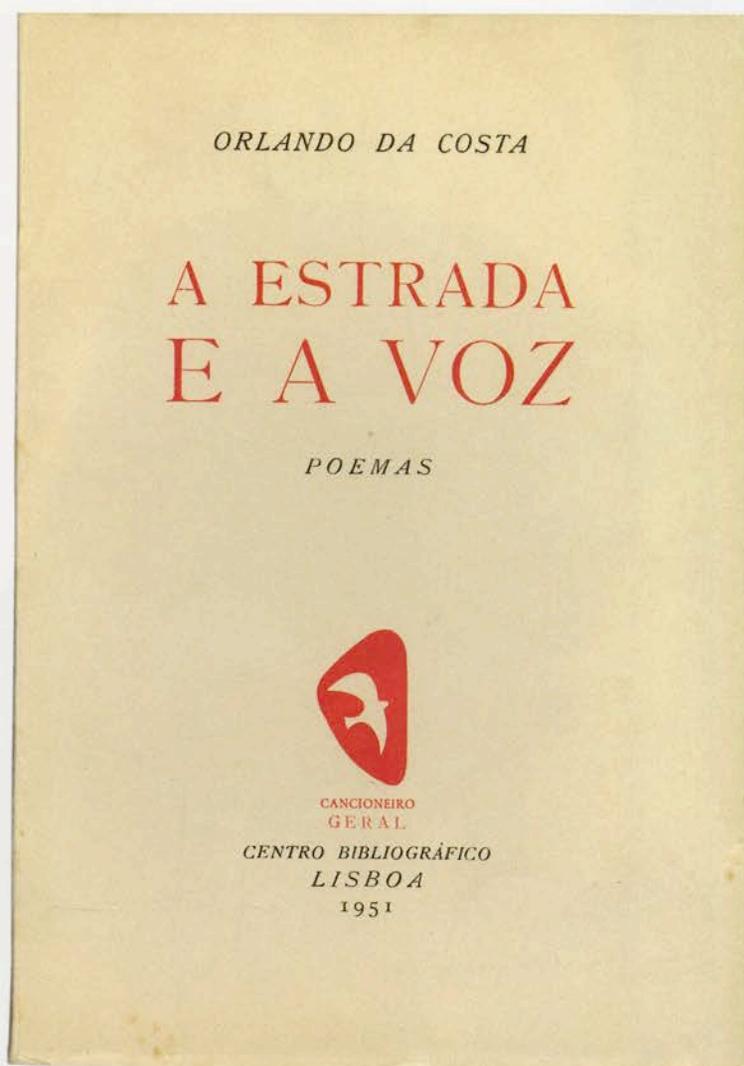
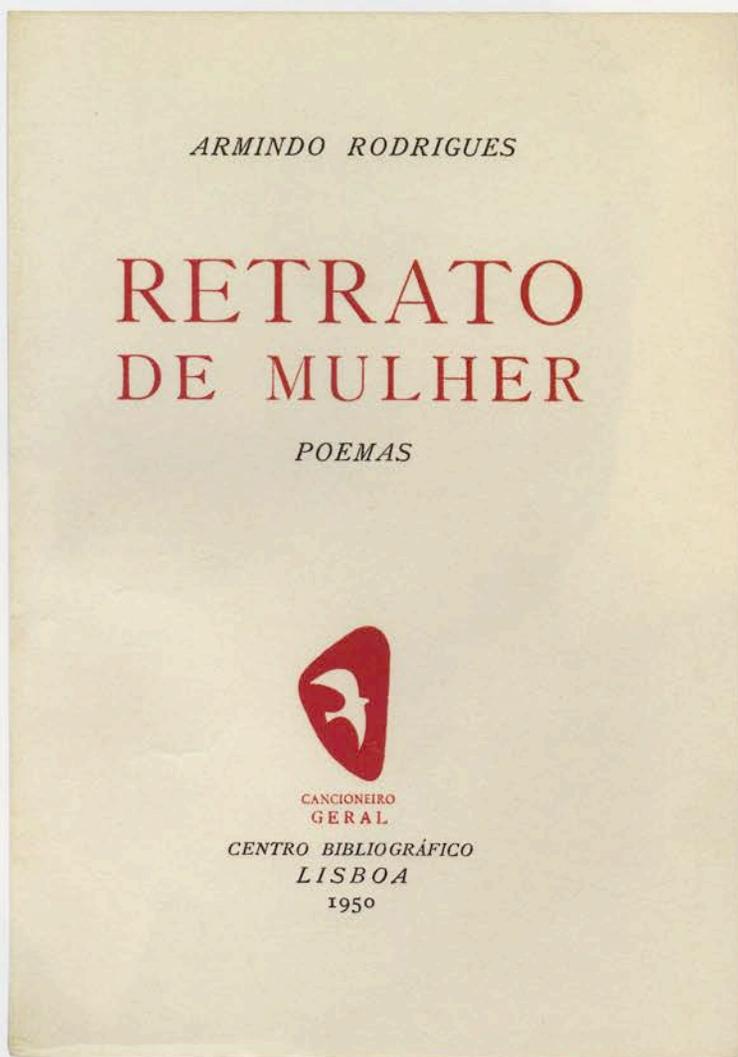






**PIRES, José Cardoso**  
Os caminheiros e outros contos  
/. - [1ª ed]. - Lisboa: Centro  
Bibliográfico (1949). - 153,  
[1] p.; 20 cm  
Capa de Júlio Pomar  
(Brochado): oferta  
MNR PRS/Lit/1098

**LOSA, Ilse**  
O mundo em que vivi:  
romance /. - [1ª ed].  
- Porto: Edições Marânus,  
1949. - 322, [1] p.; 20 cm  
(Brochado): oferta  
MNR LS/Lit/3100



**RODRIGUES, Armindo**

Retrato de mulher: poemas/.  
 – [1ª ed].-Lisboa: Centro Bibliográfico, 1959. – [1], 54, [1] p.: il.; 20 cm.  
 – (Cancioneiro Geral; 1)  
 Exemplar n.º 1 da tiragem especial de 40 exemplares numerados, em papel L1, com um retrato e a reprodução de um autógrafa do autor.  
 – Retrato de Armindo Rodrigues por Lima de Freitas, Jan. [19]50  
 (Brochado): oferta  
 MNR RDR/Lit/3886

**COSTA, Orlando da**

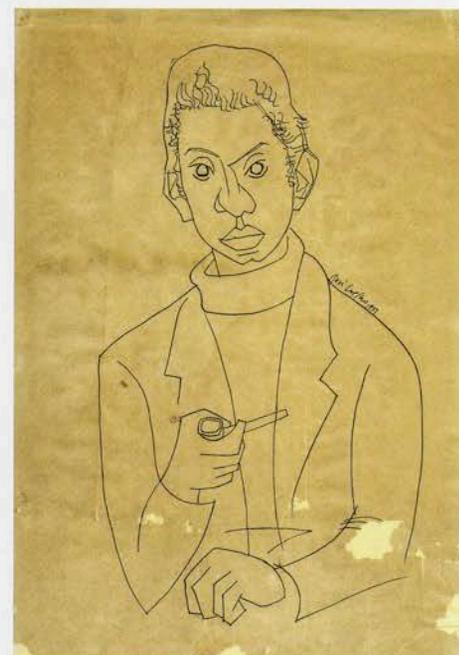
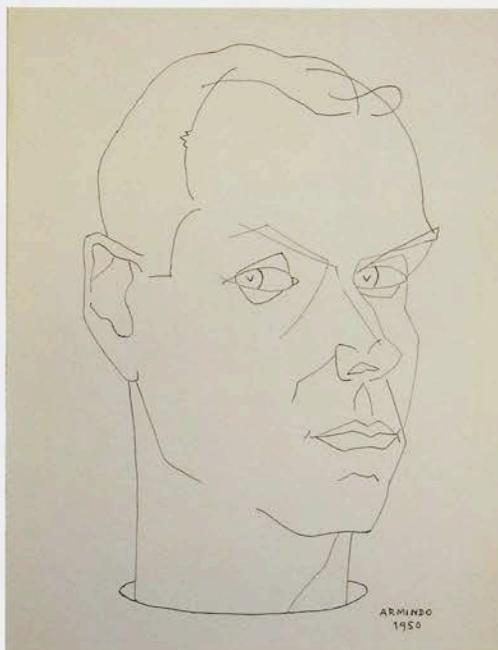
A estrada e a voz: poemas/.  
 – [1ª ed]. – Lisboa: Centro Bibliográfico, 1951. – 58, [1] p.; 20 cm. – (Cancioneiro Geral; 10)  
 (Brochado): oferta  
 MNR CST/Lit/0771

**Armindo Rodrigues**

S/ título  
 a., 1950  
 32,4 x 23,4 cm  
 Esferográfica s/ papel  
 (Auto-retrato)  
 A3/7.2

**José Dias Coelho**

Orlando da Costa  
 a.d., 1951  
 Tinta da china s/ papel  
 44,8 x 30,4 cm  
 MNR-R.000271-06



**COL. CANCIONEIRO GERAL** Organizada pelo poeta Armindo Rodrigues nos primeiros anos da década de 50, esta colecção mista, de romance e poesia, seria responsável pela revelação, entre outros, de autores como o próprio Armindo Rodrigues, Orlando da Costa ou Júlio Graça.



página anterior:

**Júlio Graça**  
**na Sociedade**  
**de Expansão Cultural**  
 Vila Franca de Xira: Museu  
 do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
 ampl.: p&b  
 Reprod. de orig. dos anos 50  
 (Séc. XX)

**GRAÇA, Júlio**

Buza: romance/il. de Manuel  
 Ribeiro de Pavia. – [1ª ed].  
 – Lisboa: Sociedade de  
 Expansão Cultural, 1954.  
 – 174, [2] p.: il. ; 20 cm.  
 – (Romance português  
 contemporâneo)  
 Desenho da capa (a cores)  
 de Manuel Ribeiro de Pavia.  
 – Contém dedicatória:  
 A Armindo Rodrigues, grande  
 poeta português, homenagem  
 sincera do Júlio Graça, Maio  
 – 1954. – Existem no MNR  
 desenhos orig. a tinta  
 da china correspondentes  
 a esta edição  
 MNR Bib. A. Rodrigues

JÚLIO GRAÇA

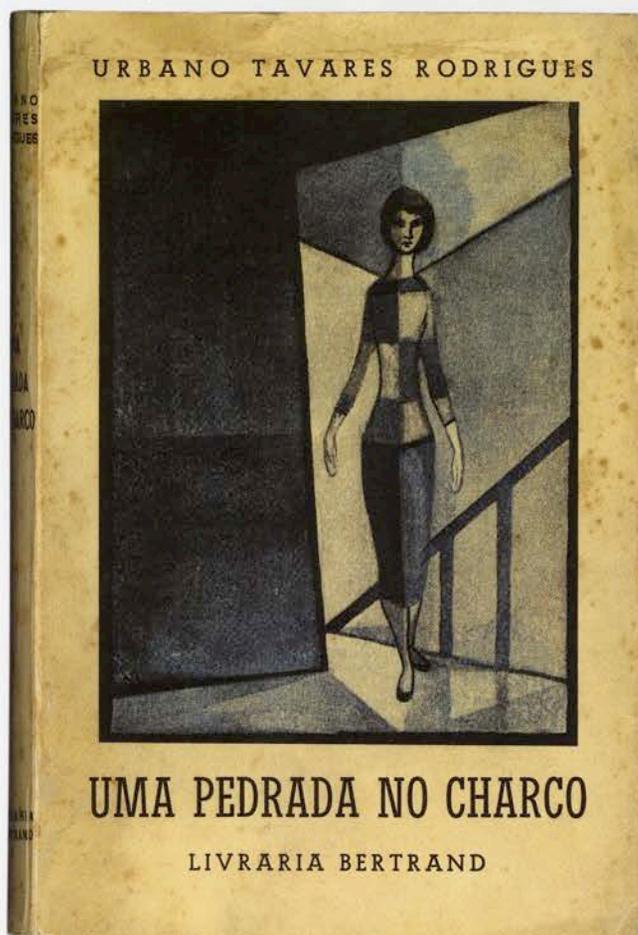
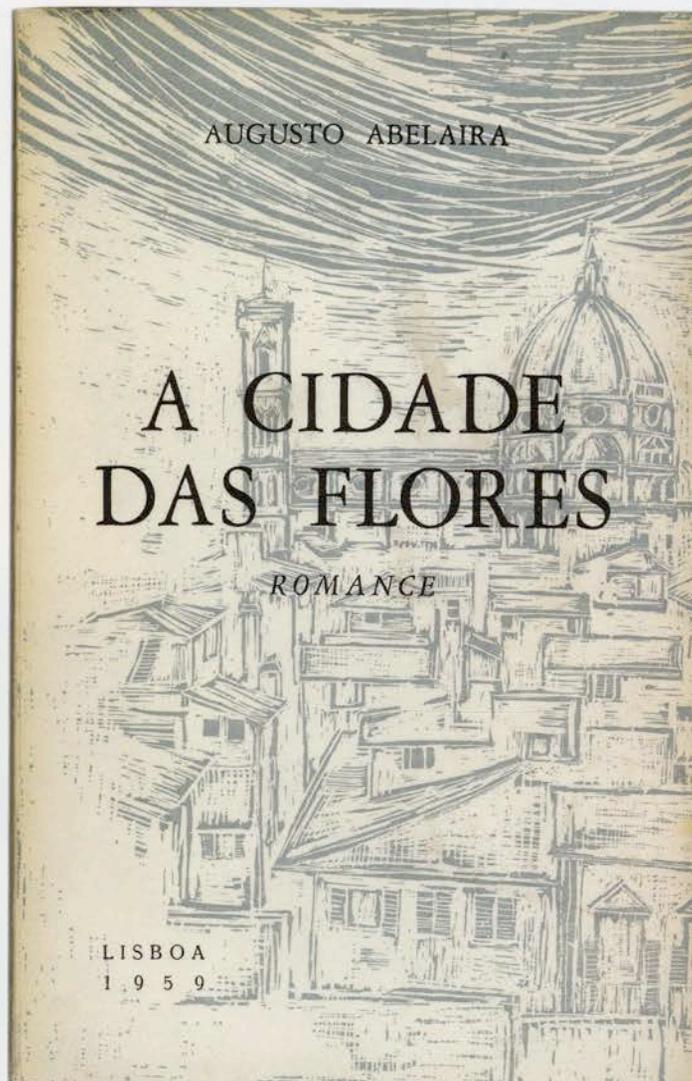
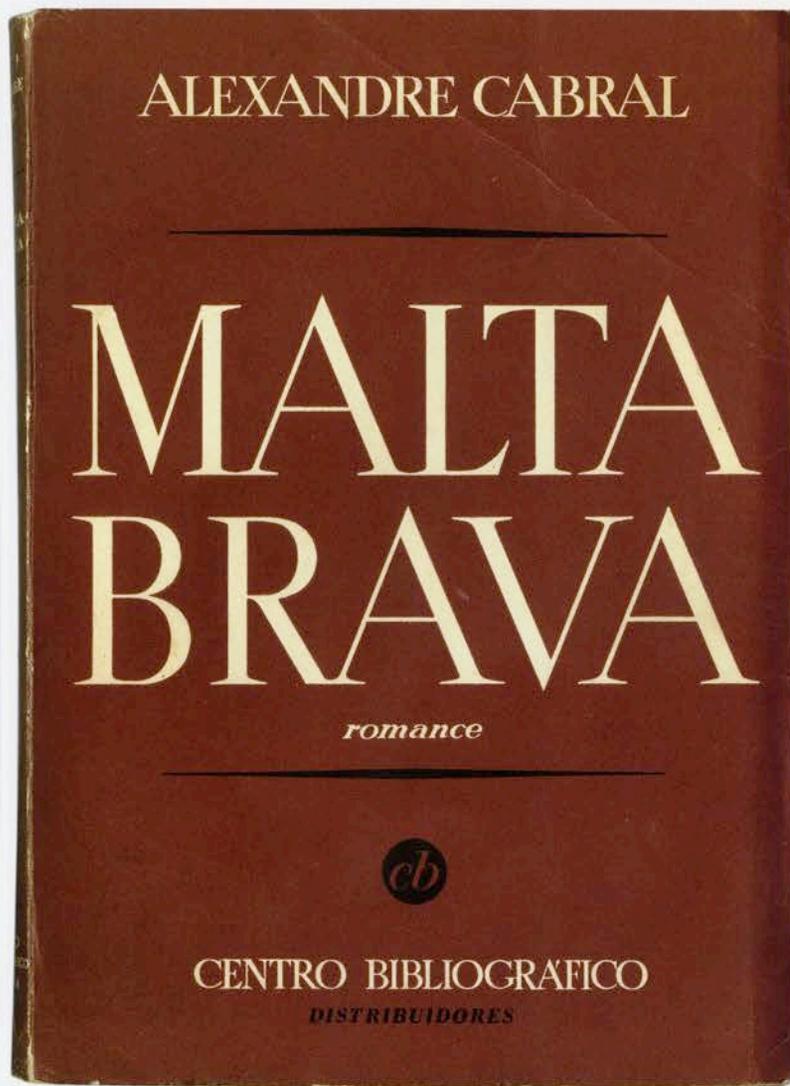
**B U Z A**

**ROMANCE**

EDIÇÃO ILUSTRADA POR  
 MANUEL RIBEIRO DE PAVIA



SOCIEDADE DE EXPANSÃO CULTURAL



**CABRAL, Alexandre, pseud.**

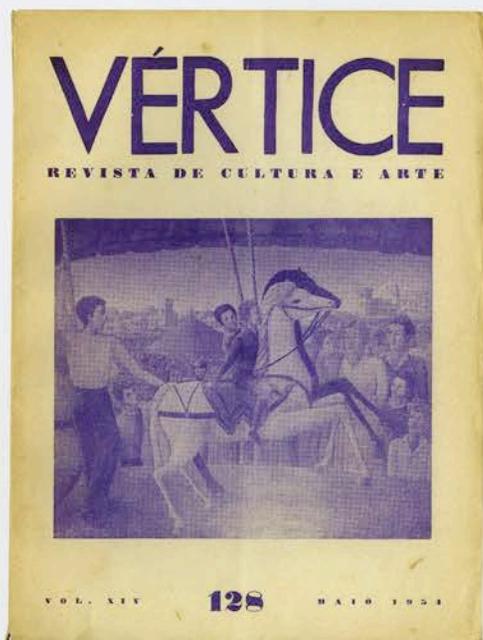
Malta brava: romance/il. de Júlio Pomar. – [1ª ed]. – Lisboa: Centro Bibliográfico (imp. 1955). – 197, [1] p.; 20 cm. – (Tempo presente; 2) Alexandre Cabral é um dos pseudónimos de José dos Santos Cabral, 1917-1996 (Brochado): oferta MNR CBR/Lit/1050

**ABELAIRA, Augusto**

A cidade das flores: Romance/. – [1ª ed]. – Lisboa: Ed. do autor, 1959. – [2], 344 p.; 19 cm Contém dedicatória: A Álvaro Salema com a velha amizade e admiração do Augusto Abelaira, este livro que de novo só tem o posfácio. – Contém dedicatória: A Álvaro Salema com a velha simpatia do José Monte. – Capa de António Ramos (Brochado): oferta MNR BLR/Lit/2518

**RODRIGUES, Urbano Tavares**

Uma pedrada no charco: novelas/. – [1ª ed]. – [Lisboa]: Livraria Bertrand, 1957. – 239, [1] p.; 19 cm Capa de António Vaz Pereira (Brochado): oferta MNR RDR/Lit/957

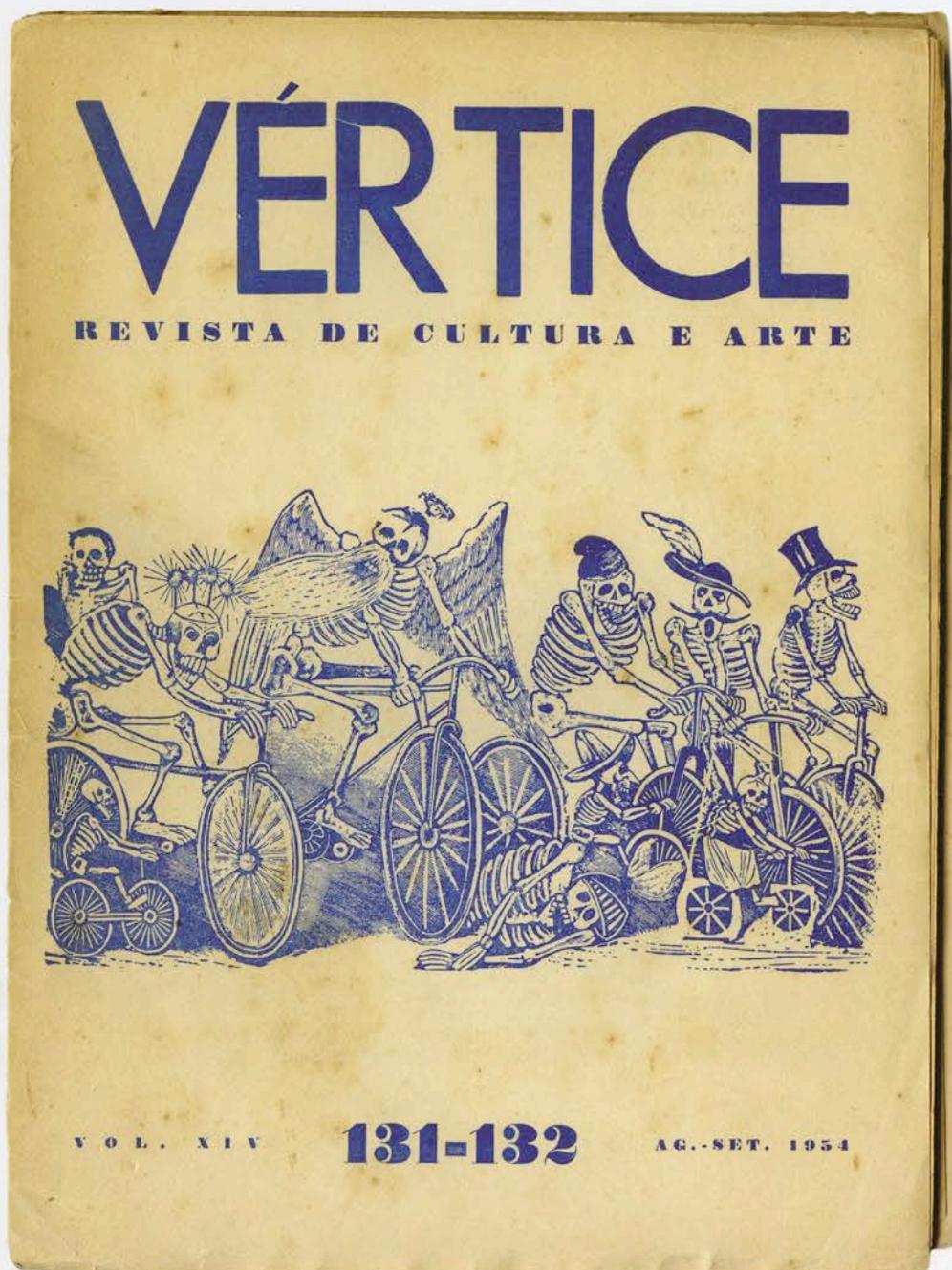


**SARAIVA, António José**

A ponte abstracta /.  
 In "Vértice". – Vol. XIV, nº 128  
 (Mai.1954), p. 286-288  
 MNR PP/1/A

**VALE, António, pseud.**

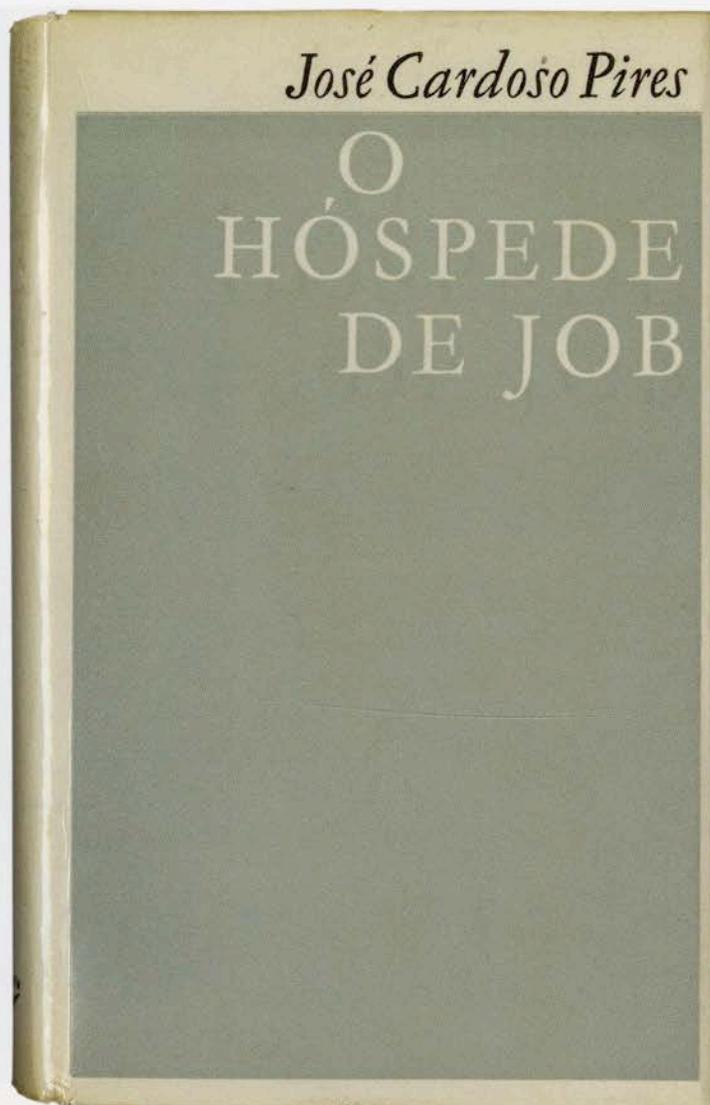
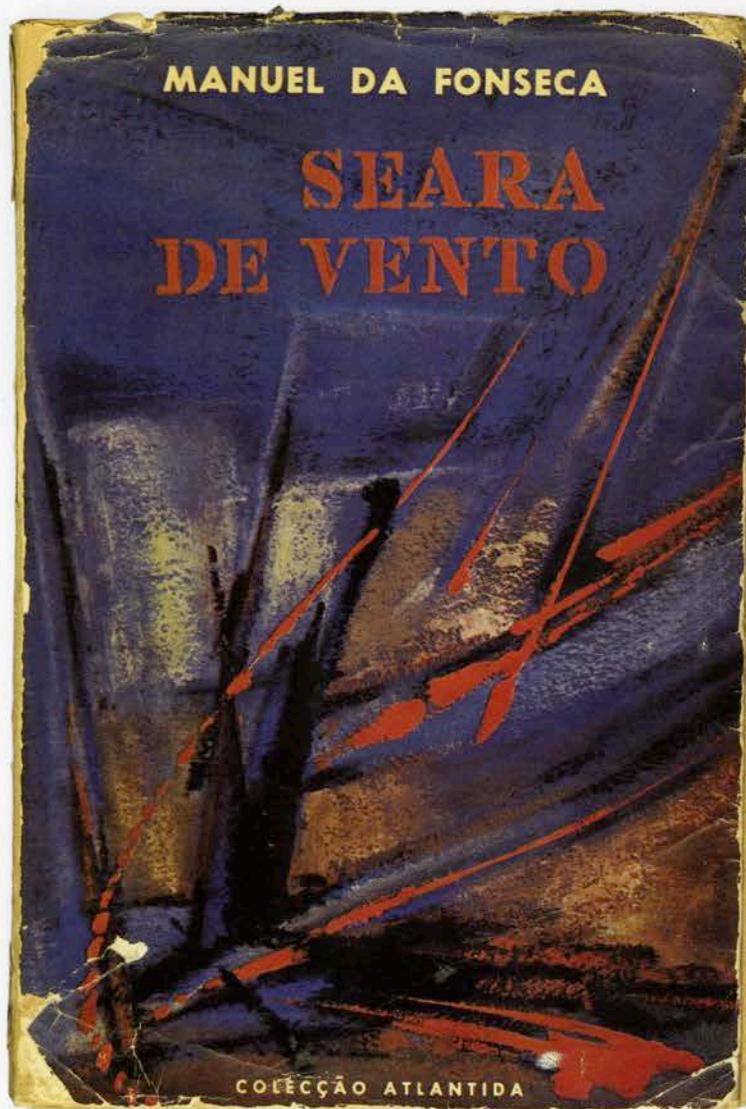
Cinco notas sobre forma  
 e conteúdo /.  
 In "Vértice". – Vol. XIV, nº 131  
 – 132 (Ag.-Set. 1973),  
 p. 466-484  
 António Vale é um dos  
 pseudónimos de Álvaro  
 Barreirinhas Cunhal, 1913-2005  
 MNR PP/1/A



**No próprio processo de criação, como norma para alcançar um nível superior, como norma para alcançar uma forma superior, é válido o princípio: primeiro o conteúdo!**

**(...) É necessário enriquecer o ideal do artista e conseqüentemente a sua imaginação; é necessário que o artista se sinta compelido a dar às suas obras um mais rico conteúdo, única maneira de alcançar mais ricos processos formais; é necessário que o artista sinta que a sua arte é um meio de comunicação com os outros homens e por isso será tanto mais poderosa e mais bela quanto mais clara for.**

António Vale, "Cinco notas sobre forma e conteúdo", in *Vértice* nº 131-132, Lisboa, 1973.

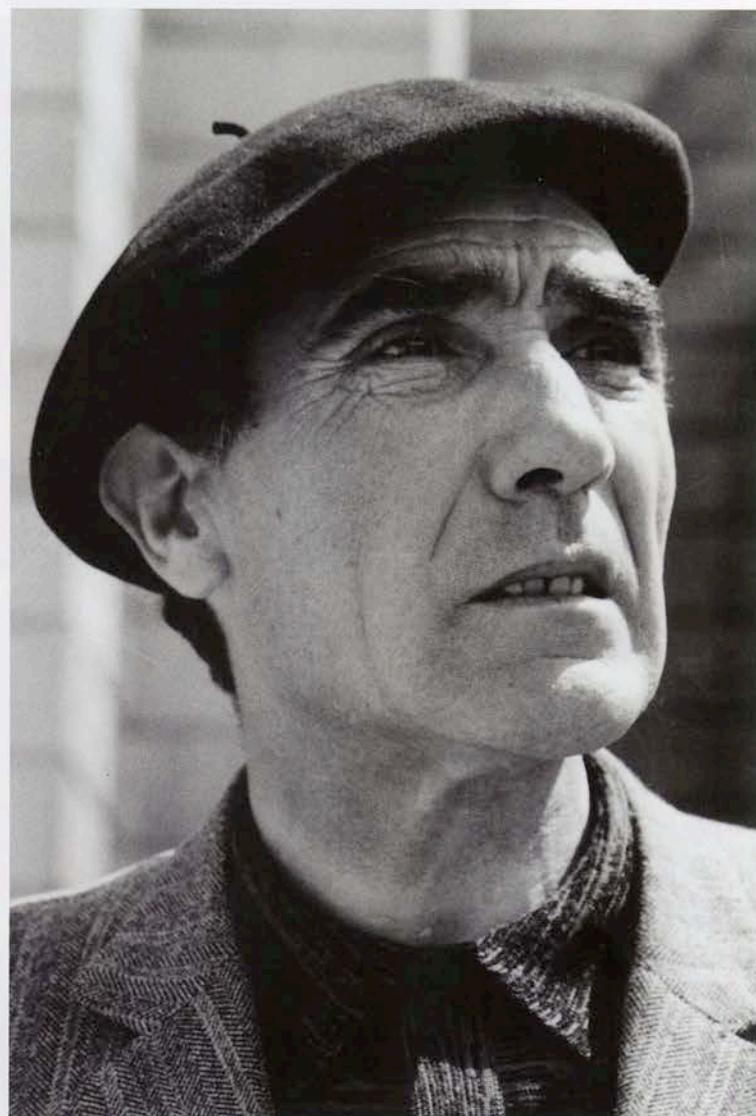
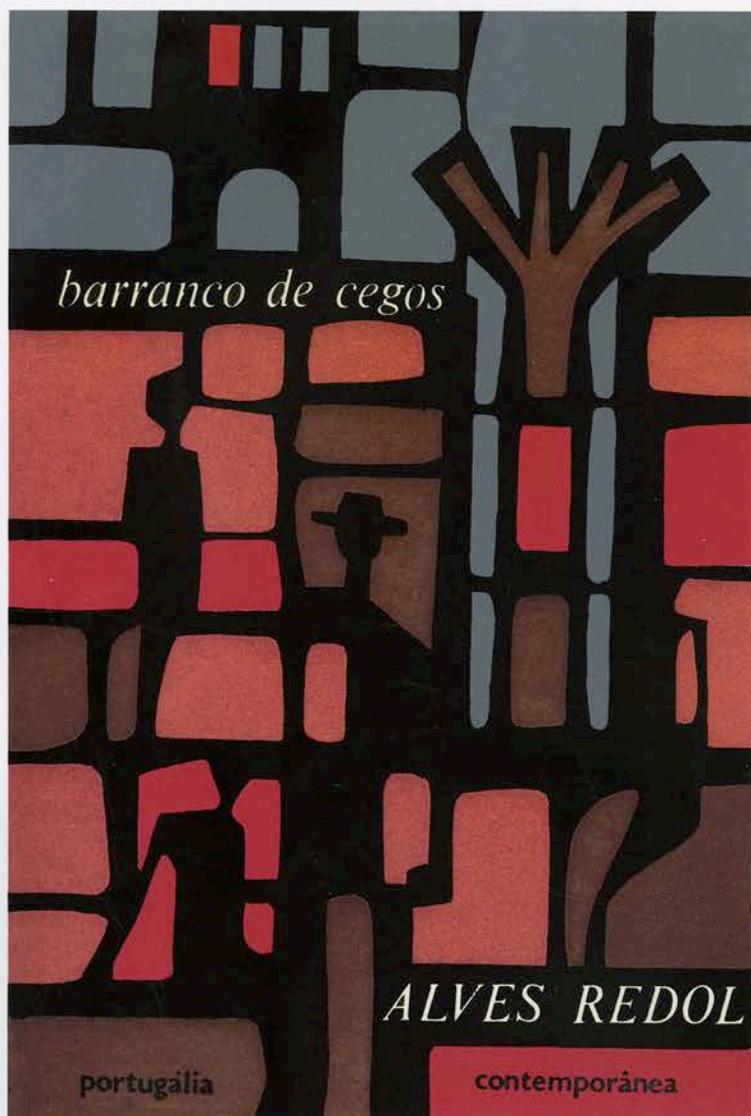


**FONSECA, Manuel da**

Seara de vento: romance /.  
- [1ª ed]. - Lisboa: Ulisseia  
(1958). - 171, [2] p.; 21 cm.  
- (Atlântida; 6)  
Capa de Vespeira. - Contém  
dedicatória: Para o Camarada,  
Para Joaquim Guerreiro esta  
"Seara de Vento" cordialmente  
[ass.] Manuel da Fonseca Lx.  
6.6.85  
(Brochado): oferta  
MNR FNS/Lit/2983

**PIRES, José Cardoso**

O hóspede de Job: romance /.  
- [1ª ed]. - Lisboa: Arcádia  
(1963). - 253, [2] p.; 19 cm  
Com esta obra, Cardoso Pires  
ganhou em 1963 o Prémio  
Camilo Castelo Branco  
da Sociedade Portuguesa  
de Escritores. - Editado  
também em Itália pela Editora  
Lerici (Milão)  
(Encadernado): oferta  
MNR PRS/Lit/3694



**REDOL, Alves**

Barranco de cegos: romance/.  
 - [1ª ed.]. - Lisboa: Portugália (1961). - 401, [5] p.; 20 cm.  
 - (Contemporânea ; 29)  
 Contém dedicatória: Para o Poeta Luís Amaro, com a admiração e a sincera amizade do Alves Redol.  
 - Capa de João da Câmara Leme  
 (Brochado): oferta  
 Coleção Luís Amaro

**Alves Redol**

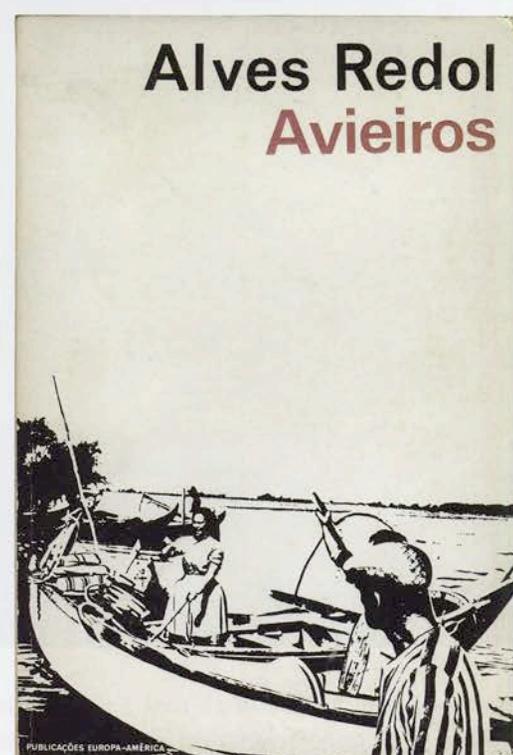
Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b  
 Reprod. de orig. dos anos 60 (Séc. XX)

**REDOL, Alves**

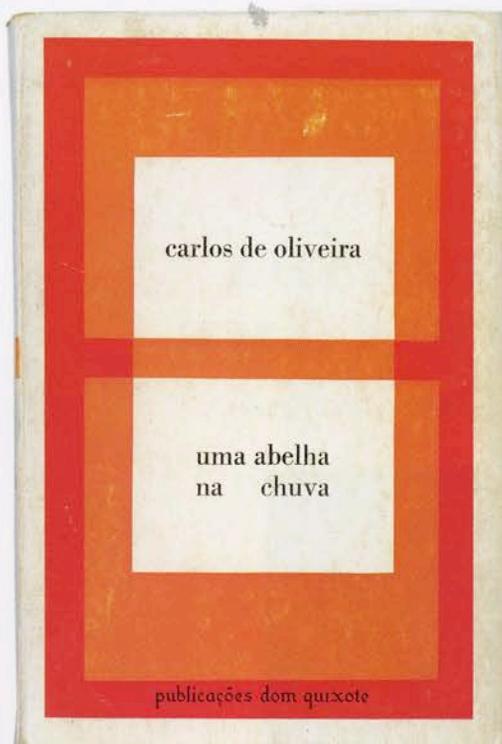
Gaibéus/Alves Redol.  
 - 5ª ed. - Mem Martins: Europa-América (1971). - 175, [1] p.; 18 cm. - (Livros de bolso Europa-América ; 11)  
 Desenho da capa de Dorindo (existe o orig. no MNR)  
 (Brochado): oferta  
 MNR RDL/Lit/7210

**REDOL, Alves**

Avieiros: romance/.  
 - 5ª ed. - Mem Martins: Europa-América, 1968. - 326, [4] p.; 21 cm  
 Nova versão com prefácio do autor. - Com dedicatória: "Era bom, meu caro Fernando, se tivéssemos a idade e as ilusões da 1ª edição deste romance. Remocci-o para que ficasse com a juventude desses dias. Um abraço do amigo Alves Redol". - Contém fotografia de Alves Redol da autoria de António Guerra. - Em depósito no MNR (Brochado)  
 Coleção José Tavares Almeida







página anterior:

**LOPES, Fernando, 1935.**

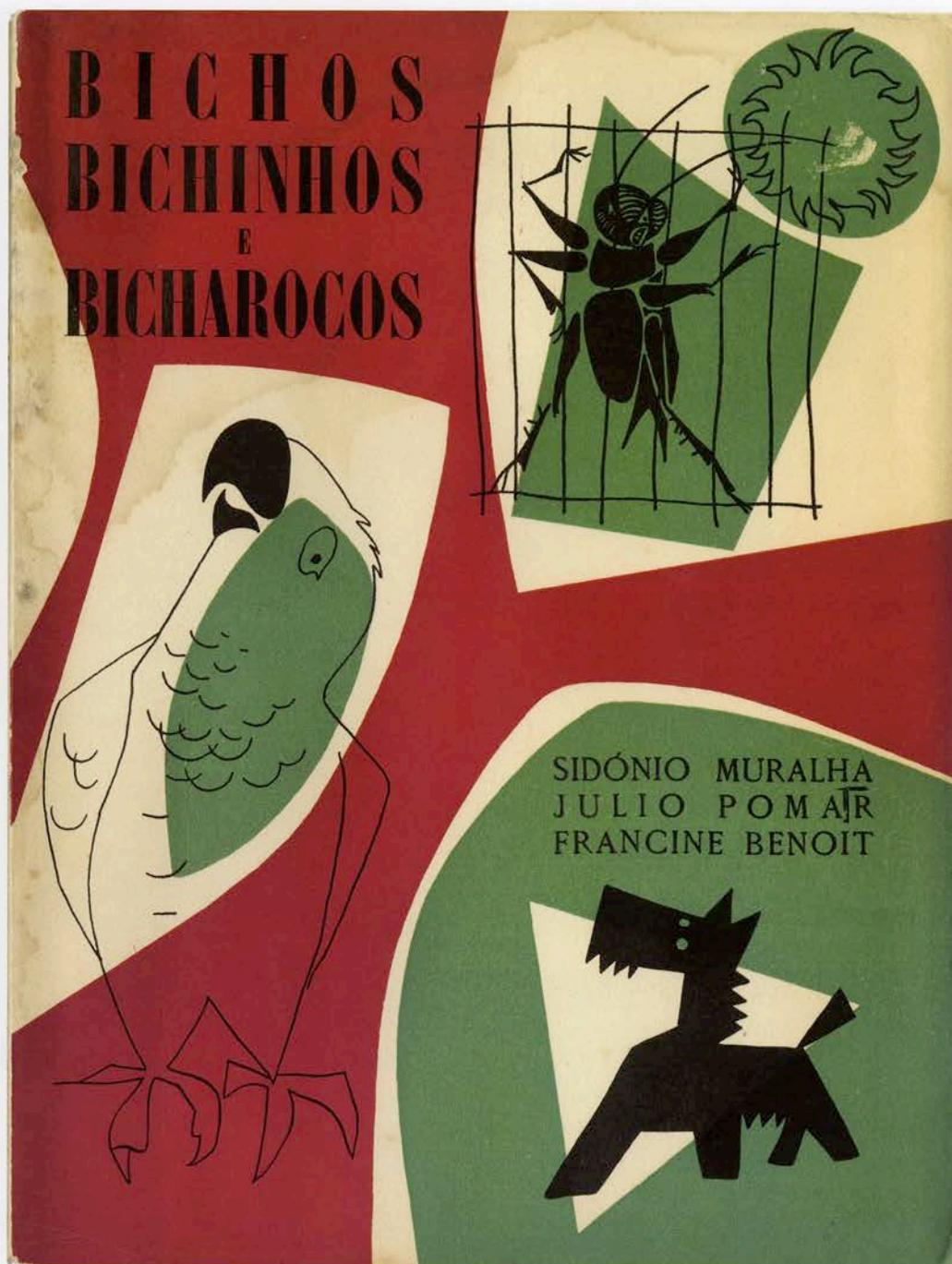
Uma Abelha na Chuva/Real., adapt. e diálogos e mont. de Fernando Lopes; baseado no romance de Carlos de Oliveira; dir. prod. Fernando Matos Silva; dir. fot. Manuel Costa e Silva; act. Laura Soveral, João Guedes, Zita Duarte, Ruy Furtado, Carlos Ferreiro, Adriano Reys, Fernando de Oliveira, Geny Frias, Maria Tereza. – Lisboa: Média Filmes, 1972; Lisboa: Madragoa Filmes, copy 2002. – 1 DVD (65 min.); p&b, son. Transcrição para vídeo digital a partir de cópia restaurada efectuada pela Cinemateca Portuguesa MNR L/214

**OLIVEIRA, Carlos de**

Uma abelha na chuva: romance /. – 4ª ed. – Lisboa: Publicações D. Quixote, (imp.1969). – 189, [2] p.: il.; 18 cm Capa de Lima de Freitas. – Fot. de Augusto Cabrita (Brochado) BIB. António Mota Redol

**MURALHA, Sidónio e outros**

Bichos, bichinhos e bicharocos: poemas/Sidónio Muralha; il. de Júlio Pomar; mus. de Francine Benoit. – [1ª ed]. – Lisboa: [s.n.], 1949 (Tip. Garcia e Carvalho). – 45, [2] p.: il. color.; 24 cm (Brochado): oferta MNR MRL/Lit/3502



**LITERATURA INFANTO-JUVENIL** O investimento na área da literatura infanto-juvenil teve no neo-realismo alguns exemplos de qualidade literária e sucesso editorial, com destaque para *Bichos, Bichinhos e Bicharocos* (1949) de Sidónio Muralha (texto), Júlio Pomar (ilustrações) e Francine Benoit (música), ou *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos* de Alves Redol (1962). Não abdicando da análise social no que diz respeito à literatura juvenil, o neo-realismo conseguiu conciliar o objectivo consciencializador com o fascínio da narrativa.

# BICHINHO DE CONTA

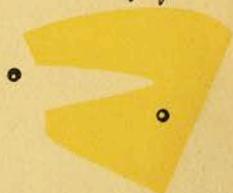


Bichinho de conta  
conta...  
E o bichinho de conta  
contou  
que um dia  
se enrolou  
e parecia  
um berlinde pequenino  
de tal maneira  
que um menino  
de brincadeira  
com ele jogou...



Bichinho de conta  
conta...

E o bichinho de conta  
contou.



9

MATILDE ROSA ARAÚJO

# ESTRADA SEM NOME

(PEQUENAS HISTÓRIAS)



PORTUGÁLIA  
1 9 4 7

**BICHINHO DE CONTA**

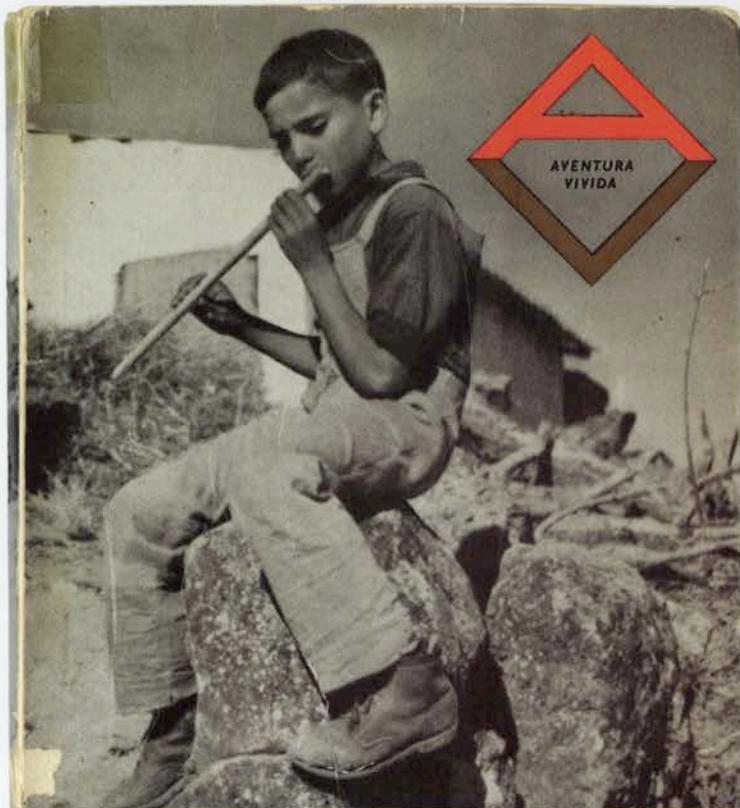
Bichinho de conta/Sidónio Muralha; il. de Júlio Pomar. – Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: color. Reprod. da pág. 9 de "Bichos, Bichinhos e Bicharocos"

**ARAÚJO, Matilde Rosa, 1921-**

Estrada sem nome: pequenas histórias /. – [1ª ed.]. – Lisboa: Portugália, 1947. – 147. [2] p.; 20 cm Desenho da capa de António Sampaio (Brochado): oferta MNR RJ/Lit/2174

**REDOL, Alves**

Constantino guardador de vacas e de sonhos: contos/fotografias de António Neto e Alves Redol; arranjo gráfico de João da Câmara Leme. – [1ª ed.]. – [Lisboa]: Portugália (1962). – 131. [5] p.: il.; 24 cm. – (Aventura vivida; 1) (Brochado): oferta MNR RDL/Lit/689



Alves Redol

CONSTANTINO  
guardador de vacas e de sonhos

*Ilse Losa*



**LOSA, Ilse**

Faísca conta a sua história para crianças dos 7 aos 11 anos/desenhos de Augusto Gomes. - [1ª ed]. - Porto: Marânus, 1949. - 29, [2] p.: il.; 22 cm  
 Capa de Augusto Gomes  
 Contém autógrafo  
 (Cartonado): oferta  
 MNR LS/Lit/3963

# Faísca conta a sua história

PARA CRIANÇAS DOS 7 AOS 11 ANOS  
 DESENHOS DE AUGUSTO GOMES

*Edição Marânus*

# CINEMA

**S** E aceitarmos, com Carlos Reis, que “o neo-realismo representa [...] a afirmação das teses defendidas, no plano cultural e literário, pelo marxismo e pelos seus divulgadores”, o que, conseqüentemente implicava “uma concepção materialista dos fenómenos sociais, a atenção conferida à dialéctica das transformações históricas, a valorização dos conflitos de classe como motor dessas transformações”, então pode dizer-se que o neo-realismo nunca existiu no cinema português. E, no entanto, ao longo da década de 50, alguns filmes pareceram aproximar-se dessa corrente estética, cinematograficamente fundada na Itália e florescente no pós-guerra. O surto ocorreu mercê do abeiramento de alguns escritores neo-realistas ao cinema e do ar do tempo que, historicamente, ia acenando promessas de mudança. *Jorge Leitão Ramos*

CONSTANTINO

guardador de vacas e da besteira

PROJECCÃO/FILMES

em exposição:

**GUIMARÃES, Manuel, 1915-1975**

Saltimbancos/Real. e prod. Manuel Guimarães; [arg. de Leão Penedo]; dir. prod. Carlos de Arbués; act. Maria Olguim, Helga Liné, Artur Semedo, José Victor, Manuel Correia, Jaime Zenógllo, Fernando Gusmão, Idalina Guimarães, António Rosa, Andrade e Silva, João Fernandes, Jorge Tu-Ching, e Tina Coelho. - Lisboa: Imaginação, copy 1991. - 1 videocassete [VHS] (98 min.); p&b, son. - (Rever os clássicos) Estreou em Lisboa, no Cinema Eden a 25 de Janeiro 1952

**LOPES, Fernando 1935-**

Belarmino/Real. Fernando Lopes; diálogos Fernando Lopes, Baptista Bastos e Manuel Ruas; prod. António da Cunha Telles; mont. Manuel Ruas; act. Belarmino Fragoso, Júlia Buisel, Albano Martins, Tony Alonso, Jean-Pierre Gebler, Bernardo Moreira, Maria Teresa Noronha, Bastos, Maria Amélia, Ana Maria Saulo. - Versão restaurada. - Lisboa: Madragoa Filmes, copy 1964, 2002. - 1 DVD (74 min.); p&b, son. Estreou em Lisboa, no Cinema Aviz, a 19 de Novembro de 1964

**GUIMARÃES, Manuel**

Nazaré/Real. e prod. Manuel Guimarães; arg. de Alves Redol; dir. prod. Carlos de Arbués; act. Artur Semedo, Virgílio Teixeira, Helga Liné, Luís Campos, José Vitor e Dórdio Guimarães. - Lisboa: Imaginação, copy 1991. - 1 videocassete [VHS] (81 min.); p&b, son. - (Rever os clássicos) Estreou em Lisboa, no Cinema Eden, em 1952

**LOPES, Fernando**

Uma Abelha na Chuva/Real., adapt. e diálogos e mont. de Fernando Lopes; baseado no romance de Carlos de Oliveira; dir. prod. Fernando Matos Silva; dir. fot. Manuel Costa e Silva; act. Laura Soveral, João Guedes, Zita Duarte, Ruy Furtado, Carlos Ferreiro, Adriano Reys, Fernando de Oliveira, Geny Frias, Maria Tereza. - Lisboa: Média Filmes, 1972; Lisboa: Madragoa Filmes, copy 1971, 2002. - 1 DVD (65 min.); p&b, son. Estreou em Lisboa, no Cinema Estúdio, a 13 de Abril de 1972

**GUIMARÃES, Manuel**

Vidas sem ruído/Real., prod. e arg. Manuel Guimarães; assist. real. Teixeira da Fonseca, Dórdio Guimarães e Manuel Ruas; diálogos Alves Redol; fot. J. Lobo; act. Artur Semedo, Milú, Eugénio Salvador, Madalena Sotto, Manuel Correia, Dórdio Guimarães e Jacinto Ramos. - Lisboa: Lusomundo, 1987. - 1 videocassete [VHS] (76 min.); p&b, son. - (Rever os clássicos) Ano de produção: 1956.

**RAMOS, Artur 1926-2006**

A noite e a madrugada/Real. de Artur Ramos; baseado na obra de Fernando Namora; dir. prod. Manuel Queiroz; act. José Viana, Helena Félix, António Assunção, Fernando Loureiro, Carlos Santos, Dorel Yacobescu, Luís Pinhão, Victor Carvalho, Inês Oliveira, Manuel Ramalho, Carlos Coutinho, Rui Miranda, Soares da Costa, membros da população de Castelo de Vide. - Lisboa: Imaginação, copy 1991. - 1 videocassete [VHS] (108 min.); color; son. - (Cinema português) Ano de produção: 1983

**GUIMARÃES, Manuel**

O crime da aldeia velha / Real. e produção de Manuel Guimarães; arg. de Manuel Guimarães, Bernardo Santareno e José Carlos Andrade; baseado na obra de Bernardo Santareno; act. Bárbara Lage, Rogério Paulo, Mário Pereira, Maria Olguim, Rui Gomes, Alma Flora, Maria Schultz, Glicínia Quartim. - Lisboa: Tobis Portuguesa, copy 1964; Lisboa: Lusomundo, 1987. - 1 videocassete [VHS] (116 min.); p&b, son. - (Clássicos) Ano de Produção: 1964

**LAURO ANTÓNIO, 1942-**

Manhã submersa/Real., adapt. e diálogos adicionais de Lauro António; baseado na obra de Vergílio Ferreira; prod. Lauro António; act. Miguel Franco, Canto e Castro, António Santos, Rui Luís, Maria Olguim, Adelaide João, Eunice Muñoz, Carlos Wallenstein, Manuel Cavaco, Vergílio Ferreira, Joaquim Manuel Dias, Joaquim Rosa, José Camacho, Alexandra do Prado Coelho, Mário Botas, Fátima Murta, Jorge Vale, José Severino, Maria de Lurdes Martins, António Marques Silvestre, Bruno Vasconcelos Beltrão, Vitor Candeias, Carlos Alberto Macedo, Luís Almerindo da Silva, Hugo Matos Ferreira, Carlos Manuel Silva, Rui Oliveira Duarte. - Lisboa: Costa do Castelo Filmes, copy 1998. - 1 videocassete [VHS] (127 min.); color; son. - (Cinema português; 15) Estreou em Lisboa, no Cinema Quarteto, Cinebloco, a 17 de Outubro de 1980

**ROCHA, Paulo, 1935-**

Os Verdes Anos/Real. e arg. Paulo Rocha; adapt. e diálogos. Nuno de Bragança; prod. António da Cunha Telles; act. Ruy Furtado, Isabel Ruth, Rui Gomes, Paulo Renato, Cândida Lacerda, Carlos José Teixeira, Alberto Ghira; mús. Carlos Paredes. - Lisboa: Suma Filmes, copy 1963; Lisboa: Lusomundo, 1993. - 1 videocassete [VHS] (86 min.); p&b, son. - (Novo cinema português) Estreou em Lisboa, no Cine-Teatro São Luiz, a 29 Novembro 1963

**TELLES, António da Cunha, 1935-**

Continuar a viver: Os índios da meia-praia/Real. e arg. António da Cunha Telles; música José Afonso. - 1976 In "25 Abril, 30 anos". - Lisboa: Costa do Castelo, Jornal Público, 2004.-DVD 7 "Os índios de meia praia" tem letra e música de José Afonso. - Documentário rodado em 1976, em Meia Praia, Lagos, abordando a temática de "um bairro de pescadores" designados por "índios", pescadores oriundos de Montegordo, que nos anos 60(Séc. XX) se fixaram nesta região.

**SOUSA, Ernesto de**

Dom Roberto/Real. de José Ernesto de Sousa; arg. e diálogos de Leão Penedo; poemas de Alexandre O'Neil; prod. Cooperativa do Espectador; act. Raul Solnado, Glicínia Quartim, Nicolau Breyner, Rui Mendes, Luís Cerqueira, Fernanda Alves e Isabel do Carmo. - Lisboa: Imperial Filmes, copy 1962; Lisboa: Lusomundo, copy 1993. - 1 videocassete [VHS] (100 min.); p&b, son. - (Novo cinema português) Estreou em Lisboa, no Cinema Império, a 30 de Maio de 1962

CENAS DE FILMAGEM

**Cena de "Cerromaior", 1981**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: color.





**lobo, j.**  
[Imagem de "Vidas sem rumo", 1952] / fot. de J. Lobo. - Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b  
José Lobo foi o fotógrafo de "Vidas sem rumo"

**lobo, j.**  
[Equipa de actores e rodagem de "Vidas sem rumo", 1952] / fot. de J Lobo. - Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: p&b



**Alves Redol e a equipa  
de actores e de  
filmagem de Nazaré,  
1952**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
ampl.: p&b



**Raúl Solnado e Glicinia  
Quartim em D. Roberto,  
1962**

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
ampl.: p&b





"CERROMAIOR É UM FILME SOBRE O ALENTEJO. UMA VIDA (UM DESTINO?) CALCINADA PELO SOL, SUBJUGADA PELA IMENSIDÃO DA PLANÍCIE, TANTAS VEZES ESPREITADA ATRAVÉS DAS GRADES."

"UM FILME SOBRE A SOLIDÃO, DADO QUE TODAS AS SUAS PERSONAGENS INDEPENDENTEMENTE DA SUA SITUAÇÃO DE CLASSE E DA RELAÇÃO DE UNS COM OS OUTROS, SÃO SERES PROFUNDAMENTE SÓS."

(Luis Filipe Rocha)

"ESTAMOS EM 1937 E A GUERRA CIVIL DE ESPANHA ESTALAVA AQUI BEM AO LADO. AO ALENTEJO, CHEGAM OS ECOS DESSA GUERRA, E DAS FORÇAS QUE NELA SE CONFRONTAM."

"CERROMAIOR NÃO ESQUECE AS TENSÕES QUE SE ESCONDEM EM CADA PESSOA. DA RAIVA INCONTIDA À SEXUALIDADE SUFOCADA OU NA SIMPLES FUGA PARA OUTRAS TERRAS."

"UM GRITO QUE CALA MUITO FUNDO NA ANGÚSTIA QUE É, CURIOSAMENTE, A DE TODO UM POVO. FALANDO NUM TOM DE SOLIDÃO E MISÉRIA..."

"CERROMAIOR TEM O ESPANTOSO MÉRITO DE NOS FALAR DE UMA REALIDADE QUE É MUITO PORTUGUESA E O FAZ SEM DEMAGOGIAS BALOFAS."

"CERROMAIOR, UMA VILA ISOLADA, PERDIDA, EM QUE O TEMPO PARECE TER PARADO."

**CERROMAIOR**

FILME DE QUALIDADE

Um filme de Luis Filipe Rocha baseado na obra de Manuel da Fonseca

GRANDE PRÊMIO  
FESTIVAL INTERNACIONAL DA FIGUEIRA DA FOZ  
seleccionado oficialmente para o FESTIVAL DE CANNES

Carlos Paulo, Clara Joana, Santos Manuel,  
Rui Furtado, António Calabaco, Elsa Wallenkamp

EASTMANCOLOR

## CINEMA/DIVULGAÇÃO

**BOLA AO CENTRO**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: color.  
Reprod.do cartaz: Bola ao centro. - Lisboa: A Cartográfica, 1947. - Cartaz: color.  
Filme com realiz. e arg. de João Moreira, diálogos de Alves Redol, prod. Tóbis Portuguesa / Lisboa filme, act. Raul de Carvalho, Maria Domingas, Eunice Colbert, Maria Emília Vilas, Barroso Lopes. - Estreou em Setembro de 1947

**CERROMAIOR**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: color.  
Reprod. de: Cerromaior. - [S.l.]: Eastmancolor, (imp, 1981). - Ficha técnica: color.  
Baseado no romance de Manuel da Fonseca. - Filme com argumento, diálogos, realiz. de Luis Filipe Rocha e Rui Furtado, dir. prod. Henrique Espírito Santo, act. Clara Joana, Santos Manuel, Rui Furtado, Elsa Wallenkamp, Carlos Paulo, Titus de Faria, Bernardo Calabaco. - Estreou em Lisboa, no Cinema Quarteto, a 24 de Abril de 1981

**DOM ROBERTO**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: color.  
Reprod. de: Dom Roberto. - [S.l.: s.n., 1962]. - Cartaz: color.  
Filme com arg. de Leão Penedo, adaptação e realização de Ernesto de Sousa, prod. Cooperativa de Espectáculos; act. Raul Solnado, Glicínia Quartim, Luís Cerqueira, Costa Ferreira, Fernanda Alves, Rui Mendes, Olga da Fonseca, Nicolau Breyner, Carlos Fernando e Isabel do Carmo. - Estreou em Lisboa no Cinema Império a 30 de Maio de 1962



# Saltimbancos

o cinema nacional toma um rumo  
diferente

HUMANO \* SINCERO \* EMOTIVO

10 PARTES

2680 METROS

N.º DE  
CENSURA  
1304

## SALTIMBANCOS

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. - 1 fot. ampl.: color.

Reprod. de: "Saltimbancos" abre novos horizontes ao cinema nacional!. - Lisboa: Fotogravura Nacional, (imp. Set. 1951). - Folheto: color. Filme com arg., sequências e diálogos de Leão Penedo, realiz. e prod. de Manuel Guimarães, dir prod. Carlos de Arbués; act. Maria Olguim, Helga Liné, Artur Semedo, José Victor, Manuel Correia, Jaime Zenóglio, Fernando Gusmão, Idalina Guimarães, António Rosa, Andrade e Silva, João Fernandes, Jorge Tu-Ching, e Tina Coelho. - Estreou em Lisboa, no Cinema Éden, a 25 de Janeiro de 1952

# "SALTIMBANCOS"

ABRE NOVOS HORIZONTES  
AO CINEMA NACIONAL!

# TEATRO

O

RECONHECIMENTO das aproximações dos neo-realistas portugueses ao teatro, nas suas várias dimensões (dramatúrgica, cénica, ensaística), não poderá desligar-se do facto de que, pelos próprios constrangimentos políticos e censórios do período em que viveram e criaram, as suas obras – enquanto assumidas expres-

sões de contracorrente, numa área artística muito vigiada pelo regime – dificilmente alcançariam uma ampla socialização e uma regular experimentação, pelo menos nos meios urbanos e nos circuitos oficiais. Todavia, as diferenciadas iniciativas que se sinalizam parecem provar, em vários casos, um gosto intrínseco pelo teatro e uma persistente vontade de intervir politicamente por seu intermédio. *Miguel Falcão*



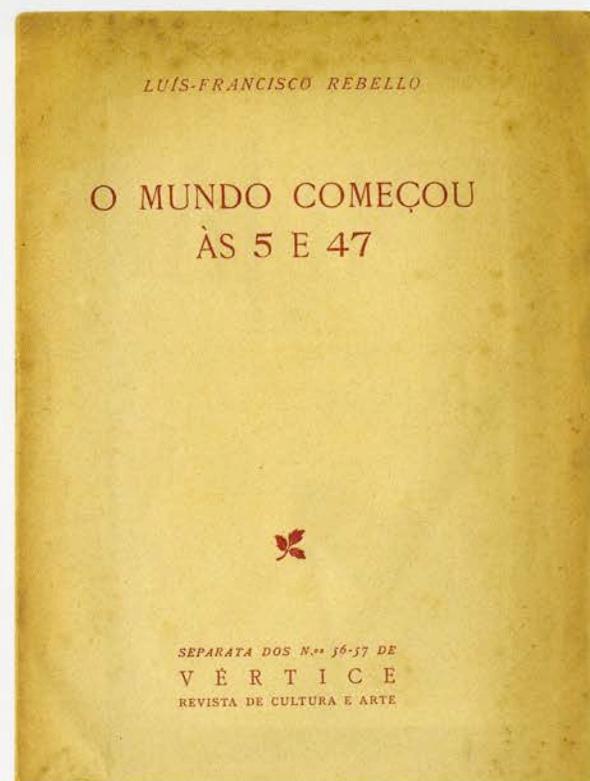


**Cena de O mundo começa às 5 e 47**

(O homem de preto, o 1º homem de smoking, a mulher das Jóias e o 2º homem de smoking)  
 – In "Vértice", vol. V, n.º 56-57 (Ab.-Mai. 1948), p. extra-texto

**REBELLO, Luiz Francisco, 1924-**

O mundo começou às 5 e 47/. – [1ª ed]. – [Coimbra]: Vértice, [1948]. – 20 p.; 22 cm  
 Separata de: Vértice. Vol. V, n.ºs 56-57, Ab.-Mai. 1948. – Contém 2 ilustrações de "O mundo começou às 5 e 47" levada à cena em 1947 no Teatro Estúdio do Salitre em 1947  
 L. F. Rebello foi um dos fundadores do Teatro Estúdio do Salitre. – Contém dedicatória: Ao Alves Redol, esta modesta experiência de um teatro sacudido pelas angústias e pela grande esperança do nosso tempo, com um abraço de admiração e amizade do Luiz Francisco Rebello, 1948  
 (Brochado): oferta  
 MNR BIB. Alves Redol



NO TEATRO **LAURA ALVES**  
**VASCO MORGADO** *Apresenta*  
 UMA PEÇA DE  
**ALVES REDOL**



(ADULTOS)

UMA  
 OBRA  
 FAMOSA  
 DO  
 TEATRO  
 PORTUGUÊS

*Direcção e encenação*  
 de  
**JORGE LISTOPAD**

*Cenários e figurinos*  
 de  
**JOÃO VIEIRA**

**FORJA**

*Magistral desempenho de*  
**CARMEN DOLORES**  
**JACINTO RAMOS**  
**SINDE FILIPE**  
**MANUELA DE FREITAS**  
**ANTÓNIO MONTEZ**  
**NORBERTO DE SOUSA**  
**MARIA MARGARIDA**  
**LUÍS ANTÓNIO**  
*e o pequeno*  
**ALEXANDRE CARETO**

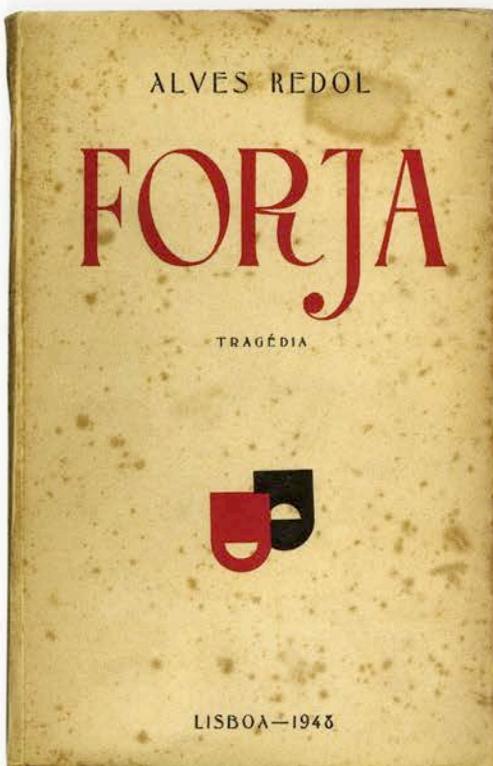
*Arranjos musicais de*  
**FRANCISCO D'OREY**

**Forja**

Forja: No Teatro Laura Alves[,] Vasco Morgado apresenta uma peça de Alves Redol [Folheto]. – [S.l., s.n.]: [1969]. – 1 fl. (dob. em 2); 29, 5 x 44 cm Direcção e encenação de Jorge Listopad, cenários e figurinos de João Vieira, arranjos musicais de Francisco d'Orey. – Actores: Carmen Dolores, Jacinto Ramos, Sinde Filipe, Manuela de Freitas, António Montez, Norberto de Sousa, Maria Margarida, Luís António e Alexandre Careto MNR G1/71

**REDOL, Alves**

Forja: tragédia/. – [1ª ed] – Lisboa: [Ed. do autor], 1948 (Gráfica Lisbonense). – 210, [1] p.; 19 cm Foram feitas três tipos de edição: editadas pelo autor, divergem no tipo de papel e capa, datadas de 1948 e distribuídas pela Europa-América. – Exemplar numerado com o n.º 47 de uma tiragem de cem, em papel especial e assinado pelo autor (Brochado): oferta MNR RDL/Lit/7206

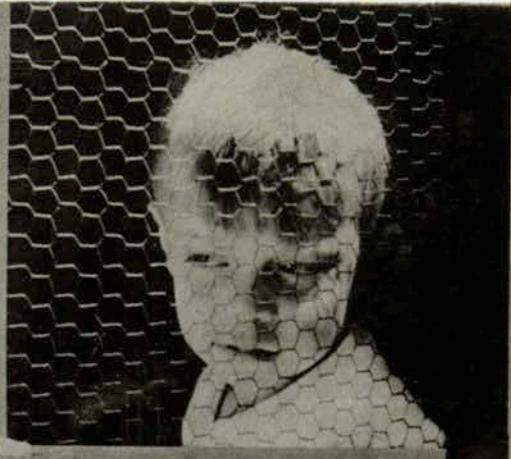


**A teia**

Porto: (Marca, imp. [Out] 1977). – Folheto; 1 fl. (dob. em 2); 26,5 x 21,9 cm  
 Peça incluída em "Teatro de circunstância" de Carlos Coutinho. – Encenado por João Guedes, apresentada pelo TEP em 29 Out. 1977 no Teatro António Pedro. – Contém texto de Carlos Coutinho. – Peça subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian  
 MNR G1/125



# TEATRO ANTÓNIO PEDRO






## TEP

TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO  
 apresenta a peça de:  
**CARLOS COUTINHO**

# A TEIA

Encenação de **JOÃO GUEDES**  
 Cenografia de **FERNANDO FILIPE**  
 Filmes **CINEQUIPA**

SUBSIDIADO PELO S.E.C.  
 FUNDAÇÃO GULBENKIAN



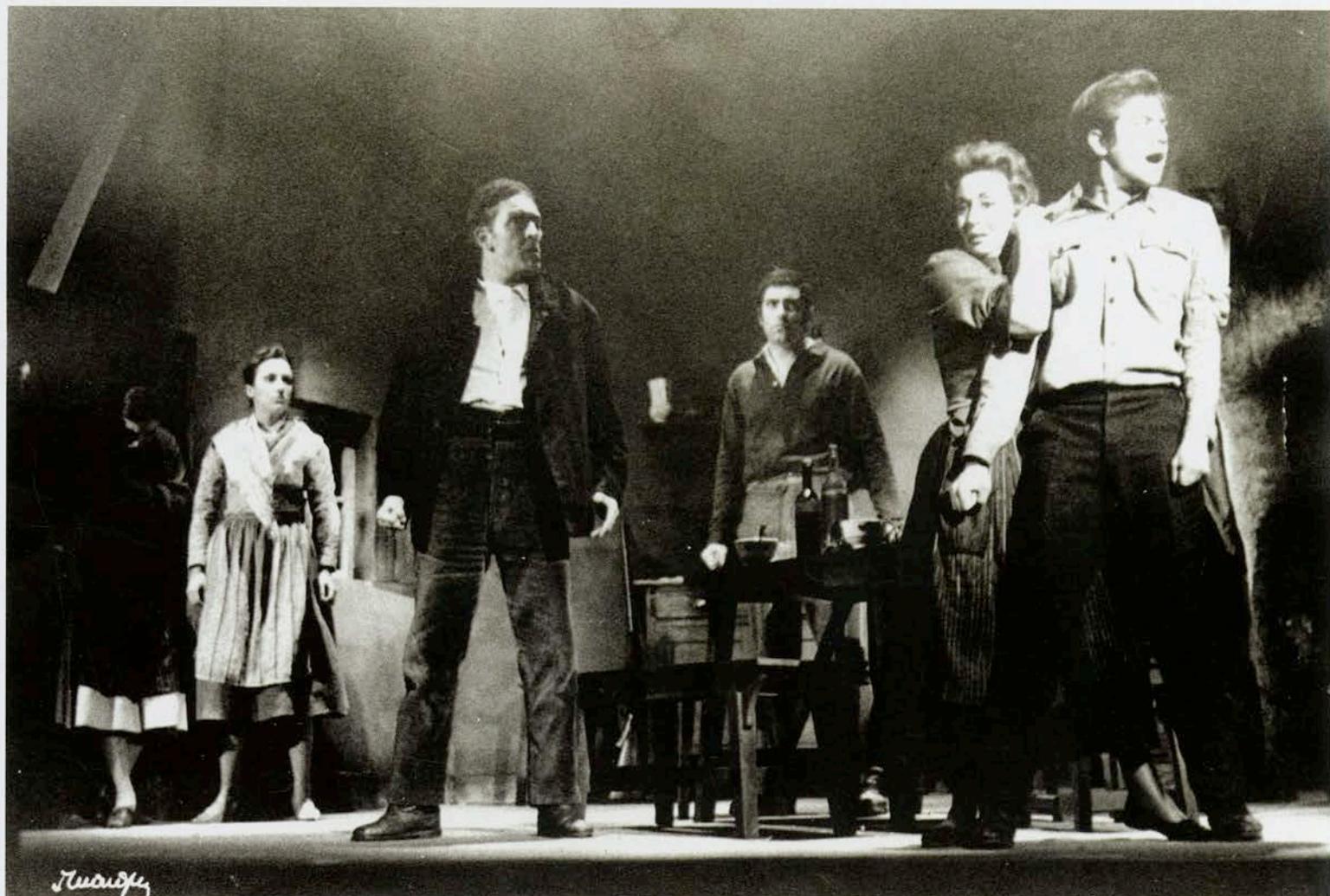
ROMEU CORREIA

O VAGABUNDO  
DAS MÃOS  
DE OIRO

FARSA

**CORREIA, Romeu**

O vagabundo das mãos de ouro:  
farsa em 3 actos /. - [1ª ed].  
- [Lisboa]: Ed. do Autor;  
Arcádia [dist.] (imp. 1960).  
- 136, [2] p.; 20 cm  
Desenho da capa de Luís  
Suarez. - Contém dedicatória:  
Ao Rogério Fernandes - amigo  
de sempre. Romeu Correia,  
Carnaval de [19]61. - Prémio  
da crítica em 1962. - Outras  
edições: Portugal, 1962, A.M.  
Pereira, 1974  
(Brochado): oferta  
MNR CRR/Lit/3991



**Cena de "O Judeu",  
1981**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de orig. da peça representada no T. Nacional D. Maria II

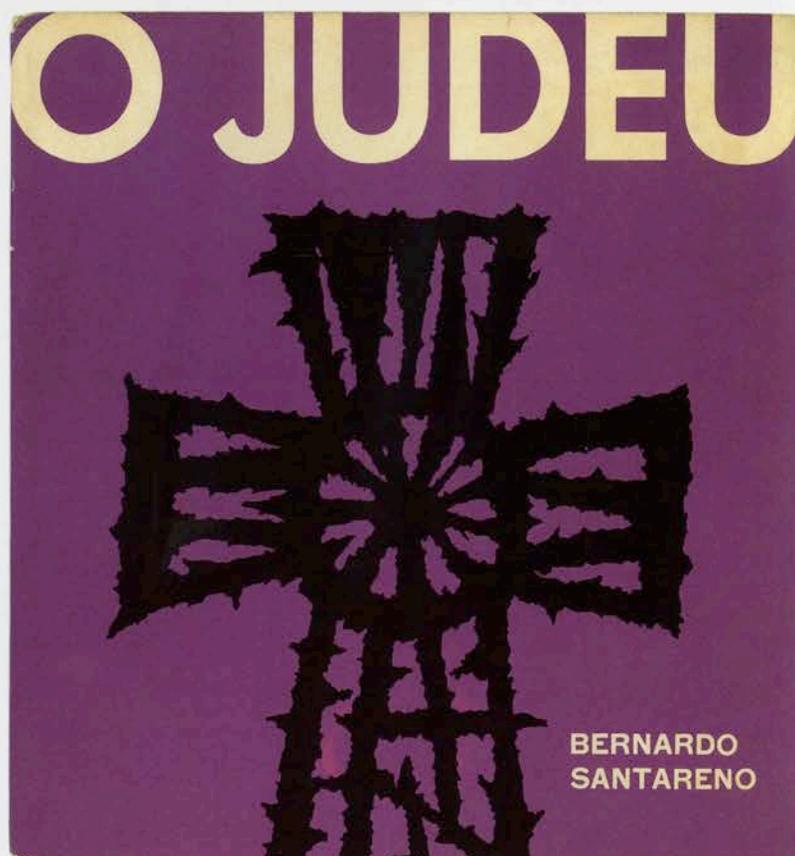
**SANTARENO, Bernardo,  
pseud.**

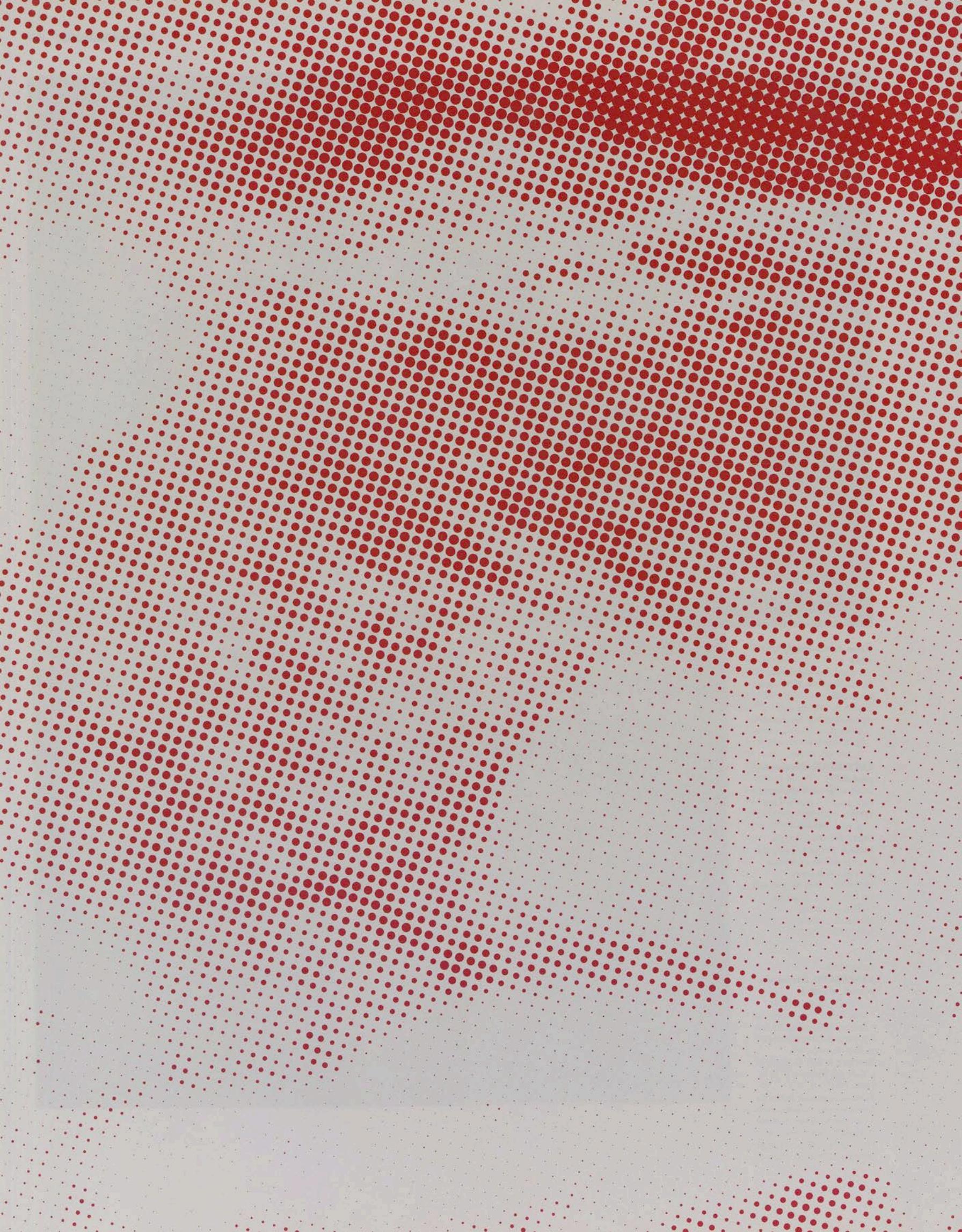
O judeu: narrativa dramática em 3 actos /. – Lisboa: Ática (1966). – 231, [2]  
p.: il. color; 20 cm  
Capa e maquetas de Otelo Azinhais.-Bernardo Santareno é o pseudónimo de António Martinho do Rosário, 1920-1980. – Peça representada em 1981, pela Companhia do Teatro Nacional (Brochado): oferta MNR SNT/Lit/2290

em exposição:

**SANTARENO, Bernardo,  
pseud., e outro**

"O judeu": peça/adaptação cénica de Bernardo Santareno e Rogério Paulo; colab. de Luis Francisco Rebello; encenação de Rogério Paulo; act. do elenco do T. N. D. Maria II. – Lisboa: T. Nacional D. M. II, [post. 1981]. – 2 DVD  
Baseada na peça de Bernardo Santareno com o mesmo nome. – Em cena no Teatro Nacional D. Maria II, Sala Garrett, de 19 Fev. a 14 Jun. 2001. – Gravação cedida pelo Teatro D. Maria II







# HERANÇA DO NEO-REALISMO



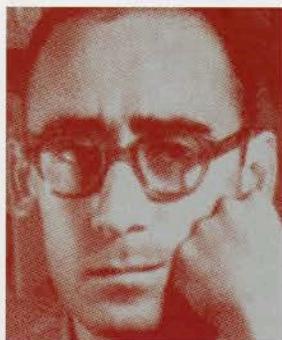
ENTRE os novos romancistas e poetas que conscientemente assumiram, na fase inicial dos seus percursos literários, uma certa filiação no movimento do neo-realismo, Baptista-Bastos, (com *O Secreto Adeus*, 1963), Mário Ventura, (*A Noite da Vergonha*, 1963), ou na poesia, José Carlos Ary dos Santos (*A Liturgia do Sangue*, poesia, 1963) e Manuel Alegre, (com o conjunto de poemas *Praça da Canção*, 1965) tornaram-se nos primeiros herdeiros intelectuais de uma expressão cultural que, apesar de viver já nessa época as condições da sua própria dissolução, marcara cerca de três décadas do século XX português, entre o final dos anos 30 e meados dos anos 60. Refira-se que a herança de que aqui se fala não fora apenas literária ou criativa, mas igualmente, ou sobretudo, de cariz político, funcionando como motor de comunicação do movimento de oposição ao regime do Estado Novo, que por sua vez permanecia, aparentemente, sem fim à vista. Nessa medida, a estética neo-realista deixou um rasto de acção cívica e cultural que não deixaria de influenciar de um modo mais ou menos directo muita da criatividade portuguesa até ao final dos anos 70, coincidindo ainda não só com a euforia do pós-25 de Abril de 1974, como com o fim das ilusões de intervenção marxista no panorama político nacional. Porém, o neo-realismo pode ser hoje observado, com distanciamento e objectividade, como um dos mais importantes movimentos culturais que o nosso País conheceu ao longo do século XX. Desenvolvendo-se num momento extraordinário de viragem político-social em termos internacionais, que vai dos anos 30 ao pós-guerra, redefinindo coordenadas de acção e pensamento, ao desenhar uma nova e intensa dicotomia entre o sistema capitalista e a hipótese comunista, o neo-realismo significou entre nós uma espécie de projecção artística das ambições políticas e sociais de uma parcela significativa da oposição portuguesa. Se outro valor não tivesse, o ímpeto de liberdade que subjaz a toda a criatividade neo-realista chegaria para fazer deste movimento um marco decisivo da nossa memória colectiva mais recente. *David Santos e António Mota Redol*

**(...) tão aguerrida batalha pelo conteúdo em literatura parecia urgente a todos os jovens que ansiavam plantar os alicerces para um novo tipo de cultura extensiva às grandes massas ausentes da actual, preparando pelo alargamento à quantidade a síntese posterior da qualidade.**

Prefácio de 1965, In *Gaibéus*, de Alves Redol, 3ª ed., (imp. 1974).

**Os que falam do Neo-Realismo, supondo-o um movimento politicamente planeado, dogmaticamente coeso, estrategicamente lançado às ordens de, ignoram da real espontaneidade com que se foi formando.**

Mário Dionísio, depoimento de 1979, in *Alves Redol, testemunhos dos seus contemporâneos*, 2000.



**Baptista Bastos,  
1934-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Egídio Namorado,  
1920-1976**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 50 (Séc. XX)

**Alexandre Pinheiro Torres,  
1923-1999**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 70 (Séc. XX)

**Mário Ventura,  
1936-2006**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Fernando Piteira Santos,  
1918-1992**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**José Carlos Ary dos Santos,  
1937-1984**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Armando Castro,  
1918-1999**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Manuel Alegre,  
1936-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**António Borges Coelho,  
1928-**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Augusto da Costa Dias,  
1919-1976**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)

**Mário Sacramento,  
1930-1969**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (Séc. XX)



página anterior:

**Soldado na Guerra Colonial**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b  
Reprod. de foto dos anos 60 (séc. XX)

**Reunião estudantil em Lisboa, 1963**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: p&b

**A Conquista da Lua**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: color.

Neil Armstrong e Edwuin E. Aldrin, pisam pela primeira vez o solo lunar em 20 de Julho de 1969

**Construção do Muro de Berlim, RDA, Agosto de 1961**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 2 fot. ampl.: p&b

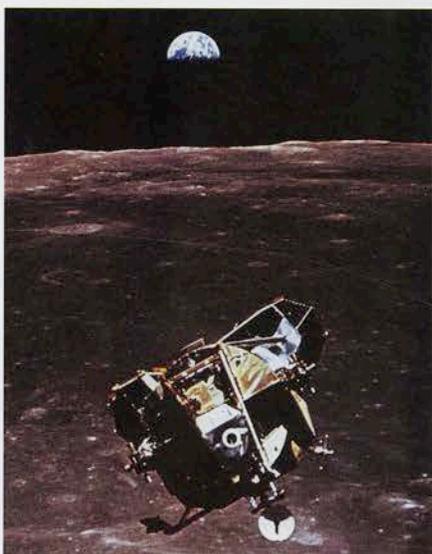
Início da construção: 13 de Agosto de 1961

página seguinte:

**Construção do Muro de Berlim, RDA, Agosto de 1961**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 2 fot. ampl.: p&b

Início da construção: 13 de Agosto de 1961



Bernauer Straße

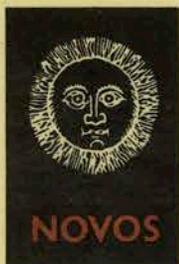




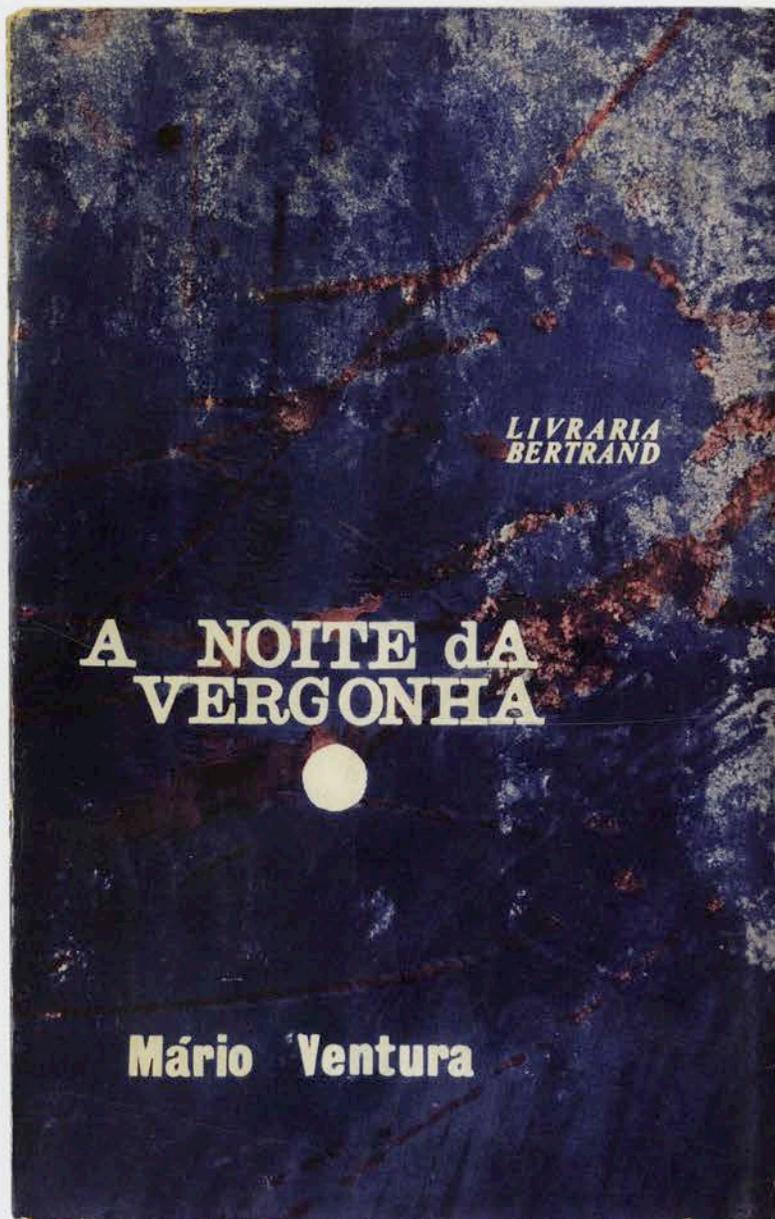


Baptista - Bastos

O SECRETO ADEUS



romancistas



LIVRARIA  
BERTRAND

# A NOITE DA VERGONHA

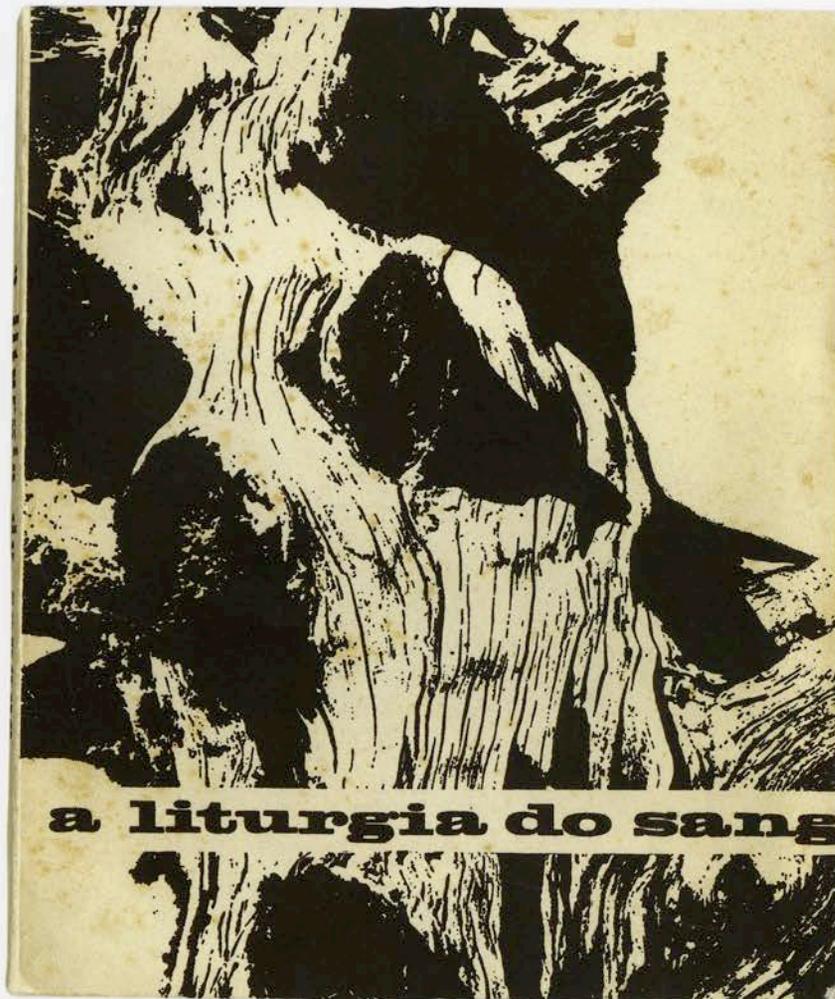
Mário Ventura

**BASTOS, Baptista**

O secreto adeus: romance/.  
- [1ª ed]. - Lisboa: Portugalia  
(1963). - 160, [1]; 21 cm.  
- (Novos; 5. Novos  
romancistas; 2)  
Capa de João da Câmara Leme  
(Brochado): oferta  
MNR BST/Lit/613

**Ventura, Mário**

A noite da vergonha: romance/.  
[1ª ed]. - [Amadora]: Livraria  
Bertrand, [1963]. - 221,  
[2] p.; 19 cm. - (Autores  
portugueses)  
Contém dedicatória: Para  
o Rogério Fernandes, bom  
amigo e companheiro, com  
um grande abraço, Mário  
Ventura, Janeiro de 63  
(Brochado): oferta  
MNR VNT/Lit/4004



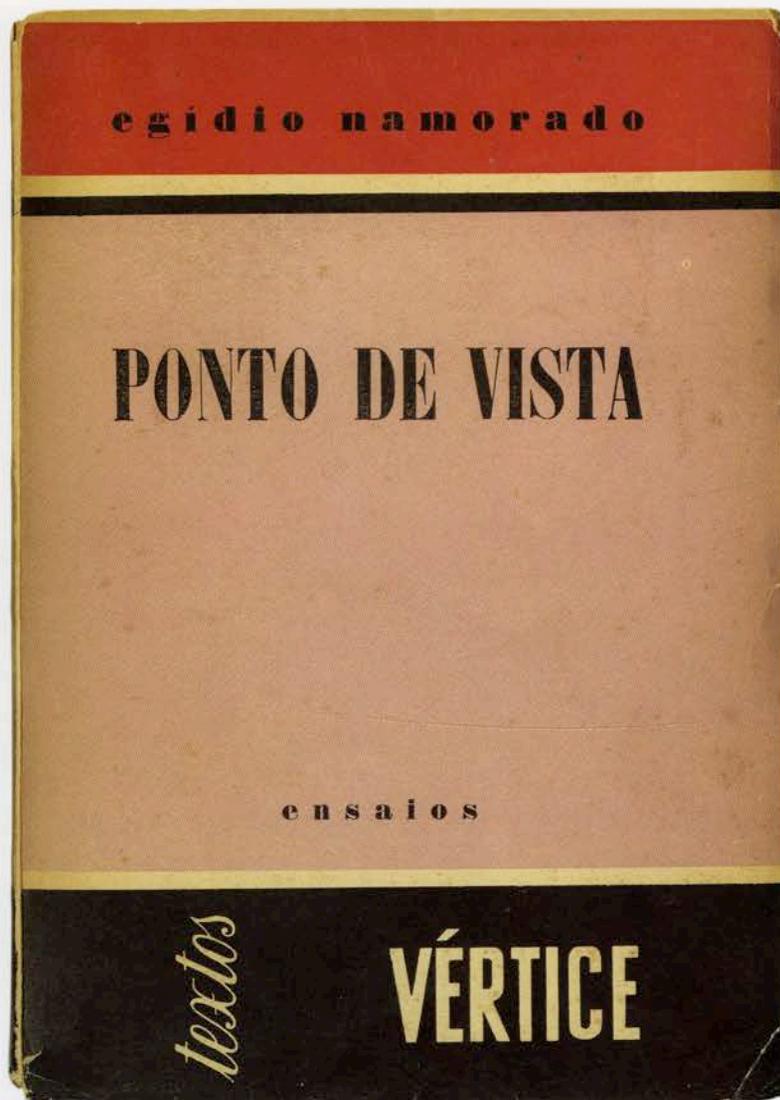
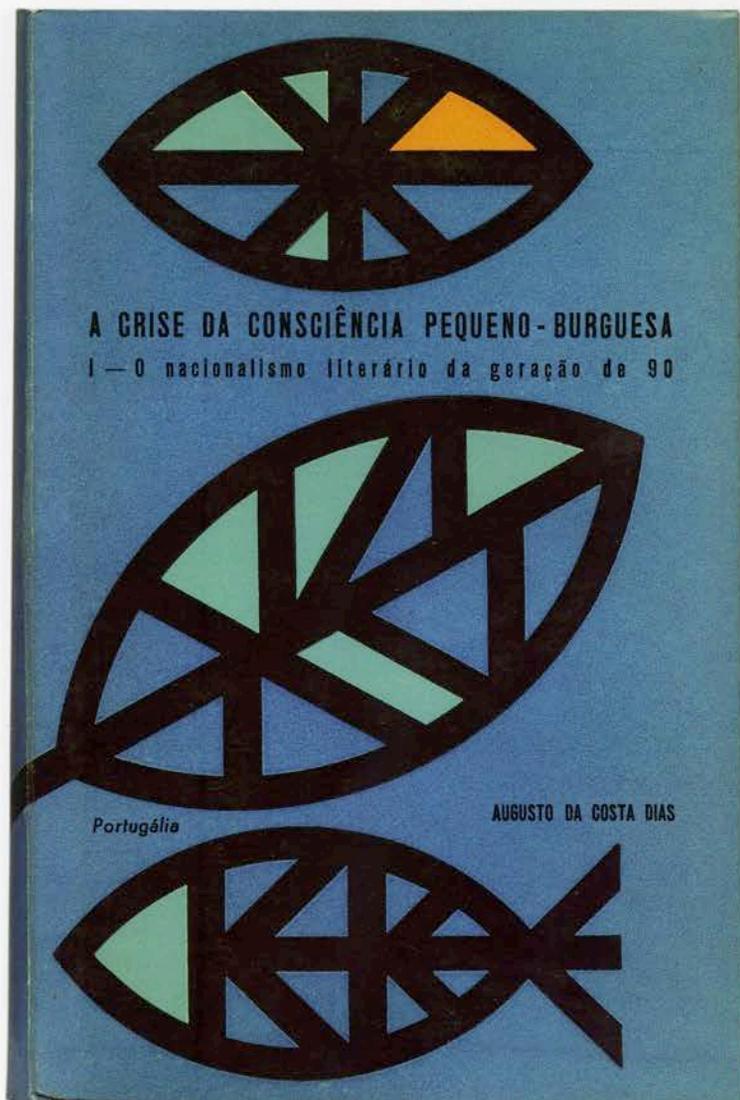
**SANTOS, José Carlos**  
**Ary dos**

A liturgia do sangue: poemas/.  
[1ª ed]. – Lisboa: Bertrand,  
[1963]. – 101, [3] p.; 21 cm  
Obra guilhotinada na altura  
e largura, medida orig.  
da lombada: 30 cm. – Oferta  
de Ramiro Teixeira  
(Brochado): oferta  
MNR SNT/Lit/6871

**ALEGRE, Manuel**

Praça da canção: poemas/.  
– [1ª ed]. – Coimbra: Ed.  
da Família do Autor, 1965.  
– 143, [1] p.; 23 cm.  
– (Cancioneiro Vértice)  
A selecção dos poemas foi  
efectuada pela Rev. Vértice  
(Brochado): oferta  
MNR LGR/Lit/4085



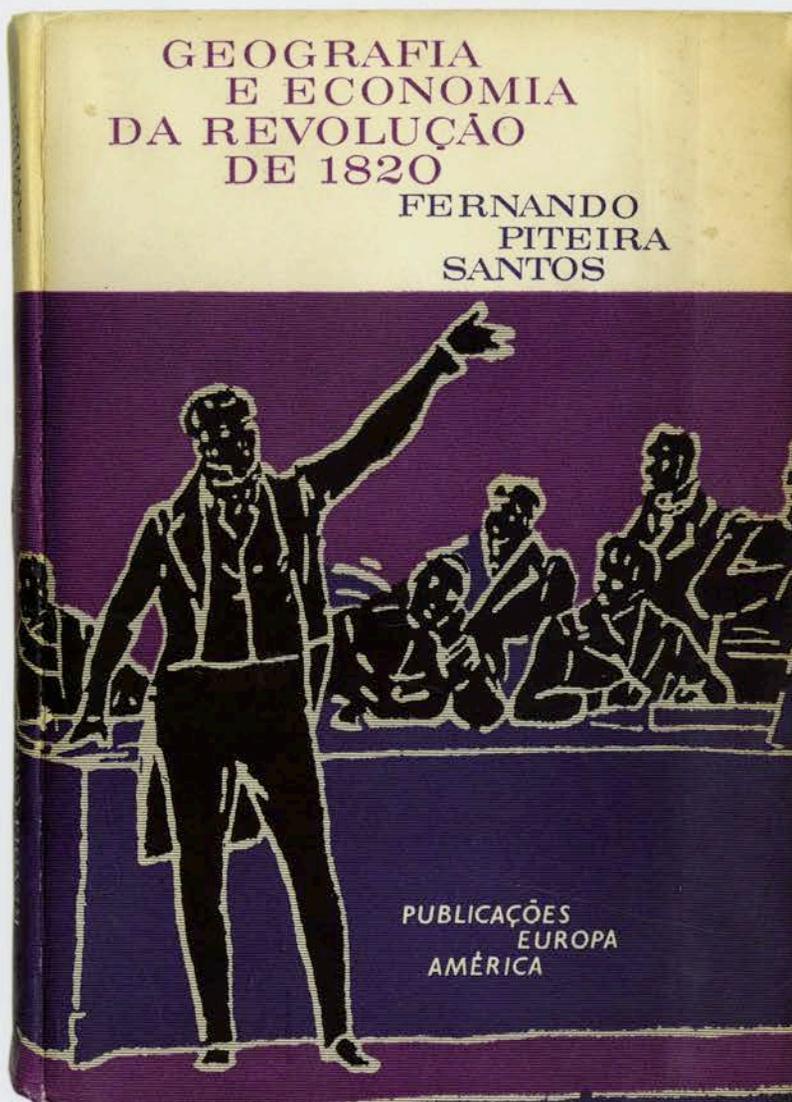
**Dias, Augusto da Costa**

A crise da consciência pequeno-burguesa: I — O nacionalismo literário da geração de 90: ensaio/. — [1ª ed]. — Lisboa: Portugália (1962). — 333, [1] p.: il.; 21 cm. — (Portugália. Movimentos Ideológicos; 1) Vol. I. — Capa de João da Câmara Leme (Brochado): oferta MNR BIB. Alves Redol

**Namorado, Egídio**

Ponto de vista: ensaios/. — [1ª ed]. — [S.l.]: Egídio Namorado; Atlântida [dist.], 1958 (Coimbra). — 163, [1] p.; 19 cm. — (Textos Vértice) (Brochado): oferta MNR NMR/Ens/2258

**ENSAÍSMO DOS ANOS 60 DO SÉC. XX** De Egídio Namorado a Augusto da Costa Dias, de Fernando Piteira Santos a Armando Castro, ou de António Borges Coelho a Mário de Sacramento, passando pelo primeiro historiador do próprio movimento neo-realista que foi Alexandre Pinheiro Torres, a prática ensaística ligada a diversas disciplinas humanistas e científicas, recebeu nesta década um novo e significativo impulso de produção, com destaque para a direcção de Augusto da Costa Dias das colecções *Portugália*, onde viriam a ser publicados muitos dos principais títulos ligados ao ensaio, marcados ainda por uma leitura marxista do objecto de estudo.

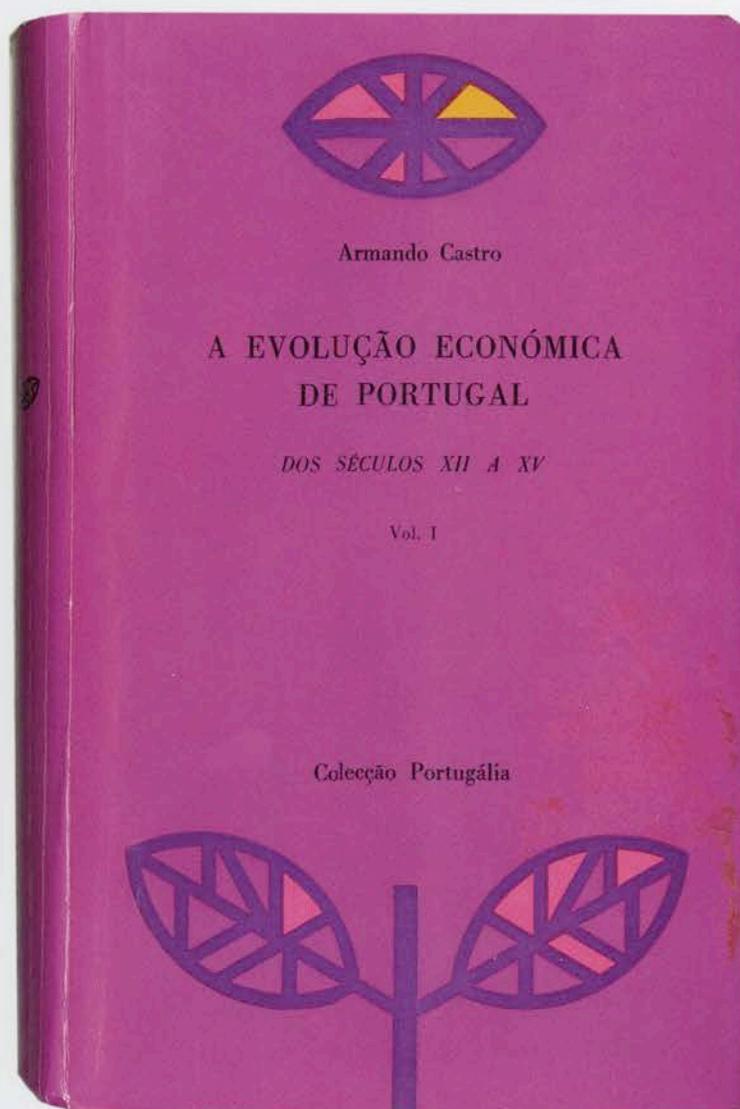


**SANTOS, Fernando Piteira**

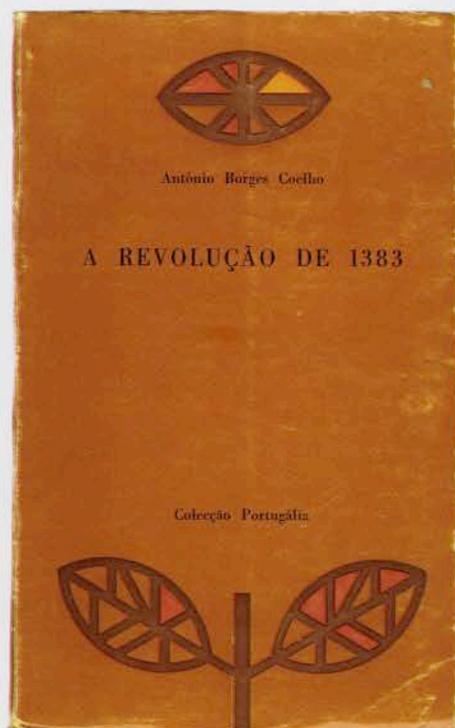
Geografia e economia da Revolução de 1820 /.  
 – Lisboa: Publicações Europa-América (Editora Gráfica Portuguesa, 1962).  
 – 185, [2] p.; 20 cm.  
 – (Estudos e documentos, [16])  
 Capa de António Domingues  
 Ed. nº 1110  
 (Brochado): oferta  
 MNR SNT/Ens/3930

**Castro, Armando**

A evolução económica de Portugal: dos séculos XII a XV /.  
 / – Lisboa: Portugália (1964).  
 – 404, [1] p.; il.; 21 cm.  
 – (Portugália. Economia e Técnica; 8)  
 Vol. I. – Capa de João da Câmara Leme  
 (Brochado): oferta  
 MNR CST/Ens/3933







página anterior:  
**António Borges Coelho**  
 Vila Franca de Xira: Museu  
 do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
 ampl.: p&b  
 Reprod. de orig. dos anos 60  
 (Séc. XX)

**COELHO, António  
 Borges**

A Revolução de 1383 /  
 – Lisboa: Portugália (imp.  
 1965). – 189, [2] p.; 21 cm.  
 – (Portugália. História; 14)  
 Capa de João da Câmara Leme  
 (Brochado): compra  
 MNR CLH/Ens/3938

**SACRAMENTO, Mário,**

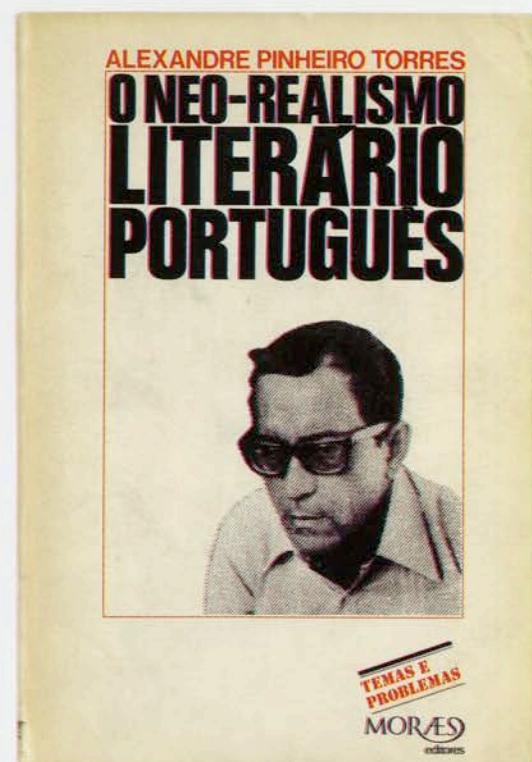
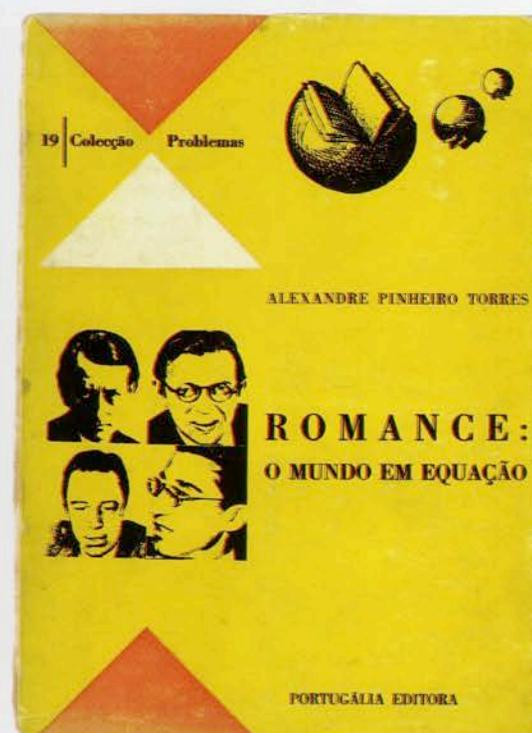
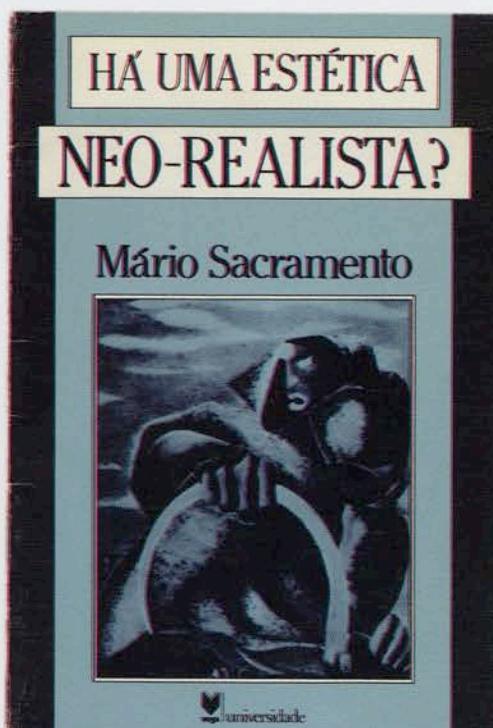
Há uma estética  
 neo-realista? / – 2ª ed.-Lisboa:  
 Vega, copy 1985. – 57, [4] p.; 21  
 cm. – (Vega Universidade; 26)  
 Capa de José Cepa  
 (Brochado): oferta  
 MNR SCR/Ens/3384

**TORRES, Alexandre  
 Pinheiro**

Romance: o mundo em  
 equação / – [1ª ed].  
 – [Lisboa]: Portugália (1967).  
 – 321, [2] p.; 20 cm.  
 – (Problemas; 19)  
 Contém dedicatória: Para  
 o Augusto da Costa, sem cuja  
 intervenção este livro não teria  
 sido certamente publicado....  
 Alexandre Pinheiro Torres,  
 Lisboa, 22 Julho 1967  
 (Brochado): oferta  
 MNR TRR/Ens/2708

**TORRES, Alexandre  
 Pinheiro**

O neo-realismo literário  
 português: ensaio / – 1ª ed.  
 – Lisboa: Moraes Editores,  
 1977. – 226, [3] p.; 23 cm.  
 – (Temas e problemas)  
 (Brochado): compra  
 MNR TRR/Ens/3409





## MÚSICAS DA REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL DE 1974

página anterior:

### **Tropa no Quartel-General após o 25 de Abril de 1974**

Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot. ampl.: color.

página seguinte:

### **As armas e o povo: documentário**

Real., prod. e arg. . Sindicato dos Trabalhadores da Produção de Cinema e Televisão: Acácio de Almeida, Alberto Seixas Santos, António da Cunha Telles, António Escudeiro, António de Macedo, António Pedro Vasconcelos, Artur Semedo, Eduardo Geada, Elso Roque, Fernando Lopes, Fernando Matos Silva, Glauber Rocha, João Matos Silva, José Fonseca e Costa, José de Sá Caetano, Luís Galvão Teles, Manuel Costa e Silva, Moedas Miguel e outros; música de José Afonso e José Mário Branco. – Lisboa: S. T. P. C. T., 1975. – (78 min.); p&b In " 25 Abril, 30 anos". – Lisboa: Costa do Castelo, Jornal Público, 2004. – DVD 4 Imagens recolhidas na 1ª semana da "Revolução dos Cravos", entre o dia 25 de Abril de 1974 e o dia 1 de Maio

### **E depois do Adeus**

Letra de José Niza; música de José Calvário; interpr. Paulo de Carvalho [gravação] Esta canção serviu de senha de início da revolução de 25 de Abril de 1974. – João Paulo Diniz, produtor e locutor do programa "Alfabeta", às 23,55 horas "enganou-se" nas horas – esse "engano" era parte integrante da primeira senha – "Faltam cinco minutos para as 23 horas", seguindo-se a canção de Paulo de Carvalho "E Depois do Adeus", vencedora do Festival da canção de 1974

### **Grândola Vila Morena**

Letra e música de Zeca Afonso [gravação]

*Era a tarde de 23 de Abril de 1974... Álvaro Guerra, jornalista do Jornal República, recebeu em mão, num alfarrabista de Lisboa, uma folha de papel amarelo que mudou o rumo da história de Portugal. Nele estava escrita a senha que homens, já cansados de uma guerra sem sentido e duma nação sem esperança, esperavam ouvir nos quartéis para então saírem à rua, rumo à construção de um País Novo.*

*João Paulo Diniz, produtor e locutor do programa "Alfabeta", às 23,55 horas "enganou-se" nas horas – esse "engano" era parte integrante da primeira senha – "Faltam cinco minutos para as 23 horas", seguindo-se a canção de Paulo de Carvalho "E Depois do Adeus", vencedora do Festival da canção de 1974. Foi a Rádio Renascença, no programa "Limite", que às 00,20 H, lançou para o ar, de uma forma solene, a estrofe de "Grândola Vila Morena", seguida desta canção na voz de Zeca Afonso: "Grândola Vila Morena/Terra da fraternidade /O povo é quem mais ordena/Dentro de ti, ó cidade". Estava dado o sinal que tudo estava a correr como previsto. A partir desta altura começou a nascer um novo País...*

### **OS COMUNICADOS DO 25 DE ABRIL: O MFA ATRAVÉS DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS**

*Às 04h26 o locutor Joaquim Furtado fazia a leitura do primeiro comunicado do MFA, aos microfones do Rádio Clube Português:*

*Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas [MFA]. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam e criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo.*

*Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua ocorrência aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.*

**ÀS 7H30** *Conforme tem sido difundido, as Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje uma série de acções com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina. Nos seus comunicados as Forças Armadas têm apelado para a não intervenção das forças policiais com o objectivo de se evitar derramamento de sangue. Embora este desejo se mantenha firme, não se hesitará em responder, decidida e implacavelmente, a qualquer oposição que venha a manifestar-se.*

*Consciente de que interpreta os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá na sua acção libertadora e pede à população que se mantenha calma e que se recolha às suas residências. Viva Portugal!*

**ÀS 11H45** *Na sequência das acções desencadeadas na madrugada de hoje, com o objectivo de derrubar o regime que há longo tempo oprime o País, as Forças Armadas informam que de Norte a Sul dominam a situação e que em breve chegará a hora da libertação.*

*Recomenda-se de novo à população que se mantenha calma e nas suas residências para evitar incidentes desagradáveis cuja responsabilidade caberá integralmente às poucas forças que se opõem ao Movimento.*

*Chama-se a atenção de todos os estabelecimentos comerciais de que devem encerrar imediatamente as suas portas, colaborando desta forma com o Movimento, de modo a evitar açambarcamentos desnecessários e inúteis.*

*Caso esta determinação não seja acatada, será forçoso decretar o recolher obrigatório. Ciente de que interpreta fielmente os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá inabalavelmente na missão que a sua consciência de portugueses e militares lhes impõe. Viva Portugal!*

**Julgamos, (...) que repensar em 1976 o Neo-Realismo (repensá-lo relativamente à oposição Socialismo Burguês – Socialismo Marxista) corresponde, por força da História, a ter de reiterá-lo.**

Alexandre Pinheiro Torres, in *Seara Nova*, 1575, Lisboa, 1977.











***Marcha da paz,  
Avenida da Liberdade,  
Lisboa, 1980***

Vila Franca de Xira: Museu  
do Neo-Realismo, 2007. – 1 fot.  
ampl.: p&b

Da esq<sup>a</sup> p/ dt<sup>a</sup>: José Saramago,  
Fernando Piteira Santos,  
Maria Rosa Colaço,  
Fernando Lopes Graça,  
Manuel da Fonseca,  
José Cardoso Pires e Urbano  
Tavares Rodrigues

***O Neo-Realismo não se debruça sobre o povo: mistura-se com ele a ponto das suas obras não serem mais que uma das muitas vozes dele. E, por isso, não está interessado (como, com tanta injustiça, se tem pensado) em limitar o seu campo a este ou aquele personagem, a este ou aquele meio. Está interessado sim, para poder bem reenquadrar o homem no seu todo social, em concretizar a sua visão do mundo, em cada e em todos os casos. É, portanto, completamente falso que um operário, uma criada de servir, um pescador sejam preferidos pelos neo-realistas, como personagens, a um industrial, a uma filha de família ou a um banqueiro. Outro aspecto da mesma barreira entre o populismo e o Neo-Realismo encontrará qualquer pessoa: a observação abstinentemente de um e a observação actuante do outro. Para o neo-realista, não se trata de copiar a natureza, como o Naturalismo pretendeu, nem de interpretá-la, como tem feito com tanto êxito o Modernismo, mas de transformá-la. Os neo-realistas pensam que os indivíduos são um produto do meio mas que, por sua vez, esse meio é, em grande parte, produto das suas mãos. Por isso mesmo o Neo-Realismo (cujo nome é considerado deficiente mas aceite por de momento ser impossível encontrar-lhe outro mais feliz) não se limita ao velho conceito de objectividade.***

Mário Dionísio, in *O Primeiro de Janeiro*, de 3-1-1945.

catálogo BATALHA PELO CONTEÚDO  
MOVIMENTO NEO-REALISTA  
PORTUGUÊS Ilustração da capa JOÃO  
MAIO PINTO design SILVA! DESIGNERS  
coordenação editorial DAVID SANTOS E  
MUSEU DO NEO-REALISMO impressão e  
acabamento SOARTES ARTES GRÁFICAS  
este livro foi composto em ITC CENTURY  
E GARAGE GOTHIC e impresso em  
PAPEL COUCHÉ SEMI-MATE 130 GR  
(MIOLO) CARTÃO FORRADO A GEOTEX  
(CAPA) E PAPEL COUCHÉ SEMI-MATE  
170 GR (SOBRECAPA) – acabou de se  
imprimir em OUTUBRO DE 2007

SAS PÁGINAS LITERÁRIAS

OS CAMINHEIROS O QUE É A ARTE?

OS POEMAS DE

plano

ÁLVARO

Ó J I E J Ó

LIBERDADE

EM QUE VIVI

POESIA

O MUNDO

POEMAS  
*O Diabo*

NEVOEIRO

GAIBÉUS. MARES. AVIEIROS  
ensaios INICIAÇÃO ESTÉTICA

ILUSÃO

*na*

MORTE

NOVELA/

NOVELA

MORTE

ms

ILU/AO

NEVOEIRO

O Diabo O MUNDO  
POEMAS

POESIA EM QUE VIVI

GABRIEL MARIÁ VIEIROS

Essaia

INICIAÇÃO ESTÉTICA

LIBERDADE

FEIJÓ

À TVARO

OS POEMAS DE

planície  
SOMOS OS CAMINHEIROS  
SO QUE É A ARTE?

SOMOS OUTROS CONTOS  
EPÁGINAS LITERÁRIAS



